

SESC - SÃO PAULO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ANAIIS

FÓRUM INTERNACIONAL DE
ginástica geral
24 a 31 de Agosto de 2001

Realização:

Let's
SESC
SÃO PAULO



UNICAMP

Apoio Internacional:


INTERNATIONAL SPORT AND CULTURE ASSOCIATION

SESC - SÃO PAULO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
ISCA - INTERNATIONAL SPORT AND CULTURE ASSOCIATION

ANAIS
FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL

Editoras:
Elizabeth Paoliello
Eliana Ayoub

24 a 31 de Agosto de 2001
Campinas-SP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF-UNICAMP

F779a Fórum Internacional de Ginástica Geral; (1.:2001: Campinas, SP)
Anais do I Fórum Internacional de Ginástica Geral / editado por Elizabeth Paoliello Machado de Souza, Eliana Ayoub. -- Campinas, SP: SESC: Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 2001.

ISBN 85-902634-1-X

1. Educação Física. 2. Ginástica. 3. Ginástica Geral. I. Souza, Elizabeth Paoliello Machado de. II. Ayoub, Eliana. III. Título.

CDD
613.7
796

Comissão Organizadora

Presidentes: Elizabeth Paoliello – FEF/UNICAMP
Ernesto Márquez Filho – SESC/Campinas

Jorge Sérgio Pérez Gallardo - FEF/UNICAMP

Eliana Ayoub – FE /UNICAMP

Cristiane Montozo Fiorin

Thaís Franco Bueno

Mônica Caldas Ehrenberg

Claudia Mara Bertolini

Carlos Henrique Silvestre

Vagner Oliveira

Silvia Pavesi Sborquia

Fernanda Célia Alcântara S. Chaparim

Ieda Parra Barbosa Rinaldi

Evaldo Bertazzo

Laís Pozzi Semeghini Pestana

Giovanna Sarôa

Laurita Marconi Schiavon

Luciano Truzzi

Andresa Ugaya

Ana Guedes Galleti

Andrea Desiderio da Silva

Tatiana Bierrenbach

Hans Ulrich Lenk

Ana Paula Sato

Daniel de Brito Mota

Débora Alice Machado da Silva

Luis Fernando de Lourdes

Rodrigo Mallet Duprat

Poliana Hadich

Secretaria

Raimunda Beserra da Silva

Mariangela Cristina Padovani Bartier

Paulo Gonzales Hofstatter

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresentamos os *Anais do Fórum Internacional de Ginástica Geral*, realizado em Campinas – SP, no período de 24 a 31 de Agosto de 2001, numa parceria entre o SESC, a Faculdade de Educação Física da UNICAMP e a ISCA -International Sport and Culture Association.

Este evento surgiu como um projeto do Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da Faculdade de Educação Física da Unicamp e Grupo Ginástico Unicamp, com o objetivo de dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos quando da realização do Fórum Brasileiro de Ginástica Geral em 1999, encontrando total apoio e entusiasmo do SESC em levar avante essa iniciativa, unindo esforços a fim de incrementar a prática da Ginástica Geral em nossa sociedade.

Contou com a participação de palestrantes e professores brasileiros e estrangeiros além de aproximadamente 100 ginastas de vários países como: Chile, Argentina, Alemanha e Dinamarca que desenvolveram cursos, workshops e festivais mostrando tanto os aspectos pedagógicos da Ginástica Geral como suas possibilidades de manifestação artística. Essa convivência entre os ginastas e professores brasileiros e estrangeiros trouxe, certamente, um enriquecimento cultural para todos estimulando o intercâmbio de idéias, conhecimentos e facilitando o entendimento e o relacionamento humano.

Os trabalhos apresentados nas Mostras Pedagógicas, Vídeo Pôsteres e Pôsteres assim como nas Conferências e Mesas Temáticas, publicados nesses *Anais*, demonstram a riqueza e diversidade das propostas pedagógicas e pesquisas realizadas no âmbito da Ginástica Geral, constituindo-se numa importante fonte de informação para a área.

Acreditamos que este evento ultrapassou as expectativas e objetivos iniciais e demonstrou que a Ginástica Geral vem firmando-se como uma forma de possibilitar, por meio da prática da atividade física para todas as pessoas, a participação, o respeito à individualidade e a alegria e o prazer da convivência.

Elizabeth Paoliello
Faculdade de Educação Física da Unicamp

PALAVRAS DO SESC

Há um consenso que aponta para a importância da atividade física regular como fator de primordial influência nas condições de saúde e qualidade de vida das pessoas. Esse princípio, por si só, não é capaz de assegurar que os benefícios propagados, em instâncias científicas e mesmo do senso comum, estejam distribuídos com equanimidade no meio social.

Um dos determinismos, adotado em larga escala, concebe a prática do exercício como uma atividade uniforme com um fim em si mesma, dissociada da perspectiva de propiciar uma ampliação dos níveis de consciência e sensibilidade corporal de quem a pratica. Balizada nos modismos de ocasião, essa corrente atua no sentido de fragmentar a experiência do movimento, ao deixar de integrar aspirações individuais e grupais, dificultando as possibilidades de participação de pessoas com diferenciados níveis de habilidades.

É desejável que a atividade física possa ser entendida como um meio capaz de desenvolver um amplo conjunto de potencialidades humanas, sejam elas físicas, artísticas ou sociais. Um patamar que deve ser construído para que o ser humano tenha a possibilidade de participar de atividades físicas que estejam dissociadas de um estilo exclusivo, uniforme, e nas quais todas as pessoas se tornem importantes e necessárias para produzir uma relação de interdependência baseada na consciência da unidade e da cooperação.

Ao realizarmos, em parceria com a Universidade Estadual de Campinas/Unicamp e a International Sport and Culture Association/ISCA, o Fórum Internacional de Ginástica Geral, procuramos fomentar um campo de discussão e de reflexão oferecidas pela ginástica geral. Elas vão ao encontro da transformação do indivíduo passivo em sujeito ativo do grupo social. Parte desse esforço está contido no trabalho dos profissionais e estudiosos que participaram desse fórum e que encontram, no registro e sistematização de seus trabalhos, renovada oportunidade de difundir seus esforços em prol da Ginástica Geral brasileira.

Danilo Santos de Miranda
Diretor do Departamento Regional
do Sesc de São Paulo

SUMÁRIO

PROGRAMA	13
CONFERÊNCIA	
Ginástica Geral: da formação profissional ao mercado de trabalho Jorge Sergio Pérez Gallardo	19
MESAS TEMÁTICAS	
A Ginástica Geral e a formação universitária - Elizabeth Paoliello	25
A Ginástica Geral no contexto escolar - Eliana Ayoub	30
La Gimnasia General en la perspectiva de clubes, asociaciones y espacios públicos Gunardo Pedersen	36
PÔSTERES	
Vivências Corporais Lúdicas - Albertina Bonetti e Camila do Vale de Lucca	43
Rope Skipping na Ginástica Geral - Ana Paula Barbosa Sato, Daniel de Brito Mota e Elizabeth Paoliello Machado de Souza	45
Ginástica Geral: diagramação das formações coreográficas - Braulio Rocha	49
Possíveis caminhos da Ginástica Geral no próximo século - Cristiane Montozo Fiorin	51
A Ginástica Geral como um conteúdo procedimental da Ginástica Escolar - Eliana de Toledo	56
Ginástica Geral e formação humana - Fernanda Célia Alcântara Silva Chaparim e Elizabeth Paoliello Machado de Souza	61
A expressão do movimento na Ginástica Geral - Giovanna R. Sarôa	65
A Ginástica Geral e os Cursos de Licenciatura em Educação Física - Ieda Parra Barbosa Rinaldi e Elizabeth Paoliello Machado de Souza	68
A Ginástica nos campeonatos escolares de Esporte: da competição à apresentação - José Adônis da Silva Júnior	73
A Ginástica Geral e a prevenção primária ao uso de drogas - Luciano Truzzi e Andresa Ugaya	75

A experiência vivenciada no Programa Internacional de Formação de Jovens Líderes International Youth Leader Education - 2000 - “Iyle - 2000” - Gymnastikhøjskolen I Ollerup – Dinamarca - Luiz Fernando Costa de Lourdes	79
La Gimnasia General en España - Marco Antonio Coelho Bortoleto e Mercé Mateu	84
A Fanfarra e a construção da Ginástica Geral - Maria Cristina de Souza	91
Desenvolvimento coreográfico em Ginástica Geral: teoria e prática - Maria Teresa Bragagnolo Martins, Juliana Marino e Paola M. Reis	94
Estudos avançados em Ginástica: aproximações entre a escola e a universidade - Marilene Cesário, Ana Maria Pereira, Alana Pansanato Vilcenski, Rafael Marques França e Mariana Gonçalves	97
A disciplina Ginástica Geral como projeto de trabalho no Centro Universitário Unifíeo: uma experiência interdisciplinar - Marília Velardi e Olavo Dias de Souza Jr.	100
Ginástica Acrobática com Pom-Pom e seus benefícios na Educação Física Escolar - Marta Botelho	105
A Ginástica Geral na Educação Escolar Infantil: uma experiência com projetos - Martha Almeida Picaz Glomb e Viviane Aparecida Fuggi	107
Experiência da aplicação dos conteúdos da expressão corporal como fator sociabilizador nas aulas de Educação Física na escola - Maryland R. S. Artusi	111
Fernando Brochado: uma vida pela Ginástica Geral - Rosa Maria Araújo Simões	114
A Ginástica Geral e as categorias estéticas - Silvia Pavesi Sborquia	119
Aulas Historiadas como estratégia de ensino em Educação Física: uma experiência vivida com a Ginástica - Vagner de Lima Oliveira	124

VÍDEO PÔSTERES

A Ginástica Geral em clubes: ensaios de uma proposta à partir da experiência vivida - Eliana de Toledo	131
Ginástica Geral para todos - Henrique Sanioto	135
A Dança na terceira idade: fundamentada no processo pedagógico da Ginástica Geral - Rejana Gomes Nogueira Torquato	136
Atividades de Ginástica Geral na Escola Educação Infantil – 4ª série do Ensino Fundamental - Suzana Bastos Ribas Koren e Vilma L. Nista-Pícolo	141

Ginástica de grande área: uma realidade possível no contexto escolar - Thais Franco Bueno, Rosa E. Di Sevo Nesso, Tereza E. Barcellos, Valéria A. dos Santos, Marcio M. A. de Oliveira, Maurício de C. Ferraz, Raquel B. Gobbo e Jorge Pérez Gallardo	144
--	-----

MOSTRAS PEDAGÓGICAS

Processo de composição coreográfica em Ginástica Geral - Andresa Ugaya e Luciano Truzzi	149
Animale - Henrique Sanioto	153
Crescendo com a Ginástica na escola – Laurita Marconi Schiavon	156
La creatividad en la Danza Escolar - Luis Alberto Linzmayer Gutiérrez	159
A Ginástica Geral e os falsos modelos - Odilon José Roble	162
Grupo Ginástico da Faculdade de Educação Física da Unicamp: uma experiência de composição coreográfica - Rodrigo Mallet Duprat, Ana Paula Barbosa Sato e Elizabeth Paoliello	167

CURSOS INTERNACIONAIS

Rope Skipping (texto: Rope Skipping para iniciantes) - Anne Van Cauwenberghe, com tradução de Cristiane Montozo Fiorin	175
Rodas Ginásticas (texto: Introduction to wheelgymastics) - Sigrun Leisner	180

RELATÓRIO DE ATIVIDADES	193
--------------------------------	-----

RELATÓRIO DO ENCONTRO DE MEMBROS DA ISCA AMÉRICA LATINA	199
--	-----

Observação: Os textos contidos nestes *Anais* são de total responsabilidade de seus autores

PROGRAMA

Dia 24 de Agosto - ABERTURA

20:00h - **Conferência:** Participação Voluntária – Ação Inclusiva
Anders Bulow – ISCA – International Sport and Culture Association
Apresentação Artística

Dia 25 de Agosto

9:00 – 10:30h - **Conferência:** Ginástica Geral: da Formação Profissional ao Mercado de Trabalho - Prof. Dr. Jorge Pérez Gallardo – FEF- Unicamp

11:00 – 12:30h – **Mesa Temática:** Formação e Mercado
- A Ginástica Geral e a Formação Universitária
Profa. Dra. Elizabeth Paoliello - FEF - Unicamp
- A Ginástica Geral no Contexto Escolar
Profa. Dra. Eliana Ayoub - FE - Unicamp
- A Ginástica Geral na Perspectiva de Clubes, Associações e Espaços Públicos
Prof. Gunardo Pedersen - Universidade de Buenos Aires - Argentina

14:00 - 15:30h - **Conferência:** Políticas de Desenvolvimento da Ginástica Geral
Sr. Lars Graef - Ministério dos Esportes

16:00 – 17:30h - **Mesa Temática:** A Ginástica Geral na Dinâmica da Comunidade
- SESC - Serviço Social do Comércio – Maria Luiza Souza Dias
- DGI - Danish Gymnastics and Sports Associations - Thomas Dahl
- ISCA - International Sport and Culture Association - Anders Bulow

19:00h – **Festival de Ginástica Geral**

Dia 26 de Agosto

SESSÃO DE PÔSTERES - apresentação gráfica de uma pesquisa ou experiência pedagógica em Ginástica Geral
9:00h às 18:00h

SESSÃO DE VÍDEO PÔSTERES - apresentação de uma pesquisa ou experiência pedagógica em Ginástica Geral, editada em vídeo
9:00h às 18:00h

MOSTRAS PEDAGÓGICAS - apresentação prática da síntese de uma proposta de Ginástica Geral, fundamentada pedagogicamente, com a participação do próprio grupo, tendo ao final um espaço para questionamentos
9:00h às 18:00h

OFICINAS INTERNACIONAIS - vivências práticas destinadas aos participantes, ministradas por professores estrangeiros

14:00 às 16:00h

Oficina 1. Rodas Ginásticas – Alemanha

Oficina 2. Dança Escolar – Chile

16:30 às 18:30h

Oficina 3. Rope Skipping – Bélgica

Oficina 4. Ginástica Dinamarquesa – Dinamarca

ENCONTRO DE MEMBROS DA ISCA AMÉRICA DO SUL

9:00 às 12:00h e 16:30 às 18:30h

Dias 27 e 28 de Agosto - CURSOS

9:00 – 12:00h

Curso 1. Ginástica Rítmica Dinamarquesa - Turma A

Professores: Jeanne Schmidt e Beth Nohr - Dinamarca

Curso 2. Ginástica Dinamarquesa – Acrobacias - Turma A

Professores: Lars Joergensen e Stefan Walther – Dinamarca

14:00 - 17:00h

Curso 1. Ginástica Rítmica Dinamarquesa - Turma B

Professores: Jeanne Schmidt e Beth Nohr – Dinamarca

Curso 2. Ginástica Dinamarquesa – Acrobacias - Turma B

Professores: Lars Joergensen e Stefan Walther - Dinamarca

Dias 29 e 30 de Agosto - CURSOS

9:00 – 12:00h

Curso 3. Rope Skipping - Turma A

Professores: Nadine de Ridder e Geert Hoste – RSC Rivierenhof - Bélgica

Curso 4. Rodas Ginásticas - Turma A

Professora: Sigrun Leisner - Internationaler Rhoenradturn Verband - Alemanha

14:00 – 17:00h

Curso 3. Rope Skipping - Turma B

Professores: Nadine de Ridder e Geert Hoste – RSC Rivierenhof - Bélgica

Curso 4. Rodas Ginásticas - Turma B

Professora: Sigrun Leisner - Internationaler Rhoenradturn Verband - Alemanha

De 27 a 30 de Agosto - MOSTRAS INTERATIVAS DE GINÁSTICA GERAL - demonstrações práticas com grupos de Ginástica internacionais, seguidas de explanação e interação com o público

18:00 às 19:00h

De 25 a 31 de Agosto - INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS
13:00h

De 28 a 31 de Agosto - VIVÊNCIAS PARA ESCOLARES - vivências de Ginástica Geral, com elementos das ginásticas esportivizadas, do circo e da dança para crianças de escolas públicas, previamente agendas
9:00h às 12:00h e 14:00h às 17:00h

Dia 31 de Agosto - ENCERRAMENTO
20:00h - Festival Internacional de Ginástica Geral

***CONFERÊNCIA E
MESAS TEMÁTICAS***

GINÁSTICA GERAL - da Formação Profissional ao Mercado de Trabalho

Jorge Sergio Pérez Gallardo
Professor Doutor do Departamento de Educação Motora
Faculdade de Educação Física da Unicamp

É com muita emoção que aceitei o convite para participar como conferencista do Fórum Internacional de Ginástica Geral, já que entendo este convite como um reconhecimento por parte dos meus colegas à minha contribuição à Educação Física e à Ginástica Geral brasileira.

Esta minha contribuição tem acontecido em diferentes momentos da minha vida acadêmica, sendo a primeira delas no ano de 1981, quando realizei uma turnê por Argentina, Uruguai e Brasil, apresentando a minha proposta de Ginástica Geral, denominada então de Ginástica Rítmica Formativa, no SESC Vila Nova de São Paulo e na Associação de Professores de Educação Física de Rio de Janeiro, onde além de ministrar cursos sobre esta proposta, mostramos 12 composições coreográficas, utilizando na maioria delas aparelhos alternativos.

Tive o privilégio também de ser professor convidado em três Cursos Internacionais de Expansão Cultural em Educação Física, patrocinado pela Associação de Professores de Educação Física do Estado de São Paulo, realizados no SESC de Bertioga, nos anos 1984, 1985 e 1986.

Também no ano 1984 foi convidado pelo Instituto de Ciências do Movimento, para ministrar um curso de 20 horas no SESC de Vila Nova de São Paulo, aproveitando a oportunidade de minha estada no Brasil, para postular a uma vaga no Curso de Pós-Graduação da Escola de Educação Física e Esportes de São Paulo, voltando esse mesmo ano, no mês de Novembro, para ministrar outro curso, desta vez para professores de Educação Física, organizado pela Associação de Professores de Educação Física do Estado de São Paulo.

Durante os anos de 1985 e 1986, cursando o mestrado em Educação Física na Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo, ministrei mais de 12 cursos em diferentes Faculdades de Educação Física do Estado de São Paulo.

No ano fim do ano 1986 foi convidado a participar como professor da Faculdade de Educação Física da Unicamp, função que ocupo até agora.

Narrando minha história na FEF/Unicamp e o vínculo com a GG

No fim do ano de 1986, aconteceram vários fatos que modificaram profundamente a minha vida pessoal e profissional, por problemas políticos foi rescindido o meu contrato de trabalho com a Universidade de Playa Ancha de Valparaíso – Chile, e por uma grande coincidência, a Faculdade de Educação Física da Unicamp precisava de professores, sendo então convidado a participar de um concurso interno para o provimento de uma vaga para professor de Educação Física Escolar.

Tendo sido aprovado no concurso, iniciei a minha atuação profissional na FEF/Unicamp no ano de 1987, sendo responsável pelas disciplinas que abordam a formação e a atuação profissional do professor de Educação Física na escola.

Neste contexto e com pretensões de desenvolver atividades de extensão e difusão de mostras pedagógicas possíveis de serem implementadas na escola, resolvi criar um

grupo ginástico de extensão tendo como modelos os Grupos de Ginástica Rítmica Formativa que tinha criado no Chile (um na Universidade de Chile Sede Osorno e o outro na Universidade de Playa Ancha de Ciências da Educação de Valparaíso). Talvez por ser esta forma de difusão desconhecida no Brasil, o grupo não teve continuidade. Alguns anos depois foi criado o Grupo Ginástico Unicamp pela professoras Elizabeth Paoliello e Vilma Nista Piccolo com o intuito de participar na XI Gymnasiada Americana de Buenos Aires, no ano de 1989, e posteriormente na IX World Gymnaestrada, Amsterdam – Holanda, 1991. Por razões que desconheço a professora Vilma não pode participar na Gymnaestrada Mundial e então fui convidado para acompanhar ao grupo. Como todo o trabalho estava feito e não tinha participado em nada do processo e das orientações, preferi não aceitar o convite, com o compromisso de integrar-me ao grupo na volta da viagem.

Foi assim que no início do ano de 1992 iniciei a minha participação com o Grupo Ginástico Unicamp, este grupo estava composto por ex-ginastas de diferentes grupos de Campinas, sendo em sua maioria ex-alunas das professoras Vilma e Elizabeth.

No início as dificuldades para trabalhar com o grupo foram grandes, a orientação competitiva, característica das ginásticas Artística e Rítmica Desportiva era muito forte, onde primava a técnica e a perfeição do movimento, que desse destaque ao ginasta e não o caráter pedagógico da composição.

Uma das primeiras coreografias que realizamos foi Bambu, onde a idéia central era a de mostrar as diferentes formas de utilizar este material nas aulas de Educação Física, onde a composição servisse de modelo ou referência para que os professores pudessem aplicar em suas aulas. Derivando o foco de atenção para o tema e para a riqueza de recursos pedagógicos, que se podem ser obtidos dos materiais alternativos na sua utilização nas aulas de Educação Física nas Escolas.

Esclarecendo a Ginástica Geral na FIG e no mundo

Como todo pesquisador, uma dos principais recursos que utilizo é a observação do fenômeno investigado, tentando ver qual é a essência deste fenômeno, e a partir dali revisar as diferentes interpretações ou concepções que grupos sociais fazem dele.

Assim vejo que a Ginástica Geral em sua essência é a agrupação de pessoas com interesses em comum, por mostrar o que elas fazem durante a prática de atividades físicas. A partir daí que podemos identificar as diferentes definições ou entendimentos do que seja a Ginástica Geral para as pessoas.

Com a certeza da existência de idéias muito diferentes do que seja a Ginástica Geral, iniciamos vários encontros onde discutimos as diferentes visões da Ginástica Geral¹, contrastando-as com a visão de Ginástica Geral da Federação Internacional de Ginástica.

De acordo com a definição da Federação Internacional de Ginástica, a Ginástica Geral:

"Compreende um vasto leque de atividades físicas, nas quais acontecem manifestações gímnicas e/ou culturais. Portanto, a Ginástica Geral engloba os tipos de Ginásticas de Competição (GO, GRD, Ginástica Aeróbica), a Dança, atividades acrobáticas com e sem aparelhos e também as expressões

¹ GALLARDO, J. S. P. , SOUZA, E. P. M. , BARBOSA, I. P., BORTOLETO, M. A. , BERTOLINI, C. M. , FIORIN, C. M. , TRUZZI, L. “ Panorama da Ginástica Geral e a Concepção dos Grupos Participantes no GINPA 98” XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Florianópolis – SC, 12 a 17 de Setembro de 1999.

folclóricas, sem fins competitivos, destinados a todas as idades, acrescentando ainda que ela desenvolve a condição física e a interação social. Segundo esta definição, a Ginástica Geral também contribui para o bem estar físico e psíquico, sendo um fator cultural e social".

Com uma definição tão ampla desta área de atuação profissional, fica difícil estabelecer um perfil do profissional que atua na Ginástica Geral, já que esta definição remete a um espaço de atuação, onde diferentes profissionais que trabalhem com atividades físicas podem participar, bastando apenas adequar o trabalho às características citadas nesta definição.

Qualquer profissional que trabalha com as atividades físicas pode participar dos eventos de Ginástica Geral, independentemente que ele seja professor de Educação Física. Assim não podemos reivindicar este espaço como somente da área da Educação Física, dado que este é um espaço de atuação esporádico, onde diferentes profissionais mostram seus trabalhos nos eventos que a própria Federação organiza (Gymnaestrada Mundial e eventos nacionais ou regionais, para selecionar os participantes a este evento). Esses profissionais podem ser técnicos, treinadores, professores e/ou artistas, em geral, que utilizam algumas das manifestações da cultura corporal como recurso para veicular sua produção técnica.

Como as Gymnaestradas Mundiais, Nacionais e Regionais são eventos de demonstrações públicas, os trabalhos aqui apresentados são organizadas de forma plástica e/ou estética, que os aproximam das representações artísticas. Portanto, podemos dizer que as Gymnaestradas são demonstrações artísticas de atividades culturais.

Pela heterogeneidade de profissionais que participam nesses eventos e pelas grandes diferenças culturais dos protagonistas, é possível esperar interpretações muito diversas e criativas, como de fato são.

O problema acredito que seja, o fato de não podermos tomar como referência para definir Ginástica Geral a definição que fornece a Federação Internacional de Ginástica, pois ela define, somente, os critérios administrativos necessários para "*participar*" em seu evento principal que é a Gymnaestrada Mundial, sem alusão ao caráter pedagógico ou artístico dos trabalhos que ali são apresentados.

Poder-se-ia dizer que a definição da Federação Internacional de Ginástica é utilitária ou funcional, no sentido de que ela, apenas, procura abranger essa heterogeneidade de profissionais que trabalham nas mais diferentes modalidades artístico/esportivas. Apesar de tudo, as Gymnaestradas se transformam num espaço muito eficiente para se mostrar a diversidade da Cultura Corporal.

O que pode explicar a heterogeneidade dos trabalhos, que são apresentados nesses eventos, é a diversidade de formação profissional dos técnicos que participam dos festivais de Ginástica Geral, patrocinados e/ou organizados pela Federação Internacional de Ginástica. Isto significa que um técnico em condicionamento físico, por exemplo, pode apresentar trabalhos de Ginástica Aeróbica em suas diferentes interpretações (Funk Aeróbico, Lamba-aeróbica, Forró Aeróbico, entre outras); um técnico em arte circense pode apresentar trabalhos de Acrobacia e Malabarismo; um técnico de Ginástica Rítmica Desportiva pode apresentar um trabalho de competição grupal adaptado, dado que é um espaço livre para atuação de várias áreas.

Qualquer profissional que trabalha com as atividades físicas pode participar dos eventos de Ginástica Geral e, portanto é obvio que cada técnico vai apresentar trabalhos que reflitam sua atuação profissional. É por isso que se espera que os trabalhos

apresentados por técnicos e/ou professores, com formação profissional em Educação Física, sejam diferentes dos trabalhos dos profissionais da Dança ou do Teatro, como, também, dos técnicos de modalidades artístico/esportivas, como é o caso da Acrobacia ou outras.

Os professores de Educação Física do Brasil são profissionais formados na Universidade, e têm o título de Professor Licenciado em Educação Física. Uma formação muito diferente da formação dos profissionais de Educação Física dos países europeus, dos Estados Unidos e do resto dos países americanos, visto que em sua maioria eles possuem só uma habilitação em Educação Física ou Desportos, obtidos através de cursos profissionalizantes.

Assim, os trabalhos que podem ser observados nas Gymnaestradas não podem ser comparados entre si e menos ainda com os trabalhos que (teoricamente) poderiam produzir profissionais com formação universitária e com uma formação específica em Licenciatura (mais do 97% dos cursos de formação profissional em Educação Física no Brasil, correspondem a cursos de Licenciatura). Esses profissionais deveriam estar capacitados para pesquisar, analisar, sistematizar e aplicar a produção da cultura corporal, no contexto escolar e comunitário.

Se um desses profissionais decide participar numa Gymnaestrada, esperar-se-ia que seu trabalho refletisse o processo pedagógico que norteia sua atuação profissional, e que sua visão de Ginástica Geral fosse diferente da de um profissional da Dança ou do Teatro, por exemplo.

O professor de Educação Física deveria possuir uma visão própria da Ginástica Geral e da Gymnaestrada, seu evento máximo, uma condição fundamental para entender e utilizar-se da Ginástica Geral com caráter pedagógico em sua atuação profissional. Acredito que é o mínimo esperado para um profissional de nível universitário.

Temos por outro lado, e como uma variável do fenômeno muito importante, a diversidade da formação profissional dos professores Licenciados em Educação Física no Brasil, já que em alguns cursos, a formação profissional que oferecem não supera a de um curso profissionalizante de Ensino Médio², portanto sua atuação profissional num evento de Ginástica Geral não se diferencia do trabalho que esteja apresentando um outro profissional de outra área.

Voltando ao assunto, a Gymnaestrada é um evento público e pode participar dela qualquer grupo que reúna os requisitos e/ou exigências próprios de seu país (as exigências são diferentes de um país para outro), como, por exemplo, na última Gymnaestrada Mundial realizada em Göttemburg – Suécia no ano de 1999, a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) colocou como requisito aos grupos que se submeteram à seletiva, que seus trabalhos ou Composições Coreográficas tivessem como conteúdo a Ginástica, a Capoeira e o Samba, dentro de uma composição que não ultrapassasse os quatro minutos. O que deu margem para qualquer tipo de interpretação, dentro desses requisitos.

Por tudo aqui exposto é que acredito ser necessário que nós, como Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da Faculdade de Educação Física da Unicamp, devemos ter

² - “Educação Física no Currículo Básico para a Escola Pública do Estado de Paraná: uma análise do discurso pedagógico dos professores”. Orientando JOSÉ AUGUSTO VICTORIA PALMA, como requisito parcial do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Início: Março de 1995. Exame de Qualificação: 13 de setembro de 1996; Defesa: 11 de agosto de 1997.

- “A questão da Licenciatura em Educação Física: Transição à Prática Profissional”. Orientanda: MARCIA BENCHOU DE CAMPOS, como requisito parcial do Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Início: Março de 1996. Exame de Qualificação: 07 de Agosto de 1998; Defesa: 22 de fevereiro de 1999.

uma definição própria de Ginástica Geral, que aponte para aquilo que nós acreditamos. Portanto, nós que atuamos no Ensino Superior (formando professores), orientado para a Licenciatura, isto é, para uma perspectiva pedagógica dentro de uma visão humanista, deveríamos defini-la numa abordagem sócio-cultural.

“Dentro da abordagem sócio-cultural da Educação Física, os estudos apontam para a preocupação com o processo e a forma de produção cultural nas diferentes regiões e culturas, a saber: processo de organização social (criação de leis, regras, normas de convívio social), forma de exploração dos recursos alimentares (agricultura, pecuária, pesca, etc.), das manifestações religiosas (crenças, credos e mitologias expressadas nos ritos e manifestações mágico-religiosas), da forma de expressar estas manifestações (danças, cantos, jogos e brincadeiras, etc.). Enfatizando-se os aspectos que tenham relação com a cultura corporal e/ou motora, e com os componentes lúdicos historicamente situados”.

“Assim podemos observar que a abordagem sócio-cultural da Educação Física aponta para a necessidade de facilitar a apropriação dos elementos da cultura motora que fazem parte de cada grupo social, de todos os integrantes de uma sociedade. Com base no pressuposto de que a cultura acontece de forma espiralada, em que se faz necessário que a criança aprenda primeiro a cultura local e/ou familiar, para posteriormente facilitar a apropriação da cultura motora regional, nacional e finalmente a internacional”. (PÉREZ GALLARDO et ali 2000, pp. 22 – 23).

Como pode ser observado na citação, acima, vejo na Ginástica Geral uma unicidade com o que deveria ser a Educação Física Escolar, razão pela qual é que passo a denominá-la de Ginástica Geral com orientação pedagógica, já que ela é uma forma de trabalhar a Ginástica Geral, e que é muito diferente da utilização dos espaços esporádicos que oferece a Federação Internacional para qualquer profissional.

Devemos entender por Geral, a apropriação dos diferentes conteúdos da cultura corporal ou motora que fazem parte da Educação Física, e que servem de substrato (Capacitação³) para apropriar-se de novos elementos culturais que tenham afinidade ou similaridade, ampliando desta forma o universo cultural do participante.

Daí que entendo a Ginástica Geral com orientação pedagógica, como um espaço de vivência de valores humanos, onde podem ser apropriados os elementos da cultura corporal que são considerados relevantes pelo grupo social, com o objetivo de aumentar os recursos motores que permitam interagir de melhor forma com as pessoas que fazem parte da comunidade à qual o participante pertence.

Na definição do Grupo Ginástico Unicamp, a Ginástica Geral com orientação pedagógica é a seguinte:

“É uma manifestação da Cultura Corporal que reúne as diferentes interpretações das Ginásticas (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica, etc.) integrando-as com outras formas de expressão corporal (Dança, Jogos, Teatro, etc.) de forma livre e criativa, de acordo com

³ MATURANA, H. & REZEPKA, S.N. *Formación Humana y Capacitación*. Santiago: Dolmen, 1995.(pp. 7-22; 61-90).

*as características do grupo social, e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes”.*⁴

Portanto, não vejo diferença entre uma Educação Física orientada para a escola e para a comunidade e a concepção de Ginástica Geral com orientação pedagógica, acima citada. Isto se fundamenta em que nós somos professores de Educação Física e não professores de Dança ou de Teatro.

Sintetizando as idéias expostas podemos dizer que a Ginástica Geral como espaço de demonstração em eventos de Ginástica Geral é aberto a qualquer profissional que lide com o movimento, e que adapte seu trabalho as exigências do evento. Enquanto a Ginástica Geral com orientação pedagógica é uma forma de atuação profissional, que corresponde ao campo de atuação profissional das pedagogias que lidam com as atividades físicas e que tenham por objetivo uma proposta humanista das atividades físicas.

Concluindo podemos dizer que a Ginástica Geral não pode ser considerada um mercado de trabalho pelas duas razões que aqui salientamos, na primeira é apenas um espaço que oferece a Federação Internacional de Ginástica, onde diferentes grupos que atuam com atividades corporais têm uma chance de mostrar sua produção, não existindo o interesse no processo utilizado na elaboração da composição a ser apresentada. No segundo caso, é uma forma ou filosofia de trabalho onde o principal é o processo coletivo e interativo de construção de um trabalho grupal.

⁴ Pérez Gallardo & Paoliello Elizabeth (1996). Ginástica Geral: duas visões de um fenômeno. In Coletânea do Encontro de Ginástica Geral.

A GINÁSTICA GERAL E A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Elizabeth Paoliello
Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral
FEF – Unicamp

Hoje em dia temos no Brasil aproximadamente 250 Cursos de Graduação em Educação Física, cuja grande maioria oferece a habilitação em Licenciatura, que tem como principal objetivo a formação de professores para atuarem na Educação Física escolar.

A partir dessa realidade e tendo como foco de análise a grade curricular desses cursos relativa à Ginástica, pode-se observar que as disciplinas oferecem conhecimentos específicos de modalidades esportivas, especialmente da Ginástica Artística e da Ginástica Rítmica, além da Ginástica de Academia. Essas disciplinas ocupam uma grande parte da carga horária destinada à área da Ginástica na formação dos professores.

Mesmo sendo a Ginástica Artística e a Rítmica, conhecimentos tradicionais da Educação Física brasileira e importantes de serem desenvolvidos na escola, o maior enfoque dado nos Cursos de Graduação é para os aspectos relacionados ao treinamento dessas modalidades, ressaltando a técnica, o regulamento, o treinamento, o que estaria direcionado à atuação em clubes, junto a equipes competitivas e não à atuação na escola onde os aspectos pedagógicos deveriam ter maior destaque.

Essa visão acaba por afastar o futuro profissional de oferecer esse conhecimento aos seus alunos das escolas, primeiramente por considerar difícil a execução dos elementos que constituem esses esportes, pela forma com que foram desenvolvidas essas disciplinas em sua formação, e num segundo momento pela falta de aparelhos e condições que normalmente a maioria das escolas oferece. Estes fatores dificultam, senão impedem, o desenvolvimento da Ginástica na escola, pois o professor tem uma visão limitada e pouco criativa das possibilidades de adequação dos conhecimentos gímnicos numa perspectiva pedagógica e de vivência (Perez Gallardo, 1997) desses conhecimentos pelo aluno.

De acordo com a pesquisa realizada por Barbosa (1999), junto aos nove Cursos de Graduação em Educação Física do Estado do Paraná, é dada significativa importância aos conhecimentos relacionados à Ginástica, nos quais 9,5% da carga horária total dos cursos são destinadas a essa área conforme mostra o quadro abaixo. As disciplinas que compõem as grades desses cursos tem as seguintes denominações: Ginástica I/II, Ginástica Rítmica Desportiva, Ginástica Artística/Olímpica, Ginástica de Aparelhos, Ginástica Geral, Ginástica Infantil/Escolar, Ginástica Rítmica Escolar.

Carga horária destinada à Ginástica (hora/aula)	Carga horária total do curso (hora/aula)	Porcentagem da carga horária da área de Ginástica
---	--	---

C1) 238	3170	7,5%
C2) 272	3374	8,0%
C3) 240	3239	7,4%
C4) 332	3608	9,2%
C5) 272	2822	9,6%
C6) 90	2940	3,0%
C7) 435	2940	14,8%
C8) 390	3360	11,6%
C9) 432	2988	14,5%
Média: 300	Média: 3160	Média: 9,5%

(Barbosa, 1999)

Apesar da razoável carga horária destinada à Ginástica, essa pesquisa constatou que *”a realidade das disciplinas, não tem favorecido um conhecimento crítico ao futuro profissional da área, tendo em vista que o estudo em questão faz uma reflexão sobre a dimensão técnica, que se apresenta como predominante nas disciplinas relacionadas às manifestações gímnicas”*. (Barbosa, 1999: 121) Existe uma tendência em privilegiar apenas capacitação do aluno, oferecendo os conhecimentos técnicos, informando mais que fazendo refletir, criticar e vislumbrar possíveis mudanças na atuação profissional na área da Ginástica.

A realidade do Estado do Paraná, apresentada nessa pesquisa, pode ser tomada como uma amostra da situação dos Cursos de Graduação em Educação Física em todo país, os quais certamente, no melhor dos casos, reproduzem essa estrutura curricular e também a forma como esses conhecimentos gímnicos são tratados.

Os professores de Educação Física, em sua maioria, deixam a faculdade sem a mínima condição de trabalharem com a Ginástica na escola. Aqueles que tiveram a oportunidade serem atletas de alguma modalidade ginástica, direcionam sua atuação para clubes no treinamento de equipes competitivas, outros optam pelo trabalho nas academias, completando sua formação em cursos de extensão disponíveis no mercado.

A Ginástica Geral

A Ginástica escolar, segundo nossa concepção, tem sua base na Ginástica Geral pela sua característica inclusiva, de participação do maior número de pessoas, de respeito à individualidade, de estímulo ao desenvolvimento do potencial e da criatividade de cada indivíduo, de valorização da cultura corporal e de liberdade na sua utilização como forma de expressão do ser humano (Souza, 1997). É entendida aqui como *“ uma manifestação da cultura corporal que reúne diferentes interpretações da Ginástica e demais expressões do ser humano, de forma livre e criativa”*. (Pérez Gallardo e Souza, 1996:35)

Este conhecimento deve fazer parte da formação do professor de Educação Física pois, seu campo de intervenção é vasto (escolas, clubes, associações comunitárias entre outros) e as possibilidades de criação de novas metodologias, combinações de movimentos e exploração de aparelhos infinitas.

A ausência da Ginástica Geral na formação em Educação Física no Brasil é comum, com raras exceções de alguns cursos que começam a incorporá-la a disciplinas de Ginástica, que já fazem parte do currículo, ou em alguns casos de cursos, criados recentemente, que a incluíram na grade curricular com uma disciplina.

Este pode ser considerado um grande passo no reconhecimento da Ginástica Geral como conhecimento relevante para a formação profissional, porém há ainda muita carência de informação e de discussão entre os professores que ministram essas disciplinas nas faculdades.

Algumas reflexões

Num exercício de se pensar uma reformulação no currículo dos cursos de Graduação em Educação Física, referente à área da Ginástica, incorporando nele a Ginástica Geral, serão aqui levantadas algumas proposições e reflexões.

A Ginástica Geral pode se utilizar, além dos movimentos característicos das diferentes modalidades gímnicas, elementos próprios de outras manifestações da cultura corporal entre elas a Dança, o Teatro, o Circo, os Jogos, as Lutas, os Esportes, harmonizados pela música que é parte integrante e imprescindível desta forma de expressão corporal.

A figura abaixo mostra a concepção de Ginástica Geral do Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da FEF - Unicamp que embasa esse trabalho e oferece subsídios para as proposições a seguir.



Partindo desta concepção de Ginástica Geral e tendo como objetivo a formação de professores para atuarem na Educação Física escolar ou comunitária, buscando desenvolver a Ginástica de forma participativa e inclusiva, onde a criatividade, o respeito à individualidade e a vivência de valores humanos estarão presentes, são propostas algumas disciplinas que abordam especificamente a Ginástica e outras a complementam,

oferecendo ao futuro profissional uma visão ampla das possibilidades desta área expressiva da cultura corporal.

A grade curricular poderia ser composta das seguintes disciplinas ou conjuntos de disciplinas:

1. **Fundamentos da Ginástica:** essa disciplina ou conjunto de disciplinas abordaria os fundamentos básicos da Ginástica desde a Ginástica Natural, Ginástica Construída, utilização de aparelhos, técnicas básicas do movimento, noções de orientação espacial e temporal, análise da evolução da Ginástica e a influência dos vários Métodos Ginásticos ao longo da história, elementos corporais como saltos, saltitos, giros, etc, elementos acrobáticos, manejo de aparelhos, e os elementos fundamentais da várias modalidades ginásticas como: GA, GR, Ginástica Acrobática, Trampolim, Aeróbica, Rope Skipping entre outras. Além de oferecer os conhecimentos básicos para o desenvolvimento das várias expressões da Ginástica, essa disciplina daria subsídios para o aluno compreender os fundamentos da Educação Física e poder transferi-los, adaptá-los ou transformá-los em sua área de intervenção.
2. **Fundamentos da Dança:** essa disciplina ou conjunto de disciplinas abordaria os fundamentos básicos da Dança entre eles as danças populares, de salão, folclóricas e contemporâneas.
3. **Fundamentos do Circo:** essa disciplina ou conjunto de disciplinas abordaria os fundamentos básicos do Circo como: equilíbrio, malabarismos, acrobacias, atividades aéreas e teatro cômico entre outros, sempre voltados para a sua aplicação no âmbito da Educação Física.
4. **Fundamentos do Teatro:** essa disciplina abordaria os fundamentos do teatro como formas de expressão do ser humano e que podem ser incorporadas aos conhecimentos a serem utilizados pela Educação Física.
5. **Fundamentos da Música e Movimento:** essa disciplina trataria dos fundamentos da música e as possibilidades de utilização na Educação Física, relacionando-a ao movimento corporal.
6. **Ginástica Geral:** essa disciplina seria oferecida após as anteriores, onde o aluno teria condições de fazer uma síntese de todos os conhecimentos anteriormente experienciados, reunindo essas informações e integrando-as de forma livre e criativa com ênfase nas questões pedagógicas.
7. **Ginásticas Esportivas:** essa disciplina contemplaria as várias modalidades gímnicas com expressão desportiva, analisando as questões comuns relacionadas à: técnica, treinamento, regulamentos, organização de competições entre outros. O aprofundamento específico de cada modalidade seria feito em cursos de extensão e ou especialização de acordo com o interesse individual. O mesmo procedimento poderia ser feito para a Ginástica de academia.

Todas essas disciplinas propostas teriam seu embasamento nas disciplinas teóricas do currículo e seriam complementadas pelos conhecimentos desenvolvidos nas demais disciplinas relacionadas aos esportes, lutas, jogos, etc.

Nesta visão a Educação Física estaria resgatando as principais formas de expressão corporal do ser humano e possibilitando o enriquecimento das experiências vividas pelos alunos, incorporando a ela novas e infinitas possibilidades de movimento e criatividade, dando uma nova roupagem a essa área ao libertar a expressão e tirar as amarras que departamentalizam o movimento e monopolizam suas formas de expressão.

Este texto não pretende fechar questões ou propor a salvação para a área, mas simplesmente levantar discussões e reflexões junto aos profissionais que atuam nos Cursos de Graduação, para que se inicie um processo de avaliação e reestruturação da formação profissional em Ginástica.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, I. P. *A Ginástica nos Cursos de Licenciatura das Faculdades de Educação Física do Paraná*. Campinas, 1999, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- PÉREZ GALLARDO, J. et al. *Educação Física: contribuições à Formação Profissional*. Ijuí: Unijuí, 1997.
- SOUZA, E.P.M. de. *Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física*. Campinas, 1997. 163p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- SOUZA, E.P.M. de. e PÉREZ GLLARDO, J.S. *Ginástica Geral: duas visões de um fenômeno*. In Coletânea: textos e sínteses do I e II Encontros de Ginástica Geral. Campinas, gráfica Central da Unicamp, 1996.

paoliello@fef.unicamp.br

A GINÁSTICA GERAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Eliana Ayoub
Faculdade de Educação/Unicamp

O eixo da minha reflexão sobre a ginástica geral no contexto escolar está centrado na idéia de ESCOLA como lugar de relações humanas, de construção de conhecimento, de diversidade cultural; espaço em que as pessoas encontram-se para conhecer, conviver, compartilhar saberes, construir novos olhares acerca do mundo.

A ginástica geral (GG) na escola pode ser desenvolvida tanto na aula de educação física como em espaços extracurriculares.

Considerando que a GG no contexto escolar deve ter como locus privilegiado para o seu desenvolvimento a aula de educação física, o foco central deste estudo recairá sobre este espaço.

Na aula de educação física, as alunas e alunos vão estudar a cultura corporal, entendida como o conjunto de práticas corporais que se tornaram patrimônio da humanidade (como a ginástica, o jogo, a dança, o esporte, a luta, entre outras), as quais foram sendo construídas pelo ser humano com determinados significados conferidos por diferentes contextos histórico-culturais.

Acentuadamente a partir da década de 1940, configura-se a entrada progressiva do esporte no contexto escolar, o qual se transformou no principal representante da educação física na escola.

Isso tem relação com o processo mais amplo de esportivização das práticas corporais (inclusive da ginástica), uma das principais características da cultura corporal na atualidade. Não podemos esquecer-nos que esse processo está intimamente relacionado com uma visão capitalista de sociedade e de cultura, na qual impera a lógica utilitarista da produtividade e do lucro e o hiperconsumo, aliados à indústria do lazer.

Sabemos que atualmente a ginástica, como conteúdo de ensino, raramente está presente na escola. Aula de educação física, quando acontece, tem sido sinônimo de aula de esporte. Ou ainda: sinônimo de “rola bola”...

No entanto, a importância da ginástica como conhecimento a ser estudado na educação física escolar é inquestionável. A sua presença na escola precisa estimular o confronto entre as tradicionais e as novas formas de exercitação, possibilitando aos alunos e alunas realizar uma prática corporal que lhes permita atribuir “*sentido próprio às suas exercitações ginásticas*” (como propõe Coletivo de Autores, 1992, p.77). Caminhar com os nossos alunos e alunas rumo à compreensão dos significados que têm sido conferidos à ginástica ao longo da história, para que eles próprios possam encontrar outros significados, consiste num grande desafio para nós, professores e professoras de educação física.

Como já afirmei em outras oportunidades, penso que a GG pode ser reconhecida como o caminho mais apropriado e, talvez, o mais ousado, para reconstruirmos, para recriarmos a ginástica na escola.

Amparada pelas imagens da ginástica geral na sociedade contemporânea e pelas “*imagens da educação no corpo*” emolduradas por Soares (1998), torna-se possível visualizar uma composição na qual participam interligados e integrados elementos do núcleo primordial da ginástica (cuja característica dominante localiza-se no campo dos divertimentos), elementos da ginástica científica (formulada pelo Movimento Ginástico Europeu) e elementos das diversas manifestações da ginástica na atualidade.

Sob essa ótica, a GG representa, em nossos dias, uma síntese entre o que foi e o que é a ginástica, no sentido de possibilitar uma composição entre elementos do seu núcleo primordial e das diversas manifestações gímnicas que vêm sendo construídas e ressignificadas ao longo desses dois últimos séculos; uma síntese em constante transformação, porque inserida no contexto da dinâmica histórico-cultural.⁵

Aprender ginástica geral na escola significa, portanto, vivenciar, conhecer, estudar, compreender, confrontar, interpretar, problematizar, compartilhar, apreender inúmeras interpretações da ginástica para, com base nesse aprendizado, buscar novos significados e criar novas possibilidades de expressão gímnica.

Podemos considerar como características fundamentais da ginástica geral os seguintes aspectos:

- Sem finalidade competitiva, a GG está situada num plano diferente das modalidades gímnicas competitivas, num plano básico, com abertura para o divertimento, para o prazer, para a simplicidade, para o diferente, para a participação irrestrita, para todos;
- Na ginástica geral, o principal alvo de atenção deve ser a pessoa que a pratica, sendo as suas metas fundamentais promover a integração entre pessoas e grupos e desenvolver o interesse pela prática da ginástica com prazer e criatividade. A liberdade de expressão e a criatividade são pontos marcantes na ginástica geral;
- A GG caracteriza-se como uma mescla de todos os tipos de ginástica e, portanto, não tem regras rígidas preestabelecidas. Dessa forma, a ginástica geral abre um leque imenso de possibilidades para a prática da ginástica, uma vez que ela não determina limites em relação a idade, gênero, número e condição física ou técnica dos participantes, tipo de material, música ou vestuário, favorecendo a participação e proporcionando uma ampla criatividade;
- Os festivais são a sua principal forma de manifestação, vinculando-a a um procedimento artístico, a uma idéia de espetáculo.

Essas considerações a respeito da ginástica geral permitem-nos visualizá-la como um espaço possível e viável para a vivência do componente lúdico da cultura corporal, redescobrimo o prazer, a inteireza e a técnica/arte da linguagem corporal. Daí a sua grande relevância no contexto da educação física escolar.

Tomando como referências a proposta de ginástica geral do Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da Faculdade de Educação Física da Unicamp (Souza, 1997, p.83-95) e a concepção de “*aulas abertas à experiência*” (Hildebrandt, Laging, 1986 e Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM, 1991), podemos destacar alguns princípios norteadores para orientar o desenvolvimento do trabalho com a ginástica geral nas aulas de educação física escolar.

⁵ Este tema foi aprofundado em minha tese de doutorado intitulada “*A Ginástica Geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a Educação Física Escolar*” (Ayoub, 1998).

O trabalho com a GG precisa levar em conta as diversas experiências dos alunos (a experiência entendida como uma categoria pedagógica do processo educativo), porém sem se restringir a elas, procurando transformá-las no decorrer da trajetória educativa por meio do estímulo constante à auto-superação e à criatividade. A troca de experiências deve possibilitar um processo de intercâmbio no qual os educandos são convidados a redescobrir, a revelar e a compartilhar as suas vivências anteriores, que serão consideradas, respeitadas e valorizadas no processo educativo; são desafiados a experimentar e a criar novas possibilidades de ação, de forma cooperativa; são estimulados a assumir a co-responsabilidade (responsabilidade compartilhada) do processo educativo. Sem esquecer que o papel do professor é essencial como mediador deste processo.

O incentivo irrestrito à utilização diversificada de materiais tradicionais e não tradicionais da ginástica caracteriza-se como outra orientação no trabalho com a GG. Os materiais devem ser explorados intensamente a fim de promover a descoberta de novas possibilidades de ação, favorecendo a inventividade e o enriquecimento do contexto educativo, além de ampliar o leque de opções de trabalho. Jornais, bexigas, tábuas, revistas, garrafas de plástico, pedaços de isopor, sacos plásticos, pratos de papelão, toalhas, entre tantos outros, podem tornar-se um rico material pedagógico para o desenvolvimento das aulas de ginástica geral na escola.

Outro aspecto importante que deve compor o conjunto de referenciais ou princípios norteadores para o desenvolvimento da ginástica geral na escola refere-se à consideração da GG como *“um espaço aberto de ação”*.

Esse aspecto foi tematizado pelo Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM (1991, p.35-38), especificamente em relação ao esporte na educação física escolar. Os autores destacam cinco perspectivas para a configuração didática do esporte, tendo em vista o seu entendimento como um *“espaço aberto de ação”* e o desenvolvimento da capacidade de decisão e de ação dos educandos: *o esporte como algo socialmente regulamentado, o esporte como algo a ser aprendido, o esporte como algo a ser assistido, o esporte como algo a ser refletido e o esporte como algo a ser modificado*.

Esses apontamentos em relação ao esporte podem ser transferidos para a ginástica geral ou outros temas da cultura corporal. Isso quer dizer que as cinco perspectivas apontadas por esses autores devem ser incorporadas no desenvolvimento da GG na educação física escolar. Poderíamos acrescentar, ainda, uma outra perspectiva, intimamente relacionada com um dos aspectos mais marcantes da GG, o seu forte caráter demonstrativo: a ginástica geral como algo a ser demonstrado.

No entanto, o fato da GG não ter finalidade competitiva não quer dizer que ela tem necessariamente *“obrigação demonstrativa”*. Em outras palavras: o seu forte caráter demonstrativo, vinculando-a a uma idéia de espetáculo, assim como acontece com a dança, não significa que ginástica geral seja sinônimo de *“apresentação de ginástica”* ou *“ginástica de demonstração”*.

Ao considerarmos a ginástica geral como algo a ser demonstrado, devemos estar atentos para que ela não seja vista apenas como um produto, desconectada de um processo. Ao contrário, essa perspectiva de demonstração da ginástica geral precisa ser tratada como parte integrante do processo educativo na educação física escolar. Mais ainda: no processo de elaboração de uma composição coreográfica, deve considerar-se as experiências e interesses dos alunos e o trabalho em grupo, estimulando a cooperação, a capacidade de ação e a autonomia dos educandos como sujeitos do processo educativo, para que possam compor em co-autoria com outros sujeitos, buscando novas interpretações, novas leituras, novas significações antes desconhecidas. Isso significa criar espaço para trabalhar-se

efetivamente em grupo e pelo grupo na composição dos trabalhos a serem apresentados. Dessa forma, o processo de elaboração de uma apresentação pode impulsionar uma ação realmente cooperativa na qual os integrantes do grupo aprendam a cooperar para compor a composição.

Além disso, a demonstração das composições coreográficas nas próprias aulas de educação física pode constituir-se num importante momento avaliativo em que as alunas e alunos sintetizam e organizam as suas experiências e reflexões acerca da GG de forma criativa e com liberdade de expressão, apresentando-as para apreciação de seus pares e do professor. As apresentações em momentos comemorativos da escola, envolvendo as diversas turmas específicas ou grandes grupos de alunos de várias séries, também ganham um significado muito especial como uma possibilidade de demonstrar para a comunidade escolar o trabalho desenvolvido na disciplina educação física.

Quando focalizamos a perspectiva da ginástica geral como *algo a ser refletido*, como propõe o Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM em relação ao esporte (1991, p.35-38), não podemos ausentar-nos da reflexão com os nossos alunos e alunas acerca dos dogmas do culto ao corpo/objeto de consumo/mercadoria/massificado, que a indústria do lazer no campo das práticas corporais aliada aos apelos da mídia insiste em impingir-nos, hipnotizando-nos com as suas artimanhas e armadilhas, com seus modismos e imposições.

Nossa responsabilidade como professoras e professores de educação física é imensa! Precisamos assumir o compromisso de refletir com os nossos alunos e alunas a respeito dos estereótipos de corpo presentes na atualidade. E quando o tema é ginástica, esse assunto ganha um destaque especial. Basta observarmos as inúmeras academias de ginástica espalhadas por aí, cujo papel primordial têm sido alimentar essa “ditadura do corpo ideal”, na busca por um corpo “escultural” como sinônimo de felicidade. Mas essa não é a educação física (e a ginástica) que queremos. Assim como Sousa, Vago (1997, p.140; grifos meus),

“Pensamos numa educação física que não está preocupada em produzir ‘corpos esculturais’, mas em participar da construção de ‘**corpos culturais**’ das crianças, dos adolescentes, dos trabalhadores, enfim, dos homens e das mulheres, que com eles sentem, pensam, desejam, sofrem, agem, produzem, brincam, jogam...”

Corpo... *“Território construído por liberdades e interdições, e revelador de sociedades inteiras, o corpo é a primeira forma de visibilidade humana”* (Soares, 2001, p.1).

Corpo, *“primeira forma de visibilidade humana”*... Em que medida estamos reforçando em nossas aulas a visibilidade de um corpo “clonado”? Sim, “clonado”! Não podemos negar que a opressão do corpo belo que está o tempo todo sendo propagada pela mídia tem induzido-nos a uma busca frenética por uma beleza padronizada, em série. Estamos constantemente submetendo-nos a uma idéia de sacrifício corporal para atingirmos a plenitude dessa beleza estereotipada, virtualizada, e porque não dizer, dessa “beleza clonada”.

E, ainda, vivemos numa sociedade extremamente preconceituosa e lipofóbica que nos faz sofrer de “insuficiência crônica”: nunca estamos suficientemente magros, suficientemente jovens, suficientemente belos, suficientemente ricos... Queremos ser cada vez mais “sarados”, “siliconados”, “enlourecidos”. E com isso temos a ilusão de que

alcançaremos o “reino eterno” da beleza e da juventude e seremos “felizes para sempre”... E no caso específico da mulher e sua relação com o seu corpo, todas essas pressões e imposições potencializam-se enormemente.

Mas o que essa discussão tem a ver com a ginástica geral? Simplesmente tudo!

Se a GG pretende estar aberta à participação de todos, considerando, respeitando e valorizando as diferenças individuais; se ela intenciona que o seu principal alvo de atenção seja a pessoa que a pratica; se suas metas fundamentais são promover a integração entre pessoas e grupos e desenvolver o interesse pela prática da ginástica com prazer e criatividade; se a ginástica geral não quer ter regras rígidas preestabelecidas e não determina limites em relação a idade, gênero, número e condição física ou técnica dos participantes, tipo de material, música ou vestuário, favorecendo uma ampla participação e proporcionando uma criatividade sem fim; ela não pode reforçar essa visão de corpo “ideal”, “virtualizado”, que quer objetificar-nos, transformar-nos num ser humano “clonado”, sem identidade e diversidade cultural.

Esse culto ao corpo ideal/virtualizado/clonado não deixa espaço para a diferença, acentuando preconceitos de toda ordem. Que diremos, então, do espaço para aqueles que são portadores de alguma deficiência física?

Penso que podemos inspirar-nos numa experiência relatada no artigo “*Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação*”, de Lígia Assumpção Amaral (1998) para refletirmos sobre a nossa prática cotidiana na escola.

A autora relata a sua angústia em ter sido sempre “café-com-leite” nas brincadeiras de rua devido a uma deficiência física na perna. Ela diz (1998, p.28): “*Que mal me fazia ser café-com-leite! Aquele faz de conta que é mas não é, que não é mas é. Um jogo de mentiras, de cartas marcadas, de fingimento, até talvez bem intencionado*”. E depois continua:

“Foi a professora de ginástica do colégio que me fez viver uma coisa diferente. (...)

Por lei, eu estava dispensada de suas aulas. (...)

Assim, nem o uniforme de ginástica eu precisava ter.

Eu me sentava ali por perto e ficava, mais uma vez, observando o mundo acontecer.

Isso não durou muito. Terá parecido uma eternidade?

Um dia, ela me chamou para a roda de alunos sentados no chão. Em claro e bom som, propôs a mim e ao grupo que eu comesse a participar das aulas.

– Como? perguntei alarmada, com os olhos pregados nos colegas.

– Muito simples. Você fará o que pode fazer e não fará o que não pode. (...)

E desfiou um rosário de alternativas que incluíam jogos competitivos e atividades individuais de ginástica (...)

Simples e honesto.

Eu nunca precisei ser café-com-leite nas aulas de ginástica e, ainda por cima, ganhei o calção azul bufante e a camiseta de malha!” (Amaral, 1998, p.29).

Para finalizar, gostaria de dizer que acredito numa ginástica geral na escola em que a reflexão sobre corpo seja parte constitutiva do trabalho. Acredito numa ginástica geral na escola na qual ninguém precisa ser “café-com-leite” pois todos os seus participantes, com seus corpos singulares, deverão ser respeitados e valorizados em suas diferenças.

Bibliografia

- AMARAL, Lígia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.). *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1998.
- AYOUB, Eliana. *A Ginástica Geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a Educação Física Escolar*. Campinas, 1998. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1998.
- BRACHT, Valter. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe-UFSM. *Visão didática da Educação Física: análises críticas e exemplos práticos de aula*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.
- HILDEBRANDT, Reiner, LAGING, Ralf. *Concepções abertas no ensino da Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- SOARES, Carmen Lúcia. (Org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- . *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SOUSA, Eustáquia Salvadora de, VAGO, Tarcísio Mauro. O ensino de Educação Física em face da nova LDB. In: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Org.). *Educação Física escolar frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses*. Ijuí: Sedigraf, 1997. p.121-141.
- SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. *Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física*. Campinas, 1997. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1997.

LA GIMNASIA GENERAL EN LA PERSPECTIVA DE CLUBES, ASOCIACIONES Y ESPACIOS PÚBLICOS

Gunardo Pedersen
Universidade de Buenos Aires - Argentina

Como todas las manifestaciones humanas, la gimnasia se da en correspondencia con un Campo Cultural. Con seres humanos. Con una geografía, con una problemática social. Y un creador.

Ling pensó en la población rural con mala postura; Jahn en la capacidad de defensa del suelo patrio, Hebert en la capacitación física de sus fuerzas armadas, y Bukh, en darle “Alma y vida” a la estática práctica de los Suecos, potenciando la flexibilidad, la fuerza y la destreza.

La Gimnasia de Ling fue llevada ala escuela por su hijo.

La gimnasia de Jahn devino en Gimnasia Olímpica, la de Bukh se transformó con el tiempo, en gimnasia popular, y el sistema militar adoptó elementos de todas lo que necesitaba.

Mientras, el deporte recorría su propio camino, del juego a la hipercompetencia, en un tránsito fenomenal contrapuesto a la razón antropológica, pero fuertemente vinculado al desarrollo de una sociedad también devenida hipercompetitiva.

Este actual deporte, refleja de alguna manera a la actual sociedad, que también ha desarrollado más garras, codos y pisotones, que sentimientos solidarios.

Hoy, la ISCA intenta difundir la gimnasia y el deporte, llevando adelante una concepción placentera, sin ganadores ni perdedores, donde el programa no sólo sea bueno para la salud, la satisfacción de necesidades estéticas y sociales, el placer por los aprendizajes motrices, sino que sea una buena razón para encontrarse con los demás. Por eso tal vez, hacia el futuro, la propuesta habla de humanismo, socialización, entendimiento, solaz, esparcimiento, y amistad, como referentes de las metas de la gimnasia.

De alguna manera, esta vieja propuesta, es “nueva” en el mundo.

La competencia despiadada, no es compatible con los ideales de ISCA.

El deporte y la gimnasia en la Argentina

El Deporte y la gimnasia reconocen dos orígenes independientes en la Argentina:

El Deporte es el resultado de la creación de Clubes Deportivos, fenómeno registrado desde mitad del siglo pasado, y con multiplicación al cambio de siglo, por el ingreso de las compañías inglesas de ferrocarriles, y otras industrias. Hacia 1900, casi todos los Clubes eran de origen Inglés, de y para la colectividad inglesa en la argentina, y

la mayoría se ubicaban a los costados de las vías férreas en construcción, en las zonas de Frigoríficos Industrias, o Colegios de origen británico.

La sociedad argentina tuvo dos formas de apropiación cultural de este bien:

1. Ingresando en la sociedad deportiva de los Ingleses, cosa no siempre fácil, y a veces imposible.
2. Creando Clubes a imagen y semejanza de los Ingleses.

Hacia 1910, casi todos los grandes Clubes de la Argentina estaban creados, y diez años después, se registraba una enorme cantidad de nuevos clubes cubriendo el territorio nacional, algunos con nombres tan contradictorios como “Mayor Buratovich Tennis and Fútbol Club”, que mezcla lo militar, el apellido judío, la lengua inglesa en un paraje del sur de la Pampa húmeda, provincia de Buenos Aires, con una población del 90 % de nativos, y fundado el 4 de mayo de 1926.

La gimnasia, se integra a las actividades físicas en la Argentina, también alrededor de 1910. Las corrientes gimnásticas provienen del “continente” europeo. Esto es: Los deportes por vía de herencia de la Isla (Inglaterra) y la Gimnasia, por vía de la influencia escolar del continente (Suecia, Dinamarca, Alemania, Francia) y más tardíamente Austria y Suiza.

La “Asociación Cristiana de Jóvenes”, El “Ateneo de la Juventud” y el “Club de Gimnasia y Esgrima” son las instituciones que con el modelo de Club, toman a la gimnasia y al deporte de condición recreativa, como contenido de su oferta institucional. Desarrolla (por orden de aparición) la gimnasia Sueca, luego la “Calistenia”, la “Gimnasia Danesa” del tipo creada por Niels Bukh, y en menor medida la “Gimnasia en Aparatos”, nombre de la actual Gimnasia Olímpica.

El lugar de desembarco de la gimnasia en forma generalizada en la Argentina, fue la escuela.

La clase escolar de Educación Física, fue hasta cerca del año 1950, “de gimnasia”, y el profesor de Educación Física, y la asignatura, fueron llamados popularmente “de gimnasia”, aún muchos años después.

La estructura de una clase escolar de Educación Física, era entre 1950 y 1970, más o menos la misma: Se hacía una primera parte mayor, de gimnasia en damero, a voz de mando, como si fuera una clase de Gimnasia Danesa, pero sin “movimiento con alma y vida”, esto es, parando a cada mando. Sumamente estática.

Luego venía el “premio”, al final: Juegos o deportes.

Esto es también resultado de la estructura del Plan de Estudio de los Profesorados de Educación Física, donde se cursaba - desde 1945 - “Gimnasia Sueca”, “Gimnasia Danesa”, “Gimnasia en Aparatos”, “Gimnasia médica o correctiva”, y (en varones) “Rugby y Baseball”, “Fútbol, Hockey, etc” “Atletismo”, “Natación”, “Esgrima”, “Equitación”, y “Boxeo”.

La Gimnasia General en la perspectiva de Clubes, Asociaciones, y Espacios Públicos.

La modalidad gimnástica de las Asociaciones Danesas, (la de la D.G.I.), y la forma de exposición que hace el equipo de Elizabeth desde Campinas, que entiendo es llamada “Gimnasia Geral”, tuvo sus años de presencia en la Argentina, pero nunca pudo igualar al movimiento deportivo ni a la masividad de la práctica de deportes.

Allá por 1990, se realizó la última “Gimnasiada Americana”, y se entró en un cono de sombras.

En Clubes, Asociaciones y Espacios Públicos, ha entrado más la “moda” que el concepto de “Gimnasia Geral”. Y los mejores años de “Gimnasia de Conjunto”, (hasta 1990) parecen haber terminado.

Por el contrario, se ha difundido moderadamente la Gimnasia Formativa merced a un trabajo serio de realización, investigación, estudio y publicación, que hiciera de sus teorías y de su práctica, el profesor Mariano Giraldes, y por otra vía, se ha popularizado la práctica de ofertas sectoriales consistentes en modalidades en boga en el exterior, y que se van sustituyendo unas a otras, según el lugar de práctica, el profesor de moda, o la novedad importada según el origen o la popularidad televisiva. Así conocimos primero la “Gimnasia-Jazz y el “Aeróbics”, y después, muchas variantes.

Toda nuestra sociedad tiene - desde hace más de un cuarto de siglo - los ojos muy puestos en el gran país del Norte. Tal vez porque nuestras historias se empezaron a escribir juntas.

Y tal vez porque a nosotros no nos va tan bien, copiamos sus ofertas en el mundo del cuerpo, como antes, copiábamos el modelo de Francia en el mundo de la cultura, o a Inglaterra, en el mundo de la economía.

El resultado es que hoy, en la Argentina se hace gimnasia. Mucha. De muchas maneras. Gimnasia atractiva y orientada al “bien parecer” personal. Es otra forma. Muy generalizada. Pero no encaja con el “modelo” de Gimnasia Geral, o su original, la gimnasia asociativa danesa.

Ahora hacemos:

- Aero-clasic
- Aero-local
- Aero-Jazz
- Aero-dance
- Aero-box
- Aeróbica infantil
- Baby-aeróbics.
- Interval-dance
- Personal-training
- Deporttraining

- Body-combat
- Body-pump
- Body-balance
- RPM
- Aero-box
- Aeróbica infantil
- Baby-aeróbics
- Aero-step
- Local-step
- Combo-local
- Power-local
- Hip-hop
- Afro
- Funk
- Street-dance
- Latin-dance
- Pop-dance
- Ritmos caribeños/ varios
- Kick-box
- Slide
- Ciclismo indoor
- Pilatesmethod (una mezcla de danesa, calistenia y sueca con música)
- Gym-total
- Stretching
- Aquaerobics

En la Argentina, la “Gimnasia General”, como cosa difundida en forma masiva, ha muerto.

¡¡¡VIVA LA GIMNASIA!!!

PÔSTERES

VIVÊNCIAS CORPORAIS LÚDICAS

Albertina Bonetti
Mestre, CDS/UFSC
Camila Do Vale De Lucca
Acadêmica, CDS/UFSC

Resumo: Quebrar com metodologias de ensino que conduzem o conhecimento e, conseqüentemente, quem o obtém, de forma rígida, fixa, linear e construir outros que propiciem maior entendimento, interesse, prazer são alguns dos objetivos no desenvolvimento deste projeto de extensão, denominado de “Vivências Corporais Lúdicas”, desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina, junto ao Departamento de Educação Física, para uma clientela de pessoas da faixa etária de 35 a 50 anos. Outro objetivo fundamental está em propiciar aos estudantes do Curso de Licenciatura em Educação Física, desta Instituição, conhecerem e experienciarem situações de ensino para a ginástica, primordialmente, em academias de ginástica.

Quebrar com metodologias de ensino que conduzem o conhecimento e, conseqüentemente, quem o obtém, de forma rígida, fixa, linear e construir outros que propiciem maior entendimento, interesse, prazer são alguns dos objetivos no desenvolvimento deste projeto de extensão, denominado de “Vivências Corporais Lúdicas”, desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina, junto ao Departamento de Educação Física, para uma clientela de pessoas da faixa etária de 35 a 50 anos. Outro objetivo fundamental está em propiciar aos estudantes do Curso de Licenciatura em Educação Física, desta Instituição, conhecerem e experienciarem situações de ensino para a ginástica, primordialmente, em academias de ginástica.

Este projeto surge em decorrência de muitos anos trabalhados em academias de ginástica, o que nos possibilita refletir sobre vários aspectos, dentre eles: a diversidade de práticas corporais que surgem diariamente, que em sua maioria, tornam-se práticas relâmpagos, vêm e vão como modismos de rápido consumo: a faixa etária, preponderantemente de jovens (maiores ou menores entre 14 a 30 anos), pois são eles os maiores consumidores desta produção capitalista de modismos; o poder aquisitivo de quem busca estas academias e até os aspectos metodológicos de quem direciona as aulas. Creditamos à prática de atividade física ser tão vital para a vida “prazerosa” de qualquer pessoas, quanto à sua moradia, a sua alimentação, a sua educação, o seu lazer, as suas relações afetivo-humanas, por exemplo. Foi pensando nestes e outros elementos, é que implementamos, em março de 2000, esta proposta de estar refletindo e construindo metodologias que propiciem aos participantes, não só conhecerem só uma dada prática corporal, mas que no conjunto destas diversidade de práticas corporais, sejam elas provenientes das culturas ocidental ou oriental, consigamos dar um trato pedagógico aos conteúdos presentes nelas, numa perspectiva mais lúdica de vivenciá-las, o que, no nosso entendimento, até então, tem oportunizado aos estudantes, conhecerem estas práticas e trabalhá-las em conjunto, numa fusão competente e harmoniosa, e aos praticantes, além da aquisição do seu conhecimento físico, adquirem a percepção de si, do outro, o sentir e transmitir alegria, prazer através dos seus gestos, ações, palavras, sentimentos. Estas são algumas das manifestações proferidas pelos participantes, estudantes, após um ano de trabalho.

Considerando que a Universidade tem, dentre seus objetivos, a produção e socialização do conhecimento, vimos com este projeto acenar na construção de princípios teórico-práticos capazes de incentivar e sustentar uma outra possibilidade de atuação profissional que se diferencie das práticas massivas realizadas no interior das academias.

O que seriam “Vivências Corporais Lúdicas”? Com o conhecimento que a pessoa faz de si, através do seu corpo, se proporciona o se ver e ver o outro, o (re)descobrir a si e o outro, o se respeitar e ser respeitado corporalmente, travando uma relação prazerosa, brincante, alegre que será oportunizada pelas práticas corporais como: jogos, expressão corporal, ginástica, danças, caminhadas, alongamentos, hidrogenástica, ioga, tai chi chuan, relaxamentos e massagens. A introdução deste conjunto de práticas corporais, exige diferentes tratamentos teórico-práticos, fundamentos nos aspectos históricos, sociais, científicos e filosóficos que estas sofrem, assim como na percepção criativa, expressiva, comunicativa, lúdica que nelas estão presentes.

Por fim, é sempre meta buscar novos/e outros subsídios e conhecimentos tanto para a formação de novos profissionais em Educação Física, quanto a formação continuada daqueles que já atuam na área, no sentido de apontar indicativos que nos permitam uma reflexão, também contínua, acerca das propostas e pressupostos teórico-metodológicos.

BIBLIOGRAFIA

- BERTHERAT, Teresa e BEERNSTEIN, C. *O corpo tem suas razões*.
BRITO, Carmem L. C. *Consciência corporal: repensando a Educação Física*. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.
BRUHNS, Heloisa T. (Org) *Conversando sobre o corpo*. 2ed. Campinas: Papirus, 1986.]
CEAS, B. et alli. *Ginástica aeróbica e alongamento*. São Paulo: Manole, 1987
GAIARSA, João. *O que é corpo*. 4ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
GONÇALVES, A . e colaboradores. *Saúde coletiva e urgência em Educação Física*. Campinas: Papirus, 1997
GONÇALVES, Maria Augusta S. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Capinas,SP: Papirus, 1994.
GRANDO, José Carlos (Org.) *A (des) construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001.
LACERDA, Yara. *Atividades corporais. O alternativo e o suave na Educação Física*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
KUNZ, Elenor (Org.) *Didática da Educação Física*. Ijuí: Unijuí, 1998.
MELLO, P. R. B. *Teoria e prática dos exercícios abdominais*. São Paulo: Manole, 1986.
MONTAGU, Ashley. *Tocar: o significado da pele*. São Paulo: Summus, 1988.
MOREIRA, Wagner Wey. *Corpo presente*. Campinas: Papirus, 1995
NAHAS, Markus V. *Fundamentos da aptidão física relacionada à saúde*. Florianópolis: Editora UFSC, 1989.
REVISTA MOTRIVIVÊNCIA. *Educação física: teoria e prática*. Florianópolis: Editora UFSC, Ano 07(08) dez. 1995.
------. *Elementos teórico-metodológicos para a Educação Física*. Florianópolis: Editora UFSC, AnoXI (13) nov. 1999.
SANTIN, Silvino. *Educação Física da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. Porto Alegre: EST/ESEF, 1994.
SILVA, Ana Márcia. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas/SP: Autores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SILVA, Osni J. e SILVA, Teófilo. *Exercício e saúde. Fatos e mitos*. Florianópolis: Editora UFSC, 1995.

WEIL, Pierre. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal*. Petrópolis: Vozes, 1986.

ALBERTINA BONETTI

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CENTRO DE DESPORTOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA

CEP: 88040-900 Tel (048) 22 87 26 / 331 8351 Fax: 331 99 27

ROPE SKIPPING NA GINÁSTICA GERAL

Ana Paula Barbosa Sato

Daniel de Brito Mota

Elizabeth Paoliello de Souza

Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da

FEF/Unicamp

Resumo: Este trabalho busca mostrar que uma modalidade esportiva competitiva, neste caso, Rope Skipping, pode ser desenvolvida em um outro âmbito, como por exemplo, na Ginástica Geral. Utilizando-se de elementos técnicos fornecidos pelo Rope Skipping, do espaço oferecido pela Ginástica Geral e da flexibilidade apresentada por ambos, tem-se uma ótima combinação de elementos a serem trabalhados.

Introdução

A Ginástica Geral é uma área bastante ampla e recebe diferentes definições, porém todas elas têm como referencial o conceito estabelecido pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), que apresenta Ginástica Geral como a área da Ginástica orientada para o lazer, que compreende atividades esportivas e também Jogos de caráter nacional e cultural, para todas as faixas etárias, desenvolvendo a saúde, colaborando para a manutenção da forma física e proporcionando a integração social.

A Ginástica Geral é caracterizada por ser uma Ginástica flexível, onde o praticante não precisa ser atleta ou ex-atleta, pode ter qualquer idade, não existe restrições quanto ao número de participantes, todos podem contribuir socializando suas experiências anteriores e criando novas formas de utilização de materiais ou movimentos, tendo sempre como principal objetivo o prazer na prática.

Sendo um espaço sempre aberto a novos elementos, combinações, a qualquer pessoa, tornando-se um ambiente muito rico e criativo, a Ginástica Geral procura valorizar a individualidade dos participantes, respeitando suas limitações e possibilitando a liberdade de expressão, dentro de um trabalho coletivo, que normalmente é composto e apresentado ao espectador em forma de coreografias nos festivais.

Uma de suas características mais marcantes é o interesse em procurar oportunizar ao maior número possível de pessoas a participação em atividades físicas fundamentadas

nas atividades gímnicas, porém integrando-as com outros elementos da cultura corporal, tais como o Circo, a Dança, Artes Cênicas, Artes Plástica, Artes Musicais, Lutas, Esportes, Jogos e Brincadeiras. Em meio a este leque de elementos encontra-se o "pular corda", uma brincadeira infantil tradicional na cultura brasileira, porém que sofreu inúmeras modificações no âmbito internacional, ao ponto de tornar-se uma modalidade esportiva competitiva conhecida como Rope Skipping.

Rope Skipping

Logo após a 2ª Guerra Mundial, nos Estados Unidos da América, a atividade de pular corda tornou-se popular como atividade de lazer, sendo amplamente difundida. Em 1969, Richard Cendali, na época jogador de futebol, tinha como parte de seus treinos, pular corda por um longo período de tempo, o que ele julgava chato e cansativo e que por esse motivo começou a inventar novas maneiras de pular e brincar com a corda, tornando seus treinos mais agradáveis. Além disso era professor de Educação Física em uma escola infantil, onde testou suas idéias em conjunto com seus alunos, os quais gostaram tanto que ajudaram a criar novos saltos e truques utilizando a corda das mais variadas maneiras. Vendo isso, Cendali resolveu formar um grupo de Rope Skipping (do inglês: rope = corda ; skipping = ato de pular) para fazer apresentações pelo país e por todo o mundo. E assim o fez, sendo considerado, hoje, como o "Pai" deste esporte, principalmente da modalidade denominada "Single Rope".

Ao mesmo tempo, em Nova Iorque, alguns holandeses brincavam de um modo particular, diferente do conhecidos por todos, onde uma pessoa pulava entre duas cordas batidas alternadamente. Esse jeito novo foi espalhando-se pelo país em forma de jogos, que no começo eram realizados por crianças negras e pobres, pois podiam "praticar" brincando em qualquer lugar, inclusive na rua, a qualquer hora e isso fazia deste um jogo muito barato, sendo necessário apenas dois pedaços de corda. Com essa popularização hoje esta prática, denominada como uma das modalidades do Rope Skipping, é conhecida como "Double Dutch" e estruturada por uma liga americana, a "American Double Dutch League" (ADDL).

Logo depois, em 1973 essa atividade, primeiramente orientada para o lazer, foi pesquisada e sistematizada por oficiais de polícia e professores de Educação Física, que iniciaram o processo de esportivização da prática de pular corda, surgindo a modalidade Rope Skipping.

Atualmente, o Rope Skipping é amplamente conhecido e praticado em diversos países, tais como Estados Unidos da América, Bélgica, Austrália, Dinamarca, Grã-Bretanha, Alemanha, Canadá, França, Itália, Suíça, Espanha, Áustria, entre outros, possuindo uma Organização Européia de Rope Skipping (ERSO), criada em 1978, uma Organização Internacional de Rope Skipping (IRSO), uma Federação Internacional de Rope Skipping (FISAC), que organiza os campeonatos mundiais dessa prática esportiva, sendo que o primeiro foi realizado em 1984 no Colorado.

Rope Skipping é uma atividade física que tem por base o pular corda, utilizando-se de uma diversidade de saltos, elementos acrobáticos e ginásticos, além da possibilidade de composições coreográficas, com ou sem a utilização de música. Além disso, é um espaço onde se permite a criação de novos saltos e combinações, estimulando cada vez mais a criatividade de cada praticante.

As modalidades

Este esporte é praticado individualmente, valorizando a velocidade de execução de saltos, ou em grupos, com duas ou mais cordas simultâneas, dando ênfase a coordenação, criatividade e o trabalho em equipe, podendo ser classificado em três modalidades:

"Single Rope": utilizando apenas uma longa corda, as pessoas realizam saltos, acrobacias de diferentes formas e em velocidades variadas;

"Wheel Formation" ou *"Chinese Wheel"*: várias pessoas utilizando várias cordas, realizam trabalhos voltados para a coordenação motora, trabalho em conjunto e comunicação interna no grupo;

"Double Dutch": saltando entre duas cordas alternadas, os praticantes realizam diversas acrobacias e truques, individuais ou em grupos e estão sempre criando novos saltos.

Porém é importante ressaltar que estes estilos podem e são sempre desenvolvidos em conjunto com os outros, mesclados. Isso é um dos fatores que torna o Rope Skipping um esporte com inúmeras combinações, sendo um espaço rico e criativo.

Em campeonatos, os grupos podem disputar provas de velocidade (quem realiza um maior número de salto em menor tempo) e provas de estilo livre, onde os grupos mostram trabalhos envolvendo bastante técnica e muita criatividade, utilizando ou não a música. Um fator interessante a ser acrescentado é com relação às notas atribuídas em campeonatos (válido apenas para as modalidades de estilos livres), que são avaliadas de forma que, sobre a nota final, 50% é pela criatividade e técnica e 50% é sobre o grau de dificuldade dos exercícios apresentados, com isso percebemos que a criatividade do grupo é um fator de grande relevância .

As categorias

Para facilitar alguns aspectos e organizar melhor os eventos, os atletas do Rope Skipping são divididos por categorias, conforme a faixa etária, pelas quais competem, como exemplo:

- Categoria Novatos - 12 a 14 anos;
- Categoria Junior - 15 a 17 anos;
- Categoria Senior - 18 a 34 anos;
- Categoria 35 anos ou mais.

Considerações Finais

Uma das características do Rope Skipping é a facilidade de sua prática, ou seja, não há restrições quanto a idade, sexo, peso e pode ser usado qualquer tipo de corda, tornando-o um esporte acessível, sendo necessários somente a corda e um par de tênis, que são materiais de baixo custo.

Por ser uma modalidade esportiva relativamente nova, o Rope Skipping, ainda não é conhecido no Brasil, porém todos, um dia, já brincaram de pular corda, praticando, sem perceber, um pouco deste esporte.

Aproveitando alguns Jogos e Brincadeiras, com cordas, que fazem parte de nossa cultura infantil, pode-se desenvolver diversos trabalhos dentro da proposta da Ginástica Geral, abrangendo todos os elementos que fazem parte da nossa cultura corporal, abordando questões de cooperação grupal, convívio social.

Por ser um esporte sempre receptivo a novas possibilidades, no Rope Skipping, assim como na Ginástica Geral, a ludicidade é um fator sempre presente. Desta forma pode-se utilizar o Rope Skipping como um enriquecedor dos elementos desenvolvidos na Ginástica Geral, apresentados em formas de coreografias em festivais organizados. Com isso, além da modalidade esportiva Rope Skipping estar sendo difundida, estará mostrando uma outra possibilidade de prática que não seja a competição.

Sendo assim, espero com este trabalho, contribuir para a literatura nacional sobre Rope Skipping, até então inexistente. Além de estar abrindo novas possibilidades para a prática desta atividade esportiva.

Referências Bibliográficas

American Double Dutch League. Liga Americana de Rope Skipping. Disponível em: <http://www.addl.org>. Acessado em: Abril, Maio, Junho de 2001.

ERSO- RULES COMMITTEE EUROPEAN ROPE SKIPPING ORGANIZATION. Competition Rules 2001. Disponível em: <http://www.erso.org>. Acessado em : Junho de 2001.

EUROPEAN ROPE SKIPPING ORGANIZATION (ERSO). Organização Européia de Rope Skipping, onde contém a história do esporte, calendários de eventos, regulamentos. Disponível em: <http://www.erso.org>. Acessado em : Março, Abril, Maio, Junho e Julho de 2001.

RIDER, Nadine de. Rope Skipping for beginners (mimeo). Gent, Bélgica, 1997.

RIVIERENHOF CLUB. Clube pioneiro em Rope Skipping na Europa. Disponível em: <http://www.rivierenhof.com>. Acessado em Março, Maio, Junho de 2001.

SANTOS, J.C.E. dos. Uma Visão Pedagógica Objetiva da Ginástica Geral na Atual Realidade Brasileira. In: Fórum Brasileiro de Ginástica Geral, Campinas, 1999. p. 24-28.

SOUZA, E. P. M. de. Ginástica Geral: uma área de conhecimento da Educação Física. Campinas, 1997. 163p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, 1997.

Ana Paula Barbosa Sato
Rua Barreto Leme, 1961 Ap. 41 – Cambuí
Campinas – SP – Brasil
CEP: 13010-202
Tel.: (19) 3295 7092
e-mail: anasato@hotmail.com

Daniel de Brito Mota
Rua Manoel de Sousa Filho, 326 – Barão
Geraldo
Campinas – São Paulo – Brasil
CEP: 13.085-450
Tel.: (19) 3249-0862
e-mail: dbmota@uol.com.br

Profa. Dra. Elizabeth Paoliello Machado de Souza
Faculdade de Educação Física - Unicamp
Campinas – SP – Brasil Caixa Postal 6134 CEP 13081-970
Tel.: (19) 3788 7400 Fax: (19) 3298 4338 e-mail: paoliello@fef.unicamp.br

GINASTICA GERAL: DIAGRAMAÇÃO DAS FORMAÇÕES COREOGRÁFICAS

Braulio Rocha
Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral
da FEF/UNICAMP

Resumo: Este trabalho tem como objetivo criar um modo de diagramar composições coreográficas de Ginástica Geral (GG), que poderá ser utilizado como instrumento para facilitar a aquisição do posicionamento espacial, a fim de promover a compreensão e visualização da utilização espacial pelo aluno, assim como o registro das composições coreográficas pelo professor. Este trabalho será desenvolvido por meio de diagramação de vinte coreografias do Grupo Ginástico UNICAMP que resultará num “Banco de Dados”, o qual poderá auxiliar aos professores na criação de coreografias de GG dando uma visão ampliada das possibilidades de formações coreográficas a serem utilizadas.

O espaço é algo que o Homem sempre tentou conquistar. Cada um de nós ocupa o seu, e este não pode ser dividido com outro corpo, afinal dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço, Newton, há muito já dizia.

As leis da Física garantem o espaço para cada corpo, mas mesmo assim, o ser humano precisa delimitar o seu. E este não é somente físico, é profissional, cultural, territorial entre outros. Para isto trava batalhas infindáveis com os que o rodeiam. Atualmente ouve-se freqüentemente: “Garanta seu espaço”, “Ganhe terreno”, “Defenda seu território” e outras frases que mostram a necessidade crescente de se ter um lugar bem delimitado, para que se possa atuar sem se sentir ameaçado.

Ao perceber esta tendência da sociedade atual, fica patente que o profissional de Educação Física, que lida com o corpo que se movimenta intencionalmente no espaço, tenha a preocupação de indicar formas de utilizá-lo.

Um outro aspecto que deve estar presente na atuação desse educador, é o fato do ser humano, apesar da sua necessidade de afirmação territorial (espacial), é um animal que precisa viver em contato com seus semelhantes, em sociedade. Por este motivo é importante a prática de atividades que possibilitem o contato físico entre os alunos e a cooperação entre eles, porém, sempre respeitando a individualidade, as capacidades e o espaço delimitado por cada um.

A Ginástica Geral (GG), por ser uma modalidade sem caráter competitivo, que não impõe limites quanto ao número de participantes e que leva à cooperação entre os membros da equipe, sendo praticada em um espaço a ser ocupado e partilhado. É portanto um dos conteúdos da Educação Física que oferece um campo rico de possibilidades de estudos e pesquisas, relacionados à utilização espacial.

O Grupo Ginástico UNICAMP (GGU) por entender a GG como uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da Ginástica integradas às demais formas de expressão do ser humano, de forma livre e criativa (Perez Gallardo e Souza, 292 apud Souza 1997, p.88) e por existir há onze anos como veiculador de pesquisas na área, sendo assistido pelo Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da Faculdade de Educação Física da UNICAMP- Brasil. Por estes motivos, mostra ser um Grupo que reúne fatores expressivos da GG no Brasil, preocupado também com aspectos pedagógicos.

E a idéia de diagramar a utilização espacial das coreografias de Ginástica Geral, surgiu justamente da necessidade deste grupo em tornar mais fácil, o “resgate” (recuperar uma coreografia já construída para ser reapresentada) de suas coreografias já criadas e em

processo de criação, por novos integrantes. Esta necessidade mostrou-se mais claramente nos preparativos para a Turnê ao Chile e Argentina no ano de 2000, na qual eu estava presente.

Durante os preparativos, percebi que os novos integrantes do grupo, como eu, tinham dificuldade para se localizar no espaço cênico (local da apresentação) e para entender a lógica das coreografias e o encadeamento das formações coreográficas, compreendidas aqui como “*a variedade de formas utilizadas pelo grupo durante uma performance*” (FIG, 1997, p.33, traduzido pelo autor), ou ainda, as formas geométricas desenhadas pela projeção da posição dos ginastas do grupo no solo durante a coreografia.

Para entender melhor as coreografias, passei a desenhar as formações coreográficas em suas seqüências. Este desenho mostrava o posicionamento dos indivíduos no espaço, embora as transições não fossem representadas. Como o objetivo era ajudar-me na localização pelo espaço, passei a representar cada indivíduo que compunha a coreografia por meio de um número. Desta forma, consegui mais rapidamente e facilmente obter êxito em minha participação nas coreografias.

Percebi, com isto, que a diagramação facilita a aquisição dos posicionamentos que o participante deve ocupar em cada momento da coreografia, ajuda-o a compreender a lógica da coreografia, pois fornece uma visão de todas as formações que estarão presentes, e ainda auxilia o professor a promover correções de posicionamentos, que possam mostrar-se necessárias.

O fato da coreografia estar documentada é outra vantagem da diagramação pois, como ressalta Laban (1978, p.53), “*uma literatura da dança e da mímica escrita em símbolos de movimentos é tão necessária e desejável como os registros históricos da poesia, na escrita, e da música, na notação musical.*”. Estendo esta afirmação ao pensar na possibilidade de criar símbolos, que indiquem o posicionamento dos indivíduos no espaço.

Estes registros organizados levam à construção de um “Banco de Dados” que é, na verdade, um registro de possibilidades de formações coreográficas. Este “Banco de Dados” pode ser utilizado para auxiliar na criação de coreografias dando uma visão ampliada das possibilidades de formações a serem utilizadas, abrindo portas para novos procedimentos metodológicos voltados para a GG, proporcionando análise de coreografias (quantidade de formações utilizadas, diversidade, etc.) e estudos na área das Ciências Humanas, que busquem entender as produções da cultura corporal do ser humano relacionadas à utilização e exploração do espaço.

Esta pesquisa encontra-se em andamento e tem seu referencial teórico baseado em três pontos:

- Ginástica Geral: onde será aprofundada a compreensão de sua conceituação e abrangência de acordo com a Federação Internacional de Ginastica, Confederação Brasileira de Ginastica e o Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral/FEF que desenvolve trabalhos na área.
- Grupo Ginástico UNICAMP: terá sua história e concepção de Ginástica Geral analisadas, assim como suas composições coreográficas criadas nos últimos onze anos de existência.
- Espaço Cênico: terá como base os princípios de Laban que trata do movimento e utilização espacial, transferindo estes princípios para o âmbito da Ginástica Geral.

Portanto, compreender o espaço cênico e suas possibilidades na criação de coreografias de Ginástica Geral é um desafio deste estudo, o que, certamente, facilitará a elaboração de uma metodologia de registro de formações coreográficas, enriquecendo e facilitando o trabalho do professor, a localização do aluno no espaço e a compreensão da totalidade coreográfica.

Bibliografia

FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. Manual Grupo Performances. Schweiz: FIG, 1997.

LABAN, R. Domínio do movimento. 3. ed. São Paulo: Summus, 1978.T

SOUZA, E. P. M. Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física. Campinas, 1997. 163 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1997.

ENDEREÇO: Rua Itu, n: 99, Ap: 705. Condomínio Marques de Itu.

BAIRRO: Bosque CEP: 13025-340

TELEFONE: (019) 3295-8391

e-mail: braulior@zipmail.com.br

POSSÍVEIS CAMINHOS DA GINÁSTICA GERAL NO PRÓXIMO SÉCULO

Profa. Mestranda Cristiane Montozo Fiorin
Departamento de Educação Motora
Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da FEF/Unicamp

Resumo: O presente artigo tem como objetivo salientar a relevância da Ginástica Geral no mundo contemporâneo, dialogando principalmente com as novas tendências e pensamentos do campo esportivo. Cada vez mais é impossível negarmos a grande massa que pratica esporte não pelo prisma do alto rendimento, mas como uma atividade de lazer. Neste caso, a Ginástica Geral surge como mais uma possibilidade para uma população que jamais conseguirá atingir um índice olímpico. Um dos objetivos é sem dúvida apontar a Ginástica Geral como uma prática que contempla um número muito maior de pessoas e que será, sem dúvida, durante o próximo século a Ginástica que mais crescerá no mundo, dado que cada vez mais as práticas serão direcionadas para pessoas não atletas, que são na verdade os grandes consumidores das práticas esportivas ao redor do mundo.

Trazer a tona, reflexões acerca do futuro nos traz sempre uma aura de mistério e magia. Falar de futuro é falar do desconhecido, do não concreto, do que ainda virá. Mas é, antes de tudo, falar de sonhos, esperanças. É lançar sementes esperando que elas

frutifiquem neste “distante” tempo que denominamos futuro. É dar asas a imaginação, perspectivando melhoras para os diversos aspectos da vida, do homem e da sociedade.

No entanto, existe uma relação muito próxima entre presente e futuro, dado que o tempo não é algo desconectado. Há uma ligação muito forte entre nossos atos no momento atual e as suas conseqüências no futuro. Falar de futuro é, antes de tudo, compreender o presente. Sigo o meu pensamento, sendo apoiada pelas palavras de Bento (2000):

“... quando se fala de futuro é como se estivéssemos a fazer referência a algo distante. E, no entanto ele depende mais daquilo que fizemos hoje do que de ficarmos à espera do que será feito num longínquo amanhã. Não é conseqüência automática do passado, nem alheio ao que foi feito no presente; constrói-se, com base nos nossos desejos, a partir das nossas atitudes e accções. Dito de outro modo, o presente pode ser pobre ou rico de futuro. É nele que se alarga a linha do horizonte”.(pág.192)

Gostaria então, neste momento presente “alargar a linha do horizonte” e lançar algumas considerações a respeito da Ginástica no próximo século. No texto *Pedagogia dos Esportes e Jogos Coletivos*, Paes (2000) nos lança a seguinte questão: “*Como será praticado o esporte ao final do século que se inicia?*” (pág 1)

Tomo a liberdade de parafrasear este pensamento e lançar uma outra questão: Como será a ginástica praticada ao final do século XXI?

Sem dúvida, para que esta questão seja respondida, teremos que passar por reflexões em diferentes níveis e analisarmos antes de tudo, qual será a visão de esporte que teremos no próximo século, qual será o foco das relações dentro do âmbito esportivo, para quem será dirigido este esporte. Quais são as primeiras luzes, que hoje, no tempo presente, nos apontam para um futuro diferenciado em relação às práticas esportivas? Para responder tal questão, olharei um pouco para o passado, a fim de compreender a estrutura na qual o esporte moderno se desenvolveu. Segundo Marques (2000):

“O desporto moderno nasceu com a revolução industrial, científica e tecnológica. Aperfeiçoou-se com o desenvolvimento desta. Numa civilização do rendimento, com a ciência e a máquina como referência, o desporto ganhou sentido na relação com o rendimento de uma outra máquina, extraordinária – o corpo humano. Estudada esmiuçadamente na sua organização e funcionamento, nas estruturas e sistemas que condicionam o seu desempenho, possibilitou o desenvolvimento das capacidades do Homem até limites inimagináveis”. (pág.15)

O século XX que vê nascer o esporte moderno, vê também surgir outras perspectivas para além daquelas apontadas acima. O esporte, apesar de ser visto como uma prática para atletas, ligado aos ideais olímpicos, visando a competição e o auto rendimento, acaba sendo compreendido de uma forma mais ampla. É inegável a popularidade do fenómeno esporte no século passado, o que fez com que este passasse de uma prática reservada a uma minoria, para uma atividade de alcance mundial, sem fronteiras culturais ou religiosas.

Nos anos 60 e 70 do século XX, vimos crescer em todo o mundo uma reação a exacerbação do esporte destinado a uma pequena massa de competidores, resultando disto movimentos de democratização do esporte, como o Esporte para Todos (EPT) e os

Manifestos do Esporte (1964), da Educação Física (1968), do Fair Play, e a Carta Internacional de Educação Física e Esportes (1978).

Não podendo ser visto apenas como rendimento, o esporte, como um fenômeno sócio-cultural acaba ocupando um espaço significativo na vida das pessoas, tornando-se desta forma um patrimônio cultural da humanidade, compreendendo diversas esferas, onde o esporte profissional tornou-se apenas uma modalidade dentro de um fenômeno que contempla tantas outras derivações. Atualmente podemos dividir o esporte em diversas vertentes que tentam contemplar a pluralidade de finalidades a qual este fenômeno se destina. Este pode ser visto, segundo Paes (2000), como: “*conteúdo da educação física no âmbito da escola, conteúdo do lazer, adaptado para portadores de necessidades especiais e profissional*”.

Olhando assim, amplamente para o fenômeno, podemos concluir também que se o seu significado se expandiu, as práticas esportivas também expandiram os seus domínios atingindo um número maior de pessoas. Os esportes tradicionais tiveram que sofrer modificações para que fosse possível a prática por muitas pessoas, desde crianças até idosos, passando por deficientes físicos e atletas profissionais.

Partindo deste cenário, começo a tecer as considerações a respeito da Ginástica que vislumbro para o próximo século. Considerando que teremos uma porcentagem infinitamente maior de pessoas não atletas do que atletas, acredito que a Ginástica que ganhará mais destaque será, sem sombra de dúvida, a Ginástica Geral. Isto não significa de maneira alguma o desaparecimento das outras como a Ginástica Rítmica, Artística, Aeróbica e Acrobática. Na verdade, a expansão da Ginástica Geral trará benefícios para todas as outras ginásticas, pois poderá ocasionar o aparecimento de talentos. Não que ela tenha esse fim, mas quanto mais pessoas conhecem e praticam, maior será a chance de trazer novas pessoas para o esporte profissional.

A Ginástica Geral, segundo a FIG (Federação Internacional de Ginástica, 1993) “... *é a parte da Ginástica que está orientada para o lazer, onde as pessoas de todas as idades participam principalmente pelo prazer que sua prática proporciona. Desenvolve a saúde, a condição física e a interação social, contribuindo para o bem estar físico e psicológico de seus praticantes. Oferece um vasto campo de atividades, respeitando as características, interesses e tradições de cada povo, expressados através da variedade e beleza do movimento corporal*”.

Seus objetivos principais são possibilitar a participação do maior número de pessoas em atividades físicas de lazer, sempre fundamentadas nas atividades gímnicas; oportunizar a auto-superação individual e coletiva, sem parâmetros comparativos com outros; propiciar o intercâmbio sócio cultural entre os participantes ativos ou não; valorizar o trabalho coletivo, sem deixar de valorizar a individualidade neste contexto e incentivar a realização de diversos festivais onde tal ginástica pode ser observada.

Na prática, a Ginástica Geral, possuindo uma base gímnica, consegue dialogar com outras manifestações da cultura corporal como a dança, o teatro, os jogos e o próprio esporte, todos servindo como inspiração para a criação de composições ginásticas que serão vistas por milhares de pessoas durante festivais, ou como uma parte da aula de Educação Física. Um programa onde a Ginástica Geral esteja inserida deve ter sua base fortemente estruturada nos princípios das diferentes ginásticas. O uso de aparelhos oficiais (tanto da Ginástica artística como da rítmica), ou de alternativos são permitidos, possibilitando uma nova forma de se fazer um exercício ou proporcionando um terreno fértil para a criatividade na execução de movimentos, já que é possível experimentar, tentar, ousar.

Além disso, ela pode ser desenvolvida com qualquer tipo de público, independente de sexo, raça ou condição social. Ela pode dialogar com a Educação, através de projetos dentro da escola, com o lazer, destinando-se a pessoas da terceira idade e também pessoas portadoras de deficiências físicas, passando inclusive pela inserção de talentos ou atletas profissionais, desde que tenha um caráter não competitivo.

A principal arena onde é possível ver, discutir e também praticar a GG para um grande número de pessoas são, sem dúvida, os festivais de Ginástica Geral. A existência de festivais é vital para que esta tenha seu espaço, já que não há campeonatos para isto. O que vemos em tais encontros é um conagraçamento entre diferentes técnicas, culturas e interpretações do movimento gímico. Para a FIG, a World Gymnaestrada¹ é o evento oficial da Ginástica Geral, no entanto outros festivais são apoiados em nome da divulgação cada vez maior desta prática.

Jo Sommer, idealizador da World Gymnaestrada acreditava, de acordo com Ayoub (1998) que a competição não deveria estar presente nestes eventos, onde o objetivo principal seria promover um intercâmbio de idéias entre os diversos países participantes no que diz respeito à multiplicidade de enfoques que a Ginástica possibilita.

A Ginástica Geral na Europa, aliada ao movimento de Esporte para Todos (EPT), consegue ganhar amplitude e tornar-se uma prática difundida e conhecida. Estes encontros que conseguem reunir 22.000 participantes não podem ser encarados apenas como uma manifestação qualquer, pois tais eventos chamam a atenção da mídia, dos grandes políticos do esporte mundial, interessados em legitimar e apoiar a prática de atividade física em todo o mundo destinada a pessoas comuns.

Segundo Schwirtz (2000) *“Antonio Samaranch em 1995 no propósito da 10ª. World Gymnaestrada em Berlim, descreveu este como sendo o mais importante evento do esporte de lazer no mundo. Vinte e cinco membros da comissão do movimento ‘Sport for all’ tiveram a oportunidade de estar em Gothemburgo na 11ª. World Gymnaestrada, onde tiveram imediatamente uma forte impressão do evento dado as suas proporções”*. (tradução da autora)

Acredito ser a Ginástica Geral, uma ginástica democrática e que nos remete ao tempo em que fazer ginástica era faze-lo na rua, mostrando o seu corpo seja ele magro, gordo, velho ou deformado. Esta ginástica trás em sua bagagem a arte de se exercitar. O prazer de virar de ponta cabeça, o espetáculo, o homem no centro do tablado com suas fraquezas, diferenças e medos. O homem do novo século.

Após este perfil, fica mais fácil entendermos esta ginástica como sendo aquela que possui potencialmente mais condições para ser desenvolvida nos próximos cem anos. As Ginásticas de competição, que caracterizam o esporte profissional possuem uma série de demandas para a sua prática que inviabilizam a sua popularização. O preço de materiais oficiais, treinamento, restrições na dieta, o modelamento do corpo para determinada prática, faz com que o número de pessoas que consigam cumprir ao longo da vida com todos estes requisitos fique cada vez menor.

Não estamos pregando contra atletas talentosos e que nos maravilham com seus incríveis saltos, ou outras habilidades nas Olimpíadas e Campeonatos Mundiais, mas sim, tentando mostrar que a prática da Ginástica Geral pode ser mais ampla e caminhar ao encontro de uma perspectiva de esporte que cada vez mais se aproxima do social, que vá de encontro com o ser humano.

¹ A palavra gymnaestrada é uma aglutinação de dois termos: “**gymna**” – que se relaciona à ginástica e “**strada**” – rua, caminho, palco; local onde se apresenta o desenvolvimento atual e as tendências na área da ginástica. Poderíamos traduzir o termo como “caminho para a ginástica”.

Acredito para o próximo século numa ginástica que será agradável, que contemple o artístico, o lúdico e principalmente o prazer. Que possa usar a técnica como aliada na criação de sonhos, que possa fazer com que idosos se sintam vivos, que deficientes se sintam integrados, que crianças brinquem/treinem, que atletas profissionais se sintam bem vindos. E principalmente, que as pessoas se sintam especiais, fazendo parte de algo, vivendo seu corpo, brincando com a vida. Vislumbro uma Ginástica que una pessoas diferentes, com respeito, com carinho. Que a diversidade seja o maior trunfo desta ginástica, que o diferente seja aceito como mais uma face da realidade, um outro ângulo, uma outra forma.

Consigo vislumbrar no presente este futuro, através da Ginástica Geral.

Alguns autores acreditam que se o século XX foi o século do Esporte, o século XXI será o século das Artes. A respeito disso Marques (2000) sabiamente nos faz refletir:

“A questão não se porá, então, na substituição do desporto, pela arte, ou por outra qualquer actividade. As práticas sociais e culturais terão que ser mais humanizadas, significando isto que o trabalho realizado respeitará a essência e a dignidade do homem. Terá sacrifícios e terá compensações. Só assim será significativa. Só assim será humano”.(pág.16)

E assim será, mesclando arte, ciência e tecnologia que viveremos o século XXI, tornando cada vez mais humanas as práticas esportivas, as relações entre os praticantes, fazendo com que o esporte seja sentido concretamente como uma patrimônio cultural da humanidade. E que cada ser humano possa usufruir em diferentes instâncias de tal patrimônio.

Bibliografia

- AYOUB, Eliana. *A Ginástica Geral na Sociedade Contemporânea: perspectivas para a Educação Física Escolar*. Campinas: Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, 1998.
- BENTO Jorge Olímpio. *Do futuro do desporto e do desporto do futuro*, in: Horizontes e Órbitas no treino dos jogos desportivos. Portugal: Editor Júlio Garganta FCDEF – UP, 2000.
- FÉDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. *General Gymnastics Manual*. Moutier, Suíça: 1993.
- MARQUES, António. *Do futuro do desporto e do desporto do futuro*, in: Horizontes e Órbitas no treino dos jogos desportivos. Portugal: Editor Júlio Garganta FCDEF – UP, 2000.
- PAES, Roberto Rodrigues. *Pedagogia do Esporte e Jogos Coletivos*. (no prelo), 2000.
- SCHWIRTZ, Karl-Heinz. *Colloquium General Gymnastics 2000*. Federation Internationale de Gymnastique: Wildhaus, Switzerland, 2000.
- SOUZA, E.P.M. de. *Ginástica Geral: Uma área do conhecimento da Educação Física*. 1997. 162p. Dissertação (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- TUBINO, Manoel José Gomes. *O esporte como fenômeno social importante do século XX e do início do século XXI* in: Deporte e Humanismo em clave de futuro (Atas). La Coruna, 1998.

Cristiane Montozo Fiorin
Av. das Amoreiras, 3879 bl. 11 apt. 12
CEP 13050-100
Campinas - SP
E-mail: crisfiorin@terra.com.br

A GINÁSTICA GERAL COMO UM CONTEÚDO PROCEDIMENTAL DA GINÁSTICA ESCOLAR

Eliana de Toledo
Mestra pela Faculdade de Educação Física – UNICAMP

Resumo: Este texto faz parte da tese de mestrado, da mesma autora, cujo tema é Proposta de Conteúdos para a Ginástica Escolar: um paralelo com a Teoria de Coll, onde são abordados os conteúdos factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais, à partir dos estudos desenvolvidos por César Coll, na obra Conteúdos na Reforma (1998). O objetivo deste texto, é tratar especificamente da Ginástica Geral como conteúdo procedimental da Ginástica Escolar. Sem dúvida, sua melhor compreensão será proporcionada dentro do contexto da tese, mas neste texto teremos acesso à proposta e a fundamentação teórica para pensarmos e aplicarmos a GG na Escola, com base numa nova tendência na área da Educação, inclusive mencionada pelos PCNs.

Antes de abordarmos os conteúdos procedimentais, enquanto um tipo de conteúdo na Ginástica Escolar, enfocando principalmente a Ginástica Geral, seria interessante desmitificarmos alguns equívocos conceituais sobre procedimentos.

Primeiramente é necessário compreender porque os procedimentos são considerados como conteúdos:

“... o próprio nome conteúdos parece que o temos reservado exclusivamente para identificar com maior propriedade os conhecimentos de natureza informativa, definitória, teórica, explicativa: ou seja, os conteúdos factuais e conceituais, sem que ainda tenhamos coragem de falar com a mesma propriedade das estratégias, dos métodos, das habilidades, etc., como verdadeiros conteúdos de aprendizagem... O conjunto de ações ou decisões que compõem a elaboração ou a participação é o que chamamos de procedimento. O procedimento completo pode constar de muitas operações mais simples, as quais se sucedem no tempo e com certa ordem.” (COLL E VALLS, 1998, p.76 e 77) (grifo meu)

Segundo estas declarações, é possível concluir que o procedimento caracteriza-se basicamente por uma lógica interna do conteúdo, uma vez que é uma ação ordenada, com uma meta comum.

Durante a obra, os autores citam exemplos de procedimentos em algumas disciplinas escolares. E ao tratarem dos procedimentos na disciplina Educação Física, fazem a seguinte colocação: *“aumentar as possibilidades de rendimento motor através do condicionamento e aprimoramento das capacidades físicas...”* (Ibid., p.104). Nesta citação ficam destacados somente os aspectos motores que norteiam esta disciplina, mas nela já é possível notar que o procedimento é a utilização de uma estratégia para a obtenção de uma meta. O termo estratégia também é colocado pelos autores como sinônimo de procedimento:

“Trata-se sempre de formas determinadas e concretas de agir, cuja principal característica é que não são realizadas de forma arbitrária ou desordenada, mas de maneira sistemática e ordenada, uma etapa após a outra e que essa atuação é orientada para a consecução de uma meta.” (Ibid., p.78)

Na Ginástica Escolar, podemos dizer que os conteúdos procedimentais são representados pela lógica motora e cognitiva ideais para o aprendizado dos conteúdos factuais e conceituais, que podem vir à representar nossa meta.

Segundo os autores:

“Pode-se falar de procedimentos mais ou menos gerais em função do número de ações ou passos envolvidos na sua realização, da estabilidade na ordem desses passos e do tipo de meta a que são dirigidos.” (Ibid, p.79)

A divisão do conteúdo que apresentamos como conceitual para a Ginástica Escolar, em três fases, possibilita que as capacidades físicas e cognitivas do aluno sejam respeitadas, partindo de ações mais simples para as mais complexas.

O aluno pode e deve **vivenciar** diferentes possibilidades de movimento propiciados pela Ginástica, desde os mais simples, relacionados às habilidades motoras básicas (como o correr), ou às suas experiências nos jogos infantis (como saltitar, pular corda, manejar pequenos objetos, etc), até as mais complexas, relacionadas aos movimentos próprios das modalidades gímnicas competitivas (como os mortais, o lançamento das maçãs, a “prancha” nas argolas etc). No entanto, o aluno deve **dominar** o movimento mais simples para, posteriormente, dominar o mais complexo.

Como podemos solicitar do nosso aluno uma habilidade que neurologicamente ainda não é possível de ser executada? Como podemos solicitar que nosso aluno execute o rolamento na trave se ele ainda não o faz no solo? Como podemos solicitar que o aluno lance uma bola, salte e a recupere, se ele ainda não diversifica a fase de vôo, não aterrissa com segurança e não amortece a recuperação da bola?

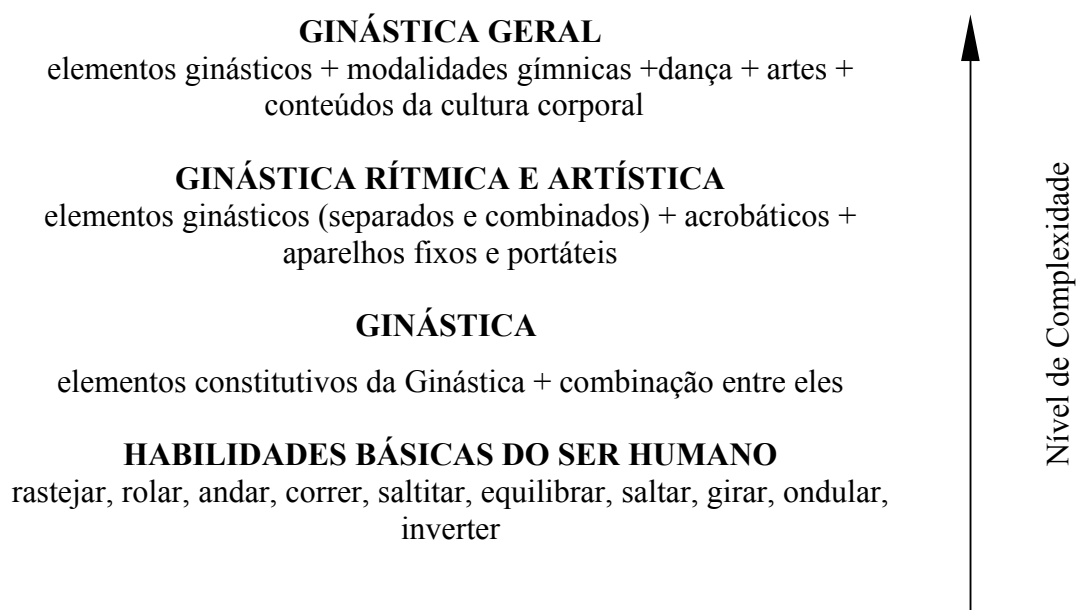
Estamos nos referindo, portanto, à uma hierarquia pedagógica que serve como critério na determinação das seqüências de aprendizagens dos conteúdos procedimentais, que estão diretamente relacionados com os conteúdos conceituais.

O aprendizado dos conteúdos em Ginástica Escolar deve acontecer:

- do mais simples para o mais complexo;
- e das menores possibilidades de movimento para as maiores.

Baseando-nos nesta hierarquia, foi possível formular o seguinte quadro (TOLEDO, 1999:167):

Quadro 4 - Hierarquia para o desenvolvimento dos conteúdos procedimentais na Ginástica Escolar



O procedimento específico de cada conteúdo refere-se à lógica interna ou à estratégia que é única para o alcance de uma meta também específica. Traçando um paralelo com a Ginástica Escolar, poderíamos dizer que este tipo de procedimento refere-se aos passos pedagógicos para o aprendizado de determinado conteúdo conceitual. Ou seja, elencamos alguns elementos básicos da GA e da GR (conteúdo conceitual), demos exemplos de suas variações (formas de variar ou complementar este conteúdo conceitual), e agora trataremos de como viabilizar a aprendizagem destes conteúdos conceituais e suas variações (conteúdo procedimental).

Se utilizarmos como exemplo a aprendizagem do elemento acrobático estrela (conteúdo conceitual), podemos dizer que um procedimento bem adequado para este ensino consiste, nesta sequência, em: dominar o apoio das mãos no solo; controlar o corpo em inversão (variando o movimento das pernas e a amplitude do quadril); coordenar a sequência mão-mão-pé-pé (em diferentes situações); executá-la em diferentes alturas; aumentar a amplitude entre as mãos e os pés, tanto no início do exercício quanto no final; ampliar a abertura das pernas durante o exercício; executá-la com começo, meio e fim, de forma controlada e ampla. Esta sequência pedagógica consiste no conteúdo procedimental.

Alguns livros e apostilas abordam estes processos para o aprendizado dos conteúdos gímnicos, e é a eles que os professores podem recorrer, além de logicamente consultar especialistas na área. Não conseguiríamos, neste trabalho, descrever o procedimento específico de cada um dos elementos gímnicos, levantados nestas três fases, mas, ressaltamos novamente o quão significativas são para o aluno as diferentes formas de vivenciar aquele conteúdo numa ordem pedagógica, assim como poder, através deles, realmente aprender a forma mais eficaz, segura, e, portanto técnica de executá-los.

“Ou seja, o interesse pelo prático, pela atividade, não reside somente em conhecer, memorizar, recordar a informação referente a como se faz uma observação, uma descrição, uma medida, uma manipulação, uma composição escrita, etc., corretas, mas que também interessa aprender a usar tais conhecimentos adequadamente em uma situação particular de observação, de medida, de utilização de instrumentos, de aplicação de regras, de descrição de um fenômeno, etc., pelo grau de eficácia e de aproveitamento dessa ação.” (COLL e VALLS, op.cit., p.95)

No caso específico da Ginástica Geral, é possível visualizar, à partir do quadro apresentado anteriormente, que ela ocupa a última escala na hierarquia de níveis de dificuldade dos conteúdos da Ginástica Escolar.

Devido à abrangência de suas possibilidades de ações motoras e aos diversificados conteúdos que agrega (conteúdos gímnicos, das artes cênicas, da dança, da cultura corporal), a GG mostra-se como um conteúdo procedimental que possui um alto nível de complexidade para a Ginástica Escolar, pois, para que o aluno possa explorar de forma ótima² cada um destes conteúdos e possa ainda integrá-los de forma harmônica e estética, no processo de vivência e aprendizagem ou numa coreografia, faz-se necessário que o mesmo já tenha tido contato prévio com estes conteúdos por ela agregados.

Parece claro que o aluno terá maior probabilidade de otimizar estes conteúdos e integrá-los, se já tiver tido acesso aos mesmos em estágios de aprendizagem anteriores, de formas diferenciadas. O raciocínio que acompanha esta proposta é o mesmo que foi mencionado nas colocações feitas após a exposição do quadro 04, ou seja, é muito difícil esperar algo do aluno que ele não possa nos oferecer, pois a ele não fornecido subsídios suficientes para isso.

A base desta proposta é muito simples: o aluno deve inicialmente apropriar-se do conhecimento, de diferentes formas, para depois aprofundá-lo e integrá-lo à outros conteúdos.

Como esperar dos alunos de primeira e segunda séries que eles sejam expressivos, consigam transmitir para o público a essência do tema que está sendo desenvolvido, se os mesmos não possuem maturidade para isso ou não vivenciaram jogos cênicos? Como esperar um processo muito criativo e ousado, se os alunos não possuem sequer um vocabulário motor ou vivências corporais diferenciadas anteriores?

Uma das propostas da GG é o trabalho com materiais alternativos. Um aluno que já tenha tido contato com a modalidade Ginástica Rítmica, por exemplo, já terá vivenciado e explorado: diferentes tipos de manejo com os aparelhos de Ginástica Rítmica (rolar, lançar, recuperar, fazer rotações, balanceamentos, etc), a relação e a harmonia do movimento do aparelho com os movimentos corporais, a adaptação do movimento corporal segundo as características físicas do aparelhos (peso, tamanho, altura, forma de preensão, tipos de movimento que proporciona, etc), a criação de novos movimentos de manejo para as composições coreográficas, a expressividade etc.

Esta justificativa fica muito evidente quando observamos a *exploração e a interpretação* de um tema ou coreografia por ginastas, ex-ginastas, ou alunos que em algum momento de suas vidas já vivenciaram os conteúdos da GG (Ginástica, elementos da cultura corporal, dança, artes, etc), como por exemplo, observarmos trabalhos

² Entenda-se como *forma ótima*, a forma ideal, intensa, significativa e reflexiva de se vivenciar, explorar e compreender um conteúdo.

desenvolvidos pelo Grupo Ginástico Unicamp ou por alguns grupos de clubes, e trabalhos desenvolvidos em Escolas.

Isto não quer dizer que a GG não possa ser trabalhada com crianças, em diferentes faixas etárias na Escola. Sem dúvida, alguns ou muitos de seus conteúdos serão contemplados, os alunos serão capazes de criar movimentos, com prazer e integração, participar de um processo valorativo e significativo, e este trabalho dará muitos frutos para a Escola e para os alunos. Os estudos de AYOUB (1998), em que a Ginástica Geral é abordada como uma perspectiva para a Educação Física Escolar, apontam para uma proposta de desenvolvimento da GG na Escola, com base em experiências práticas e com respaldo teórico profundo.

A prática da GG é aconselhável em qualquer idade, para diferentes grupos de interesse, no espaço formal e não formal, sendo bem apropriada ao ambiente escolar devido às características que possui. Algumas delas são:

- não possuir um número definido de participantes;
- não ter a faixa etária e o sexo dos praticantes pré-estabelecidos;
- não possuir elementos obrigatórios;
- propiciar a socialização;
- aproveitar e valorizar a vivência individual dos participantes;
- proporcionar a elaboração de coreografias;
- possibilitar a execução de coreografias de pequena e grandes áreas;
- integrar movimentos da cultura corporal, da Ginástica, das Artes e da Dança;
- trabalhar com materiais alternativos ou não convencionais, etc.

Finalizando, o conteúdo procedimental Ginástica Geral, enquanto parte da área de conhecimento da Ginástica Escolar, pode e deve ser aplicado de diferentes formas, em todo o âmbito escolar, como conteúdo da Educação Física ou como atividade extra-classe, mas talvez possa ser melhor apropriada e vivenciada, em toda sua abrangência, com maior profundidade, reflexão e ousadia, à partir da vivência prévia pelos alunos dos conteúdos por ela agregadas, como sugere o quadro de Hierarquia para o desenvolvimento dos conteúdos procedimentais na Ginástica Escolar (op.cit).

Referências Bibliográficas

AYOUB, Eliana. A Ginástica Geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a Educação Física Escolar. Tese de Doutorado. Campinas: Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

COLL, César et alli. Os conteúdos na reforma - ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. (tradução Beatriz Afonso Neves). Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

_____. & VALLS, Enric. A aprendizagem e o ensino dos procedimentos in COLL, César et alli. Os conteúdos na reforma - ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. (tradução Beatriz Afonso Neves). Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

TOLEDO, Eliana. Proposta de Conteúdos para a Ginástica Escolar: um paralelo com a Teoria de Coll. Tese de Mestrado. Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1999.

Endereço: Av. Jesuíno Marcondes Machado, no. 2201, apto 103, Edifício Piazza Navona -
Jd. Planalto Campinas – SP

GINÁSTICA GERAL E FORMAÇÃO HUMANA

Fernanda Célia Alcântara Silva Chaparim-Mestranda
Elizabeth Paoliello-Doutora
Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral- F.E.F./UNICAMP

Resumo: Este trabalho versa sobre a ginástica geral, a concepção pedagógica desta prática pelo Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral F.E.F./UNICAMP, seus princípios norteadores; formação humana e capacitação, e a vivência de um projeto de Ginástica Geral na concepção do Grupo, de 1997 a 2000, com adolescentes em situação de risco, no Externato São João, instituição salesiana de proteção ao menor, situado na cidade de Campinas-S.P., que possui objetivos sócio-pedagógicos coerentes com os princípios da concepção do Grupo. Observou-se que durante a aplicação deste projeto foram vivenciado, pelas adolescentes, valores humanos de acordo com a concepção de Maturana & de Rezepka (1995).

A Ginástica Geral

A Ginástica Geral é uma atividade gímnica não competitiva, sem normas e padrões obrigatórios. Tem como um de seus objetivos propiciar o bem estar físico, mental e social de seus praticantes. Por sua característica abrangente e aberta permite vivenciar inúmeras experiências motoras, utilizando de diferentes conteúdos; danças, ginásticas, lutas e jogos, com diversos temas, formas, estilos, tendências, ritmos, músicas, materiais e vestimentas.

Não há um número determinado de participantes, podendo ter praticantes de ambos sexos, de diferentes idades, capacidades, habilidades, condições físicas, tradições e culturas. Não sendo seletiva, não exige um alto nível de performance e permite formar grupos mistos e diversificados quanto à idade, performance e habilidade.

Proporciona a formação integral da pessoa nos aspectos motor, cognitivo afetivo e a interação social, congregando pessoas e grupos, respeitando as características culturais e tradições de cada grupo.

Ao proporcionar a interação social de pessoas e grupos torna-se um fenômeno sócio-cultural, congrega pessoas e respeita as características culturais e suas tradições, sendo esta vivência cultural muitas vezes o centro de partida do trabalho.

No âmbito mundial a Ginástica Geral é proposta orientada, difundida pela Federação Internacional de Ginástica (F.I.G.), que a define como

“parte da ginástica que está orientada para o lazer, onde pessoas de todas as idades podem participar simplesmente pelo prazer que sua prática proporciona, promovendo a saúde, a condição física e a interação social, contribuindo dessa forma, para o bem estar dos praticantes. Oferece um vasto campo de atividades, sempre respeitando as características, interesses e tradição de cada povo, expressadas através da variedade e beleza do movimento corporal.” (F.I.G., 1993)

Esta instituição considera a Ginástica Geral como fenômeno educacional ao “proporcionar o crescimento humano e social, respeita a individualidade, e deve ser praticada com espírito alegre e despreocupado, onde a pessoa deve estar consciente do valor do esporte e sentir-se como parte do contexto esportivo” (Souza, 1997, p.34).

O Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral F.E.F./UNICAMP realiza há 12 anos trabalhos na área pedagógica da Ginástica Geral. De acordo com Souza (1997) a Ginástica Geral para este Grupo de Pesquisa é entendida como:

“Uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da ginástica, integradas às demais formas de expressão de ser humano de forma livre e criativa. Sua principal característica é a de proporcionar a prática da Ginástica sem fins competitivos, para o maior número de pessoas, independentes da idade, sexo, condição física ou técnica, proporciona uma gama infinita de experiências motoras, além de estimular a criatividade, o prazer no movimento, o resgate da cultura de cada povo e a interação social.” (p. 292)

Este Grupo, numa abordagem sócio-cultural da Educação Física, cujo foco central é o ser humano, valoriza e privilegia as experiências da cultura corporal que o praticante já possui, servindo de referência de si mesmo como ser cultural e ponto de partida de todo o trabalho, em direção à apropriação dos conhecimentos da cultura corporal pertinentes aos diversos grupos sociais.

A Formação Humana e Capacitação

Maturana & de Rezepka (1995) defendem a idéia que “o futuro deve surgir de homens e mulheres que viverão o futuro. Homens e mulheres que deveriam ser íntegros, autônomos e responsáveis por seu viver e por aquilo que fazem, pois o fazem por si mesmos; homens e mulheres sensíveis, amorosos, conscientes de seu ser social e de que o mundo que vivem surge com seu viver”. E acreditam que “a tarefa educacional é formar seres humanos para o presente, para qualquer presente, seres nos quais outro ser humano pode confiar e respeitar, seres capazes de pensar tudo e fazer o que se queira como um ato responsável de sua consciência social” (1995, p.10).

Para estes autores a maior dificuldade na tarefa educativa é a confusão existente entre duas categorias de fenômenos distintas a formação humana e capacitação. Formação humana é considerada o desenvolvimento da criança em tornar-se pessoa “capaz de ser co-criadora com outros de um espaço humano de convivência social desejável” (1995, p.11). Como tarefa educacional “consiste na criação de condições que orientem e apoiem a criança durante seu crescimento, como um ser capaz de viver o auto-respeito, o respeito pelo outro, que pode dizer não ou sim por si mesmo, e cuja individualidade, identidade e autoconfiança, não se fundam na oposição ou diferença em relação aos outros, mas no respeito por si próprio, de tal modo que possa colaborar justamente porque não tem medo que a relação desmorone.”(p.11)

Pérez Gallardo (1997, p.82) em relação a formação humana no processo educativo, salienta a importância de propiciar atividades onde aos alunos vivenciem os valores humanos como: a cooperação, responsabilidade, a amizade, solidariedade, criatividade, carinho, liberdade, confiança em si mesmo, a crítica e o fornecimento de soluções dos problemas que se critica, disponibilidade para estar a serviço do grupo e não o grupo a serviço do indivíduo.

Estes elementos da formação humana devem ser incorporados e exercidos no cotidiano atual do aluno, visto que seu futuro é uma incógnita.

Capacitação, conforme Maturana & de Rezepka, relaciona-se com as “aquisições de habilidades e capacidades de ação no mundo em que se vive como recurso operacional que a pessoa tem para realizar aquilo o que queria vivenciar” Como tarefa educacional consiste na “criação de espaços de ações onde se exercitem as habilidades que se deseja desenvolver, ampliando-se as capacidades de fazer com reflexão sobre esse fazer como parte da experiência que se vive e se deseja viver” (1995, p.11).

A concepção de Ginástica Geral do Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral F.E.F./UNICAMP, é pedagógica, centrada na pessoa e na formação de valores humanos, enfatiza a formação humana em relação à capacitação. Por meio da capacitação o aluno vivencia e aprende novas possibilidades motoras, sendo um meio para que o processo educativo ocorra. Desta forma, o trabalho não pode ser analisado e avaliado apenas pelo produto final, ou seja, a composição coreográfica, pois a sua importância encontra-se principalmente no processo, onde os elementos de formação humana são desenvolvidos. Os praticantes integram propostas de trabalhos grupais que tenham relação com as suas necessidades, características, expectativas, enfatizando elementos culturais, com base nos elementos de formação humana, tais como a cooperação, responsabilidade, auto-estima, respeito por si e pelo outro, predisposição e criatividade. São incentivados a desenvolverem suas qualidades, explorarem e descobrirem seus potenciais.

Adolescentes em situação de risco

O Externato São João é uma instituição salesiana com objetivos e ações sócio-educativas compatíveis com os princípios e objetivos da concepção pedagógica do Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral F.E.F./Unicamp.

Situada na cidade de Campinas esta instituição deseja tornar-se um programa integral de proteção aos jovens, conforme orientação do artigo 90 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Tem como objetivo contribuir na formação de cidadania e de valores cristãos do jovem, torná-lo cidadão que saiba usar de seu livre-arbítrio de tal forma que isso resulte em consequências boas para si e para os outros, que seja capaz de reger-se com base em princípios cristãos de fraternidade; de refletir sobre suas próprias ações e as do grupo.

Atende adolescentes que viveram nas ruas, moradores das periferias pobres e favelas da cidade, jovens trabalhadores informais com poucas expectativas de profissionalização, entrada no mercado de trabalho e inserção social, jovens que fizeram uso de drogas leves, rejeitados, abandonados, encaminhados pela Vara da Infância e Juventude.

De acordo com LELO (1997, p.29) os adolescentes provedores de suas famílias saem de seus bairros de origem para o centro da cidade e por meio da mendicância e/ou trabalho informal correm o risco de tomar conhecimento e ingressar no mundo do tráfico e uso de drogas, o que por sua vez, vem fragilizar os vínculos familiares. Adolescentes que não têm oportunidade de desenvolverem suas potencialidades e de vivenciarem realidades de sua própria faixa etária e suas famílias não oferecem uma estrutura segura para o desenvolvimento afetivo, muitas vezes experimentam o sentimento de rejeição e abandono.

Há adolescentes que mesmo estudando precisam de apoio e proteção fora do horário escolar, pois estão em situação de risco. São provenientes de favelas e conjuntos populares da periferia, que desejam trabalhar, ajudar no orçamento da família, mas estão "despreparados, com baixa escolaridade, em expectativa de serviço militar e não encontram curso de caráter preparatório que os capacitem profissionalmente" (LELO, 1997, p.30).

Alguns jovens com maturidade e responsabilidade precisam de um encaminhamento e de incentivo para buscarem melhores condições de desenvolvimento profissional. Caso contrário optam pela profissão de seus familiares, ficando sem conhecer suas habilidades e desacreditam de suas capacidades profissionais.

O Projeto

De 1997 a 2000, foi desenvolvido o projeto com os seguintes objetivos:

- a.) Oferecer uma proposta de vivência de Ginástica Geral na concepção do Grupo de Ginástica Geral FEF/UNICAMP aos adolescentes em situação de risco, alunos da instituição salesiana Externato São João-Campinas-S.P.
- b.) Avaliar a proposta identificando o significado desta atividade e as contribuições à formação humana, às adolescentes participantes por meio de pesquisa qualitativa.

O projeto atendeu adolescentes com faixa etária de 11 a 18 anos, provendo de diversos locais de Campinas, a maioria desprovida de condições mínimas de saúde, higiene, moradia, lazer e instrução escolar. Em seus quatro primeiros semestres participaram em média 50 adolescentes de ambos os sexos, em seções semanais de 3 horas de duração. E nos quatro semestres seguintes participaram em média 25 adolescentes do sexo feminino, em seções semanais de uma hora e meia, das quais 20 adolescentes constituíram o universo da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de observações assistemáticas das aulas e entrevistas despadronizada da modalidade focalizada (Lakatos, Marconi, 1991, p.197) às adolescentes participantes no final do projeto.

A análise dos dados, encontra-se em fase de elaboração.

Considerações finais

Por meio deste projeto pudemos observar que a maioria das jovens sofreram e sofrem tantas marginalizações e discriminação que acabam incorporando conceitos negativos sobre si mesmas, passando a acreditar que não possuem valor e que não têm competência para realizar seus sonhos e ideais. A Ginástica Geral na abordagem sócio-cultural com ênfase na formação humana proporcionou a elas, oportunidades para sentirem-se valorizadas, vivenciarem valores humanos, com respeito por si mesmas, e responsabilidade sobre seus atos, que valorizassem mais o saber ser ao saber fazer, que vivessem solidariamente, vendo no outro um ser humano igual em seus direitos, mas diferente nas suas características e, portanto, merecedor de respeito e oportunidade. Vivenciaram a democracia e a igualdade ao darem sugestões e idéias e estas serem ouvidas e discutidas pelo grupo, ao solucionarem, em grupo, problemas relativos as montagens das coreografias, provarem a si mesmas e aos outros que são capazes de produzirem e apresentarem coreografias publicamente, de sentirem fortalecidas como pessoa.

Pelas observações e entrevistas constatamos que o projeto oportunizou às jovens vivência de valores humanos e desde modo a Ginástica Geral na concepção do Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral F.E.F./UNICAMP pode vir a contribuir com uma parcela na formação humana das adolescentes em situação de risco em uma instituição salesiana de proteção ao menor, e representar um pouco de esperança e luz em suas vidas.

Esta vivência da Ginástica Geral com estas adolescentes confirma o pensamento de Maturana & de Rezepka (1995) que a formação humana é fundamental em todo o processo educativo, e que ela só se completa quando a criança puder viver como um ser socialmente responsável e livre, capaz de refletir sobre seu querer e seu pensar, capaz de ver e corrigir erros, capaz de cooperar e de ter uma conduta ética, que não desaparece em suas relações com os demais, e capaz de não ser levado às drogas ou ao crime porque não dependerá da opinião dos outros, e não buscará sua identidade em coisas fora de si.

Bibliografia

- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE - General Gymnastics Manual, Montreal, 1993.
- LAKATOS, E. M., MARCONI, M.A. – Fundamentos de metodologia científica, São Paulo. Atlas, 1991.
- LELO, A. F. - Como educar adolescentes de rua, São Paulo: Ed. Salesiana D. Bosco, 1997.
- MATURAMA, H. REZEPKA, S. N. - Formacion Humana y capacitacion, Santiago: Dolmen, 1995.
- PEREZ GALLARDO, J. S.- Educação Física: contribuição à formação profissional, Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.
- SOUZA, E. P. M. - A ginástica Geral. Uma área do conhecimento da Educação Física, Campinas, 63p. Tese (Doutorado) , Universidade Estadual de Campinas, 1997.

A EXPRESSÃO DO MOVIMENTO NA GINÁSTICA GERAL

Profª Giovanna R. Sarôa
Grupo de Estudos em Ginástica Geral
FEF/ UNICAMP

Resumo: Entendo a Ginástica Geral como uma modalidade que compreende determinadas manifestações culturais de caráter gímico e proporciona a participação de todas as pessoas executando movimentos rítmicos, acrobáticos, de dança e (ou) de muitas outras formas de expressão. Estas manifestações são apresentadas corporalmente através de coreografias com temas escolhidos pelo grupo. A Ginástica Geral apresenta seus movimentos gestuais com expressão de alegria onde, o controle do corpo torna-se instrumento para transmitir mensagens que são alcançadas no contexto da demonstração coreográfica. As idéias e sentimentos são expressos pelo fluir do movimento e se tornam visíveis nos gestos apresentados nas coreografias. A expressão é portanto a própria execução e apresentação dos movimentos.

O meu interesse em estudar a expressão dos movimentos na Ginástica Geral (GG) vem desde 1999, quando vinculei-me ao Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da FEF/UNICAMP, tal grupo, reconhecido pelo CNPq.

Este estudo procura mostrar o vínculo que os integrantes de um grupo de GG estabelecem com o público através das coreografias expressivas apresentadas.

Sendo a GG uma modalidade gímnica, ou área da Ginástica, orientada para o lazer, sem discriminação de idade, gênero, capacidade física, ou de habilidades técnicas ou táticas coletivas (FIG, 1993), fica ainda mais evidenciado a prática prazerosa desta modalidade onde, as formas de apresentações tornam-se “teatrais” em haver por parte dos ginastas interesse em mostrar e manter contato com o público, oferecendo experiência estética bastante diversificada para praticantes e espectadores. A grande meta, o grande desafio dos praticantes da GG, acredito que está na sua habilidade de comunicar-se com o público que assiste à sua apresentação. A sua expressão traduz-se na forma estética, e se torna uma experiência para outros, confirmando uma relação entre arte e apreciação. Num esporte de apresentação como a GG, as possibilidades de expressão são infinitas.

A Ginástica Geral tem sido uma forma de espetáculo com apresentações criativas, onde, desde as roupas até os aparelhos alternativos são acessórios das coreografias que são vistos sob um foco expressivo.

Pérez Gallardo (1997,p.45) define:

“Expressão corporal é a capacidade que permite expressar idéias, pensamentos, emoções e estados afetivos com o corpo. Portanto, é uma capacidade de síntese que agrupa todas as outras capacidades no relacionamento com o ambiente”

As formas, as ações e os gestos são as possibilidades que os ginastas exploram com seu corpo; essa expressão corporal é transmitida com sentimento, este, sempre presente, tanto no processo criativo bem como no momento de demonstração, e em ambos, de forma livre. No processo de criação das coreografias, as idéias e as emoções são expressos pelo fluir dos movimentos e se tornam visíveis nos gestos mostrados em cena. Portanto, a expressão está sempre no campo da emoção. Nos estudos dos temas propostos para a criação das coreografias, são expressados diferentes sentimentos, formando assim um acervo de idéias. Uma idéia simples pode servir de referencial para uma infinidade de gestos e de cenas.

A expressão é portanto a própria execução e apresentação dos movimentos. A magia que se estabelece entre quem faz o espetáculo e o público que o assiste, a experiência estética que nisso se molda, são elementos que estão no universo da arte. Conforme afirma Laban (1971) *“A arte é um fenômeno humano mais completo e disseminado. Arte é a criação de formas perceptivas expressivas do sentimento humano. O desejo que o homem acalenta de orientar-se no labirinto de seus impulsos resulta em ritmos de esforço definidos”* (p.43), acredito que tais desejos são apresentados e praticados na Ginástica Geral.

A expressão corporal pretende portanto preencher um espaço que há entre nosso corpo e o mundo, entre nós e o outro, tornando-o assim uma unidade. O movimento é um meio de expressão artística, e, podemos ver isto claramente nas coreografias da Ginástica Geral. Na GG, a expressão de alegria dos movimentos, torna-se instrumento para transmitir mensagens, que são passadas através de demonstrações coreográficas.

É evidente que através dos movimentos são revelados muitos gestos e formas diferentes, estes, são transmitidos ao público acontecendo assim um contato imediato entre público/ginasta, há aí uma relação de sensações e magias que interferem no comportamento de quem assiste.

Esta arte dos movimentos apresentados numa coreografia, incorpora a totalidade das expressões corporais, incluindo a dança, a ginástica e o acompanhamento musical.

O senso artístico dos praticantes da GG e as qualidades expressivas podem ser constatadas de várias maneiras: no ritmo, na musicalidade, na sua capacidade estética, na forma, nos gestos e nas expressões faciais.

O movimento e sua vasta gama de manifestações expressivas corporais não só oferecem um denominador comum ao trabalho desenvolvido na ginástica geral, como também assegura os fundamentos do entusiasmo comum a todos que participam de sua criação.

Através das apresentações que acompanhei como integrante e telespectadora do Grupo Ginástico Unicamp (GGU),³ constatei que cada ginasta deixa-se levar pela fantasia, experimentando diversos prazeres com a prática e as possibilidades de apresentá-la. Percebo que há uma motivação por parte dos integrantes que consegue manter um contato com o público através das coreografias, e acredito que tudo isso se dá por conta desse fenômeno que está em torno da expressão dos movimentos.

Conforme podemos ler em Roble (2000,p.58),enquanto a comunicação refere-se a uma transmissão explícita de significados da maneira mais clara e sem interferências possíveis, a expressão está no campo da emoção, seu desejo é o de manifestar sentimentos. No momento em que uma pessoa experimenta as possibilidades do seu corpo, explora formas de ações e gestos há aí uma influência de sentimentos. Do indivíduo em relação ao grupo, de toda uma linguagem corporal historicamente construída encontrado um novo corpo que é único mas, ao mesmo tempo, coletivo, pois faz parte de uma cultura que tem sua realidade histórica, e, também, faz parte de uma sociedade que pertence a determinados grupos com suas características peculiares. Seu corpo precisa expressar toda essa realidade. Somente imitar e repetir subjuga violentamente sua existência. Se há seguidores fiéis de modelos calcados na imitação e na repetição é pela futilidade característica de costumes construídos no interior de uma sociedade capitalista onde, para se vender mais, é preciso que as pessoas imitem a propaganda e reproduzam hábitos de consumo.

Com isso, o objetivo principal deste estudo, é mostrar que através de gestos e ações os integrantes da ginástica geral, transmitem na forma de expressão corporal seus sentimentos, e, isto acontece por a GG dar abertura para o divertimento, para o prazer, para a simplicidade, para o diferente, para a participação de todos podendo “todos” expressarem-se da maneira mais clara possível.

Bibliografia:

- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. *Manuel de Gymnastique Générale*. Moutier: 1993
- Laban, R. *Domínio do movimento*. São Paulo, Summus, 1971.
- Pérez Gallardo, J. et al. *Educação Física: contribuição à Formação Profissional*. Ijuí: Unijuí, 1997.
- Roble, O. J. *A Ginástica Geral como foco expressivo*. In. **anais:** Fórum Brasileiro de Ginástica Geral. Campinas/ SP.: Unicamp: SESC, 2000

Giovanna Regina Sarôa
R.: Presidente Wenceslau, 337 Jd.: Flamboyant – CEP.: 13.093-010

³ O “Grupo Ginástico Unicamp” é um grupo de Ginástica Geral vinculado à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, desde 1989.

Campinas / SP.
Tel.: 32529558 / cel.: 91236305
e-mail: giovanna_saroa@hotmail.com

A GINÁSTICA GERAL E OS CURSOS DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Prof^ª. Ms. Ieda Parra Barbosa Rinaldi
Doutoranda em Pedagogia do Movimento – DEM/FEF/UNICAMP
Professora do Departamento de Educação Física da UEM
Prof^ª. Dr^ª. Elizabeth Paoliello Machado de Souza
Departamento de Educação Motora/FEF/UNICAMP
Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da FEF/UNICAMP.

Resumo: Este estudo caracteriza-se como qualitativo do tipo descritivo e pretende apontar caminhos para a inserção da Ginástica Geral (GG) como componente curricular na formação profissional em Educação Física. Foram coletados dados em nove Cursos do Estado do Paraná e a análise foi feita através da metodologia “Análise de Conteúdo” (Bardin, 1977). Constatou-se que, existe uma maior preocupação com a capacitação nas disciplinas gímnicas, contrariando o previsto nos projetos pedagógicos dos cursos pesquisados. Portanto, a maneira como estas disciplinas estão inseridas nos currículos deve ser repensada e, um dos caminhos seria a reflexão da proposta de GG do Grupo de Pesquisa em GG da FEF/UNICAMP.

Considerações Iniciais

Os cursos de Licenciatura Plena em Educação Física foram concebidos inicialmente com o objetivo de formar professores para atuar na escola. Nesta linha de pensamento, o palco central pensado para a futura atuação do acadêmico de Licenciatura em Educação Física é a **escola** e o papel das Instituições de Ensino Superior é decisivo e imprescindível na formação dos profissionais, pois estes, ao concluírem seus cursos, devem possuir os conhecimentos necessários para atuar principalmente na Educação Física Escolar, enfatizando a reflexão e a compreensão da cultura corporal articulada com um projeto político pedagógico.

No entanto, os dados levantados em um estudo relacionado com as disciplinas gímnicas feito por Barbosa (1999), apontam para o entendimento de que a formação profissional não está possibilitando que se cumpra este papel. Nista-Piccolo (1988) confirma a deficiência do conteúdo Ginástica no âmbito escolar, em seu estudo realizado nas redes particular, municipal e estadual de ensino em Campinas, constatando a ausência de conhecimento do professor sobre a Ginástica Rítmica Desportiva e a Ginástica Artística.

Cabe então aqui uma reflexão sobre o papel da Formação Profissional em Educação Física, mais especificamente sobre o conteúdo Ginástica pois, é preciso questionar a formação profissional de Licenciatura em Educação Física, principalmente com relação às disciplinas gímnicas.

Para Soares (1995: 138) o profissional de Educação Física deveria saber sobre seus temas mais que do que a mídia para poder romper com a cultura de massa que mantém linguagens simplificadas das atividades corporais. Sendo a Ginástica um dos conteúdos

que o professor de Educação Física deveria dominar, é preciso centrar esforços para interferir na formação profissional em licenciatura, relacionada com as manifestações gímnicas. Mas que Ginástica seria adequada à escola?

Certamente uma Ginástica que possibilite a participação de todos sem exceção. Uma Ginástica que respeite os limites de cada um, privilegiando as potencialidades individuais e coletivas, colaborando assim para o desenvolvimento de todos e respeitando a subjetividade presente no movimento de cada um além de promover o mútuo aprendizado e a socialização de conhecimentos. Acredita-se então, ser possível legitimar a Ginástica como conteúdo na escola, através da Ginástica Geral, que:

“se apresenta como uma atividade gímica sem cunho competitivo, abrindo espaços para a participação e criação. Não possui regras rígidas nem está condicionada a nenhuma modalidade convencional de ginástica. A Ginástica Geral busca atingir uma liberdade gestual em qualquer nível de complexidade, além de se basear nas experiências individuais dos alunos. Tem como características básicas promover o conagraçamento num caráter descontraído de festa, enfatizar o trabalho grupal, oferecendo diferentes possibilidades de atividade, mas visando resgatar elementos culturais”(Nista-Piccolo, 1995: 119).

Assim ela pode representar o conteúdo Ginástica no contexto escolar, tendo como pressuposto o que Ayoub (1998: 128) afirma: “*podemos considerar que a Ginástica Geral enquanto **conhecimento a ser tratado** na Educação Física Escolar, ou seja enquanto conteúdo de ensino, representa o que podemos compreender como Ginástica*”.

Outro fator a ser considerado é que as características da Ginástica Geral permitem “*ao aluno a interpretação subjetiva das atividades ginásticas, através de um espaço amplo de liberdade para vivenciar as próprias ações corporais*” (Coletivo de Autores, 1993: 77) e, nesse sentido Soares (1995: 135) diz que “*nos escritos sobre a ginástica encontra-se um olhar filosófico, artístico e literário que, somado aos avanços das ciências consolidadas com o empirismo, empresta um teor poético e estético a este tema da cultura corporal*”, e é na Ginástica Geral que se encontra a cientificidade aliada à subjetividade e todas características supracitadas.

Considerando que a “*ludicidade, a criatividade e a liberdade de expressão são aspectos marcantes e determinantes na Ginástica Geral*” (Ayoub, 1996: 41), e que, enquanto um dos elementos da cultura corporal possui sentidos e significados através do seu contexto histórico cultural (Bracht, 1992), acredita-se que a Ginástica Geral possa ser um conteúdo da Educação Física.

Nesse sentido, provisoriamente, conclui-se que a Ginástica Geral pode ser trabalhada como um conteúdo de sucesso dentro do espaço que a Educação Física Escolar ocupa, quando compreendida

“*como uma prática corporal não competitiva que se fundamenta na Ginástica, promovendo uma integração e síntese entre a Ginástica **científica**⁴ e as diversas manifestações da Ginástica na atualidade, de modo a recuperar o seu núcleo primordial e incorporá-lo à*

⁴ Para entendimento do termo “Ginástica Científica”, ler o livro de Carmen Lúcia Soares, intitulado: “Imagens da Educação no Corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX”, editado por: Autores Associados, em 1998.

*contemporaneidade das diferentes interpretações da Ginástica. Isto significa que o seu eixo fundamental é a **Ginástica**, podendo transitar por outros elementos do universo da cultura corporal (como por exemplo a Dança, o Jogo, os Esportes, as Lutas etc.), reinterpretando, ressignificando e transformando esses elementos em sua prática, porém atenta à sua especificidade e a cada um deles” (Ayoub, 1998: 94).*

Em suma, a Ginástica Geral é um elemento da cultura corporal, podendo participar do processo de formação de indivíduos críticos, assumindo assim sua função educacional.

Dessa forma, acredita-se na necessidade da presença dessa manifestação gímnica nos cursos de formação profissional de Licenciatura em Educação Física e tem-se a seguinte inquietação: Quais são as perspectivas para a inserção da Ginástica Geral como componente curricular na Formação Profissional dos Cursos de Licenciatura em Educação Física?

Ao lado deste problema, e para melhor compreendê-lo, o objetivo aqui proposto é o de apontar caminhos para a inserção da Ginástica Geral como componente curricular na Formação Profissional dos Cursos de Licenciatura em Educação Física, tendo em vista os cursos de Licenciatura em Educação Física do Estado do Paraná.

Metodologia

A pesquisa caracterizou-se como qualitativa, do tipo descritiva. Participaram do estudo, 9 (nove) cursos de Licenciatura em Educação Física do Estado do Paraná que já tinham pelo menos uma turma de formandos. Fizeram parte da população investigada 32 (trinta e dois) docentes que atuam em disciplinas relacionadas com as manifestações gímnicas e 279 (duzentos e setenta e nove) alunos do último ano da graduação. Foram utilizados dois instrumentos de medida: a) *entrevista semi-estruturada* com os professores; d) *questionário* com os acadêmicos. Os dados foram coletados nos Departamentos ou Faculdades de Licenciatura em Educação Física das Universidades do Estado do Paraná e, foram tratados através da metodologia proposta por Bardin (1977), que entende análise de conteúdo “*como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens*”(1977:38).

Buscando a realidade

Primeiramente serão apresentados os dados encontrados nos discursos dos docentes e nos discursos dos discentes sobre a Ginástica Geral nos cursos de Licenciatura em Educação Física do Estado do Paraná. A seguir esses dados serão discutidos com o objetivo de apontar caminhos para a inserção da mesma como componente curricular na formação dos profissionais destes cursos, como foi previsto para este estudo, pois:

“Uma análise da Ginástica Geral no âmbito da Universidade, faz-se necessária neste trabalho, por constituir a Ginástica uma das principais manifestações da Educação Física, desde sua origem até os dias de hoje,

caracterizando-se como uma parte relevante do conhecimento produzido e transmitido no contexto acadêmico” (Souza, 1997: 63).

A apresentação dos resultados sobre a presença do conteúdo Ginástica Geral nos cursos de Licenciatura em Educação Física no Paraná, provoca alguns questionamentos e possibilita algumas constatações que se pretende apresentar a seguir.

Verificou-se que a maior parte dos docentes acredita que o conteúdo Ginástica Geral, esteja presente nos cursos em que trabalham, 1 (um) docente diz que este conteúdo não está presente nos cursos e os demais não souberam responder. Isto demonstra que os docentes que acreditam não trabalhar este conteúdo nas disciplinas que ministram, não tem conhecimento do que os outros professores trabalham nas demais disciplinas gímnicas. Este fato parece demonstrar que as disciplinas acontecem desconectadas umas das outras, ocasionando muitas vezes repetição de conteúdo e principalmente a falta de outros.

Nesse sentido Faria Júnior (1992: 235 - 236) diz que a formação profissional, hoje *“é marcada por contradições, que se tornam muito nítidas quando se busca constituir o elenco de disciplinas dos currículos dos cursos de formação em Educação Física. Os currículos continuam a fracionar o conhecimento”*.

Quanto à concepção de Ginástica Geral, percebe-se que, embora a maioria dos docentes acreditem que o conteúdo Ginástica Geral esteja presente em seus cursos e também que trabalham com este conteúdo em suas disciplinas, a maior parte dos docentes (72,8%), quando conceituam este fenômeno da cultura corporal, demonstram não ter conhecimento sobre o assunto. Isto também é observado nos discursos dos discentes.

Contudo, esta constatação indica a existência de um paradoxo entre a concepção de Ginástica Geral dos docentes e dos discentes pesquisados e a Ginástica Geral defendida neste estudo.

Ainda com relação à concepção de Ginástica Geral, parte dos docentes (23%) e dos discentes (14%) demonstraram entendimento limitado sobre a Ginástica Geral, ou seja, suas respostas aproximam-se da concepção previamente citada neste estudo. Contudo percebe-se que o número de docentes e discentes que demonstraram ter conhecimento da existência da Ginástica Geral, enquanto manifestação cultural conhecida mundialmente, é percentualmente menor em relação aos que desconhecem a mesma.

A falta de entendimento por parte da maioria dos docentes e discentes no que diz respeito à Ginástica Geral fica ainda mais evidente quando estes citam suas características.

Dentre os docentes (25%) e discentes (22%) que apresentaram as características da Ginástica Geral, a maioria das respostas não está relacionada com as características da Ginástica Geral apresentadas pela pesquisadora neste estudo. Outra parte das respostas dos docentes (25%) e dos discentes (2%) refletiu um conhecimento limitado sobre a Ginástica Geral. Porém a maior parte das respostas, ou seja, 50 % dos docentes e 76 % dos discentes não conseguiram defini-la, o que demonstra desconhecimento sobre esta manifestação cultural, visto que a maior parte das concepções apresentadas sobre ela não foram a de uma manifestação gímnica, mas sim de várias manifestações gímnicas, ou seja, parecem falar da *Ginástica em Geral* e não da *Ginástica Geral*.

Perspectivas para a Ginástica Geral nos Cursos de Licenciatura em Educação Física

Retomando a discussão de resultados, no que diz respeito a forma como as disciplinas gímnicas estão inseridas nos cursos de Licenciatura em Educação Física no

Estado do Paraná, o trabalho permitiu a verificação de uma predominância na preocupação com a capacitação, contrariando o previsto na maioria dos projetos pedagógicos, pois foi possível observar através dos discursos dos docentes que os cursos devem salientar a formação humana (Barbosa, 1999). Quanto a isso Souza (1997: 84) afirma que *“uma das grandes dificuldades na tarefa educacional tem sido a confusão existente entre a formação humana e a capacitação, dois fenômenos distintos que permeiam toda ação educativa”*.

Para que o real torne-se o ideal, ou seja, para que o projeto pedagógico destes cursos venha realmente a se concretizar no que diz respeito às disciplinas gímnicas, acredita-se que deva ser repensada a maneira como elas estão inseridas no currículo. Nesse sentido um dos caminhos seria o conhecimento e a reflexão sobre a proposta de Ginástica Geral do Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da FEF/UNICAMP, que se baseia nos princípios de formação humana e capacitação.

“No que diz respeito a preparação profissional dos cursos de graduação em Educação Física, a Ginástica Geral deve, ao meu ver, ser integrada como parte do conteúdo necessário à formação dos futuros professores. Isto se justifica, pela sua ampla possibilidade de aplicação,(...) e principalmente por proporcionar a prática e o conhecimento das atividades motoras que embasam a Educação Física” (Souza, 1997: 131).

A proposta de Ginástica Geral acima citada, tem por base princípios a partir dos quais

“a formação humana é privilegiada em relação a capacitação, que mesmo tendo seu espaço garantido, posto que é conteúdo indispensável da Educação Física, não se sobrepõe ao desenvolvimento dos valores humanos. A capacitação é um caminho para a realização da tarefa educacional, ela acontece na prática do fazer, quando esta se dá numa situação de respeito mútuo entre o professor e o aluno. Ela só se confirma como uma capacidade de fazer e refletir sobre o fazer, quando o processo de aprendizagem ocorre com responsabilidade por aquilo que se faz”(Souza, 1997, 84-85).

Sendo portanto a Ginástica um conteúdo relevante na formação do professor de Educação Física que vai atuar principalmente na escola, torna-se necessária uma proposta que dê conta da capacitação do professor, sem perder de vista a formação humana. Estes objetivos podem ser atingidos tendo a proposta de Ginástica Geral do Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da FEF/UNICAMP como um caminho norteador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYOUB, E. Ginástica Geral: um Fenômeno sócio-cultural em expansão no Brasil. In *Coletânea: textos e sínteses do I e II Encontro de Ginástica Geral*. Campinas : Gráfica Central da Unicamp, 1996.

- _____. *A Ginástica Geral na Sociedade Contemporânea: perspectivas para a Educação Física Escolar*. Campinas, SP: [s.n.], 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.
- BRACHT, V. *Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in) feliz*. Ijuí: Ed UNIJUÍ, 1999.
- _____. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da Educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- FARIA JÚNIOR, A. G. de. Perspectivas na Formação Profissional em Educação Física. In Moreira W. W. (org.). *Educação Física & Esportes Perspectivas para o século XXI*. Campinas, SP: Papirus, 1992.
- MATURANA, H., REZEPKA, S. N de. *Formacion humana y capacitacion*. Santiago: Dolmen, 1995.
- NISTA PICCOLO, V. L. A Educação Motora na Escola: uma proposta metodológica à luz da experiência vivida. In De Marco A. (org.). *Pensando a Educação Motora*. Campinas, SP: Papirus, 1995 – (Coleção Corpo e Motricidade).
- _____. *Atividades físicas como proposta educacional para 1ª fase do 1º grau*. Campinas: SP[s.n.] 1988. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.
- PÉREZ GALLARDO, J. S. & SOUZA, E. P. M. de. Ginástica Geral: Duas visões de um fenômeno. In *Coletânea: textos e sínteses do I e II Encontro de Ginástica Geral*. Campinas : Gráfica Central da Unicamp, 1996.
- SOARES, C. L. Sobre a formação do profissional em Educação Física: Algumas Anotações. In De Marco A. (org.). *Pensando a Educação Motora*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- SOUZA, E. P. de. *Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física*. – Campinas, SP: [s.n.], 1997. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.
- _____. et al. Síntese das Discussões dos Grupos de Trabalho do Encontro de Ginástica Geral – In *Coletânea: textos e sínteses do I e II Encontro de Ginástica Geral*. Campinas : Gráfica Central da Unicamp, 1996.

Ieda Parra Barbosa Rinaldi

Endereço: Rua Campos Sales, 638, aptº 1092, Zona 6, Cep. 87020-080. Maringá – Paraná.

A GINÁSTICA NOS CAMPEONATOS ESCOLARES DE ESPORTE: DA COMPETIÇÃO À APRESENTAÇÃO

José Adônis da Silva Júnior

Graduado em Educação Física, Especialização em Pedagogia do Movimento
D.E.M – F.E.F. UNICAMP

Resumo: *Este trabalho espera antes de tudo ser uma contribuição para que a ginástica seja desenvolvida nas aulas de E.F o motivo de realizá-lo é acreditar no potencial da ginástica enquanto conteúdo a ser desenvolvido nas aulas de educação física, porém*

sabemos que isto é uma realidade distante hoje em dia, com domínio do esporte competitivo como conteúdo nas aulas de educação física.

A primeira parte do trabalho procura ver o grau de participação nas modalidades de ginástica rítmica e olímpica nos jogos escolares e a segunda uma apresentação de uma proposta para desenvolver a ginástica no campeonato Escolar de Esporte. A participação da G.R.D e G. O no campeonato escolar de esportes, através do número de alunos e escolas participantes.

Coleta de dados estatísticos quanto a participação dos alunos das escolas públicas nas modalidades G.R.D e G. O nos campeonatos escolares de esportes nos anos de 97, 98, 99 nas categorias pré-mirim até 12 anos, mirim até 14, e infantil até 16 anos, na fase delegacia de ensino que abrange uma área de seis municípios (Araçatuba, Bento de Abreu, Guararapes, Rubiácea, Santo Antônio do Aracanguá e Valparaíso). Os dados foram obtidos junto a Delegacia de Ensino de Araçatuba, por isso usamos o termo G.R.D e G. O).

Os resultados são os seguintes:

1997

Pré-mirim – G.R.D, 1 representante, (Guararapes, E.E.P.S.G Prof. Aimone Sala),

G.O masculino 0 representante

G.O feminino 0 representante

Mirim- G.R.D 0 representante

G.O – masculino = 0 representante

G.O feminino = 1 representante, (Araçatuba, E.E. Profª Nilce M.S. Melo).

Infantil- G.R.D 0 representante

G.O masculino = 0 representante

G.O feminino = 0 representante

1998

Pré-mirim – G.R.D 0 representante

G.O masculino 0 representante

G.O feminino 0 representante

Mirim- G.R.D 0 representante

G.O masculino = 0 representante

G.O feminino = 0 representante

Infantil G.R.D 0 representante

G.O masculino = 0 representante

G.O feminino = 0 representante

1999

Pré-mirim – G.R.D 0 representante

G.O masculino 0 representante

G.O feminino 0 representante

Mirim- G.R.D 0 representante

G.O masculino = 0 representante

G.O feminino = 0 representante

Infantil – Não houve esta modalidade

A ginástica no campeonato escolar de esporte de 1993 a 1999:

- Restringe-se ao campo da competição nas modalidades G.R.D e G. O.
- Poucos participantes

A partir de 1999 as duas modalidades (G.R.D e G. O) foram excluídas dos campeonatos escolares de esportes em todas as categorias e fases o que demonstra a tendência a nível estadual dos resultados obtidos na área da Delegacia de Ensino de Araçatuba.

Conclusão: A Ginástica é pouco desenvolvida enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física, nas escolas da rede pública, sendo que quando desenvolvida representa exclusivamente o campo competitivo da ginástica, através das modalidades G.R.D feminino e G. O masculino e feminino.

Objetivo: Desenvolver no campeonato escolar de esportes, uma modalidade com o nome de ginástica.

Esta modalidade para fins de participação /inscrição se dividirá em três campos:

- Ginástica de apresentação (ginástica geral)
- Ginástica de competição (gin. rítmica, gin. artística, trampolim acrobático, etc).
- Ginástica de condicionamento (aeróbica, step, localizada, etc).

Criar grupos de estudos para cada um destes campos no sentido de desenvolver a metodologia necessária para aplicação da ginástica nos campeonatos escolares de esporte.

Conseqüências da inclusão da Ginástica no Campeonato Escolar de Esportes

- a) Cursos técnicos pedagógicos nas Delegacias de Ensino para professores de Educação Física da rede pública;
- b) Criação de turmas de treinamento de ginástica em escolas públicas, desenvolvidas por professores que realizarem os cursos técnicos de ginástica nas D.Es

Autor: José Adônis da Silva Júnior
Endereço: Rua Vereador Aldo Campos, nº 62
Bairro: São Joaquim CEP: 16050-240
Telefone: (18) 6211678 / 6255510
Araçatuba - SP
E-mail: adonisjose@bol.com.br

A GINÁSTICA GERAL E A PREVENÇÃO PRIMÁRIA AO USO DE DROGAS

Luciano Truzzi
Andresa Ugaya
Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral
Unicamp

Resumo: O programa Ame a Vida sem Drogas objetiva a prevenção primária ao uso de drogas nas escolas, promover o entendimento da necessidade de uma boa qualidade de vida e da necessidade do exercício da cidadania. A Ginástica Geral, dentro do programa, contribui promovendo o aumento da auto-estima, da auto-superação, da interação social,

do respeito à individualidade, entre outros, através da prática da Ginástica. O programa de Ginástica Geral desenvolvido baseia-se na proposta do Grupo Ginástico Unicamp que tem como princípios norteadores a Formação Humana e Capacitação, como objeto de estudo a cultura corporal e como paradigma de orientação a sociabilização/socialização.

O Programa “Ame a Vida sem Drogas” está em seu terceiro ano de atividades. Desenvolvendo nosso trabalho, desde sua implantação, em 1999, na oficina de Ginástica Geral, consideramos de extrema importância a divulgação deste trabalho, tanto no que se refere a valorização da Ginástica Geral enquanto conteúdo da Educação Física, quanto à valorização dos projetos assistenciais realizados por entidades governamentais e não governamentais, nos quais o profissional de Educação Física poderá exercer fortes contribuições para a busca de uma melhor qualidade de vida.

O “Ame a Vida sem Drogas” surgiu como uma ação no combate ao crescimento do uso e do tráfico de drogas. Sua estratégia é atuar na prevenção primária, levando informações aos pais, alunos, professores, comunidade escolar e local, com o propósito de criar um ambiente de conscientização e discussão sobre a grave questão da drogadição, que vem se alastrando entre crianças e adolescentes.

O programa é uma parceria entre COMEM (Conselho Municipal de Entorpecentes), CMDCA (Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente), FEBRACT (Federação Brasileira das Comunidades Terapêuticas), GEAC (Grupo de Empresários Amigos da Criança) e Fundação FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas). Esses órgãos, enquanto setores representativos da sociedade, uniram esforços para desenvolver uma política na questão das drogas. Eles entendem e acreditam que para existir uma política moderna e eficaz no combate as drogas há uma necessidade de unir esforços tanto de órgãos públicos quanto de entidades civis. Porém, não existindo uma política governamental sólida, adaptada e eficaz nessa área, eles procuraram suprir essa carência num trabalho em conjunto.

Segundo os idealizadores desse projeto, a ação ao combate as drogas deve estar voltada à prevenção primária, ou seja, levando informações à sociedade sobre a grave questão das drogas, principalmente, às crianças e aos adolescentes.

A instituição escolhida para a aplicação do projeto piloto, em 1999, foi a escola. Para eles a escola é, juntamente com a família, a responsável pela formação do cidadão. Porém consideram um desafio, já que a escola sofre de diversas dificuldades (econômicas, com insuficiência de materiais, de recursos humanos etc).

Existe uma grande preocupação em mobilizar toda a comunidade, principalmente as famílias, no que diz respeito à importância das discussões, esclarecimentos e possíveis soluções.

Com essa ação eles esperam além de diminuir o consumo e o tráfico de drogas entre crianças e adolescentes, promover o entendimento da necessidade de uma boa qualidade de vida e da necessidade do exercício da cidadania.

O problema com drogas é algo de extrema complexidade. São diversos os fatores que levam um indivíduo a se envolver com drogas:

- má distribuição de renda;
- crise de valores;
- segregação familiar;
- influência da mídia;
- falência do sistema escolar;
- despreparo e descaso da sociedade;

A pessoa mais propensa a utilização de drogas, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde) é aquela que:

- não tem informação adequada sobre o efeito das drogas;
- apresenta saúde deficiente e está insatisfeito com sua qualidade de vida;
- possui personalidade deficientemente integrada;
- tem fácil acesso as drogas;

Algumas informações relevantes:

- estudos mundiais demonstram que as drogas estão sendo experimentadas em idades muito precoces
- segundo o CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre drogas psicotrópicas), a juventude do Brasil usa predominantemente as drogas consideradas lícitas e as obtêm em casa, na farmácia e em estabelecimentos comerciais.
- segundo o Ministério da Saúde, as internações na rede do Sistema Único de Saúde (SUS) relacionadas a doenças decorrentes do consumo de álcool, fumo e de outras drogas psicotrópicas acarreta ao Brasil um prejuízo anual de um bilhão de dólares;
- em 1997 a CEBRID publicou seu quarto levantamento sobre o uso de drogas por estudantes de 1º e 2º graus de dez capitais brasileiras. Concluiu que houve um aumento no consumo de maconha e cocaína de 68,9% (1993 - 4,5%/ 1997 - 7,6%)

Com o consumo e o tráfico de droga atingindo altos índices e o governo “fechando os olhos” e ignorando tais dados, tornou-se necessária à implantação de um projeto que seja capaz de reverter esse processo. Com esse objetivo surgiu o “Ame a vida sem drogas”.

Esse projeto espera obter resultados positivos em prazos relativamente curtos. Sua maior ação será na disseminação de informações adequadas sobre drogas, principalmente, na faixa etária de 7 a 12 anos de idade, mas que, futuramente, será estendido a todos os alunos das escolas.

O objetivo geral deste projeto é prevenir o uso de drogas nas escolas, construir o conceito de qualidade de vida e de cidadania, informando e capacitando a comunidade escolar através de atividades educativas, sociais, culturais, esportivas e lúdicas, envolvendo também nas ações: a família e a comunidade local de cada escola.

Dentro dos objetivos específicos citaremos aqueles que se aproximam do nosso trabalho com a oficina de Ginástica Geral:

- desenvolver e elevar o sentimento de auto-estima;
- trabalhar limites e tomada de decisão;
- propiciar a incorporação de valores construtivos;
- desenvolver o campo sócio-afetivo;
- promover um estilo de vida saudável;
- ampliar atividades alternativas à criança e ao adolescente dentro do ambiente da escola;
- propiciar à criança e ao adolescente a construção de uma vida mais sadia e digna;
- trabalhar para a eliminação do stress.

Quanto às estratégias, citando algumas temos:

- o envolvimento dos professores, funcionários, famílias e comunidade no planejamento das ações
- a promoção de oficinas e/ou atividades esportivas, culturais e lúdicas;
- incentivar a mobilização do trabalho dos pais na escola;
- recuperar os espaços escolares;
- abrir a escola para eventos a serem realizados com e para a comunidade.

Quanto à metodologia os aspectos mais relevantes são:

- equipe multidisciplinar
- estabelecer contato com outras instituições
- trabalhar com as seguintes oficinas: Capoeira e Dança regional, Bonecos, Arte e Contos (parceria com o Instituto de Ambiente Total) e Ginástica Geral (parceria com a Faculdade de Educação Física da UNICAMP).

As oficinas são avaliadas, anualmente de forma quantitativa e qualitativa, por representantes externos (patrocinadores) e por representantes diretamente ligados ao projeto (assistentes sociais, professores etc). A forma de avaliação foi elaborada juntamente com o departamento de pós-graduação de psicologia escolar da PUC-Campinas.

Sendo uma atividade desenvolvida dentro desse projeto, a Ginástica Geral tem como objetivo contribuir, por meio da prática da ginástica, para uma transformação interior em cada indivíduo, promovendo o aumento da auto-estima, da auto-superação, da interação social, do respeito a individualidade, além do incentivo à criatividade e a aprendizagem de gestos específicos da própria ginástica.

O programa de Ginástica Geral desenvolvido no “Ame a vida sem drogas” baseia-se na proposta do Grupo Ginástico da Unicamp que têm como princípios norteadores a Formação Humana e a Capacitação, como objeto de estudo a cultura corporal e como paradigma de orientação a sociabilização/socialização.

Segundo essa proposta a Ginástica Geral se caracteriza como:

“uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica, etc.) integrando-as com outras formas de expressão corporal (Dança, Folclore, Jogos, Teatro, Mímica, etc), de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social”. (Pérez Gallardo e Souza, 1992:292).

Quanto à metodologia, o Grupo Ginástico da Unicamp a divide em duas partes:

“uma destinada ao aumento da interação social e à vivência e exploração de inúmeras possibilidades de movimento e a outra direcionada para a utilização e exploração dos recursos que o material proporciona”. (Souza, 1997: 90).

O programa “Ame a vida sem Drogas” encontra-se no seu quarto ano de implementação e a Ginástica Geral fazendo parte deste há três. Neste ano ela está sendo oferecida em duas escolas (Escola Estadual “Prof. Messias Gonçalves Teixeira”, no distrito de Nova Aparecida na cidade de Campinas e na Escola Estadual “Júlio de Mesquita” na cidade no distrito de Sousas) e em uma instituição (União Cristã Feminina/Campinas).

De um modo geral, esperamos estar contribuindo para uma mudança no comportamento e atitude das crianças e adolescentes em direção à valorização de si mesmos e das relações com outros indivíduos.

Essa é uma etapa necessária e importante na prevenção do uso e do tráfico de drogas, objetivo geral do programa “Ame a vida sem Drogas”.

Compreendemos e acreditamos que a atividade física em geral não vai acabar com o problema das drogas, pois existem muitas outras ações necessárias. Mas ela pode

contribuir de forma significativa na prevenção e na amenização do consumo de entorpecentes.

Luciano Truzzi

R. Rev. Paulo Lício Rizzo, 87
13090-340 Campinas – SP
F: (19) 32950122
E-mail: ltruzzi@hotmail.com

Andresa de Souza Ugaya

Rua Francisco Humberto Zuppi 20
13083 350 Campinas – SP
F: (19) 32891345
E-mail: asugaya@hotmail.com

**A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO PROGRAMA INTERNACIONAL
DE FORMAÇÃO DE JOVENS LÍDERES
INTERNATIONAL YOUTH LEADER EDUCATION - 2000- “IYLE - 2000”
GYMNASTIKHØJSKOLEN I OLLERUP – DINAMARCA**

Luiz Fernando Costa de Lourdes
Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral
FEF - UNICAMP

Resumo: Este é um relato de experiência, sobre o programa vivenciado numa “escola popular” da Dinamarca através da cooperação do GGU (Grupo Ginástico UNICAMP), DGI (Associação Dinamarquesa de Ginástica e Esporte) e a ISCA (Associação Internacional de Esporte e Cultura), para formação de jovens líderes para o desenvolvimento de atividades esportivas e culturais, buscando promover o entendimento intercultural, desenvolvimento social e cidadania. Uma análise sobre o dia a dia no programa, o que é uma “escola popular” dinamarquesa, as diferenças sobre a proposta de Ginástica da Escola Dinamarquesa e a proposta de Ginástica Geral do GGU vivenciadas e as contribuições para a formação profissional.

Introdução:

Este é um relato sobre a experiência vivenciada no “International Youth Leader Education -2000” IYLE 2000 (‘Programa Internacional de Formação de Jovens Líderes-2000’) durante o período de Agosto a Dezembro de 2000, na Gymnastikhøjskolen i Ollerup (Academia de Educação Física de Ollerup) – Dinamarca.

Será feito inicialmente um breve histórico de todo o processo que culminou no intercâmbio e relacionamento para a participação neste programa.

O Grupo Ginástico UNICAMP (GGU) é a formulação vivencial do Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o qual realiza, apresentações, workshops, cursos e palestras tanto em âmbito regional, nacional (Faculdades, Escolas, Congressos, festivais) e internacional (Gymnaestradas Mundiais, Festivais em diversos países, como Argentina, Alemanha, Chile, Dinamarca, Espanha, Holanda, Itália e Suécia) sob a coordenação dos profes. Dres. Elisabeth Paoliello Machado de Souza e Jorge Sergio Perez Gallardo que vem desenvolvendo trabalhos em Ginástica Geral a 11 anos, dos quais participo como integrante há cinco.

O GGU vem se destacando, com sua proposta inovadora, dando uma visão pedagógica a este fenômeno chamado Ginástica Geral. A proximidade da concepção filosófica no trato de questões como a participação de todos, interação social, respeito mútuo entre os participantes, estabeleceram-se vínculos com o ISCA (International Sport and Culture Association - Associação Internacional de Esporte e Cultura) e o DGI (Danske Gymnastik & Idrætsforeninger – Associação Dinamarquesa de Ginástica e Esporte), gerando intercâmbios entre professores e alunos.

O “IYLE” teve a presença de nove integrantes do GGU, dois em 1997, dois em 1998, um em 1999 e quatro neste último ano, três moças e um rapaz, e este trabalho vem se firmando cada vez mais.

Para um maior esclarecimento, Vamos à primeira questão: o que é Ginástica Geral?

Segundo a FIG (Fédération Internationale de Gymnastique – Federação Internacional de Ginástica),

“... é a parte da Ginástica que está orientada para o lazer, na qual pessoas de todas as idades participam, principalmente pelo prazer que sua prática proporciona. Desenvolve a saúde, a condição física e a interação social, contribuindo, desta forma, para o bem estar físico e psicológico de seus participantes. ... para a prática sem fins competitivos e/ou demonstração...” (General Gymnastics Manual – FIG – 1993).

Segundo o GGU: “É uma manifestação da Cultura Corporal que reúne as diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica, etc.) integrando-as com outras formas de expressão corporal (Dança, Folclore, Jogos, Teatro, Mímica, etc.) de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social, e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes” (Gallardo & Souza, 1994 apud Coletânea p. 35).

Partindo deste pressuposto, foram desenvolvidas diversas experiências que obtiveram êxito, dando uma nova perspectiva de atuação ou instrumentalização para os profissionais de Educação Física. O GGU coloca-se como um “Banco de idéias” para os professores utilizarem – se do universo da Ginástica Geral em suas aulas como metodologia da Educação Física Escolar. Devido as características regionais brasileiras, encontram-se focos de conservações culturais que revelam formas muito peculiares de exploração e adaptação do meio ambiente, tais manifestações culminam em diferenças culturais “contadas” no folclore, “jogadas”, “dançadas”, etc, contendo uma riqueza plástica e artística expressadas através do movimento.

A proposta do GGU, é a interação com estas linguagens, incentivando e valorizando o indivíduo, partindo destas experiências, socializando-as para basear a exploração do grupo.

Contextualizado a Ginástica Geral e a proposta do GGU, vamos a segunda questão o que é o “International Youth Leader Education – IYLE” (“Programa Internacional de Formação de Jovens Líderes”)?

“... É um programa de educação não formal com o objetivo de contribuir para o processo educacional dos jovens para serem jovens líderes em associações voluntárias. O programa é um curso de 4 meses com o foco na liderança voluntária, democracia e trabalho voluntário como ferramentas da integração social, atividades básicas da comunidade, entendimento intercultural e cidadania. O IYLE usa o esporte, e as atividades culturais para o desenvolvimento individual dos jovens líderes ensinando-os como utilizar estas atividades como instrumentos para desenvolver o trabalho social nas associações locais, regionais ou nacionais após o curso.” (ISCA p.1, 2001).

Este programa se propõe em dar a estes “jovens líderes do futuro” uma oportunidade de inspiração que possa ser transferida dentro das atividades sociais nas condições locais, fortalecer e dar suporte para as associações voluntárias através de atividades específicas de treinamento, onde possa contribuir com a democratização e o envolvimento na sociedade. Estimular a cooperação internacional no campo da juventude e atividades esportivas através de projetos de treinamento e intercâmbio de atividades. Usar o esporte e as atividades culturais como instrumentos de integração entre os jovens.

A ISCA é uma associação internacional com organizações membros nos cinco continentes e os objetivos da ISCA são a princípio: Promover um entendimento entre as pessoas através dos campos do esporte e atividades culturais; Acentuar a visão do Esporte como suporte local, regional ou nacional de identidade, colocando-o como um centro de intercâmbio internacional de idéias, crenças e expressões culturais; Encorajar a ampliação possível da participação em Esporte e atividades culturais entre todos os membros afiliados (ISCA p.4, 2001).

Para completar estes objetivos são organizados intercâmbios internacionais, seminários, cursos treinamentos, torneios esportivos e festivais. Através do IYLE, jovens líderes voluntários são preparados e treinados para muitas atividades de cooperação internacional com o ISCA.

Participei do programa desenvolvido na Gymnastikhøjskolen i Ollerup (Academia de Educação Física de Ollerup), também conhecida como uma folkehøjskole (escola popular ou escola para o povo), esta idéia se origina de um grande filósofo dinamarquês chamado Grundtvig, padre, músico, matemático, escritor, filósofo, ele buscava implementar uma escola que buscasse desenvolver o indivíduo num todo, “preparando-o para a vida” que os temas fossem ligados a um modo de vida e não a uma grade curricular, para o ensino de matemática, línguas etc., mas sim que buscasse a formação do caráter e que fosse voltado para o povo, que não tinha acesso à formação formal (Erik H.A. Jakobsen, 2000)

Este tipo de escola desenvolveu-se no interior da Dinamarca, “... Hvor det Folke blivet... “onde o povo estava”, há mais de 100 anos, consolidando a educação não formal naquele país, uma das mais tradicionais højskole é a escola de Ollerup, fundada pelo prof. Niels Bukh, difusor e mentor da Ginástica Dinamarquesa moderna.

A Gymnastikhøjskolen i Ollerup, tem seu enfoque na Ginástica, mas também buscando uma formação nas outras expressões culturais, o estudante que passa por Ollerup, sai com a formação de Instrutor de Ollerup, dentro da estrutura organizacional dinamarquesa, as højskole tem sido a base educacional do trabalho voluntário.

Os estudantes têm no seu dia a dia atividades que visam sua formação enquanto cidadão, existem espaços para debate sobre temas diários, na classe geral, os assuntos variam de acordo com o interesse do grupo, pode-se debater sobre temas políticos, sociais, como a ciência e a modernidade, ou sobre a juventude, sobre problemas ocorridos dentro da escola, isto é debatido e se possível achado as soluções, sobre o pensamento de cada um, organização de eventos, promoção de festas, estruturação de ações para os próximos estudantes.

Em especial neste curso de que participei para os estudantes internacionais, 17 ao todo no ano 2000, sendo, 4 brasileiros, 2 neozelandeses, 1 malasiano, 2 de Uganda, 2 de Gana, 1 do Zimbábue, 1 da Eslováquia, 2 das Ilhas Maurício e 2 da Tanzânia; Os temas destas classes foram a democracia dinamarquesa, um breve histórico sobre a Dinamarca, identidade nacional nossa e dos outros estudantes, visitas a parques, reservas e a prefeitura, estudo sobre a escola popular, a ideologia do “Folkelige” = “pensar nos excluídos e voltar

sua ação para os mesmos” e “Folkeoplysning” = “Iluminação/inspiração do povo – palavra viva”.

As classes sobre liderança, nas quais eram colocadas as questões de como se conduzir uma atividade e/ou aula em ginástica, jogos, esporte e atividades culturais, como incentivar o “potencial” líder que surge nas diferentes situações, as quais o grupo está inserido.

As aulas de Ginástica, que se dividia em duas: tumbling/saltos e rítmica, que na maioria das vezes se dividia rapazes para tumbling, uma ou outra moça vinha para este grupo, e o outro apenas as moças, não foi observado durante este período de 4 meses algum interesse por parte dos rapazes em participar das aulas de rítmica(“feminina”) e abrir mão das aulas de salto, mas após este período, permaneci um mês a mais para realizar mais observações, constatei apenas um rapaz, e eu mesmo me inseri em algumas aulas, por tal razão mais 4 rapazes aderiram a idéia, mas logo regressando para as aulas de tumbling/salto(“masculina”), porém uma vez por semana ocorria uma aula , só no aquecimento, em conjunto, após você optava por uma das duas aulas de ginástica.

Eram oferecidas algumas modalidades esportivas e os estudantes escolhiam a sua preferência, no período oficial do curso, nos foi oferecido as modalidades “clássicas” como: Futebol; handebol; vôleibol; basquetebol;atletismo e natação, nos quais a vivência era no âmbito da prática corporal e um resumo teórico das regras, porém era interessante observar as manifestações culturais decorrentes do uso de uma terceira língua para expressar e agir, a dificuldade de se criar uma ponte segura entre as informações e o estudantes, as apropriações que cada indivíduo dos diferentes países realizava, abria um universo de símbolos.

Uns outros elementos das atividades eram as “atividades criativas” que no primeiro período antes do feriado de outono, só foi oferecido a “Vida ao ar livre”, após o feriado ofereceram-se: cerâmica, fotografia, música, pintura em tecido e teatro, este último apenas para os dinamarqueses.

Todos estes elementos eram providos na grade comum de atividades, havia as atividades paralelas como cursos e apresentações em diferentes locais, dentro do cronograma de atividades do IYLE – Ollerup, estava prevista a Semana Internacional de Cultura, na qual apresentamos um workshop num dia para os estudantes dinamarqueses que estavam na escola.

Cada país representado mostrou um pouco de suas tradições, manifestadas na dança, na música, nos jogos, nos costumes, na comida, etc..., Cada grupo usou a criatividade conforme as condições, nosso grupo integrava o Brasil e a Eslováquia, utilizamos o palco de teatro da escola.

Com painéis temáticos ao fundo, como um espaço de festa junina, A cidade de Ouro Preto, um painel, com fotos de Norte a Sul e Leste e Oeste do Brasil, (interessante! muitas fotos emprestadas de uma das professoras da escola), alguns objetos, e o palco ambientalizado num bar, os estudantes vivenciaram danças brasileiras, jogos, vídeo-clíp sobre a Ginástica Geral do GGU e por fim uma aclimatização das maneiras e manias brasileiras.

Após este workshop, tivemos a semana para montar uma composição coreográfica juntos aos estudantes que escolheram o Brasil, para apresentar na Noite Internacional de Cultura.

Nesta noite, houve uma recepção dos convidados e pessoas da comunidade de Ollerup, com pequenas apresentações orais sobre cada país, o público se aproximava e perguntava sobre determinados assuntos, logo após houve um jantar com pratos típicos de

todos os países que ali estavam representados, teve um intervalo e então ocorreu o show! Com o Brasil sendo o país que encerrou a apresentação daquela noite e como gentileza houve um “café e bolo” para todos no restaurante.

O dia-a-dia de Ollerup se apresentava da seguinte forma: Havia o limpeza matutina que a cada quinzena trocava o grupo de alunos, que limpavam a escola, o café da manhã e a assembléia da manhã, este espaço era para que fossem dados recados, observações, agendamento ou então pequenos assuntos reflexivos, sobre a vida, sobre fatos históricos, lendas e contos, sempre iniciando e finalizando com música, parte muito presente nas højskole (“a comunidade cantando é um importante elemento da folkehøjskole” - Erik H. A. Jakobsen, 2000), só então as atividades ocorriam, todas às segundas, quartas e sábados à noite tinham o “kaffe e sang” – Café e música, onde os alunos se reuniam para cantar, comer bolo, tomar café enfim interagir-se, neste momento ocorriam as conversas, os risos, os namoros, era um momento no qual, a formas mais apropriadas ou nem tanto eram expostas em forma de um convite para jogar, ou perguntar quem eramos nós.

O motivo de relatar estes fatos e outros mais que estão inserido no relatório a ser entregue a comissão de ensino da FEF/UNICAMP e a Pró-Reitoria de Extensão, além de ser compromisso já firmado, é mostrar através da experiência vivida, formas diferentes de se atuar no campo profissional, tanto como profissional no sistema educacional formal, como informal e não formal, até mesmo observar as diversas reações de estados de cultura, nos dá o indicativo de como buscar soluções reais para problemas ainda mais reais.

Sempre busquei ampliar minha formação acadêmico-profissional, através da participação de atividades de extensão na faculdade, representação discente departamental e do centro acadêmico, desenvolvimento de projetos através da empresa júnior da faculdade, o próprio Grupo Ginástico, o envolvimento no programa do Universidade Solidária de 98, com o grupo que foi para Olivença/AL, sabemos da questionabilidade e a validade de programas como estes, mas buscando sempre trocar experiências, e não uma dependência assistencialista, sendo esta experiência no exterior de importância relevante para minha formação acadêmico-profissional.

Foi-me dada a possibilidade de observar, à quantas anda as propostas de Educação Física Escolar, ou não, que campos de atuação estão sendo discutidos ao ponto de provocarem mudanças, quais os novos espaços que criados que possuem uma ação profunda e concisa, o que vem sendo a Educação Física dentro de programas “sociais”? Dentro da educação não formal que espaço tem a Educação Física? O voluntariado como é difundido tem ações concretas para mudança de paradigma ou do “status quo”? Ou são apenas ações que não preconizam um fato real, ou então apenas como subterfúgio das estruturas governamentais para cobrir algo que é de sua responsabilidade? Qual é o papel do voluntariado? Quais ações tem sido concretas?

Tais questões abrem espaços para diversas discussões, creio haver um espaço diferenciado para a Educação Física atuar, no qual a construção de valores, as idéias de individualidade que contribui a uma coletividade podem ser construídas, através de propostas que buscam estas metas. Um programa de educação não formal, se propõe não a dar conta de todos as incursões que surgem durante o processo, mas busca orientar para uma possibilidade de construção conjunta de algumas soluções que contribuem para esta mudança.

Dentro da proposta da Ginástica Geral, é real a possibilidade de atuar como tal, buscando a valorização do indivíduo, explorando seu potencial, no qual “o melhor de cada um” deve ser colocado em prol do grupo, então o conteúdo a ser utilizado parte das experiências individuais, socializando-as ao grupo.

Este meio proporciona aos participantes um aumento da interação social, pois o desenvolvimento e aperfeiçoamento das habilidades individuais aumentam os recursos a serem socializados, que permitem criar uma linguagem comum a partir dos elementos escolhidos.

A Ginástica Geral pode ocorrer tanto no espaço da Educação Formal e não formal, pois a relação pedagógica vai além das paredes formais da escola, podendo ser gerados outros espaços de intervenção através da Ginástica Geral.

Procurei apenas levantar pontos, esta discussão não se encerra por aqui, há muitos questionamentos a serem feitos, algumas passageiras verdades a serem derrubadas. Esta experiência na Dinamarca contribuiu e muito para minha formação acadêmico-profissional e espero poder retribuir isto aos demais profissionais e estudantes.

Referências Bibliográficas

- Fédération Internationale de Gymnastique, General Gymnastics Manual. Mountier, FIG, 1993.
- International Sport Culture Association, International Youth Leader Education. Encarte, Copenhagen, ISCA, 2001.
- Jakobsen, Erik H. A. International Youth Leader Education i Gymnastikhøjskolen i Ollerup, programa do curso 2000, Ollerup, 2000.
- Souza, Elisabeth P. M. De & Gallardo, Jorge S. P. – A proposta de Ginástica Geral do Grupo Ginástico UNICAMP – in: Coletânea: textos e sínteses do I e II Encontros de Ginástica Geral. Campinas/SP: Gráfica da Unicamp, 1997, p.25-32.
- _____ & _____ - Ginástica Geral: Duas visões de um fenômeno – in: Coletânea: textos e sínteses do I e II Encontros de Ginástica Geral. Campinas: Gráfica da Unicamp, 1997, p.33-38.

Endereço p/ contato:

Avenida: Santa Izabel, 1125 O-10 B. Geraldo Campinas/SP

CEP:13084 – 471 Tel: 11 94 18 03 27

Email: GUINGA@HOTMAIL.COM

LA GIMNASIA GENERAL EN ESPAÑA

Marco Antonio Coelho Bortoleto⁵

Mercé Mateu⁶

Resumen: Considerando los conceptos de Gimnasia General elaborados por la Federación Internacional de Gimnasia (FIG) y por el Grupo de Investigación de Gimnasia General (GGU – FEF/UNICAMP), este estudio representa un intento de elaborar un primer informe de la situación actual y la perspectiva de futuro para esta práctica en España.

⁵ Doctorando en INEFC Lleida (España), miembro del Laboratorio de Praxiología Motriz (INEFC Lleida) y del Grupo de Estudio en Gimnasia General (Unicamp – Brasil)

⁶ Profesora Titular – Inefc Lleida

LA DECISIÓN DE EMPEZAR

Después de algunos años trabajando en Brasil, y en particular con el Grupo de Estudios en Gimnasia General, la oportunidad de estar viviendo otra realidad me motivó a escribir este documento.

Naturalmente, desde que llegue a España he ido observando como la Gimnasia General viene siendo desarrollada en este país, pero ha sido a raíz de la intervención en calidad de participante y ponente en la VIII Gimnastrada de los Inefcs y CCAA⁷ que pude obtener información para elaborar este documento.

Afortunadamente, pude compartir la elaboración de este documento con la profesora Mercé Mateu, que hace muchos años viene acompañando el desarrollo de la GG en España y Europa en general.

UN OBJETO DE ESTUDIO LLAMADO GIMNASIA GENERAL

¿A qué tipo de práctica nos estamos refiriendo cuando decimos Gimnasia General? ¿Cuales son sus características? ¿Y cuales son los conceptos existentes sobre tal práctica?

Para empezar entendemos por GG la modalidad oficialmente reconocida por la Federación Internacional de Gimnástica (FIG, 1993).

Según Fiorin (en prensa), casi todas las interpretaciones impartidas sobre la GG, tienen como base la definición elaborada por la FIG a través del *Réglement Technique de Gymnastique Générale* (1993).

Conforme este documento, la GG comprende la esfera de la Gimnástica orientada al ocio y que engloba programas de actividades en el campo de la Gimnástica (con o sin aparatos), de la Danza y Juegos, conforme las preferencias nacionales y culturales.

Es una modalidad considerada *em primeiro lugar uma atividade regular dentro de um contexto de entusiasmo e de jogo e a participação é, sobretudo determinada pelo prazer de praticar* (FIG, 1993 : 3).

Considerando la interpretación propuesta por Ayoub (1998 : 58), este documento de la FIG, nos permite entender que:

Seus objetivos são favorecer a saúde, a condição física e a integração social e despertar o interesse pessoal pela prática de atividade física, contribuindo para o bem estar físico e psicológico de seus participantes e aos espectadores. (...) Um dos seus compromissos e incumbências fundamentais é oferecer um vasto campo de atividades para um grande número de pessoas, proporcionando variedade, diversão e a oportunidade de ser criativo.

Según la propia FIG (1993) lo más importante es que las personas participen en gran número de estos eventos de GG, como la Gymnaestrada Mundial, no dando énfasis exclusivamente a la calidad técnica, sino objetivando el placer de la práctica, de formar parte de un grupo o asociación, adquiriendo experiencias que superen la simple presentación y que desarrollen la vivencia de valores humanos como la socialización, el contacto con otras culturas, otros pueblos y también tener la sensación de pertenecer o representar un grupo o país.

⁷ Cuando decimos Inefcs nos estamos refiriendo a los Institutos Nacionales de Educación Física en España, por otro lado CCAA refiere a las Facultades de Ciencias de la Actividades Física y del Deporte.

Estos aspectos hacen con que la GG esté ganando espacio en las más áreas como clubes, escuelas y asociaciones, conforme afirma Bortoleto (en prensa).

Para el Grupo de Investigación en Gimnástica General (GGU – FEF/UNCAMP) de Campinas Brasil, el concepto de la FIG citado anteriormente, deja de manera explícita espacios para interpretaciones personales, y de esta manera este grupo entiende la GG como:

Uma manifestação da Cultura Corporal que reúne as diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica etc) integrando-as com outras formas de expressão corporal (Dança, Folclore, Jogos, Teatro, Mímica, etc) de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes (Gallardo y Souza, 1994).

Según Gallardo y Souza (1996 : 34-35), la diferencia entre las dos visiones de GG presentadas arriba se distancian y se aproximan en los siguientes puntos: En cuanto la FIG *expressa uma visão organizacional ou técnica que compartimentaliza as modalidades, dividindo-as em competitivas e não competitivas e colocando tudo o que não é esporte reconhecido internacionalmente como sendo conteúdo da Ginástica Geral*; el Grupo de Investigación desarrolla *uma visão pedagógica que parte das experiências individuais (cultura corporal), na qual o potencial de cada um é incentivado e valorizado, servindo de base para a exploração de todo o grupo*.

Ambas definiciones apuntan la GG como modalidad gimnástica orientada a la práctica por parte de personas comunes, en la cual, lo que está en juego no es el rendimiento o la perfección, sino principalmente el espacio abierto para la práctica de una GIMNASIA que no está definida y reglada por códigos de puntuación y que está siendo legitimada y practicada a diario.

Considerando que la FIG la define en un intento de organizarla, el Grupo de Investigación, busca la manera de desarrollarla más pedagógica posible, ampliando su aplicación a diversos campos como las actividades escolares, actividades de ocio, actividades que se relacionan con otros tipos de modalidades gimnásticas, garantizando así su difusión en otras áreas, e intentando entenderla como un fenómeno complejo que está presente y que puede ser interpretado por diversas perspectivas.

LA PENÍNSULA IBÉRICA Y LA GIMNASIA GENERAL (GG)

Considerando la GG como hemos conceptualizado anteriormente, este artículo tiene la intención de describir la actual situación y el desarrollo de la Gimnasia General en España, teniendo como punto de partida la Gimnestrada de los INEFs, y cómo fundamento teórico los datos que hemos podido recoger sobre el tema. Por otro lado, creemos que el relato de esta experiencia, la reflexión y análisis que compartimos en este trabajo, pueden ayudar a los profesionales que se dedican al estudio de la GG.

LA FUENTE Y EL MÉTODO PERCEPTIVO

Desde que los profesores de Actividades Gimnásticas y Acrobáticas de las distintas facultades de Educación Física decidieron encontrarse anualmente se creó la Gimnestrada de los Inefs, que fue celebrada en su octava edición este año, del 3 al 5 de mayo en el Instituto Nacional de Educación Física de Cataluña Centro de Barcelona.

Paralelamente a esta actividad práctica, como actividad formal y de intercambio de conocimiento sobre las actividades gimnásticas, se realizó también el VI Simposium de Actividades Gimnásticas, que este año incluyó por primera vez la participación del presidente de la AFRAGA (Assocition Française pour la Recherche en Activités Gymniques et Acrobatiques).

La recogida de datos se sistematizó, con la intención de obtener la mayor cantidad de información posible sobre el tema con la mayor calidad.

Podemos dividir la recopilación de los datos en 4 partes:

- a) Observación Directa: Nuestra observación directa de la Gimnastrada que según Anguera (1985) es considerada un de los más antiguos e importantes métodos;
- b) Conversaciones informales con profesores, entrenadores participantes o espectadores de la Gimnastrada;
- c) Análisis de datos obtenidos por internet: correos electrónicos y páginas web de la Real Federación y de la Federación Internacional de Gimnasia (FIG – Gymnaestrada Mundial) y otras instituciones;
- d) Análisis de las actas de los Simposios de Actividades Gimnásticas y de los Encuentros de los Profesores de Gimnasia de los Inefs.

UNA PRÁCTICA POCO CONOCIDA

Para realizar el análisis de los datos, seguimos la estructura de recogida de datos que hemos citado anteriormente.

En el primero apartado, la observación directa de la Gimnastrada, nos permite decir que las presentaciones de GG son realizadas por estudiantes universitarios en su mayoría, por grupos de escuelas o clubes y también por atletas de competición, en todas las edades y niveles técnicos.

La Gimnastrada es un evento que tuvo como inicio los encuentros de los Profesores de Actividades Gimnásticas de los INEFs y CCAA, y que hoy agrupa también el Simposium de Actividades Gimnásticas.

Es un evento festivo y participativo donde los participantes encuentran espacio para intercambiar ideas y trabajos que vienen realizando en sus respectivos centros.

En general las presentaciones son de Gimnástica Artística (GA), Rítmica, Danza y Circo, pero las coreografías incluyen elementos diversos como la música, el teatro, las artes plásticas, el Acrosport y otras características que también son pertinentes a la GG.

En el segundo apartado, considerando los discursos de los participantes, de los organizadores de la Gimnastrada, el objetivo de este encuentro y de la GG está en promover la práctica de la Gimnasia para cualquier tipo de persona, desarrollando incluso temas políticos, sociales promoviendo, principalmente la integración y la diversidad cultural.

Nos parece que estos discursos coinciden con la realidad, y que el intercambio cultural y de conocimientos sobre la gimnasia son los principales objetivos de este evento.

Considerando los discursos de otras personas que hemos consultado, las características que acabamos de citar se extrapolan de la Gimnastrada y pueden ser atribuidas de manera genérica a la GG.

En el tercero apartado intentamos conocer otras manifestaciones de esta modalidad presentes en España; según datos obtenidos vía internet, podemos decir que existen dos festivales que presentan las características y que buscan promover la GG: el Festival Blume y la Gimnastrada de Extremadura.

El primero es el Festival Internacional de Gimnasia General “Blume Gran

Canaria”, bajo la presidencia de Jesús Telo, que todos los años se dedica al que fuera campeón de Europa de Gimnasia Artística Masculina Joaquín Blume y los gimnastas Aguilar, Muller y Pajares, todos ellos fallecidos cuando se dirigían a esta isla en un accidente aéreo. Durante los 40 años de vida del festival, bajo la supervisión del Gimnasio Las Palmas y con el apoyo de los “Amigos de la Gimnasia en Las Palmas”, la organización ha tratado de superarse año tras año para conseguir la difusión de la Gimnasia General en España y en el mundo entero. La idea es seguir con las pautas indicadas por la Gymnaestrada Internacional: participación y contacto con deportistas de otras naciones y lugares, exhibición de nuevas ideas que sirvan de motivación en el trabajo del club, difusión de la Gimnasia General, exhibición de la Gimnasia en todas sus modalidades, y el dar a conocer las cualidades gimnásticas de los canarios. En la actualidad están preparando su 41 edición en diciembre del 2001.

Es un festival donde la GG se caracteriza por la oportunidad de ver la diversidad y la participación de una gran cantidad de personas de cualquier tipo, edad y nivel técnico, y que se caracteriza como un evento no competitivo, sigue el modelo propuesto por la FIG para la Gymnaestrada Mundial, permitiendo incluso la presentación de danzas y otras actividades que se adecuen a las reglas.

Sobre la Gimnaestrada de Cáceres se podría citar al creador y máximo organizador Kiko León, profesor de Actividades Gimnásticas Acrobáticas en la Facultad de Ciencias del Deporte de Cáceres, evento que tiene como objetivo prioritario difundir las actividades gimnásticas colectivas, y promover un encuentro con el placer, sin fin competitivo y con la característica participativa del *Deporte para todos*. Este festival también sigue los patrones de la Gimnaestrada Mundial de la FIG.

Analizando la pagina web de la Real Federación, la GG tiene un espacio reducido y con pocas informaciones, y tal vez eso sea un reflejo de la falta de apoyo para esta práctica.

Según los datos de la FIG, publicados en las actas de las Gimnaestradas Mundiales, la participación española en este evento fue la siguiente:

Gymnaestrada Mundial	Cantidad de participantes
Herning 1987	120
Amsterda 1991	125
Berlin 1995	112

Continuando nuestra busca por la red, utilizando los buscadores Google y Yahoo y la página Deporteyciencia, considerando varias palabras claves cómo: *Gimnasia General*, *España*, Gimnaestrada, Gymnaestrada, entre otras., obtenemos pocas o casi ninguna información a añadir a las que ya poseíamos.

Hemos constatado que existen algunos grupos que desarrollan actividades cercanas a la GG, como el Grupo de Actividades Gimnásticas de la Facultad de Ciencias de la Educación Física y Deportes de Granada, pero que estos grupos suelen mantener como actividad primera la GA o la GRD.

En el cuarto apartado, leyendo y analizando las actas de los Encuentros de Profesores de Actividades Gimnásticas (I Valencia- 1993, II Lleida – 1994 y III Galicia – 1995), podemos decir que se discutieron temas más relacionados con los planes de estudio, cursos, postgrados, contenidos de las asignaturas GA y GRD, y algunos apuntes sobre el Acrosport y la Gimnasia Colectiva, pero que la GG no formaba parte esencial de los contenidos tratados en estos tres eventos.

Con relación a las actas de los simposios, podemos decir que la GG casi no forma parte de las investigaciones comunicadas en estos eventos. Entre las ponencias y publicaciones relacionadas con la GG, aquellas que tienen una proximidad de contenido o objetivos aparecen de la siguiente manera:

Simposium	Cantidad de ponencias
II Castilla y León - 1997	4
III Granada - 1998	1
IV Valencia - 1999	3
V Cáceres - 2000	2
VI Barcelona - 2001	4

Esta reducida (respecto a la totalidad) cantidad de publicaciones significa que la GG está poco integrada y manifiesta pocas o ninguna de sus características en los estudios presentados, los cuales en su gran mayoría se refieren a las modalidades gímnicas deportivas de competición, como la GA, la Rítmica y el Aeróbic.

LA PERSPECTIVA PARA EL FUTURO DE LA GG

De momento diríamos que estos datos son pistas sobre el desarrollo de la GG en España; podemos observar que esta práctica aún no tiene un espacio suficientemente grande para sea conocida y para que más gente tenga la oportunidad de empezar a practicarla.

Parece que la carencia de un concepto claro y una mayor difusión de la modalidad mantienen tanto las entidades administrativas (Federaciones y Gobiernos) así como los profesionales y clubes, distantes de desarrollar tal práctica. Es una realidad bastante diferente de la vivida en países como Dinamarca, Finlandia, Brasil, Suecia y República Checa, donde la GG ya posee estatus de modalidad con excelentes cualidades para el desarrollo educacional, formativo, social, cultural y de la salud.

Por otro lado, se nota que poco a poco algunos eventos vienen siendo introducidos en el calendario de la gimnasia española, como los que hemos citado y algunas publicaciones no periódicas.

Otro punto importante a ser considerado, son las publicaciones sobre Acrosport, Coreografía en Gimnasia, Gimnasia Colectiva y Gimnasia Escolar, y otros temas que se acercan a la GG, que fueron realizados en los últimos años por profesores de INEF, de magisterios y institutos de secundaria, como podemos visualizar en el cuadro siguiente:

- | |
|--|
| <p>BROZAS, Maria P. & VICENTE PEDRAZ, M. (1999) Actividades acrobáticas grupales y creatividad. Editorial Gymnos, Madrid.</p> <p>ESTAPÉ, E. & LOPEZ, M. & GRANDE, I. (1999) Las habilidades gimnásticas y acrobáticas en el ámbito educativo. El placer de aprender. INDE, Barcelona.</p> <p>GARCIA SANCHEZ, J. I. (1999) Acroginmasia. Recursos Educativos. ECIR, Valencia.</p> <p>MATEU, M. (1990) 1300 ejercicios y juegos aplicados a las actividades gimnásticas. Editorial Paidotribo, Barcelona.</p> <p>VERNETTA, M. & LOPEZ-BEDOYA, J. & PANADERO, F. (1998) El acrosport en la escuela. INDE, Barcelona.</p> |
|--|

Considerando lo que afirma Toledo (en prensa), cuando nos habla de la dispersión

que aún existe en Brasil sobre la práctica de la GG, debido una ausencia de un concepto que determine los límites y características pertinentes a esta modalidad, es importante citar que creemos que la terminología Gimnasia General aún no está incorporada en los planes de estudio o en las propuestas de eventos realizados en España, pues suponemos que se trata de un problema conceptual que puede ser solucionado a partir de la incorporación de la terminología utilizada por la FIG.

Este concepto de la FIG, por atender necesidades administrativas y políticas es demasiado amplio y poco claro, pero puede ser considerado como un buen principio.

Una sugerencia que podemos hacer, conforme autores como Gallardo (2000), Ayoub (1998) y Paoliello (2000), es en el sentido de que los profesionales que trabajan con la Gimnasia en el ámbito escolar, de formación universitaria o de ocio y salud (participativo) deben observar con más atención la GG y sus características, y tratar de conocer mejor esta práctica. Deben también, como afirman Paoliello y Gallardo (1996), intentar utilizar esta óptima modalidad y dejar de estar siempre copiando y adaptando los modelos deportivos como lo hacen desde hace un siglo.

Sobre la diversidad (edad, nivel y modalidades técnicas) posible en los eventos de GG, podemos decir que esta es una característica muy importante y que debe estar siempre presente en eventos y trabajos de GG, como afirma Gallardo in Paoliello y Ayoub (2000 : 29):

Contrariamente ao que se poderia pensar, esta diversidade de trabalhos não é ruim, muito pelo contrário, isto é, muito bom, já que podemos observar uma variedade muito grande de expressões culturais que conseguem estar sob o guarda chuva da Ginástica Geral da Federação Internacional de Ginástica (FIG).

Por fin, considerando el acercamiento de la próxima Gimnaestrada Mundial, que será realizada en Portugal (Lisboa – 2003), entendemos que la Gimnasia General como práctica participativa, integradora, educativa y de intercambio cultural debería ser observada con más atención por los profesionales que se dedican a los estudios de las actividades gimnásticas y quizás ganar un poco más espacio teórico y práctico dentro de las modalidades gimnásticas.

BIBLIOGRAFÍA

- ACTAS DEL I ENCUENTRO DE PROFESORES DE LAS ACTIVIDADES GIMNÁSTICAS. INEF A Coruña (1991).
- ACTAS DEL IV SIMPOSIUM DE ACTIVIDADES GIMNÁSTICAS. Valencia (1999).
- ACTAS DEL VI SIMPOSIUM DE ACTIVIDADES GIMNÁSTICAS. Barcelona (2001).
- ANGUERA, Maria Teresa (1985) . **Metodología de la observación en las Ciencias Humanas**. Editorial Cátedra, Madrid, España.
- AYOUB, Eliana (1998) : **A Ginástica Geral na sociedade contemporânea: perspectivas para a Educação Física Escolar**. Tese de doctorado, Unicamp/FEF, Campinas, Brasil.
- BORTOLETO, Marco Antonio Coelho en Grupo de Pesquisa de Ginástica Geral (GGU – UNICAMP) (en prensa). **Uma Reflexão sobre o Conceito de Técnica na Ginástica Geral**. Campinas (Brasil).
- FIORIN, Cristiane en Grupo de Pesquisa de Ginástica Geral (GGU – UNICAMP) (en prensa). **A Ginástica Geral na perspectiva do Lazer**. Campinas (Brasil).

- GALLARDO, Jorge Pérez **Diferentes olhares sobre a Ginástica Geral: A visão pedagógica** em PAOLIELLO, Elizabeth y AYOUB, Eliana (2000) **Actas del Foro Brasileño de Gimnasia General**, Unicamp, Campinas.
- PAOLIELLO, Elizabeth y AYOUB, Eliana (2000) **Actas del Foro Brasileño de Gimnasia General**. Unicamp, Campinas.
- PAOLIELLO, Elizabeth **Perspectivas para o desenvolvimento da Ginástica Geral no Brasil: O papel da Universidade**. em PAOLIELLO, Elizabeth y AYOUB, Eliana (2000) **Actas del Foro Brasileño de Gimnasia General**. Unicamp, Campinas.
- TOLEDO, Eliana de Toledo em Grupo de Pesquisa de Ginástica Geral (GGU – UNICAMP) (em prensa). **As Fronteiras da Ginástica Geral**. Campinas (Brasil).

BIBLIOGRAFÍA DIGITAL

DEPORTEYCIENCIA INTERNACIONAL: www.deporteyciencia.com
FEDERACIÓN INTERNACIONAL DE GIMNASIA (FIG): www.fig-gymnastics.com
FESTIVAL BLUME GRAN CANARIA: WWW.GYMEDIA.COM/Blume-Festival
GYMNAESTRADA MUNDIAL (FIG): www.sportuguese.pt/fptda
GOOGLE : www.google.com
GRUPO FLIC-FLAC: <http://tecnob4.tecnobyte.com/flicflac/>
GRUPO GINÁSTICO UNICAMP (GGU): www.unicamp.com.br/fef/ggu
REAL FEDERACIÓN DE GIMNASIA: www

A FANFARRA E A CONSTRUÇÃO DA GINÁSTICA GERAL

Maria Cristina de Souza

A violência, vem nos últimos anos tomando conta de nossas vidas as pessoas, devido ao medo se tornaram egoístas, desconfiadas e individualistas. É preciso resgatar o ser humano, despertando a sensibilidade nas pessoas e tentar recuperar a auto-estima. A EMEF Cel. Mário Rangel localizada na periferia de São Paulo no bairro de Capão Redondo, vem junto com a Fanfarra tentando buscar alternativas ou encontrar caminhos. Um dos caminhos encontrados foi o de promover todos os anos o "Desfile da Fanfarra" no mês de setembro, onde as crianças saem às ruas próximas à escola. A escola através da Fanfarra acredita que pode contribuir de alguma forma com a melhoria da qualidade do bairro que tem como característica principal o alto índice de violência, a pobreza e poucas oportunidades de lazer.

Este evento se dá com os alunos uniformizados alguns tocando e outros acompanhando agrupados em blocos e fazendo evoluções usando elementos ou não. Estes elementos são: cabos de vassouras cortados em 1m. ou 40cm, bambolês, ráfias, fitas de papel ou cetim, papelões, caracterizados de alguma forma – representando algum acontecimento social importante ou reivindicando algo social ou político para o bairro.

Há um planejamento do que fazer, como fazer e quem vão participar. É determinado um tema e se trabalham em sala de aula cada professor de sala com sua turma. O tema geralmente esta ligado à PAZ, UNIÃO e SOLIDARIEDADE devido às características do bairro por ser um desfile cívico as cores verdes e amarelas estão

presentes. Os alunos envolvidos neste evento são todos aqueles que queiram participar desde a 1ª série à 8ª série do Ensino Fundamental até a Suplência.

O evento cresceu tanto que outras escolas começaram a desfilar com a EMEF Cel. Mário Rangel e hoje desfilam por conta própria em um único dia batizado como "Desfile do Capão Redondo" em homenagem ao aniversário do bairro com presença de autoridades ligadas a vários segmentos da vida social e política do Estado de São Paulo.

A Educação Física através dos desfiles vem descobrindo caminhos antes desconhecidos e construindo a seu modo a Ginástica Geral. Alguns objetivos da Ginástica Geral que são *"oportunizar o repensar constante sobre as possibilidades da Ginástica Geral no aprimoramento de nossa sociedade"* e *"promover uma compreensão entre os indivíduos e os povos em geral"* (Anais do Fórum Brasileiro de Ginástica Geral, 1999, p.25) coincide com os objetivos da EMEF Cel. Mário Rangel e dos professores de Educação Física desta U.E. acreditando numa escola melhor, num bairro melhor e num mundo melhor. Dentre esses objetivos os professores de Educação Física enumeraram outros que também tem a sua devida importância que são:

Estimular e valorizar a participação dos alunos em atividades coletivas que não visem só a competição, aumentando o leque de conhecimento e a sua relação social com o outro e com a comunidade fazendo com que ele cresça e se sinta parte do processo.

Promover de forma lúdica o conhecimento do próprio corpo e do outro, seus limites e suas possibilidades.

Reconhecer na fanfarra os diferentes ritmos que ela produz e, perceber que estes ritmos estão presentes no dia a dia de forma diferente.

Promover no bairro momentos de lazer e descontração.

Nos primeiros desfiles os professores de Educação Física por não ministrarem aulas nas 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental apenas assessoravam os professores destas salas ajudando-os nos ensaios sem a exigência da marcha formal e sim que estes acompanhassem de forma organizada alinhadas e em colunas a fanfarra. Timidamente os professores de Educação Física que atuavam nas 3ª e 4ª séries foram introduzindo pequenas formações como a palavra PAZ onde cada ano se formava uma palavra. O processo foi totalmente dirigido pelos professores sem nenhuma evolução ou outra formação qualquer cada sala era uma letra onde os alunos se posicionavam em colunas no fundo da quadra e no ritmo da fanfarra estes se deslocavam ao seu lugar pré-determinado e se agrupavam de acordo com o formato da letra e pronto formava a palavra.

Em 1.999 a Prof. (a) Maria Cristina de Souza que ministrava aulas para as 3ª séries ao todo 5 salas ensaiou uma seqüência de movimentos com todos os meninos de cada sala separadamente cujo final da apresentação seria a formação da palavra UNIÃO. Foi ensaiado movimento por movimento ainda pré-determinado pela professora porém alguns movimentos já eram conhecidos pelos alunos pois faziam parte das aulas de Educação Física a novidade, estava nas formações que foram possíveis fazer: intercalar colunas, formar círculos, fazer uma estrela com quatro pontas e formar a palavra UNIÃO.

A professora resolveu determinar os movimentos devido ao tempo e às poucas aulas pois, com as meninas resolveu fazer algo diferente ligado à dança portanto, as aulas eram divididas em dois momentos um momento para os meninos e outro para as meninas. Anos anteriores a professora também fez um trabalho com formações só que com meninas mais velhas e com mais disponibilidade de tempo com esse grupo, foi possível fazer com que elas ajudassem na criação da coreografia e das formações foi possível unir bambolês e bastões (cabos de vassouras enfeitados) na mesma coreografia.

Quanto à vestimenta dos alunos usamos sempre o uniforme da escola apesar de ser uma escola pública a comunidade escolar aprovou em conselho de escola o uso do uniforme – camiseta branca e calça azul marinho ou o abrigo: calça comprida de helanca azul marinho e blusa de frio ou a bermuda com o nome da escola gravado. Outras roupas são exigidas de acordo com o grupo que vai se apresentar. Os shorts brancos só foram possíveis depois de termos enviados um bilhete aos pais comunicando o porquê dos shorts foi feito uma pesquisa de preço e comprado todos no lugar mais barato no caso no bairro do Brás. Para as danças foram confeccionadas saias de papel crepom e de plástico e usado colant confeccionados por uma costureira que fez um preço bem acessível. Sempre procuramos usar material de valor acessível e reciclável.

O desfile que se resumia em um dia ganhou outras dimensões com o passar do tempo foi se introduzindo apresentações de ginástica e de dança. Hoje como cresceram o número de apresentações existe um dia reservado para este evento ou seja há um dia para o desfile e um outro para apresentação.

Nas danças o processo é o mesmo, para as meninas mais novas o professor é quem direciona os movimentos para as mais velhas existe uma troca ou seja todos constroem a dança e escolhe a música a única exigência é que não se aceita músicas com coreografias prontas.

Nas apresentações a participação dos alunos ocorre de forma natural porém com muita responsabilidade onde todos participam da elaboração das coreografias, das decisões que são necessárias tomar e das vestimentas.

As aulas de Educação Física com isso deixaram de ser só esporte as atividades relacionadas à ginástica ao ritmo e a dança está cada vez mais presente na vida destas crianças. A aplicação de conceitos e o significado do que está fazendo e onde pretende chegar já é uma realidade na EMEF Cel. Mário Rangel.

Para este ano estamos planejando um evento com cara de Ginástica Geral ao nosso modo é claro. Os conceitos que estão sendo adquiridos no curso de especialização em Ginástica na FEF – UNICAMP vem dando forma e complementando o trabalho já iniciado para isso estamos aplicando alguns conteúdos de G.A e G.R nas aulas de Educação Física e no segundo semestre organizar tudo e ver no que vai dar.

Existe uma expectativa muito grande entre alunos pais e professores quando se volta do recesso de julho é nessa época que se respira fanfarra até o desfile todos se empolgam e se preparam para o evento isso só já é importante pois todos direta ou indiretamente querem participar ou ajudar desta forma, acreditamos estar buscando

resgatar em nossos alunos e na comunidade em geral a sua identidade e a auto-estima para que as relações sociais melhorem e contribuam para a formação de um cidadão melhor mais crítico e mais participativo, ciente de seus deveres e direitos e, aprendendo que num país ou mesmo em seu próprio bairro só é possível mudar se todos participarem e se valorizarem.

DESENVOLVIMENTO COREOGRÁFICO EM GINÁSTICA GERAL – TEORIA E PRÁTICA

Orientadora: Maria Teresa Bragagnolo Martins

Autores: Juliana Marino e Paola M. Reis

Instituição: Faculdade de Educação Física de Santo André

A Ginástica Geral-desenvolvimento pedagógico

A Ginástica Geral como disciplina, se ocupa em fundamentar o trabalho teórico baseado no desenvolvimento do ser humano.

O estudo é baseado nas aquisições das habilidades motoras básicas ou simples e específicas ou complexas, e no potencial genético denominado de capacidade.

A tarefa educacional tem como objetivo oferecer a maior variedade e diversidade de experiências motoras, assim é possível levar o indivíduo a obter um acervo motor rico facilitando o seu convívio no meio físico e social.

A Ginástica Geral favorece a compreensão e a interpretação dessa pedagogia, pois o educador deve respeitar a personalidade, os sentimentos e o caráter do aluno, dessa maneira ele fica livre para expressar com criatividade os movimentos do corpo.

Pode-se entender a Ginástica como uma forma particular de exercitação onde, com ou sem o uso de aparelhos, abre-se a possibilidade de atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular e do homem. Coletivos de Autores, 1992.

Os princípios que fundamentaram a Ginástica eram baseados nos Métodos Ginásticos do séc XIX, onde a Ginástica passou a ser destinada aos dois sexos, todas as idades, visando um desenvolvimento harmônico e natural, de forma crescente respeitando as possibilidades individuais.

A Ginástica desenvolvida nas escolas trabalhava com as crianças de maneira bem natural, permitindo-lhes brincar, correr a vontade com total liberdade (características humanistas).

A prática da Ginástica é necessária, pois possibilita um enriquecimento corporal associado às atividades culturalmente praticadas pelo indivíduo.

Os Métodos Ginásticos começaram a dar forma específica ao trabalho desenvolvido nas escolas, o movimento deveria ser bem definido e correto, começando sempre pelos movimentos mais simples e progressivamente chegar aos mais complexos e difíceis de maneira agradável, aos poucos foram acrescentando música para se tornar mais prazeroso e material ginástico para melhorar a eficiência dos movimentos.

Começa o interesse em estudar a Ginástica mais a fundo, e relacionar seus fundamentos aos conhecimentos da anatomia, fisiologia e cinesiologia, especificando ainda mais o trabalho.

Então duas linhas surgiram: a ginástica como prática pedagógica (escola) e a modalidade esportiva.

A Ginástica Geral II faz a ligação entre as duas, não deixando que as características que fundamentam a ginástica, torne um meio para especializar uma modalidade, mas sim, oportunizar o caco e o desenvolvimento da mesma em qualquer situação (Martins, 2001). Para isso é necessário rever a terminologia aplicada à Educação Física e Ginástica, planos de movimentos e relacionar ao plano físico, direções variadas, posicionamento e a música relacionada ao movimento corporal, desde o mais simples ao mais complexo ou sequencial.

O processo de desenvolvimento da aprendizagem em Ginástica, assim como da Educação Física, se faz por um processo de mudança que ocorre como resultado da experiência vivida.

O “condicionamento” ou “adestramento” não faz parte do nosso sistema educacional atual. O objetivo é favorecer o aprendizado por meio da descoberta.

“Skinner por volta de 1950, inicia por criticar o ensino tradicional, pela passividade a que reduz o estudante, e se preocupa, em um primeiro momento, com a administração adequada de reforços e com as oportunidades que tem o aluno para dar respostas ativas.” (Coll, 1996)

Com base nesses princípios, é que utilizamos a sequência programada em Ginástica, podendo ser dividida em:

- a) formular os objetivos,
- b) analisar e avaliar a situação inicial dos alunos, considerando os conhecimentos prévios relacionados com a proposta da aula,
- c) formular uma sequência do conteúdo e análise das tarefas,
- d) avaliação do programa, dos processos de ensino e avaliação final dos alunos, em termos de comparação com os objetivos propostos.

A partir desses princípios é estruturado um esquema que envolve teoria e prática denominada de Croqui. Onde o trabalho apresentado é pré-requisito para obtenção de nota semestral na disciplina Ginástica Geral.

Croqui – teoria e prática

Conceito: é o mapeamento teórico de um evento coreográfico, onde os desenhos coreográficos e o deslocamento durante a coreografia são elaborados antes da prática propriamente dita.

Composto por planilhas:

- Geral – distribuição dos alunos no espaço parcial, movimentos sem deslocamento;
- Individual – desenho coreográfico, com a utilização do espaço total, movimentos em deslocamento.

Organização: o grupo se reúne e discute o tema que será abordado, a partir daí começa a ser feita a divisão de tarefas e a coreografia.

- Tema proposto,
- Coordenador geral,

- Auxiliares,
- Número de participantes/ subdivisão de tarefas,
- Espaço físico,
- Música / coreografia / figurino.

Exemplo de planilhas baseado nos estudos de Guérios (1961).

PLANILHA GERAL

3								2	
40	39	38	37	36	35	34	33		
32	31	30	29	28	27	26	25		
24	23	22	21	20	19	18	17		
16	15	14	13	12	11	10	09		
08	07	06	05	04	03	02	01		
4								1	

FRENTE

PLANILHA INDIVIDUAL

3								2	
		XXX	XXX	XXX	XXX				
		XXX			XXX				
		XXX	XX	XX	XXX				
		XXX			XXX				
		XXX			XXX				
4								1	

FRENTE

Este trabalho prossegue no mesmo formato durante o segundo semestre acrescido dos materiais manuais da GRD (corda, bola, arco, fita, maças e bastão), pois estes possibilitam o desenvolvimento da coordenação motora fina e a habilidade de manipulação.

BIBLIOGRAFIA

- CAMARGO, Maria Lígia. (1994). *Música, movimento: um universo em duas dimensões*. S.P. Editora: Villa Rica.
- COLL, Cesar (org.1996). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia da educação*. P.A Editora: Artes Médicas Sul.

- COLETIVOS DE AUTORES, (1992). *Metodologia do Ensino da Educação Física*. S.P. Editora: Cortez
- GUÉRIOS, Stella. (1961). *Contribuição para a sistematização gímnica feminina*. S.P. Editora : Artes Gráficas São Camilo.
- HARROW, A (1988). *Taxionomia do domínio psicomotor: manual para elaboração de objetivos comportamentais em Educação Física*. 2ªed. R.J. Editora: Globo.
- MARTINS, Maria Teresa B. (2001). *Ginástica Geral: uma prática pedagógica na Faculdade de Educação Física de Santo André*. Dissertação de Mestrado. UNISAL/SP.
- MORATO, Maria Eugenia. (1986). *Ginástica Jazz: a dança da Educação Física*. S.P. Editora Manole.

ESTUDOS AVANÇADOS EM GINÁSTICA: APROXIMAÇÕES ENTRE A ESCOLA E A UNIVERSIDADE.

Marilene Cesário, Ms.

Ana Maria Pereira, Ms.

Alana Pansanato Vilcenski, Rafael Marques França e Mariana Gonçalves, Graduandos.
Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Estes estudos, referem-se a questões significativas da prática pedagógica na formação inicial e atuação profissional. O interesse ocorre pela necessidade do trato da Ginástica nos currículos de formação inicial, aliado a intenção em buscar novas formas de intervenção na formação profissional a partir da realidade escolar. A necessidade de interação dos conhecimentos tratados na Graduação em Educação Física - Licenciatura - com a realidade da prática pedagógica desenvolvida no cotidiano escolar, tem sido objeto de reflexões e questionamentos. Nesta direção, propomos um grupo de estudos objetivando ampliar discussões, reflexões e buscar formas de intervenções em torno do ensino da Ginástica.

Introdução:

Estudos Avançados em Ginástica, é um Projeto de Ensino, na Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Física, Departamento de Ginástica, Recreação e Dança, que tem como objetivo articular estudos em Ginástica, tendo em vista a formação inicial em Educação Física e as aproximações com a escola, favorecendo subsídios para o trato da Ginástica no âmbito escolar.

Pretende-se evidenciar a Ginástica como conteúdo da Educação Física e manifestação da cultura corporal. Este Projeto de Ensino amplia discussões e reflexões sobre o conhecimento e a prática pedagógica da Ginástica. Investigar a Ginástica, na perspectiva da formação inicial, tem como meta solidificar como área de intervenção na escola.

Trata-se de um processo de construção, a partir do conhecimento já sistematizado na área, aliado a intervenção pedagógica e metodológica. A Ginástica, com seus conteúdos, faz parte do conhecimento que é transmitido no contexto acadêmico.

A proposta do grupo de estudo é focar a Ginástica para além de uma simples modalidade. É colocar a Ginástica como área do conhecimento da Educação Física,

Num primeiro momento, os estudos teórico-científicos têm possibilitado maior aprofundamento quanto o sentido/significado dos conteúdos da Ginástica. Num segundo momento os estudos voltam-se para organização e tratamento desses conteúdos nos diferentes ciclos de escolarização, buscando novas formas de intervenções. Espera-se, também fomentar a pesquisa sobre a temática Ginástica no cotidiano acadêmico, almejando maior interação entre a prática escolar e conteúdo tratado no campo da formação inicial em Educação Física.

Justificativa:

A implementação do Grupo de Estudos via Projeto de Ensino se justifica pela necessidade de fortalecer a Ginástica, enquanto conteúdo da Educação Física e manifestação da cultura corporal a ser tratada na escola e na comunidade de forma efetiva e competente.

A relevância deste projeto ocorre no sentido de possibilitar estudo dos conteúdos da Ginástica. E também, organizar o tratamento destes conteúdos nos diferentes ciclos de escolarização, buscando novas formas de intervenções.

Objetivos:

O grupo de estudos avançados em Ginástica, tem como objetivo discutir em profundidade e analisar rigorosamente a Ginástica, tendo vista a formação inicial em Educação Física e a realidade da prática pedagógica a ser tratada no cotidiano escolar.

Organizar e sistematizar o conhecimento em Ginástica, a ser tratado na escola. Estruturar de maneira consistente, quais os conteúdos que comporão os ciclos escolares e sua respectiva base teórica, buscando inovações na prática pedagógica e nos procedimentos metodológicos numa perspectiva de intervenção e emancipação.

Fomentar a pesquisa em Ginástica. Oportunizar a iniciação científica entre os discentes interessados na temática.

Estimular a produção de Trabalhos de Conclusão de Curso na área de Ginástica.

Organização de eventos e participação em congressos, tendo em vista, a disseminação dos trabalhos realizados no grupo de estudo.

Elaboração e sistematização de materiais didáticos sobre a temática Ginástica, contribuindo para o processo de ensino/aprendizagem.

Metodologia:

A materialização deste projeto de ensino, será de envolver de modo participativo / associativo, discentes do curso de Educação Física e docentes que atuam em disciplinas de Ginástica na UEL⁸. Os Estudos Avançados em Ginástica no Curso de Graduação em Educação Física - Licenciatura, na UEL garantirá respaldo na formação profissional em Educação Física e efetiva disseminação dos conteúdos da Ginástica no âmbito escolar.

Tentar-se-á, na lógica do processo dialético, entender fenômenos que transitam na relação teoria e prática do trato do conhecimento em Ginástica, visando qualidade na formação profissional em Educação Física.

⁸No Curso de Graduação em Educação Física - Licenciatura da Universidade Estadual de Londrina, a grade curricular é composta por disciplinas que tratam do conhecimento da área Ginástica, sendo estas: Ginástica Geral, Ginástica Rítmica Desportiva, agora denominada Ginástica Rítmica e Ginástica Olímpica.

Partindo desta premissa, detalharemos agora, as ações do projeto de ensino apresentando as seguintes metas: Na fase inicial, ocorre um levantamento de toda produção acadêmica em Ginástica. Seguido de estudo rigoroso e radical do conhecimento produzido na área.

Posteriormente as ações do projeto prevê a elaboração e construção de textos, tendo em vista, dar respaldo a práxis pedagógica. Denota-se aqui ações que possibilitarão processos construtivos, com análises, reflexões, abstrações e compreensões. É relevante ressaltar que a construção teórica respalda as possíveis intervenções práticas. No processo dialético, a prática não se restringirá, apenas á aplicação da teoria, mas, sim, uma prática contextualizada pela teoria.

Perspectivas do Projeto de Ensino:

Este Projeto de Ensino não tem a intenção de traçar um caminho exato ou seguro a ser trilhado. Busca um incessante processo de aprender a aprender fazendo e a construir e re-construir. Considerar-se, as situações vivenciadas/investigadas na relações entre discentes pesquisador-participante e docentes pesquisador-participante.

As ações do projeto nos remetem a relações dinâmica e complexa, envolvendo a teoria dos discursos e a prática do fazer cotidiano na sala de aula. A perspectiva ocorre no sentido de maiores aproximações entre os conteúdos que são ministrados na universidade e a realidade vivida na escola.

Referências Bibliográficas:

- AYOUB, Eliana. **A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectiva para a educação física escolar**. Campinas, SP : 1998. (tese de doutoramento - Unicamp)
- BARBOSA, Ieda Parra. **Processo e produto da Ginástica Geral: uma abordagem metodológica**. Anais do Fórum Brasileiro de Ginástica Geral. Campinas : Unicamp: SESC, 2000.
- CESÁRIO, MARILENE. **A organização do conhecimento da Ginástica no currículo de formação inicial do profissional de Educação Física: realidade e possibilidades**. Recife, 2000. (Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Pernambuco).
- COLETIVOS DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo : Cortez, 1992.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio Científico e educativo**. São Paulo : Cortez : Autores associados, 1990.
- GALLARDO, Jorge S. Pérez. **Proposta de uma linha de Ginástica para a Educação Física Escolar**. In: Piccolo. V. N. (org) *Educação física escolar: ser ... ou não ter?* 3º ed. Campinas, SP : Unicamp, 1995.
- LANGLADE, Alberto & LANGLADE, Nelly Rey. **Teoria general de la gimmasia**. Bueno Aires : Stadium, 1970.
- NEGRINE, Airton ; GAUER, Ruty Maria Chittó. **Educação Física e desporto: uma visão pedagógica e antropológica**. Porto Alegre : Posenato Arte e cultura, 1990.
- RAMOS, Jair Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo : Ibrasa, 1982.
- SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da Educação no corpo: estudo a partir da Ginástica francesa no século XXI**. Campinas : Autores associados, 1998.

SOUZA, Elizabeth P. M. **Ginástica Geral: Uma Proposta para Educação Física escolar e comunitária**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Volume 21, nº 1, Florianópolis, 1999.

SOUZA, Elizabeth P. M. **Ginástica Geral: uma área do conhecimento da educação Física**. Campinas, SP, 1997. (tese doutoramento - Unicamp)

PEREIRA, Ana Maria. **Concepção de corpo: a realidade dos professores de ginástica das instituições de ensino superior do estado do Paraná**. Piracicaba, 1998. (Dissertação de Mestrado - Universidade Metodista de Piracicaba).

TEIXEIRA, Roseli T. S. **A Ginástica Rítmica Desportiva nas universidades públicas do Paraná**. Anais do I Congresso Latino Americano de Educação Motora e II Congresso brasileiro de Educação Motora. Foz do Iguaçu : FEF/Unicamp, 1989.

Ana Maria Pereira e Marilene Cesário - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Física e Desportos, Departamento de Ginástica, Recreação e Dança. Campus Universitário. Caixa Postal 6001, CEP 86 051-990. Londrina - Paraná.

A DISCIPLINA GINÁSTICA GERAL COMO PROJETO DE TRABALHO NO CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFIEO: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

Marília Velardi

Doutoranda em Educação Física / Professora do Centro Universitário UniFieo
Olavo Dias de Souza Jr.

Mestrando em Educação / Professor do Centro Universitário UniFieo

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar a proposta desenvolvida no curso de Educação Física do Centro Universitário UniFieo em Osasco, SP, em que as disciplinas Ginástica Geral e Atividades Rítmicas são integradas numa perspectiva interdisciplinar durante todo o ano letivo. Tendo como base os conceitos de formação humana e a capacitação (Maturana, 2000), a proposta se integra na construção das atividades, na organização dos conteúdos, nas metodologias de ensino utilizadas e nos processos de avaliação. Assim, busca-se a criação de um espaço de desenvolvimento e aprendizagem que proporcione aos graduandos em Educação Física ferramentas e conceitos capazes de amparar sua formação e atuação profissional.

A FIEO - Fundação Instituto de Ensino para Osasco foi instituída em 26 de outubro de 1967. Seu objetivo: ministrar o ensino superior, estimular a pesquisa em todos os campos das ciências e através da extensão cultural e prestar serviços à comunidade. Atualmente, mantém o UNIFIEO - Centro Universitário FIEO com cerca de 51 cursos. É caracterizada como entidade filantrópica de caráter beneficente e reconhecida de utilidade pública federal, estadual e municipal. Como tal, apresenta Relatório de Atividades e concede bolsas de estudos a alunos carentes de mais de 22% de sua receita. (<http://www.fieo.br>)

O curso de Educação Física no Centro Universitário UniFieo teve seu início em 1999. Constitui-se como um curso que possui como base a perspectiva da formação de profissionais aptos a atuar na dimensão da Educação para a Saúde. O Curso de Educação

Física oferece as opções de Bacharelado e Licenciatura. O Bacharelado em Educação Física está direcionado à Educação para Saúde, formando profissionais para atuarem na área de Educação Física, Esporte, Lazer e Recreação. Já o curso de licenciatura, com grade curricular complementar ao bacharelado, habilita os profissionais para atuação na Educação Infantil e nos ensinos Fundamental e Médio.

Dentre as disciplinas que fazem parte do currículo, as disciplinas Ginástica Geral e Atividades Rítmicas são oferecidas no primeiro ano, e são desenvolvidas num total de 80 horas anuais. Em seus planos de ensino procuram contemplar duas concepções básicas que são caracterizadas por Maturana (2000) como fenômenos inerentes à tarefa educacional: a formação humana e a capacitação.

Maturana afirma que capacitação se refere à capacidade de aquisição de habilidades que permitem ação no mundo em que se vive com recursos operacionais disponíveis. Para que a capacitação seja contemplada como tarefa educacional, é necessária a criação de espaços de ação onde os alunos possam exercitar as habilidades que deseja-se desenvolver,

“...criando um âmbito de ampliação das capacidades de fazer na reflexão sobre esse fazer como parte do viver que se vive e deseja viver.” (Maturana, 2000:11)

São consideradas as capacidades de reflexão, análise, adequação e aplicação como fundamentais para a formação profissionais. Por este motivo, as atividades, conteúdos, estratégias, metodologias e avaliações levam em consideração essas capacidades em sua consecução.

Nos primeiros contatos com a disciplina Atividades Rítmicas são apresentadas as definições de ritmo e suas características, tipos e funções gerais, relacionadas ao movimento. Os alunos são levados a perceber que somente em termos de análise pode-se observar os diferentes tipos de ritmo propostos por López (1977) e Gandara (1988) (universal, sociocultural, situacional, grupal, individual e do movimento) que funcionam integrados e de forma simultânea. As aulas são elaboradas no sentido de permitir que o aluno expresse a percepção do fenômeno ritmo e o entendimento dos conceitos através dos movimentos corporais.

Quando se começa a fazer a análise dos efeitos do ritmo em relação ao movimento percebemos que esta relação produz melhorias pois, de acordo com López (1977):

- a) facilita a expressão total e autêntica, a economia do movimento, o reconhecimento da mecânica do movimento e a coordenação motora;
- b) estimula a economia do trabalho, afastando a fadiga, a atividade do executante, pois produz prazer; e
- c) reforça a memória motora.

Paralelamente, a disciplina de Ginástica Geral apresenta as características das atividades ginásticas esportivizadas tentando estabelecer diferenças e semelhanças entre elas e a Ginástica Geral. Neste momento não são introduzidos conceito de autores, mas espera-se que os alunos sejam capazes de construir seus próprios conceitos a partir da observação, análise e reflexão. São introduzidos conceitos sobre movimento humano, exercício, atividades física, esporte e suas análises e entendimentos são guiadas pelas associações dos conceitos trabalhados na disciplina Atividades Rítmicas para que sejam

consideradas pontos de partida para a análise e reflexão sobre estes conceitos e especialmente sobre as atividades Ginásticas, especialmente a Ginástica Geral.

Ao longo de todo curso as disciplinas mantêm um trabalho paralelo e interdisciplinar em relação à organização dos conteúdos e à adequação de conceitos e estratégias. Tornam-se complementares na identificação de informações e assemelham-se na ênfase aos trabalhos e tarefas que sintetizam essa relação.

Através das atividades rítmicas criativas imitativas e interpretativas, das Parlendas da música e do estudos sobre ritmos fundamentais, auditivos, criativos, danças folclóricas e a dança social desenvolve-se o conceito de Atividades Rítmicas.

A partir da análise e compreensão sobre as habilidades e capacidades motoras como componentes da organização interna e externa do ser humano ao longo do ciclo vital e sua possibilidade de expressão e otimização pelas atividades, especialmente pela Ginástica Geral, estabelece-se o conceito desta atividade. A associação entre a apresentação dos conteúdos e atividades relaciona o movimento humano na dimensão dessas duas atividades.

Em relação à metodologia de ensino utilizada, em ambas as disciplinas optou-se por uma proposta metodológica que consiste em transformar os conteúdos das disciplinas em algo que possa contribuir para a formação do acadêmico em Educação Física, tornando-o um professor pesquisador na profissão que exercerá.

A percepção do aluno deve ser orientada para um determinado conteúdo que lhe apresente a necessidade de solução de um problema nele implícito. Para tanto, a ação pedagógica consiste em valorizar o momento da descoberta e exploração como ponto de partida para o desenvolvimento dos conteúdos, e, a partir daí, o que é apresentado pelos alunos irá determinar como prosseguir, que tipo de informação oferecer e quais tarefas solicitar Mosston (1978).

O aprofundamento sobre a realidade através da problematização de conteúdos desperta no aluno curiosidade e motivação, o que pode incentivar uma atitude de reflexão necessária ao futuro profissional quando estiver selecionando estratégias pedagógicas de atuação.

Sendo assim, refletindo-se sobre o processo de ensino-aprendizagem das atividades propostas em aula, parece fundamental ressaltar que estas atividades não devem ser impostas a partir de modelos estereotipados e sim das descobertas proporcionadas pelas próprias vivências dos alunos. Desta maneira, estas situações transformar-se-ão em consciência, tornando-se efetivas enquanto aprendizagem, passando a ter um significado para o aluno, provocando a criação de novos conceitos associados aos já existentes. Com isto, em situações futuras eles poderão expressar as sensações e os sentimentos associados à vivência VELARDI (1997). Dessa forma, a idéia é a criação de um espaço que permita uma ordenação adequada aos princípios relacionados ao desenvolvimento e à aprendizagem salientados em várias teorias sobre o assunto, especialmente em Vygotsky: parte-se do conhecido para o novo, da descoberta para o reconhecimento, da execução para a compreensão das estruturas que permitem organizá-las. Da experimentação para a reflexão e confrontação com modelos existentes.

Atkin e Karplus (citados por Brooks & Brooks, 1997) destacam a importância de auto regulamentação do professor e sugerem três passos como modelos para o desenvolvimento de currículos e propostas metodológicas:

- a) um primeiro passo deve significar a possibilidade de criação de um ambiente que dê oportunidade aos alunos para que, de forma aberta, possam explorar os materiais

- selecionados propositadamente pelo professor. Este passo, historicamente denominado como descoberta oportuniza aos alunos a formulação de hipóteses e perguntas;
- b) no segundo passo, propõem a intervenção do professor para que sejam introduzidos conceitos, que valorizem e estimulem as perguntas dos alunos, que providenciando novas experiências, estruturando-as individualmente ou em grupos;
 - c) em um terceiro passo, o objetivo centra-se na aplicação dos conceitos, ou ainda nas interações relacionadas às descobertas introdutórias. Neste passo espera-se que a acomodação dos conceitos iniciais evoque uma nova visão sobre estes mesmos conceitos.

Especialmente em relação à execução de atividades em grupo, espera-se que os alunos sejam capazes de descobrir melhor a si e aos colegas numa dinâmica constante que relaciona trocas, reflexões, auxílio e construções individuais e coletivas como partes do processo.

Essa concepção que norteia nossa ação pedagógica encontra suporte no conceito de Maturana sobre formação humana. O autor aponta que sua consolidação se dá a partir da criação de condições que permitam o crescimento do aluno na medida em que ele se reconhece como um ser capaz de viver no auto-respeito e no respeito pelo outro. Salienta ainda que nessa trajetória o aluno

“...é capaz de dizer não a si a partir de si mesmo, e cuja individualidade, identidade e confiança em si mesmo não se fundamentam na oposição ou diferença com relação aos outros, mas no respeito por si mesmo, de modo que possa colaborar precisamente porque não teme desaparecer na razão” (Maturana, 2000:11)

Para que estas características próprias da formação humana estejam presentes nas disciplinas, opta-se pela organização das atividades, sejam elas conceituais ou procedimentais, de natureza prática ou teórica em estratégias que permitam a relação entre os colegas de classe, companheiros de trabalho e os professores. Na exploração das atividades opta-se pela utilização de modelos que permitam aos alunos conhecerem seus potenciais de execução e criação além de identificar os dos colegas para que, na medida das tarefas solicitadas, consigam adequar seus potenciais aos dos outros colegas a partir da reflexão sobre a valorização das diferenças individuais como ponto de partida para o trabalho em Educação.

Coerente com a proposta pedagógica, as avaliações empregadas são do tipo formativa e somativa. A avaliação formativa ocorre ao longo de todo o processo educativo com a função de verificar até que ponto o aluno atingiu os objetivos propostos; tem a função de controle pois

“antes de prosseguir para a etapa subsequente de ensino-aprendizagem, os objetivos em questão, de uma ou de outra forma, devem ter seu alcance assegurado” (Haydt, 1988, p.17).

Esta forma de avaliação pode ser útil tanto para o aluno quanto para o professor. Nela o aluno conhece seus erros e acertos e prossegue na aprendizagem. Orienta também o trabalho do professor pois lhe permite detectar e identificar as deficiências na prática

educativa e reformulá-la na tentativa de assegurar assim que os alunos alcancem os objetivos propostos.

“A avaliação, na perspectiva de construção do conhecimento, parte de duas premissas básicas: confiança na possibilidade dos educandos construir suas próprias verdades e valorização de suas manifestações e interesses. A avaliação deixa de ser um momento terminal do processo educativo para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e a dinamização de novas oportunidades de conhecimento” (Hoffmann, 1994, p.20 e 21).

Já a avaliação somativa se dá no final de uma etapa do processo e tem a função de classificar os alunos conforme padrões de rendimento estabelecidos previamente, em forma de apresentações de trabalhos, seminários, pesquisas bibliográficas, provas bimestrais (teóricas ou práticas) e semestrais visando a aprovação de um semestre para o outro, usadas pela instituição.

Tanto as avaliações formativas quanto a somativa possuem também um caráter interdisciplinar. Nas avaliações formativas são utilizadas tarefas comuns e semelhantes e muitas vezes utilizam-se os conceitos trabalhados em ambas disciplinas com vistas a consecução de um objetivo comum.

No caso da avaliação somativa, a apresentação de seqüências de habilidades motoras com a utilização dos conceitos desenvolvidos em ambas as disciplinas, bem como a criação de uma série de Ginástica Geral são partes do processo. As apresentações partem de trabalhos em grupo em que os princípios básicos da Ginástica Geral sejam vividos e explicitados: sejam adequadas a qualquer grupo, faixa etária ou potencial de execução, seja construída e dinamizada de forma amplamente democrática, contemple a cultura corporal como elemento determinante da composição das séries e favorece o crescimento e desenvolvimento humano individual e coletivo.

Referências Bibliográficas

- Brooks, J. & Brooks, M.G. Construtivismo em sala de aula (tradução de Maria Aparecida Kerber). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- Maturana, H. & Rezepka, S.N. Formação Humana e Capacitação. São Paulo: Vozes, 2000 (2ªed.).
- Velardi, M. Metodologia de Ensino em Educação Física: contribuições de Vygotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico. Campinas: FEF Unicamp 1997 (Dissertação de Mestrado).
- Gandara, M. Consciência rítmica: ter ou não ser. Campinas: Palmeiras, 1988.
- Haydt, R. C. C. Avaliação do processo Ensino-Aprendizagem. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- Hoffmann, J. Avaliação: Mito & Desafio - uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Editora Educação e Realidade, 1994.
- Lópes, M. A. Movimiento, Ritmo y Educacion. Buenos Aires: Tekne, 1977.
- Mosston, M. La Enseñanza de la Educacion Fisica. Del Comando al Descubrimiento. B. Ayres: Paidós, 1978.

Marília Velardi
Rua Oscar Bressane, 208
Jardim da Saúde/São Paulo/SP
cep: 04151-040
tel: (11) 5058-6210
velardi@osite.com.br

Olavo Dias de Souza Jr.
Rua Carlos Sampaio, 118/113
Paraíso/São Paulo/SP
cep: 01333-020
tel: (11) 289-9010
odsmi@uol.com.br

GINÁSTICA ACROBÁTICA COM POM-POM E SEUS BENEFÍCIOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Marta Botelho
Mestre
Faculdade Adventista de Educação Física – IASP

Muitos são os trabalhos a serem desenvolvidos na Educação Física Escolar, porém um trabalho a ser destacado com grande valor cultural, artístico e físico, é a ginástica geral.

São vários os campos a serem atingidos pelos profissionais da área, principalmente, despertar e desenvolver os talentos de cada aluno, inclusive dos meninos, que têm uma maior dificuldade em expressar seus sentimentos ou de mostrar a sua expressão corporal em público.

Em meus anos de experiência, como professora de Educação Física, sempre procurei desenvolver todos os aspectos motores dos alunos (meninos e meninas), vendo hoje, os frutos deste trabalho.

Comecei a desenvolver a Ginástica Acrobática com Pom-Pom, desde 1987, em um Colégio em Londrina-Pr, trabalhando com crianças. Vários temas foram desenvolvidos como dramatizações coreografadas utilizando materiais para ilustrar uma mensagem e também materiais onde os meninos poderiam participar sem ficar constrangido.

Em um Colégio interno que trabalhei em Maringá – Pr, desenvolvemos um trabalho artístico onde, não só fazíamos em aulas de Educação Física, mas sim tínhamos um Grupo a parte, onde usávamos pom-pons, acrobacias, bicicletas, skats, patins, cordas, fitas, arcos, bolas e todo material necessário para que pudessem participar todos que estivessem interessados.

Neste Grupo 60 alunos entre meninos e meninas participaram por três anos. Depois de Maringá tive uma excelente experiência no Chile.

Ai então tivemos um Grupo de Universitários onde 120 alunos participavam deste programa de Ginástica

Acrobática com Pom-Pom.

As apresentações eram diversas, inclusive em Estádios de Futebol, praças, teatros, Clubes e Ginásios.

Através da participação dos Universitários, houve incentivo por parte dos alunos de 1º e 2º Graus. Onde também desenvolvíamos com eles este tipo de trabalho.

Após o trabalho de 2 anos no Chile, retornamos para Porto Alegre, onde elaboramos outro grupo de 40 jovens para participarem além das aulas de educação física.

Então, neste Colégio, elaboramos o I Concurso de Ginástica Acrobática com Pom-Pom, onde cada turma do Colégio deveria participar com o maior número de participantes possível.

A música deveria ser escolhida pelos próprios participantes, orquestrada ou instrumental.

As regras exigidas foram:

- a) Duração de no máximo 5', o maior número de integrantes possível de cada turma, tanto meninos como meninas;
- b) Ter movimentos em círculo, quadrado, diagonal e em toda a quadra;
- c) Ter movimentos em todos os planos: baixo, médio e alto;
- d) Ter no mínimo dois movimentos acrobáticos;
- e) Ter um tipo de pirâmide;
- f) A roupa com o estilo da música;
- g) Criatividade;

Para a banca julgadora foi selecionado professores de Educação Física de outros Colégios, e a pontuação foi estipulada da seguinte forma:

50 a 60 pontos, classificação (C) bom; de 61 a 80 (B) ótimo; de 81 a 100 (A) excelente.

Se todos cumprissem os pré- requisitos já estariam classificados e a banca julgadora decidiria a maior nota de acordo com a criatividade de cada turma.

Neste concurso, todos obtiveram classificação A. Foi planejado que todos ganhassem medalhas.

O resultado nas aulas de Educação Física foi o seguinte: Alunos estimulados e participativos, inclusive de modalidades que não lhes agradavam muito, perderam o temor do público, o medo de errar desenvolveram a sua coordenação motora inclusive, se destacaram comparando com os demais.

Após o trabalho em Porto Alegre iniciamos em Hortolândia dentro do ensino de 1º e 2º graus e da Faculdade a continuação deste trabalho, onde estamos desenvolvendo os novos talentos e ajudando a expandir este trabalho.

Temos um Grupo Artístico em um total de 54 participantes, onde procuramos desenvolver o seu limite e ajudá-los a crescer neste tipo de modalidade.

Alguns alunos que já tiveram a oportunidade de participar deste grupo, estão desenvolvendo este trabalho em outros lugares e ajudando novos alunos e pessoas a desenvolverem sua coordenação motora e a sociabilidade com outros grupos e sentindo-se assim mais útil e feliz em sua vida.

O adolescente, por natureza, possui um grande potencial de criar e expressar-se, além de ser muito talentoso. Basta apenas um estímulo, apoio e um professor amigo.

Marta Botelho

Rua: Rodrigo de Carvalho,91

Pq. Ortolândia Hortolândia – SP

Cep: 13.184-081 Fone: 019-3865-3443

E mail martabotelho@uol.com.br

A GINÁSTICA GERAL NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA COM PROJETOS

Martha Almeida Picaz Glomb

Licenciada em Educação Física – UFPR

Prof^o de Educação Física da Prefeitura Municipal de Curitiba

Viviane Aparecida Fuggi

Licenciada em Educação Física – PUC –PR

Prof. de Educação Física da Prefeitura Municipal de Curitiba

Resumo: Considerando a necessidade de garantir um desenvolvimento global da criança, acreditamos que a Ginástica Geral oportuniza uma vivência que privilegia um conhecimento corporal mais elaborado. Visando a mudança dos hábitos sedentários da sociedade contemporânea, estes projetos pretendem desenvolver com reflexão crítica sobre a prática pedagógica da ginástica, tomando-se como ponto de referência a concepção de corpo que a sociedade tem produzido historicamente; elevar o nível de motivação e criatividade dos alunos nas aulas de Ginástica Geral e proporcionar aos alunos um espaço, onde o processo de transição e transformação da cultura corporal ocorra de maneira crítica e consciente.

Na sociedade em que vivemos hoje, o sedentarismo está cada vez mais presente na vida do ser humano. Refletindo sobre a rotina infantil, COSTE (1992: 16) descreve que “Muito mais horas do que seria desejado, as crianças permanecem grudadas às telas de TV ou hipnotizadas por *videogames*.” A partir desta afirmação concluímos que os avanços tecnológicos influenciam na prática de atividade física interferindo na qualidade de vida, tendo então a criança apenas nas aulas de Educação Física um espaço onde possa praticar atividade física. Porém, a Educação Física possui alguns fatores que interferem negativamente nesta prática, como: tempo insuficiente para desenvolver todos os conteúdos que fazem parte da área de conhecimento, bem como o tempo de aula reduzidos (45’ a 50’); turmas numerosas para um único professor: escassez de material; e espaços inadequados.

Diante da realidade que as diversas escolas brasileiras apresentam, verificamos a importância de realizar um trabalho que dê oportunidades para um desenvolvimento pessoal e social da criança, através da Ginástica. Dessa forma observamos que temos um verdadeiro leque de conhecimentos, onde podemos citar o desenvolvimento da consciência corporal, temporal e espacial, o desenvolvimento rítmico e as expressões corporais e artística em suas diversas áreas, consideramos, então, que os movimentos ginásticos servem de suporte de comunicação, interpretação e compreensão, colocando-se como elemento fundamental para o desenvolvimento psicossocial e psicomotor da criança.

Aplicar a Ginástica Geral, respeitando a individualidade e a pluralidade cultural e social, proporcionando situações em que a criança possa explorar e desenvolver com reflexão e criticidade acerca da cultura corporal, pois através do movimento a criança pode aprender a conviver com outros colegas, desenvolver sua parte física e finalmente se fazer presente no mundo, portanto interagir culturalmente no seu meio social.

Sabendo que o aspecto físico não pode ser desvinculado do aspecto cultural, inserimos as expressões artísticas para que o desenvolvimento seja completo e integral. A Ginástica Historiada é uma nova forma de trabalho, muito interessante, criada durante o

trabalho desenvolvido numa turma do Curso de Educação Física do Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos, no Rio de Janeiro.

Para FREIRE (1997: 83), a Educação corporal, é um dos objetivos da Educação Física. A criança pode apresentar movimentos cada vez mais coordenados, e isso se consegue tanto pelas necessidades impostas pelo meio, como por uma educação sistemática, com orientação do professor. Esta seria a “educação do movimento”. Também se conhece a “educação pelo movimento” onde todos os movimentos produzidos num certo nível podem e devem servir de base para outros mais elaborados. Assim, podemos dizer que através dos movimentos aprendidos, pode-se atingir também outros mais difíceis, ou ainda “aquisições não-motoras” (intelectuais e sociais).

Segundo HOSTAL (1982: 10) “a ginástica põe a criança em relação com seu próprio corpo, permite-lhe descobrir diversos segmentos, exercer o jogo das articulações, sentir e realizar melhor os vários movimentos que elas desencadeiam. É uma conscientização geral da existência do corpo, dos deslocamentos em um espaço onde as distâncias, os intervalos, as direções e os sentidos são avaliados e controlados”.

Desta maneira, devemos objetivar uma “Educação de corpo inteiro” (FREIRE, 1997: 84), procurando desenvolver um corpo em relação a outros corpos e também objetivos dentro do espaço, não apenas por meio de movimento, mas também uma educação através do não-movimento.

Acreditamos na grande importância que a linguagem corporal tem dentro da escola. A linguagem corporal é o conjunto de atitudes e comportamentos que tem um sentido para outros indivíduos e expressa-se através da dança, na mímica, na ginástica nas dramatizações e na expressão teatral. Fundamentalmente nesse sentido, é que todos os nossos gestos, nossas atitudes e comportamentos corporais, podem sempre ser interpretados por outrem, incluindo a nossa intenção, pois o homem é simultaneamente um ser social e um ser de linguagem. (COSTE, 1992; HOSTAL, 1982; SANTA ROSA, 1990; BERGE, 1988)

Através das formas básicas da Ginástica, podemos desenvolver atividades ginásticas que provoquem o aluno, com a finalidade de se obter atitudes de curiosidade, interesse, criatividade e criticidade, onde haja oportunidades de descobrir soluções para os possíveis problemas, ou seja, não apenas trabalhar um salto como um movimento de 3 fases, porém, levar o aluno a pensar numa solução ao problema, de desprender-se da ação da gravidade. Esse tipo de trabalho problematizador, “assegura a globalidade das ações das crianças e a compreensão do sentido/significado da própria prática”. (SOARES, 1997: 79).

As atividades deste projeto vem se desenvolvendo desde 1999, quando surgiu o desejo de desenvolver atividades diferenciadas para um grupo de alunos no período do contra turno da escola, a temática selecionada foi “A Ginástica e Artes : uma união para o desenvolvimento global da criança do Ensino fundamental” onde os alunos participavam de atividades como: montagem de seqüências gímnicas através de colagens, desenhos, mímicas; acuidade auditiva e rítmica; construção de bonecos articulados e produção de pequenas peças teatrais. A seguir os alunos participavam das atividades de ginástica utilizando as produções anteriores, trocas (entre os grupos) de seqüências previamente produzidas, assim como a releitura das mesmas; manipulação de materiais utilizando as atividades rítmicas; manipulação dos bonecos simulando movimentos selecionados pelo grupo. Como resultado as crianças puderam se descobrir, reelaborando uma concepção de corpo por meio de reflexões, partindo de outras concepções já conhecidas através das Artes Plásticas. Puderam também fazer análises de seus movimentos, explorando-os e

desenvolvendo-os como forma de expressão. A confecção de materiais (bola, arco, bonecos,...) com sucata, tornou acessível o uso destes nas aulas de Educação Física, pois não representam custo para a escola e as crianças adoram usar o “seu” próprio material.

No ano de 2000 o tema do projeto foi “A Prática da Ginástica por meio da dramatização”, nesse ano visamos as concepções da Gimnastada e do *Cirque du Soleil* para tornar acessível aos alunos a elaboração de uma produção teatral, assim como a manipulação de materiais diferenciados. Os alunos, duas vezes por semana, participavam das atividades que constituíam a manipulação de materiais e posteriormente a especialização no material de sua escolha ou preferência, essa especialização foi utilizada na montagem de uma produção teatral onde os alunos apresentavam sua seqüência. A interação entre as apresentações, a produção dos alunos e o trabalho em conjunto constituíram os pontos altos deste tema, os alunos exploraram suas possibilidades criando e recriando seqüências gímnicas, selecionando as músicas e adequando os movimentos aos diversos espaços onde foram apresentados (pátio da escola, num ginásio). Neste ano os conhecimentos acerca da cultura corporal amadureceram, a temática selecionada proporcionou o contato com uma cultura e concepção corporal diferentes que resultaram no desenvolvimento acerca da corporeidade.

Para o ano de 2001 a temática eleita é “A Ginástica Historiada e o Desenvolvimento da Criatividade” utilizando a proposta utilizada no Curso de Educação Física do Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos, no Rio de Janeiro, onde por meio de uma história os alunos realizam seqüências gímnicas de acordo com análise da história e da personagem, adotaremos também a simbologia para identificação e registro dos movimentos nas seqüências.

Oportunizar aos alunos refletir, experimentar, criticar, criar e recriar, sistematizar, significar e mostrar, constitui realmente o processo de aprendizagem, os alunos apresentam alegria e cumplicidade na execução das tarefas. Com o projeto verificamos que a sua realização foi de grande valia, pois conseguimos alcançar nossos objetivos, proporcionando situações em que a criança pudesse explorar e desenvolver com reflexão e criticidade, de forma harmoniosa, acerca da cultura corporal.

Acreditamos que um dos princípios fundamentais do desenvolvimento da criança é permitir sua vivência corporal através de novas experiências de movimento, e despertar sua criatividade proporcionando atividades utilizando materiais variados. Assim, utilizamos diversos materiais como bola, fita, arco, corda, bastões, bandeiras e lenços, e como consequência houve um grande estímulo à participação dos alunos na aula do projeto. Os movimentos ginásticos foram muito atraentes e elevaram o nível de motivação das crianças, onde os próprios exercícios educativos utilizados na aprendizagem dos fundamentos, mostraram-se muito importantes neste trabalho.

Nossa finalidade não é apenas o movimento, pois, mesmo pretendendo ensiná-lo, essa aprendizagem só ocorre através do processo que leva o aluno a descobrir suas capacidades, conhecer suas potencialidades e trabalhar com elas transformando simples movimentos em grandes habilidades. Dessa forma, acreditamos que a Ginástica é uma atividade onde a criança tem a oportunidade de descobrir seu corpo, tomar consciência do que ele faz e principalmente do que é capaz. Certificamos, também, que o trabalho desenvolvido mudou nossa prática pedagógica e nos mostrou que é possível realizar um trabalho pedagógico de alto nível com nossos alunos, mesmo dispondo de pouco material didático-pedagógico. A superação das dificuldades mostrou que podemos desenvolver essas práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física estendendo, assim os resultados à todas as crianças da escola.

Enfim, a participação dos alunos nas atividades proporcionadas por este projeto, possibilitou uma valorização da atividade corporal, onde através dos exercícios, puderam desenvolver a saúde, cidadania e consequentemente uma melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- AMBRÓSIO, Marcus V. B.; AMBRÓSIO, Margareth de P. *Ginástica Geral: Uma manifestação sócio-cultural*. In: AYOUB, Eliana; GALLARDO, Jorge S. P.; SOUZA, Elizabeth P. M. de. **Encontro de Ginástica Geral**. Campinas: [s.n.], 1996. p. 28-29.
- AYOUB, Eliana. *Ginástica Geral: um fenômeno sócio-cultural em expansão no Brasil*. In : AYOUB, Eliana; GALLARDO, Jorge S. P.; SOUZA, Elizabeth P. M. de. **Encontro de Ginástica Geral**. Campinas: [s.n.], 1996. p. 15-18.
- BERGE, Yvonne. **Viver o seu corpo: por uma pedagogia do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- CARRASCO, Roland, **Ginástica Olímpica: Tentativa de Sistematização da Aprendizagem**. São Paulo: Manole, 1982.
- COSTE, Jean-Claude. **A Psicomotricidade**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1992.
- FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro**. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- GALLARDO, Jorge S. P. **Encontro de Ginástica Geral**. Campinas [s.n.], 1996 p. 6.
- HOSTAL, Philippe. **Pedagogia da Ginástica Olímpica**. São Paulo: Manole, 1982.
- NETO, Carlos Alberto Ferreira. **Motricidade e Jogo na Infância**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- PALLARÉS, Zaida. **Ginástica Rítmica**, 2. Ed. Porto Alegre: Prodil, 1983.
- Parâmetros Curriculares Nacionais:Arte**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília; MEC/SEF, 1.997.
- Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília; MEC/SEF, 1.997.
- PICCOLO, Vilma L. N. **Educação Física Escolar, ser... ou não ter?** São Paulo: UNICAMP, 1993.
- SANTA ROSA, Nereide S. **Educação musical para a pré- escola**. São Paulo: Ática, 1990.
- SANTIN, Silvio. **Educação Física, outros caminhos**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1990.
- SAUR, Érica. **Ginástica Rítmica Escolar**. Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A, s/d.
- SOARES, Carmem Lúcia (et alli). **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- TANI, Go et ali. **Educação Física Escolar** Uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: Pedagógica Universitária, 1988.
- THOMAS, L. (et alli) Gimnasia Deportiva. Lérida: Editorial Deportiva Agonos. 1997.**
- VELARDI, Marília; PICCOLO, Vilma L. N. *Ginástica Geral*. In : AYOUB, Eliana; GALLARDO, Jorge S. P.; SOUZA, Elizabeth P. M. de. **Encontro de Ginástica Geral**. Campinas: [s.n.], 1996. p. 30-31.

Martha Almeida Picaz Glomb
Rua Rosa Rigoni Landal, 526 bloco 06
ap. 23
Curitiba- PR CEP – 81.260-240
Fone: (0xx41) 249-4032 / (041) 91126918

Viviane Aparecida Fuggi
Rua João Dembinski, 2851 bl 04 ap 43
Curitiba – PR CEP - 81240-270
Fone: (0xx41) 288-4289 / (041) 9995-4170

E-mail: marthaap5@hotmail.com

EXPERIÊNCIA DA APLICAÇÃO DOS CONTEÚDOS DA EXPRESSÃO CORPORAL COMO FATOR SOCIABILIZADOR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Maryland Ribeiro S. Artusi
FEF/UNICAMP – Orientadora Elizabetth Paollielo

A Educação Física na Escola de 1º e 2º Graus Dr. Lopes Chaves, uma escola pequena no centro da cidade de Taubaté, tinha como um dos seus obstáculos principais uma reduzida área coberta, um pátio entre as salas de aula, bem como falta de infraestrutura geral que dificultava a prática da disciplina. Ali aconteciam verdadeiras “pelejas”, entre os pilares e escadarias, onde no máximo 5 alunos por time se dispunham a jogar. Como se não bastasse, suas manifestações eram sufocadas pelo cumprimento do silêncio que se fazia necessário aos alunos das classes em processo de aula teórica no mesmo horário.

A dificuldade de se propor outras atividades além, era evidente; também a interdisciplinaridade era cobrança constante da Diretoria, bem como a preocupação com a visão dos alunos de 5ª série que estavam adentrando ao modelo de comportamento e parâmetros fixados ali, sobre a Educação Física.

Segundo Stokoe, no seu livro *Expressão Corporal em crianças* (87),
“ a atividade organizada sob o nome de expressão corporal, dotada de objetivos específicos, com uma atividade artística, desde que por artístico se entenda tudo aquilo que desenvolve a sensibilidade, a imaginação, a criatividade e a comunicação humanas “.

Foram tomados do vasto campo da Expressão Corporal, alguns aspectos para a situação em si, salientando o papel do professor de Educação Física como orientador, pois no momento da atividade em si, o aluno é ele mesmo, e ao mesmo tempo, o instrumento com que se expressa.

Levando em conta esses aspectos, este trabalho foi desenvolvido tendo por um dos objetivos, tratar da possibilidade de desenvolvimento da sociabilização, através de uma das facetas da Educação Física, a Expressão Corporal.

OBJETIVOS

Gerais

- adequar as Atividades Físicas a um espaço mínimo destinado ‘a Educação Física;
- interagir com outras disciplinas;
- aproveitar as oportunidades festivas para mostrar diferentes propostas corporais dentro da Educação Física;

Específicos

- encontrar um novo estímulo para a prática da Educação Física a partir do corpo que se expressa;
- sociabilização;
- reconhecimento do próprio corpo e suas possibilidades, além das habilidades

esportivas, para a própria evolução da técnica, enquanto repertório motor.

ETAPAS DO TRABALHO

Com a necessidade de se reverter o processo e a visão da Educação Física concebida naquela o trabalho objetivou-se possibilitar a manifestação cultural.

Inicialmente, levantados os conteúdos da Expressão Corporal, segundo Stokoe (87), Pesquisa, Expressão, Criação e Comunicação, fez-se uma reunião com os alunos a respeito das Literaturas adotadas pela Professora da disciplina de Língua Portuguesa, cujo tema enfatizava o “**Caipira**”, do folclore regional. Através da pesquisa, estimulou-se averiguar as características dos personagens e as ações que poderiam ser realizadas sobre o próprio corpo. Desenvolveu-se então, um estudo chamando a atenção não só para as Estórias, bem como para a situação e o comportamento dos personagens.

Democraticamente, passou-se a uma associação dos personagens, baseados numa proposta que caracterizava-se mais acessível ao grupo, principalmente pelo acesso ‘as imagens criadas nas estórias em quadrinhos, facilitando ou ampliando a idéia de Expressão, Criação e Comunicação. Identificou-se o personagem “Chico Bento”, de Maurício de Souza, com a proposta dos demais autores.

Assim, a Comunicação, como um dos itens da Expressão Corporal, foi considerada sob vários níveis de se comunicar: (intracomunicação individual) consigo mesmo, com o outro (intercomunicação interindividual) ou com os outros (intercomunicação grupal), que podem ser participantes ou observadores da atividade.

DISCUSSÃO OU DESENVOLVIMENTO

Compreendendo o aluno como um universo, o desenvolvimento da área intelectual inclusive, será favorecido com o desenvolvimento equilibrado de outras áreas: social, emocional, corporal, etc.

Tendo nos conteúdos da Expressão Corporal expressos por Stokoe, o presente trabalho pautando nessas diretrizes, teve início com aulas laboratoriais, onde os alunos, individualmente, puderam pesquisar e explorar literaturas voltadas ‘a cultura popular, enfocando a figura do “Caipira”, sob a visão de Monteiro Lobato (criação do personagem Jeca-Tatu) e Amâncio Mazzaropi (cinema nacional). Democraticamente formaram-se vários grupos com tarefas distintas dentro do tema, que buscariam através do canto, da dança, da interpretação, manifestar sua comunicação.

É importante salientar que no envolvimento com as tarefas, algumas atividades físicas, como pequenos e grandes jogos foram incorporadas afim de introduzir a corporeidade, antes reduzida ‘a vivência e prática do “futebol adaptado” ‘aquela realidade.

Num segundo momento, o grupo que interessou-se pelo trabalho corporal específico (de interpretação), foi separado, sendo os alunos estimulados a expressarem-se de variadas formas com considerável desempenho. Porém, quando lhes era solicitado sobre o tema em questão, notava-se de forma ainda limitada o envolvimento dos mesmos. Assim, do modelo desenvolvido por Maurício de Souza, num terceiro momento, foi possível estruturar diferentes formas de adaptar o vocabulário verbal e corporal, não estabelecendo, mas envolvendo, propondo aos alunos visualizar e vivenciar as cenas das estórias em quadrinhos (Chico Bento e sua Turma).

Ao estimularmos esse estudo do gesto/expressão, primeiramente o enfoque da estória em si, e posteriormente de como as gravuras retratavam características da personalidade do personagem, e como expressava-se. A partir daí, apelamos ‘a sua particular possibilidade de transformação e ao aproveitamento de sua espontaneidade e criatividade com o objetivo de chegar a um maior aprofundamento e enriquecimento do seu Eu. Assim, o processo aos poucos foi envolvendo mais cada elemento do grupo.

O trabalho torna-se um conjunto, onde alunos de ambos os sexos estavam envolvidos, partindo de um modelo fixo, para a naturalidade própria do jovem, que passa a expressar de forma mais espontânea. A expressão corporal assim, passa a ter uma espécie de estilo próprio, manifestado através e seus movimentos, posições e atitudes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho resultou no envolvimento dos alunos na montagem e apresentação de um espetáculo para a comunidade, seja encenando, cantando, ou colaborando no trabalho de equipe de cenário, etc, dando inclusive, uma visão diferenciada de como cultivar e divulgar as nossas tradições. O respeito e sentido de equipe firmaram-se para o fluir de outras atividades dentro da Educação Física. Até mesmo a visão da Direção, sobre a Educação Física ficou mais ampliada, assim como a importância da mesma e o profissional da área como orientador.

O grupo manifestou interesse em continuar e divulgar o trabalho em outras escolas no período Junino subsequente.

BIBLIOGRAFIA

Stokoe, Patrícia.....Expressão Corporal na Pré-escola.
São Paulo, Summus, 1987

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Feldenkrais, Moshe.....Consciência pelo movimento (tradução Daisy).
São Paulo, Summus, 1977
Freire, João Batista.....Educação de Corpo Inteiro-Teoria e Prática da
E.Física. Editora Scipione, 1992
Freire, João Batista.....As Relações entre o fazer e o Compreender na
Prática da Educação Física. São Paulo, 1982

FERNANDO BROCHADO: UMA VIDA PELA GINÁSTICA GERAL

Rosa Maria Araújo Simões
Mestra em Ciências da Motricidade/UNESP-RC
Profª. FAFIBE/FANORP e F. F. C. L. S. J. R. Pardo

Resumo: No curso de graduação em Educação Física da UNESP/Rio Claro (1990-1993), graças aos professores Mônica Maria Viviani Brochado e Fernando Augusto Brochado, tive a oportunidade de experimentar atividades riquíssimas relativas à Ginástica Geral, tais como, projetos de extensão comunitária, FEGIN, cursos internacionais de ginástica, trampolim acrobático, duplo mini etc. Reconhecendo a contribuição destes professores para a ginástica em nosso país, esta pesquisa tem como objetivo ilustrar, especificamente, o trabalho de Fernando Brochado pela GG no Brasil, a partir da interrogação “o que é GG?”. A pesquisa segue a trajetória metodológica fundamentada na fenomenologia estrutural.

INTRODUÇÃO

Eu e a ginástica

Meu primeiro contato com a Ginástica Geral foi em 1982 quando participei (da 5ª a 8ª série do I Grau) do grupo de ginástica da E. E. P. G. “Exército Brasileiro” - SP. Na época, não chamávamos de GG, apelidávamos as aulas como, aula de GA, GRD, Dança, de acordo com os conteúdos básicos da GA (solo), GRD, composição coreográfica, expressão corporal, (inspirados em temas de nossa cultura popular) que eram trabalhados, os quais culminavam em apresentações nos festivais realizados em nossa escola e na FIG (Faculdades Integradas de Guarulhos). Nunca competimos, sempre demonstramos. Infelizmente, durante o 2º grau, não participava das aulas de educação física porque trabalhava, entretanto, sempre buscava uma diversão em que a dança, a música, o desafio, estivessem presentes. Frequentava então danceterias; nas ruas, andava de skate, patins, bicicleta e carrinho de rolemam; no Centro Cultural São Paulo (Vergueiro) participava de cursos de dança. Desde criança meu sonho era ser professora de educação física, e o início da realização deste sonho se deu quando em 1990, ingressei no curso de Bacharelado em Educação Física da UNESP/Rio Claro. Quando vi o ginásio de ginástica, com tablado e aparelhos oficiais da GA fiquei fascinada e mais feliz ainda porque as disciplinas Atividades Físicas e Exercícios Básicos (GG) e Ginástica Artística foram no 1º semestre do 1º ano, tendo então, a partir do 2º semestre do 1º ano, a oportunidade de estagiar em projetos de extensão comunitária, participar do FEGIN, de cursos internacionais de ginástica, trampolim acrobático, duplo mini-tramp etc. Os professores responsáveis pelas disciplinas Ginástica Artística, Atividades Físicas e Exercícios Básicos (Ginástica Geral) e Trampolim Acrobático eram Fernando Augusto Brochado e Mônica Maria Viviani Brochado. Tive o privilégio de ter sido aluna desta dupla que é de extrema importância na história da GG no Brasil. Hoje, olhando para estas experiências, vejo que elas foram marcantes na minha formação e contribuíram para que atualmente eu pudesse trabalhar na formação de professores de educação física, com a disciplina Ginástica Geral, na FAFIBE/FANORP. E foi a partir da experiência de ministrar tal disciplina que veio o anseio de saber “**o que é a GG para Fernando Brochado**”. Vejo que é uma grande perda,

não só para a Ginástica Geral, mas para a educação física, não termos mais Fernando Brochado compondo o quadro docente da UNESP/Rio Claro, já que o mesmo se aposentou. É por isso que venho, a partir deste trabalho, falar de um grande professor, técnico e dirigente, tentando ilustrar a dimensão, se possível, de seu trabalho desenvolvido em GG no Brasil.

OBJETIVO

A interrogação que norteia este estudo é “**o que é GG para Fernando Brochado?**” Nela está implícita o objetivo de saber afinal, o que é a GG para uma pessoa tão importante na história da GG no Brasil e, conseqüentemente, ilustrar seu trabalho numa tentativa de contribuir para o desenvolvimento da mesma em nosso país.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Neste estudo tenho intenção de buscar uma compreensão das qualidades essenciais que aparecem no discurso de Fernando Augusto Brochado (sujeito) no que diz respeito à GG.

O material que dispus foi constituído por fitas cassetes e um gravador. A abordagem ao sujeito da pesquisa foi a mais natural possível. Após uma breve conversa em que eu expus meu interesse em pesquisar a GG em sua vida, perguntei se podia fazer uso de gravador e, pedi, então, que ele discursasse sobre a GG. A tomada de decisão de não se fazer um roteiro de perguntas, elaborando questionário, está dentro de uma perspectiva de se permitir o desvelar⁹ do fenômeno, portanto, uma perspectiva de não se colocar estímulos ou dirigir a consciência do sujeito para determinados pontos. Pretendi observar a manifestação de seu pensamento em *estado nascente* (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 13) e não o que eu acredito ser importante. Dirigindo meu olhar para o fenômeno “ser Fernando Brochado na GG”, permite-me ter a percepção da própria coisa, sem fazer suposições.

O discurso foi gravado em fitas de áudio para que houvesse a possibilidade de sua transcrição na íntegra e de sua respectiva análise. A análise do discurso segue o método qualitativo, mais especificamente, análise qualitativa do fenômeno situado como orientam MARTINS & BICUDO (1989).

CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS: INTERPRETANDO O QUE É A GG PARA FERNANDO BROCHADO

1) Situando a GG

Quando falamos de Ginástica Geral (GG) temos que falar de ginástica de uma maneira geral, primeiro, para situar bem o que é GG. Existem várias atividades gímnicas, atividades ginásticas, a maioria delas são competitivas. Como por exemplo, podemos citar a Ginástica Rítmica Desportiva (G. R. D.), a Ginástica Artística (G. A.), que aqui no Brasil também é conhecida como Ginástica Olímpica (G. O.), a Ginástica Aeróbica, a Ginástica Acrobática, o Trampolim Acrobático (o que também é uma atividade gímnica), entre

⁹ Sobre o desvelar segue o que Merleau-Ponty diz na p. 16 em *O visível e o invisível*: São as próprias coisas, do fundo de seu silêncio, que deseja conduzir à expressão. Se o filósofo interroga e assim finge ignorar o mundo e a visão do mundo que nele operam e se realizam continuamente, é precisamente para fazê-lo falar, porque acredita nisso e espera deles toda a ciência futura.

outras. Na Europa, existe a rhönrad (roda ginástica) que também é uma atividade competitiva. Enfim, existem todas essas atividades gímnicas competitivas e, tudo que não é competitivo, que serve para demonstração, ou formação corporal, se enquadra dentro da GG.

A GG pode ser competitiva? Ela pode também. Como? Se sairmos de todas essas atividades oficiais conhecidas, e fizer por exemplo, uma competição de banco sueco, em que iremos instituir um grupo de árbitros para julgar os grupos que estão fazendo as apresentações de banco sueco. Isso não é Ginástica Artística, não é Ginástica Rítmica Desportiva, não é Ginástica Acrobática, não é nenhuma dessas modalidades oficiais, ou seja, é uma forma de GG competitiva. **A GG é tudo aquilo que foge a esses esportes gímnicos oficiais.**

A GG passou a ser uma das modalidades dos departamentos da Federação Internacional de Ginástica (FIG), englobando a Ginastrada que é o festival mundial de ginástica. Na **Ginastrada** podemos ver bem essa característica da GG, na qual existem diversos tipos de apresentações, e nela não existe forma competitiva, usamos elementos da GA, da GRD, os aparelhos da GA, GRD, mas não de forma competitiva, e sim de forma **demonstrativa**. A FIG, ao englobar a Ginastrada como seu evento mundial de manifestação máxima da GG, constituiu o Departamento de Ginástica Geral, o qual é responsável pela Ginastrada e pela GG através do mundo.

2) Um breve histórico

No Brasil, a ginástica era dirigida pela Confederação Brasileira de Desporto, mas, na década de 70, fundou-se a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). O primeiro presidente da CBG foi o gaúcho, Vincent Frichart, este fez duas gestões e, o segundo presidente, foi Fernando Augusto Brochado. Em sua gestão criou o Departamento de Ginástica Geral dentro da Confederação Brasileira de Ginástica, instituindo o Festival Nacional de Ginástica de Ouro Preto, o FEGIN, que acontecia todos os anos como seu evento oficial. O primeiro diretor do Departamento de Ginástica Geral foi Carlos Roberto A. de Rezende, de Minas Gerais, que organizava também o Festival Nacional de Ginástica de Ouro Preto. Lamentavelmente foi extinto o FEGIN.

Como presidente da União Pan-americana de Ginástica, Fernando Brochado começou a organizar os primeiros encontros pan-americanos, internacionais, a partir da União Pan-americana de Ginástica. Os primeiros encontros¹⁰ de GG foram realizados na UNESP de Rio Claro, dos quais participaram equipes do Brasil, da Dinamarca, Noruega, Suíça, Suécia, Argentina, Itália, Alemanha, enfim, vários países. Na gestão seguinte a de Fernando Brochado, isto é, na do cubano, Willian Torres Machado, foi criado na União Pan-americana de Ginástica, um Departamento de Ginástica Geral do qual, Fernando Brochado, a convite de Willian Torres Machado, foi diretor.

3) O Festival Alemão de Ginástica

Apesar da Ginastrada ser o evento de expressão máxima da GG no mundo, Fernando Brochado, a convite da Federação Alemã de Ginástica¹¹, teve oportunidade de

¹⁰ Em BROCHADO & BROCHADO (1988, p. 4-6) consta currículos resumidos de professores internacionais que ministraram o I Curso Internacional de Ginástica Geral.

¹¹ A Federação Alemã de Ginástica havia convidado Fernando Brochado para participar do Simpósio de GG para idosos. Dentre os especialistas de alguns países, ele foi o único convidado das Américas.

assistir um outro evento, o **Festival Alemão de Ginástica**¹², no qual não há apenas GG, ou seja, neste mesmo festival são realizados campeonatos alemães nas modalidades oficiais como ginástica rítmica, ginástica artística, trampolim acrobático, rhönrad (roda ginástica), enfim, todos os campeonatos oficiais alemães das modalidades que eles têm na Federação Alemã de Ginástica. Eles aproveitam o Festival Alemão de Ginástica (que ocorre de quatro em quatro anos) para a integração de todas as modalidades, entretanto, é muitíssimo grande o número de participantes em GG. É no Festival Alemão de Ginástica que podemos ver a **GG competitiva**. Por exemplo, um grupo de senhores acima de 60 anos se apresentam, com aparelhos ou sem aparelhos, no banco sueco, com medicinebol, enfim, para qualquer que seja a escolha destes grupos de senhores, haverá um grupo de jurados para classificá-los de acordo com suas apresentações. O mesmo acontece para senhoras em apresentações de jazz, na ginástica para crianças, jovens.

Há também diversas formas de demonstrações: demonstração para palco, demonstração em ginásio, demonstração de grupo, demonstração teatral etc.

No Festival Alemão de Ginástica existem várias categorias de participação, isto pode ser ilustrado a partir, não só das demonstrações, mas também, a partir das competições ginásticas, de jogos como queimada, voleibol, de provas combinadas (p. e.: natação, atletismo e ginástica), de esgrima etc.

Ao fazermos uma comparação entre a Olimpíada, a Ginastrada e o Festival Alemão de Ginástica, veremos que a primeira é muito mais elitista, são atletas de alto nível, portanto, um número não muito grande de participantes (mais ou menos 5000 atletas). A Ginastrada já é um evento maior mas, ainda é elitista, porque os países não querem participar com grupos fracos, eles acabam escolhendo o que tem de melhor na sua GG para mostrar para o mundo (isto sem falar das dificuldades financeiras de determinados países). A Ginastrada é um pouco mais aberta, o número de participantes vai para a casa dos trinta a quarenta mil participantes. Mas, é no Festival Alemão de Ginástica que o número de participantes é muito maior, em torno de cento e dez mil participantes. Fernando Brochado se baseia em dados da época em que a DDR (Alemanha Democrática Comunista) não tinha ainda se separado oficialmente do bloco comunista, a Alemanha não estava unida, mas já permitiam a participação de alguns grupos da Alemanha Oriental (da Alemanha Comunista) e, acredita que depois da união alemã este número tenha ido para uns duzentos mil participantes.

CONCLUSÃO

No discurso de Fernando Brochado podemos observar tanto a *visão da Federação Internacional de Ginástica* bem como a do *Grupo Ginástico Unicamp* (considerando a distinção de visões sobre GG realizada por SOUZA & GALLARDO, 1996, p. 33-34). Quando Brochado compara Olimpíadas, Ginastras e Festival Alemão de Ginástica, enfatiza que este último, é muito mais completo e complexo, haja vista, as diferentes maneiras de participação, demonstração, modalidades (nas quais se enquadram os jogos, as brincadeiras, teatro, lutas, expressão corporal etc.). Na forma de luta, no Festival Alemão de Ginástica que Brochado assistiu, houve apresentação de esgrima. Num Festival de GG no Brasil, por exemplo, poderíamos ter uma apresentação de um jogo-de-luta-dançada brasileiro, a capoeira¹³, numa tentativa de ilustrar um trabalho pautado numa visão

¹² O Festival Alemão de Ginástica é o evento de expressão máxima da GG da Federação Alemã de Ginástica.

¹³ Sobre os movimentos corporais deste jogo-de-luta-dançada ver meu artigo intitulado “Angola e regional: uma análise fenomenológica dos movimentos na capuêra”

pedagógica, “de baixo para cima”, e mesmo assim, correríamos o risco de ser tão técnicos e competitivos, já que impera em nosso modelo de sociedade tais princípios. Mesmo quando temos a iniciativa de enfatizar atividades da cultura popular, como é o caso da capoeira e das danças folclóricas, poderíamos, nem estar, na verdade, fazendo uma demonstração de capoeira em si, já que ela não é nem só uma luta¹⁴, nem somente uma dança e nem somente um jogo. O mesmo poderíamos estender para as danças folclóricas. O que ocorre em muitas composições, é uma certa inspiração nestas fontes. Daí a afirmar ser demonstração de capoeira, de bumba-meu-boi, samba de roda, enfim, destas manifestações folclóricas, é algo muito complicado, e deve ser trabalhado em outros estudos, oficinas, cursos e discussões para esclarecermos e/ou refletirmos sobre este tema.

A partir da análise do discurso de Fernando Brochado, vejo que a GG é, de uma certa maneira, um contramovimento em relação à ginástica competitiva e ao elitismo, já que (como na filosofia do movimento esportes para todos/esportes comunitários), busca ser inclusiva, valorizar a cultura local e o direito de todos pela ginástica. Porém, a GG não é somente uma busca pela demonstração sem caráter competitivo como acontece na Ginastrada, ela é também uma busca por novas maneiras de competir, o que não se restringe à criação de novas modalidades para se competir, mas também ao “como competir”, sem ter que destruir o outro e se destruir como acontece com os profissionais do esporte em nome do “primeiro lugar”. Talvez uma busca pela possibilidade de uma competição não elitista, não exclusiva. Na busca por novas formas de competição, também são manifestados elementos que caracterizam um anseio por uma liberdade de expressão corporal, por uma possibilidade de estar em grupo exercendo a criatividade, seja, cooperando ou competindo.

O ser Fernando Brochado na Ginástica Geral, é um mundo-vida. Seus atos ficaram marcados na FIG, no Departamento de Ginástica Geral, na União Pan-americana de Ginástica, na UNESP de Rio Claro, no texto de AYOUB (1996, p. 42), enfim, em diferentes espaços e tempos. Que este trabalho seja mais uma das formas de fazer reverberar as palavras e os atos de Fernando Brochado na Ginástica Geral, sem o intuito de ficar preso ao passado, mas desvelar sua experiência, valorizando-a, para quem sabe, compreendermos, ou melhor, buscarmos incessantemente a compreensão da GG no Brasil; enriquecê-la, e até mesmo transformá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYOUB, Eliana. Ginástica Geral: um fenômeno sócio-cultural em expansão no Brasil. In: Encontro de Ginástica Geral, Campinas, 1996. **Coletâneas...** Campinas: Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 1996 (p. 39-47).
- BROCHADO, F. A., BROCHADO, M. M. V. Ginástica Geral. In: **Curso Internacional de Ginástica Geral**. Rio Claro: Editora Costa/UNESP, 1988.
- MARTINS, J., BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. 1a ed. São Paulo: Educ Moraes, 1989. 110p.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971. 267p.
- _____. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 392p.
- SIMÕES, R. M. A. Angola e Regional: uma análise fenomenológica dos movimentos na capuêra. In: CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO-AMERICANO FIEP-UNIMEP, 1,

¹⁴ Sobre significado e sentido de luta na capoeira ver meu artigo intitulado “Capuêra e escravidão: movimento de resistência versus submissão”.

Piracicaba, 2000. **Coletâneas...** Piracicaba: Faculdade de Educação Física da UNIMEP, 2000. (pp. 335-38).

_____. Capuêra e escravidão: movimento de resistência versus submissão. **Movimento**. Porto Alegre: UFRGS, ano VII, n. 13, 2000/2. pp. 26-31.

SOUZA, E. P. M. de, GALLARDO, J. S. P. Ginástica Geral: duas visões de um fenômeno. In: Encontro de Ginástica Geral. Campinas, 1996. Coletâneas... Campinas: Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 1996 (p. 33-6).

ROSA MARIA ARAÚJO SIMÕES

Rua 10MP, 416 – Rio Claro/SP

CEP 13.506-180

e-mail: rosinha@claretianas.com.br

A GINÁSTICA GERAL E AS CATEGORIAS ESTÉTICAS

Silvia Pavesi Sborquia
Mestranda da Unicamp

Resumo: Este trabalho de cunho bibliográfico teve por objetivo analisar a relação estética na composição coreográfica da Ginástica Geral. No decorrer dos estudos foi encontrado algumas categorias estéticas e suas definições, as quais podem contribuir para a composição coreográfica através de temáticas que podem levar o sujeito a apropriação da realidade através da percepção estética. É nesse sentido que o trabalho aponta para a necessidade do processo criativo estar vinculado a apropriação da realidade, e também, vincular-se a apropriação do sensível através do saber estético, com a finalidade de alcançar o movimento intencional e expressivo.

INTRODUÇÃO

Este estudo refere-se a estética em sua totalidade, sem amputações e exclusões, pois a estética está presente em toda diversidade cultural. A apropriação específica da realidade como objeto da estética, destaca em primeiro plano o seu significado original de sensível (aisthesis) como um componente essencial de tudo o que consideramos estético: objetos, percepções, valores e o desenho coreográfico na Ginástica Geral.

Conforme Vázquez (1999):

A estética é a ciência de um modo específico de apropriação da realidade, vinculado a outros modos de apropriação humana do mundo e com as condições históricas, sociais e culturais que ocorre (p.47).

Se trata de uma aspiração impossível de cumprir, pois a forma sensível¹⁵ tem sempre um significado inerente. Não existe uma relação estética “pura” incontaminada; o estético é sempre “impuro”, ou seja, encontra-se contaminado pela cultura e vinculado por isso – esteticamente – ao não estético. Só poderemos falar exatamente de relação estética se nela, e na contemplação correspondente, se atende a uma forma sensível à qual é

¹⁵ Sensível: Aquilo que pode ser percebido pelos sentidos. Aquilo que tem a capacidade de sentir. Quem tem a capacidade de compartilhar as emoções alheias ou de simpatizar. Abbagnano (2000)

inerente um certo significado. É diferente em cada ser humano a apropriação estética de uma apresentação de ginástica geral, pela razão da essência do ser humano ser única.

A relação estética do ser humano com o mundo pode ser rastreada nas sociedades mais primitivas ou pré- históricas de acordo com os estudos antropológicos autorizados. Daí a importância da vinculação da estética à antropologia, particularmente a antropologia social ou cultural, e no âmbito da Ginástica Geral e da Dança, mais particularmente, são vinculadas à Cultura Corporal.

O desenho coreográfico na Ginástica Geral não é somente produzido para ser compartilhado pelos outros naquilo que exterioriza ou expressa. Ele requer uma apropriação peculiar, como seu objeto final, que somente é alcançado através da apresentação ao público. Portanto, se considerarmos a relação estética como produção de certos objetos destinados a serem consumidos e, conseqüentemente, como produtos que só alcançam o objetivo final ou o uso apropriado em seu consumo, veremos que este se apresenta de um modo peculiar. O desenho coreográfico não é elaborado com um fim em si mesmo, mas para que seja apresentado ao público e em cada apresentação compartilhado uma relação estética.

Certamente descobrimos que o consumo que hoje fazemos não corresponde à meta ou função que determinou sua produção. Consumimos alienadamente aquilo que nos são apresentados como mercadoria. Muitas vezes as relações que um sujeito tem com a coreografia não são as mesmas que ela realmente representa. Torna-se, então, essencial conhecer as relações que se estabelecem entre a coreografia na situação estética e o sujeito na situação estética.

Vázquez (1999), elaborou algumas categorias estéticas, que podem ser muito utilizadas na elaboração do desenho coreográfico. Em um desenho coreográfico pode estar presente uma ou várias categorias estéticas, as quais poderão suscitar diferentes percepções estéticas.

Categorias estéticas

A relação do sujeito com a coreografia está atrelada das condições sociais em que ela se produz, distribui e consome e a certas condições espirituais, culturais ou ideológicas sem as quais não poderiam ocorrer como objetos estéticos. Exige-se a existência de determinada superestrutura ideológica da sociedade; quer dizer, de um conjunto de idéias, crenças, normas e valores que justifique e guie o comportamento estético dos homens (como um comportamento diferente dos outros: moral, religioso, político etc.), assim como das instituições – escolas, mercado, academias, etc. – correspondentes.

O estético como categoria geral caracteriza um tipo de objeto que, por sua forma sensível, possui um significado imanente que determina o comportamento do sujeito que capta, percebe ou contempla esses objetos de acordo com sua natureza sensível, formal e significativa. Mas o estético só classifica um e outro (sujeito e objeto) na relação humana, histórica e social que torna possível sua existência estética, e na situação concreta, singular, em que essa possibilidade se realiza efetivamente.

Vejamos as categorias estéticas elaboradas por Vázquez (1999), que podem ser utilizadas na elaboração dos desenhos coreográficos na Dança e na Ginástica Geral.

As vicissitudes da beleza

Não é casual o início pela categoria do belo. A beleza do homem é associada à sua beleza moral, embora sem identificar-se uma e outra. Mas a beleza de uma pessoa está

ligada a suas qualidades morais, medidas estas com uma régua aristocrática, tampouco se desliga plenamente de sua aparência sensível, física, como se pode inferir dos elogios homéricos à beleza de Aquiles e Helena.

Certamente o belo não existe por si mesmo à margem de sua relação com o homem, mas sim em determinadas condições históricas, sociais e culturais. Então o que consideramos belo? Conforme Vázquez (1999): *chamaremos de belo a um objeto que, por sua estrutura formal, graças à qual se inscreve nela certo significado, produz um prazer equilibrado ou um gozo harmonioso. O belo é difícil (p.205).*

É possível encontrar o belo nas grandes obras de ballet clássico, nas danças modernas, no cirque de Soleil e nas apresentações de ginástica geral.

As aventuras do feio

O feio como categoria estética pode ser descoberto tanto na realidade como na arte. São igualmente feios os objetos reais e aqueles representados pelos pintores. Contudo, ao serem contemplados, produzem efeitos distintos e opostos. Mas essa distinção ou oposição não contradiz a natureza estética comum do feio tanto na realidade quanto na arte.

O feio é o que está em dissonância com o contexto, o que não faz parte, ou o que está sobredimensionado. O feio é uma categoria que também pode ser usado no desenho coreográfico, ele pode ser o contraste, ou a mudança de intensidade, ou, ainda, a representação de uma realidade dissonante.

O sublime

O sublime se encontra sempre em certa relação com o homem. Quando se trata do sublime natural – o mar raivoso ou a terrível tempestade, sentimo-nos surpreendidos ou ameaçados por algo que, devido ao seu poder e grandiosidade, se impõe diante de nossa precariedade e limitação. Quando se trata de ações humanas, sua sublimidade provoca um sentimento de admiração ante um poder que extrapola as limitações da existência normal, cotidiana. No sublime o homem se eleva, a partir de sua precariedade e limitação, perante a magnitude do negativo: o terror, o horrível, ou a morte.

O sublime pode estar presente no desenho coreográfico quando, por exemplo, o coreógrafo se utiliza de movimentos que ultrapassam os limites do corpo humano.

O trágico

A tragicidade é característica da existência humana. Não como um componente essencial ou constante dela, mas sim em certas relações do homem (indivíduos, grupos sociais ou povos) com o mundo, com a natureza ou em determinadas relações dos homens entre si. Nessas relações humanas ocorrem situações, comportamentos, atos ou resultados de suas ações que podemos classificar de trágicos. Assim, por exemplo, são trágicos os amores dos jovens que, ante a impossibilidade de transpor os obstáculos insuperáveis que se opõem a sua união optam – em um pacto suicida- em dar fim à vida.

O cômico

Em nossa vida cotidiana distinguimos facilmente a comicidade de um gesto, de um aceno, de uma situação ou de uma confusão de idéias ou palavras, para o efeito – o riso- que provoca em nós.

O cômico adquire uma dimensão estética própria nem tanto na vida real como na arte e na literatura. E, ao adquiri-la, o cômico se apresenta com estas características: a) Ainda que na arte e na literatura o cômico seja sempre criação ou invenção, os

personagens, atos ou situações criados têm sempre a ver com a comicidade na vida real como vertente essencial da existência humana. E na música o cômico pode ocorrer indiretamente com a ajuda do texto literário (como nas óperas cômicas, por exemplo); mas, em todo o caso, a música enquanto tal, mais do que representar o cômico, o que faz é evocar o sentimento festivo, prazeroso, associado a ele. b) Enquanto que a comicidade artística ou literária é sempre inventada, imaginada ou criada, não produz o efeito natural, espontâneo ou intenso (o riso) que produz o cômico na vida real. Seu efeito é sossegado, contido, que não pode confundir-se com o intenso que suscita o cômico na vida real. O cômico apresenta três variedades fundamentais: o humor, a sátira e a ironia.

O humor

Para a análise do conceito de humor encontra-se em Vázquez (1999) algumas definições, em diversos autores:

O humor é a seriedade oculta dentro da gozação”(Schopenhauer), “é a ironia que termina em seriedade (Vladimir Jankelevich), o humor é um pouco da intrusão do maravilhoso no raciocínio, ou no mecanismo normal da vida humana; debaixo do humorismo existe sempre uma grande dor (Mark Twain), o humor é a sutileza de um profundo sentimento (Dostoievski), o humor é a manifestação mais alta dos mecanismos de adaptação do indivíduo (Freud).

A sátira.

Ao comparar a sátira com o humor, vemos que a crítica é mais demolidora porque o objeto satirizado não só revela sua inconsistência, mas além disso sua negatividade, razão pela qual os golpes que descarrega sobre o objeto buscam sua destruição. É portanto uma crítica que, longe de ser compreensiva, tolerante, como a do humor, traz entranhada uma condenação. Sem deixar o menor resquício para a simpatia, promove a repulsa ou desaprovação.

A ironia

A ironia é uma crítica oculta que é preciso ler nas entrelinhas, e quanto mais oculta, mais sutil e, talvez, mais profunda. Na ironia, o objeto some atrás de sua aparente ou fingida elevação. O vício aparece como tal ao apresentar-se como virtude; a mediocridade se revela exatamente quando o medíocre pretende comportar-se como gênio; o elogio irônico, longe de enaltecer, rebaixa.

O grotesco

O grotesco está aqui na irrupção do fantástico, do estranho, na própria realidade. Essa irrupção é inconcebível, e o é inclusive imaginá-la, ou tomá-la como argumento para uma narrativa realista; e contudo, embora raro, nos diz ele finalmente, o absurdo, o estranho, existe e acontece. Em suma, está na própria realidade.

O grotesco é um dos meios de que a arte e a literatura dispõem para ajudar a quebrar uma realidade que, indiferente ao tempo e à mudança, se empenha em ser eterna e imutável. O mundo do grotesco, embora fantástico e irreal, não faz senão mostrar o absurdo, o irracional, o próprio seio de uma realidade que se apresenta como coerente, harmônica e racional. Não é por acaso que aparece associado historicamente na arte e na literatura com movimentos anticlássicos e anti-realistas; resumindo: inconformistas.

CONCLUSÃO

O movimento intencional e expressivo no desenho coreográfico, é uma forma de comunicação e expressão corporal. E estas categorias devem ser atribuídas não apenas nas artes cênicas ou na literatura, mas, também, na Dança e na Ginástica Geral como veículo de comunicação e de estética de quem participa.

Para que haja sentido no desenho coreográfico, elaborado a partir de uma manifestação da Ginástica Geral, acreditamos ser necessário uma relação dialética entre o processo criativo e o saber estético, resultando na práxis, que é a coreografia. Entendo a práxis como a ação de um ou vários sujeitos, ela é simultaneamente teoria e prática e pressupõe a liberdade de criação e de expressão.

O artista isolado no processo criativo pode compor uma coreografia que seja alheia ao entendimento da sociedade. Assim como o filósofo da estética pode elaborar uma teoria totalmente desvinculada a criatividade do sujeito. A coreografia é a expressão e a linguagem corporal através da qual, um sujeito ou um grupo, extravasam as emoções, os sentimentos, as idéias através do movimento. Conforme Silva (1992) *O movimento entendido como a realização do potencial existente no Sujeito manifesto em uma ação intencional e expressiva* Intencional: consciência de alguma coisa. Expressivo: é a transformação de pensamento e movimento em gestos (p.82).

É nesse sentido que o trabalho aponta para a necessidade do processo criativo estar vinculado a apropriação da realidade, e também, vincular-se a apropriação do sensível através do saber estético, com a finalidade de alcançar o movimento intencional e expressivo.

É necessário a relevância nas relações que se estabelecem entre a coreografia (objeto), e o sujeito na situação estética. Ao apropriar-se dessa realidade podemos estabelecer os alicerces sobre o processo criativo e ampliar o leque de possibilidades na construção coreográfica em Ginástica Geral.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4ed. São Paulo: Martins fontes, 2000.
GALLARDO, J.S.P. (coord) **Educação Física: contribuições à formação profissional**. 2.ed. Ijuí: Unijuí, 1997.
SÉRGIO, M. **Epistemologia da Motricidade Humana**. Lisboa: Edições FMH, 1996.
SILVA, J.B. **Educação Física, esporte e lazer: aprender a aprender fazendo**. Londrina: Lido, 1995.
TAFFAREL, C. N. Z. **Criatividade nas aulas de educação física**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1985.
VÁZQUEZ, A. S. **Convite à estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ENDEREÇO: Rua Meyer, 355 apto 303. Jardim Ipanema. Londrina – Paraná. CEP: 86015-160
e -mail: silviton@onda.com.br

AULAS HISTORIADAS COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA COM A GINASTICA

Vagner de Lima Oliveira
Graduado em Educação Física – Unicamp

Resumo: Este trabalho foi concebido a partir de uma experiência prática vivida entre 1995 e 1997 com a ginástica artística. Neste período, ministrei aulas desta modalidade para crianças de 04 e 05 anos, buscando, ininterruptamente, estratégias pedagógicas que elevassem o grau de motivação e participação das crianças. Buscava tornar as aulas mais dinâmicas e condizentes com a realidade delas, minimizando as dificuldades encontradas, como: concentração, organização no espaço, repetição dos elementos. Desenvolver as aulas a partir de historias foi o melhor caminho encontrado.

1) Características do Projeto Crescendo com a Ginástica

Brincar com a ginástica! Essa é uma das propostas do Projeto Crescendo com a Ginástica (PCG), desenvolvido desde 1989 até 1997 na Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp. Para melhor clarear as questões que o envolviam, estruturamos este texto em duas partes, que são:

A) Características do PCG

Este projeto foi desenvolvido na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, como uma atividade de Extensão para a comunidade local, tentando desmitificar a visão de ginástica como uma modalidade elitista, ou seja, deixando de ser um espaço onde somente os talentosos pudessem se aventurar a conhecê-la e praticá-la. No decorrer do tempo, este trabalho foi se aperfeiçoando e gerou maior participação dos alunos graduandos em Educação Física, que tinham a oportunidade de desenvolver na prática os conteúdos teóricos discutidos em sala de aula.

A partir daí foi possível constatar um número crescente de trabalhos científicos gerados por pesquisadores de iniciação científica, por monografias de final de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado, desenvolvido através da construção do conhecimento teórico/prático dessa modalidade.

O prazer vivido pelas crianças na prática das atividades era a mola propulsora desse projeto. Todas vinham para aprender, e aprendiam com prazer... O prazer incita a motivação, encorajando-os perante os desafios e as acrobacias propostas em cada aula, facilitando, dessa forma, quebrar as barreiras do medo, superar as dificuldades. Ultrapassavam seus limites individuais quando ajudavam seus colegas na execução dos elementos, quando trabalhavam em duplas ou trios ou ainda nas composições coreográficas, que sempre foi um meio de melhorar as relações interpessoais entre os participantes (Nista-Piccolo, 1998).

Nas aulas, nosso ponto de partida era o conhecimento que a criança trazia, adquirido através de suas vivências anteriores. A exploração dos movimentos em um determinado aparelho utilizado em aula, a princípio era individualizada e com o passar do tempo, socializado e imitado pelas demais. As aulas transcendiam a ginástica, pois aconteciam com vida, tornavam-se arte. Vida que algumas instituições de ensino não

deixam entrar por seus portões. “(...) *o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir, e eu não posso comer ou dormir por alguém [...] assim, a busca do conhecimento não é preparação para nada, e sim vida, aqui e agora*” (Freire apud Freire, 1994, p. 17).

As crianças tinham dois encontros semanais, em dois dias alternados, com uma hora de duração, totalizando trinta aulas no semestre. A estrutura do projeto organizava-se em três fases: a iniciação, contemplada em dois semestres; o básico, que se estendia até seis semestres; e a escolinha que oportunizava a aprendizagem dos elementos acrobáticos e ginásticos primordiais, já visando a formação do ginasta.

Em ambas as fases, dividíamos metodologicamente a aula em três momentos que se tornaram clássicos entre os participantes do projeto, aplicados nessa ordem:

- 1) **EXPLORAÇÃO** - momento em que as crianças podiam manifestar-se diante dos aparelhos e conteúdos gímnicos a serem trabalhados naquela aula. Previamente o espaço era organizado pelos monitores para que esse momento fosse garantido. Nele as crianças poderiam criar, improvisar, dominar, expressar, construindo bases para execuções seguras, assegurando sua subjetividade no movimento.
- 2) **PISTAS** – nessa fase o monitor indicava uma pista que, de certo modo, limitaria as outras possibilidades de se executar o movimento almejado. Era uma fase de transição entre a pura exploração dos espaços pelas crianças e as ações pretendidas naquele encontro. Aqui a exploração continuava presente seguindo apenas as “dicas” sugeridas pelo professor para outras execuções, de acordo com suas capacidades.
- 3) **O MOVIMENTO** – tínhamos uma ação motora a ser trabalhada em cada aula, ou seja, as crianças tinham que sair do ginásio sabendo algo novo:

“(...) é o momento em que todas as atividades que deixaram de ser contempladas nos dois primeiros momentos são agora propiciadas de forma adequada às características da faixa etária que está sendo trabalhada; eu conduzo meus alunos a executarem as propostas, sem perder a perspectiva lúdica. Atividades que considero de extrema importância para alcançar objetivos pretendidos naquela aula (...)” (Velardi, 1997 p.151).

Em linhas gerais, nos transcritos de Nista-Piccolo (1998, p.39), o projeto visava: “O aprender do aluno como objetivo central, dando espaço para que ele possa ser o que é, oferecendo maior complexidade a partir do seu domínio das ações motoras básicas combinadas em uma progressão lógica”.

As nossas inquietações em busca de uma estratégia pedagógica foram aparecendo na medida em que as crianças demonstravam algumas características particulares, se comparadas com outras turmas de outras idades, tais como:

- as crianças de 04 e 05 anos não se mostravam interessadas em realizar exercícios que não tivessem sentido, significado para elas, ou seja, ela não andaria na trave de equilíbrio se não existisse uma razão;

- devido às características específicas do desenvolvimento infantil no período compreendido entre 04 e 05 anos de idade, as crianças não apresentavam ainda uma atenção na realização de determinados exercícios;
- o grupo era formado por 20 alunos que num ambiente gímico, espaçoso e rico em estímulos novos e diferentes, impossibilitava o controle da atividade a ser desenvolvida;
- a necessidade de brincar das crianças associada com a proposta de aprender ginástica;
- a repetição dos movimentos – cada atividade deveria ser proposta apenas uma vez, pois a necessidade de explorar impedia a repetição dos movimentos.

B) FAZ DE CONTA...

As nossas inquietações em busca de uma estratégia pedagógica foram aparecendo na medida em que as crianças demonstravam algumas características particulares, se comparadas com outras turmas de outras idades, tais como:

- as crianças de 04 e 05 anos não se mostravam interessadas em realizar exercícios que não tivessem sentido, significado para elas, ou seja, ala não andaria na trave de equilíbrio se não existisse uma razão;
- devido às características específicas do desenvolvimento infantil no período compreendido entre 04 e 05 anos de idade, as crianças não apresentavam ainda uma atenção na realização de determinados exercícios;
- o grupo era formado por 20 alunos que num ambiente gímico, espaçoso e rico em estímulos novos e diferentes, impossibilitava o controle da atividade a ser desenvolvida;
- a necessidade de brincar das crianças associada com a proposta de aprender ginástica;
- a repetição dos movimentos – cada atividade deveria ser proposta apenas uma vez, pois a necessidade de explorar impedia a repetição dos movimentos.

Através de ensaio e erro, fomos aos poucos aperfeiçoando um instrumento pedagógico que visava minimizar as dificuldades, relatada acima, facilitando atingir o objetivo da proposta. Utilizei-me da estratégia de aulas historiadas com o faz-de-conta, que serviam de porta de entrada para a manifestação do caráter lúdico inerente à cultura da criança, tornando as aulas mais próximas do mundo real da criança. Eram viagens a florestas, pântanos, planetas, à lua, em missões especiais, enfim, eram sempre heróis ou personagens de aventura emocionantes, muitas vezes sugeridas por eles.

Por compreendermos que a fantasia e o jogo são aspectos importantes para o desenvolvimento da criança, buscaremos unir em nosso trabalho esses componentes ao aprendizado da ginástica, seguindo um modelo pedagógico (Leguet, 1987).

CONTOS: VANTAGENS PEDAGÓGICAS

Percebemos que a ginástica, da maneira como foi concebida neste projeto, vivenciada de forma prazerosa, numa perspectiva lúdica, tem uma forte ligação com o brincar infantil, pois a “infância é um período muito intenso de atividades: as fantasias e os movimentos corporais ocupam quase todo o tempo da criança” (Freire, 1994; p.16) e dessa forma foi possível propor uma atividade dinâmica e “alucinante”.

Quase sempre o espaço era organizado para formar um caminho único e longo, contemplando todos os conteúdos planejados. Isso propiciava que a cada aula uma criança

pudesse ir à frente do grupo, estimulando sua capacidade de liderar, respeitar e imaginar os obstáculos que viam. Era preciso conter também o impulso de querer chegar ao final logo, pois os primeiros, quando possível, deveriam ajudar os demais na travessia. Mesmo quando algum conflito acontecia durante a história, procurávamos resolvê-los inseridos nela. Quando brincam **“as crianças podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência”** (Wajskop, 1995; p.33).

Na obra de Wajskop (1995), há uma síntese de sua compreensão da brincadeira, perfeitamente relacionada à nossa conduta docente no Projeto Crescendo com a Ginástica:

- A criança pode assumir outras personalidades, representando papéis como se fosse um adulto, outra criança, um boneco, um animal etc. (é possível de se acrescentar vários outros);
- As crianças podem utilizar-se de objetos substitutos, ou seja, pode conferir significados diferentes aos objetos, daqueles que normalmente estes possuem;
- Existe uma trama ou situação imaginária;
- As crianças realizavam ações que representam as interações, os sentimentos e conhecimentos presentes na sociedade na qual vivem;
- As regras constitutivas do tema que orienta a brincadeira dever ser respeitadas.

Seguindo essa forma de pensar e agir, conseguimos sistematizar um método que minimizou as dificuldades pedagógicas encontradas em aulas de ginástica artística para crianças situadas na primeira infância, que ressalvamos não utilizá-lo como modelo, e sim como referência quando consultados por profissionais que lidam com esta faixa etária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- 1) BENJAMIN, Walter – *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação* – São Paulo, Summus, 1984.
- 2) FREIRE, João Batista – *Educação de Corpo Inteiro*, São Paulo, 4ª edição, Scipione, 1994.
- 3) FREIRE, Paulo – *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- 4) LEGUET, Jacques – *As ações motoras em ginástica esportiva*, São Paulo, Manole, 1987.
- 5) NISTA-PICCOLO, Vilma L. – *Crescendo com a ginástica*, Anais do I Congresso Latino Americano, II Congresso Brasileiro de Educação Motora (p.35 á 41), Campinas, Gráfica da Unicamp, 1998.
- 6) WAJSKOP, Gisela – *Brincar na pré-escola*. São Paulo, Ed. Cortez, 1995.

Vagner de Lima Oliveira
Rua: Manoel de Souza Filho, 326
Barão Geraldo – Campinas – CEP 13085-450

VÍDEO PÔSTERES

A GINÁSTICA GERAL EM CLUBES: ENSAIOS DE UMA PROPOSTA À PARTIR DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

Eliana de Toledo

Mestra pela Faculdade de Educação Física – UNICAMP

Resumo: Este trabalho pretende mostrar a possibilidade de inclusão e desenvolvimento da Ginástica Geral em clubes, à partir de turmas já existentes nas modalidades gímnicas competitivas, como a Ginástica Acrobática, Artística e Rítmica, baseados na experiência vivida pela autora. Através da mostra de coreografias em vídeo e da fala da autora, será possível averiguar os aspectos mais relevantes desta experiência, que podem ser apropriados e aplicados por outros professores da área da Ginástica. Numa perspectiva mais ampla, este talvez seja um dos caminhos para a difusão da Ginástica Geral no ambiente clubístico em todo Brasil.

A Ginástica Geral ainda está pouco difundida e estruturada em todo Brasil, e está notoriamente em expansão como é possível averiguar nos estudos de SOUZA (1997) e de SANTOS (1999).

Assistindo à muitos Festivais de GG, regionais e nacionais, num período de 10 anos, é fácil distinguir, enquanto profissional da área da Ginástica, a diferença entre grupos que desenvolvem especificamente a GG e grupos de outras modalidades gímnicas, em especial da Ginástica Acrobática, Rítmica e Artística, que “adaptam” coreografias e as apresentam como Ginástica Geral. Estas coreografias “adaptadas” já nos sinalizam que a GG foi gradativamente inserida em grupos ou instituições que praticavam outras modalidades gímnicas, principalmente nos clubes.

No caso específico das instituições da cidade de Campinas, este processo foi muito claro. Um dos motivos mais relevantes para este processo de inclusão ou da prática da GG nos clubes da cidade, foi a influência do trabalho desenvolvido pelo Grupo Ginástico Unicamp (GGU), e pelos estudos desenvolvidos na Faculdade de Educação Física da Unicamp. Vale lembrar que além das exposição de trabalhos e coreografias em toda cidade (clubes, escolas, festivais, etc), muitos integrantes do GGU, desde de sua origem em 1989 (SOUZA, 1997), atuavam como professores de Ginástica Rítmica e Artística em clubes.

No período de 1994 a 1999 foi possível constatar a prática da GG nos seguintes clubes: Associação Atlética Banco do Brasil, Bonfim Recreativo e Social, Clube Campineiro de Regatas e Natação, Clube Semanal de Cultura Artística, Clube Vila Marieta e Sociedade Hípica de Campinas. *Destes grupos (clubes), todos possuíam integrantes que eram praticantes ou ex-praticantes de Ginástica Rítmica e Artística.*

É possível dizer que a elaboração e apresentação de coreografias de GG por estes grupos foram muito significativas, tanto para os alunos, quanto para a projeção da GG no Estado de São Paulo, mediante a verificação da participação dos mesmos em eventos de GG. A expressão máxima do envolvimento destes grupos com a GG, foi a participação de 5 destes 6 clubes em eventos internacionais, como as Gymnaestradas Mundiais de 1995 e 1999 e o Festival del Sole – Riccione – Itália, em 1998. Estes dados vêm confirmar o sucesso obtido neste processo de difusão da GG, à partir de turmas já existentes de Ginástica Rítmica e Artística nos clubes.

Felizmente pude acompanhar de perto este processo enquanto integrante do Grupo Ginástico Unicamp, técnica de GR (Sociedade Hípica de Campinas) e pessoa próxima dos profissionais dos clubes citados anteriormente. O fato mais interessante que pude constatar

durante estes anos de acompanhamento é que basicamente todos os grupos passaram por situações semelhantes no processo de inclusão da GG em seus clubes.

Algumas destas situações ou aspectos deste processo de inclusão foram:

- a informação acerca da GG esteve acessível aos professores, de diferentes formas. Alguns faziam parte do GGU, outros tinham contato direto ou indireto com a Unicamp e/ou com a Federação, outros participavam ou assistiam Festivais de GG, etc. O acesso ao campo de conhecimento desta área pelos profissionais que trabalham com as diferentes modalidades de Ginástica (capacitação), se mostrou como um primeiro passo para sua inclusão nos clubes;
- as técnicas dos clubes selecionavam alguns treinos para a elaboração de coreografias de conjunto, sem seguir as normas do Código de Pontuação (5 ginastas, 1 ou 2 aparelhos pré-estabelecidos, no máximo com 3 minutos de duração, etc, objetivando geralmente o encerramento do Festival de Ginástica de seu clube no final do ano. Esta era uma forma descontraída no ambiente competitivo, de se organizar uma coreografia que proporcionasse a integração de todas as ginastas, onde cada uma pudesse expor suas habilidades (dentro de seus limites), com uma música diferenciada (geralmente cantada, com 5 minutos de duração, etc), mostrando os conteúdos que foram desenvolvidos durante todo o ano. As características destas coreografias vão ao encontro das propostas da GG, e desta forma as técnicas(os) as desenvolviam para o Festival de seus clubes e participavam, também, de Festivais de GG, com estas coreografias. A participação nestes Festivais, motivava indiretamente as alunas à esta prática, a partir da vivência positiva (prazerosa) e da observação de outros trabalhos que eram apresentados;
- outra forma da inclusão da GG nestes grupos de modalidades gímnicas competitivas aplicada pelas(os) técnicas(os), foi a seleção de alguns treinos para proporcionar um trabalho diferenciado, objetivando: quebrar a rotina dos treinos, facilitar o processo criativo e melhorar a integração entre as ginastas, posto que estas modalidades são essencialmente individuais. Estes momentos eram tão significativos e o seu produto, geralmente coreografias ou sequências coreográficas, eram tão interessantes, que eram apresentadas em outras circunstâncias, como Festivais ou Eventos Esportivos dentro do clube (inauguração de novos espaços, abertura de competições desportivas, etc), ou em Festivais de GG;
- outras(os) técnicas(os), por terem vivenciado a prática da GG no GGU, optaram por inseri-la em seus treinos, de uma forma diluída ou selecionando dias especiais durante a semana para esta prática, objetivando especificamente desenvolver os conteúdos propostos pela GG, culminando na participação de Festivais nesta área, no final do ano;
- outras(os) ainda optaram por criar turmas específicas de Ginástica Geral, convidando suas ginastas ou ex-ginastas à participarem deste grupo;
- outras(os) somente visualizavam, inicialmente, a participação de suas alunas em Festivais de GG, nacionais e internacionais, e para isso, uniam as turmas de treinamento de GA e GR e elaboravam uma coreografia.

Estes foram os aspectos mais relevantes que influenciaram a inclusão da GG nos clubes, no caso especial de Campinas, mas com relação à continuidade da prática da GG nestes clubes, outros fatores parecem ter sido decisivos.

Um fator que merece destaque, à partir desta experiência, e que parece ter influenciado muito alguns clubes no desenvolvimento contínuo da GG, foi o sucesso de

sua aplicação, principalmente com ex-ginastas que não mais competiam ou com ginastas que não obtinham resultados satisfatórios em competições oficiais.

Aliás, a GG vêm preencher uma grande lacuna existente na prática das modalidades gímnicas competitivas nos clubes, pois forma-se um grande contingente de ginastas que são apaixonadas por Ginástica e que acabam frustradas devido ao processo de seleção para a competição, chegando muitas vezes à parar de praticá-la. Parte deste contingente também são aquelas que possuem idade superior à 15 anos, que gradativamente encerram sua “carreira” em competições, mas que gostariam de continuar praticando a Ginástica, devido ao prazer e alegria que esta prática lhes proporciona, e às habilidades (manejo de aparelhos, execução de elementos acrobáticos, etc) e às capacidades (flexibilidade, força, agilidade, etc) já desenvolvidas em suas modalidades específicas, que poderiam ser ainda vividas, redimensionadas e mostradas para o público.

Ao meu ver, o sucesso da GG parece garantido nos clubes, pois com sua proposta de integração, socialização, criatividade, aplicação e desenvolvimento de conteúdos gímnicos e artísticos, etc, ela parece vir ao encontro das expectativas das técnicas e até mesmo das ginastas, como mencionamos nos parágrafos anteriores.

Logicamente a GG pode ser desenvolvida nos clubes, independente de um vínculo, na fase inicial, com as modalidades gímnicas competitivas, mas parece-me que sua relação com as mesmas pode vir à facilitar este processo de inclusão.

Neste sentido, talvez uma proposta para a inclusão da GG nos clubes seja a capacitação e a orientação dos profissionais que já trabalham com as modalidades gímnicas competitivas, à partir das experiências já vividas com sucesso por alguns grupos ou técnicas(os).

Com relação à capacitação de profissionais na GG, sentimos cada vez mais a necessidade de um Plano de Capacitação e Divulgação na área da Ginástica Geral, coordenada pela Confederação Brasileira de Ginástica e suas Federações. Independente do não oferecimento de propostas pelos órgãos burocraticamente responsáveis por esta modalidade no Brasil, alguns esforços já estão sendo despendidos em outros setores da sociedade para sanar esta carência.

Um dos setores que tem se mostrado eficaz na capacitação e divulgação da GG, mesmo porquê possui uma co-responsabilidade na difusão do conhecimento no país, são as Faculdades de Educação Física, em especial a Faculdade de Educação Física da Unicamp. Esta última faculdade vêm desenvolvendo atualmente os seguintes trabalhos para o desenvolvimento da GG:

- inclusão da GG nas disciplinas curriculares da Graduação;
- organização de Festivais semestrais na Faculdade para a divulgação dos trabalhos desenvolvidos nas disciplinas e dos trabalhos de clubes ou escolas orientados pelos alunos enquanto estagiários;
- formação de um grupo de pesquisa, capacitação e apresentação de GG (Grupo Ginástico da Unicamp);
- desenvolvimento de trabalhos científicos na área da GG (artigos, monografias, teses, etc), vinculados especificamente à um Grupo de Estudos da GG;
- intercâmbio com a Organização Dinamarquesa de Ginástica (DGI) e a filiação da Universidade ao ISCA;
- capacitação e reciclagem de professores formados, através do curso de pós-graduação em Ginástica e de outros cursos oferecidos à comunidade ou à professores universitários;

- organização de Encontros e Fóruns Nacionais, em parceria com outras instituições, para a divulgação e melhor desenvolvimento da GG no Estado de São Paulo e no Brasil.

A capacitação para que os profissionais da área possam desenvolver a GG, em diferentes ambientes de trabalho (clubes, escolas, instituições, etc) parece já estar tendo um rumo mais definido, mas, a divulgação desta área do conhecimento também pode e deve ser efetuada por todos nós que já a conhecemos, profissionais da área da Educação Física, em especial da Ginástica.

Espero que as informações deste trabalho, fruto de uma experiência vivida em alguns anos na área da GG, também em clubes, possam ser refletidas e discutidas, e num segundo momento aperfeiçoadas numa proposta efetiva de inclusão e desenvolvimento da GG nos clubes, processo este que me parece possível e garantido.

Referências Bibliográficas

SANTOS, José Carlos E. & SANTOS, Nadja Glória M. História da Ginástica Geral no Brasil. Rio de Janeiro: Publicação Independente, 1999.

SOUZA, Elizabeth P.M. Ginástica Geral: Uma área do conhecimento da Educação Física. Campinas, SP [s.n.], 1997.

_____. Perspectivas para o desenvolvimento da Ginástica Geral no Brasil: o papel da Universidade. in Anais do Fórum Brasileiro de Ginástica Geral. Campinas, 1999.

Endereço Completo

Av. Jesuíno Marcondes Machado, no. 2201, apto 103, Edifício Piazza Navona - Jd. Planalto
Campinas – SP – CEP:

GINASTICA GERAL PARA TODOS

Henrique Sanioto

Licenciatura plena, curso de Educação Física
Fundação Educacional de São Carlos – FESC,
Escola de Educação Física de São Carlos

Resumo: A Equipe de ginástica geral orientada pelo professor Henrique Sanioto, responsável pelo projeto Ginástica Geral Para Todos, apresenta uma síntese de diversas coreografias aliadas à técnica da ginástica olímpica, da dança, do teatro, da interpretação corporal, e do lazer. Todos estes elementos se somam e promovem prazer e saúde, melhorando a condição física dos praticantes. A fita “SHOW” apresenta a coreografia “Isto é Brasil” que valoriza nosso povo e nossa cultura..

Introdução

A Equipe de ginástica geral já faz parte do calendário cultural da região de Araraquara. A Equipe que já completou mais de uma década de trabalho, data oportuna para comemorar as conquistas e também as derrotas que servem como instrumento de impulsão e reflexão e que dão continuidade a nossa luta que é constante e diária. A dedicação do professor e coreógrafo Henrique Sanioto vem conduzindo essa trajetória de mais de 10 anos fez com que o grupo de Araraquara se firmasse como um dos mais importantes no cenário esportivo nacional.

Esse trabalho social, cultural e esportivo, sustenta uma estrutura com diversos alunos praticando esta modalidade, que hoje se tornou um espelho para população. Essa união da sociedade faz crescer ainda mais nosso percurso rumo a maiores conquistas futuras. A utilização da ginástica olímpica ao trabalho aliado as expressões artísticas como: o teatro, a musica e a dança, trouxe contribuições significativas ao nosso grupo, que se destaca e é reconhecido em todo o estado. Após brilhar nos mundiais da Alemanha em 1995, e da Suécia em 1999 representando o Brasil em um evento de tal grandeza que é a World Gymnaestrada, sem duvida este mega evento cultural, social, e esportivo, reúne os melhores atletas do mundo na ginástica geral e isto traz retorno não só para nossos atletas, mas para a divulgação do Brasil em âmbito internacional.

Hoje a equipe tem um arquivo coreográfico muito rico, com mais de cem trabalhos catalogados, prontos para apresentações em diversos eventos.

A fita “SHOW” nos dá idéia da dimensão que é o universo da Ginástica Geral.

Objetivos

- Oferecer aos alunos elementos de discussão e reflexão sobre a ginástica geral.
- Proporcionar condições pra que os alunos a partir da pesquisa conheçam as danças de origem indígena.
- Proporcionar aos alunos condições para que tenham equilíbrio físico, lateralidade e noções de espaço por meio de técnicas da ginástica geral.

- Proporcionar elementos para que os alunos apliquem as técnicas aprendidas na linguagem corporal.
- Socializar o grupo com aplicação de dinâmicas.
- Pesquisar sobre os vários estilos de dança (erudita, popular e contemporânea).
- Fornecer material de pesquisa para que os alunos transcendam os movimentos dos animais para os seus devidos personagens.
- Criar nos alunos atitudes com relação à linguagem corporal.
- Valorizar as diversas culturas como integrantes de uma nação, reconhecendo sua contribuição no processo de constituição da identidade nacional.
- Repudiar o mito social da não diferença entre as várias raças que formam um povo.
- Agir (pôr em prática), no aspecto físico, conforme os padrões de saúde para um cidadão saudável, isto é, conscientizá-lo a ter hábitos saudáveis.
- Dar idéias de diversos trabalhos coreográficos.
- Valorizar a criação de novos temas e transforma-los em movimentos corporais.

Henrique Sanioto
R. São Pedro, 160 Vila Xavier
CEP: 14810-052 Fone: (16) 232-3598 / 9781-4734

A DANÇA NA TERCEIRA IDADE: FUNDAMENTADA NO PROCESSO PEDAGÓGICO DA GINÁSTICA GERAL

Prof^ª. Rejana Gomes Nogueira Torquato
Especialista em Ginástica / Unicamp

Resumo: O foco principal deste trabalho é evidenciar a importância do processo pedagógico da Ginástica Geral nas aulas de Dança da 3ª idade na Unidade do Sesc Campinas. É observado nas aulas, o prazer e a motivação que este tipo de atividade física proporciona as alunas, através de um lazer orientado. O quadro que encontramos na realidade brasileira é formado por profissionais quase sempre não qualificados para este fim e ainda acreditando que o idoso é um ser frágil e dependente. Segundo uma visão sócio educativa, o objetivo desta proposta é, desmistificar o conceito que, só se trabalha com idosos utilizando-se de estratégias adaptadas.

I - INTRODUÇÃO

No desenvolvimento inerente ao homem durante o ciclo vital, o envelhecimento apresenta mudanças quantitativas e qualitativas envolvendo ganhos e perdas que o indivíduo pode interagir e otimizar.

Neste trabalho abordo a importância da elaboração de uma metodologia específica em Dança, para se trabalhar com grupos de 3ª idade., ressaltando a responsabilidade de se lidar com esta faixa etária da população. Na realidade, o que encontramos com mais frequência, são profissionais despreparados, que se utilizam de fórmulas adaptadas do modelo escolar. Agindo assim, sem uma metodologia própria, existe uma desmotivação do idoso na atividade.

Encontrei na filosofia da Ginástica Geral conteúdos fundamentais e importantes para esta prática, pois apresenta objetivos e pontos norteadores que estão totalmente identificados com a proposta de trabalho corporal com idosos da Unidade do Sesc Campinas.

II – DANÇA PARA 3ª IDADE

As aulas de Dança do Sesc Campinas estão inseridas no programa de Atividades Físicas para 3ª Idade. Portanto, entrando na questão específica do trabalho físico para idosos, observamos aspectos positivos no processo de envelhecimento. A atividade física possibilita a reeducação dos movimentos, melhoria da aptidão física, da disposição geral, proporciona sensações corporais agradáveis, facilita a execução das atividades da vida diária, possibilita alterações positivas nos quadros de doenças, bem como o bem estar social e psicológico do idoso (Okuma, 1998). Segundo Freire (1991), o benefício do exercício transcende o limite do corpo físico, melhorando também o estado psicológico e as relações sociais. Sendo assim, as aulas de dança conduzem as alunas a resgatarem a condição de eficiência, independência e autonomia. Consequentemente, elas se tornam novamente ativas e abertas para o mundo. Mas por outro lado, esta prática ainda é copiada ou adaptada de um modelo escolar, ou ainda se utiliza da Dança de Salão como conteúdo nas aulas. Na experiência prática que tenho com minhas alunas, o que elas buscam com esta atividade vai além do que recordar os antigos bailes que elas freqüentavam. Daí a importância de se descaracterizar a Dança (atividade física) para idosos como sendo um método adaptado, copiado e criar uma metodologia adequada, reconhecendo principalmente a importância de percebermos a multidimensionalidade do envelhecimento. E, de acordo com Marquez Filho (1998), precisamos ter uma visão integradora, menos dicotomizada sobre o corpo, a partir de uma perspectiva mais global do desenvolvimento do ser humano. Através desta concepção do trabalho corporal com idosos, destaco os objetivos gerais, específicos e os princípios metodológicos usados no programa de atividades físicas do Sesc Campinas que estão inseridos nas aulas de Dança.

OBJETIVOS GERAIS:

- Consciência e Autonomia Corporal.
- Exercício da cidadania
- Melhoria da qualidade de vida

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Preventivo
- Sociabilidade
- Educação e Reeducação Motora
- Transferência para o cotidiano
- Cultura de conhecimentos.
- Auto Gestão

PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS:

- Sócio / Interacionista
- Intervenção não diretiva.
- Sócio cultural
- Difusão e interação social.

Identificados estes aspectos na Dança (atividade física) com idosos no Sesc Campinas, poderemos entender como os pontos que norteiam a GINÁSTICA GERAL estão associados ao contexto das aulas para motivar e acrescentar movimentos ao repertório corporal dos nossos alunos.

III – O PROCESSO PEDAGÓGICO DA GG NA DANÇA PARA 3ª IDADE

“A Ginástica Geral é uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da ginástica, integradas às demais formas de expressão do ser humano, de forma livre e criativa” (Souza, 1997).

O objetivo da Ginástica Geral é proporcionar o desenvolvimento das qualidades pessoais como autonomia, a capacidade de decisão, a autoconfiança, a cooperação, a criatividade e a sociabilidade entre outras. Pode-se falar também dos trabalhos de flexibilidade, força e agilidade que preparam os idosos para a execução das tarefas da rotina diária provocando melhorias na auto-imagem, auto-conceito e na auto-estima.

De acordo com a concepção de Ginástica Geral do Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da FEF/Unicamp, as aulas de Dança para a 3ª idade priorizam a formação e a capacitação humana, fenômenos estes que orientam a ação educativa da Ginástica Geral. (Souza, 1997)

A formação humana tem como ponto principal fazer com que o idoso tome consciência de sua individualidade e desenvolva as suas potencialidades readquirindo assim auto – confiança. Já a capacitação humana tendo em vista as limitações, características desta faixa etária, passa para um lado mais específico, enfocando principalmente o trabalho de reeducação corporal através de aulas que desenvolvam as capacidade biológicas e as habilidades motoras do idoso.

Um dado importante a ressaltar é o resgate da **história corporal** das alunas da 3ª idade. Assim tenho em mãos, com base nestes relatos, uma quantidade tal de experiências motoras que me será útil para avaliar a turma e poder assim me orientar na elaboração do processo educativo dos movimentos.

Dentro da filosofia da GINÁSTICA GERAL, destaco a seguir alguns pontos que norteiam o meu trabalho em Dança para a 3ª idade (Souza, Pérez Gallardo, 1997):

- incentivo e a valorização do indivíduo em benefício do grupo
- o conteúdo utilizado nas aulas parte das experiências individuais
- conteúdos da cultura corporal
- resgate de valores culturais
- prazer na atividade (ludicidade)
- cooperação e participação
- experimentação de diferentes forma de organização grupal
- estímulo à auto-superação e à criatividade
- participação de todos do grupo

- aumento da interação social
- composições coreográficas como produto final do processo educativo

Identificados os pontos norteadores na concepção da Ginástica Geral e os objetivos gerais, específicos bem como os princípios metodológicos da Dança (trabalho físico) com idosos, abordarei o processo pedagógico utilizado na elaboração da coreografia “Pijamas”, que está gravada no vídeo a ser apresentado.

Foi sugerido às alunas que elas providenciassem travesseiros para serem utilizados nas aulas como material alternativo na concepção da coreografia. A partir daí, experimentando diferentes formas de organizações grupais as alunas usaram da criatividade para elaborar diversos movimentos com os travesseiros. Eu atuei como facilitadora, interferindo algumas vezes para organizar e orientar melhor as idéias dos grupos formados. Desta forma a coreografia foi surgindo a partir de movimentos criados pelas alunas e também alguns sugeridos e organizados por mim. As atividades em grupo servem como suporte social, nas quais, as alunas constantemente não se deixam desmotivar a qualquer sinal de dificuldade a frente, criando uma sensação de que, eu sou útil e que posso ajudar as outras alunas, ou que as debilidades que a idade me impõe podem ser superadas facilmente, contribuindo assim para o desenvolvimento físico, mental e social do idoso.

Como a Ginástica Geral, a atividade de Dança para a 3ª idade enfoca como ponto principal, a participação coletiva do grupo a ser trabalhado priorizando e respeitando o limite de cada aluno, as diferenças individuais e utilizando parte das experiências de cada um para a realização de um trabalho em grupo, identificado assim um processo não diretivo, não copiado na metodologia empregada. Desta maneira o ser humano é altamente valorizado. Entendo que num grupo de idosos, esta concepção tem uma importância fundamental pois trabalha justamente a consciência corporal do aluno levando-o a ser gestor de suas atividades rotineiras do cotidiano.

Dentro do contexto da Ginástica Geral, a valorização do indivíduo no grupo, as experiências individuais socializadas, o resgate de valores culturais de cada um, o prazer na atividade e o estímulo à auto-superação, são pontos que devem ser desenvolvidos como conteúdo tanto na Dança como numa atividade física para idosos pois, é sabido que, desenvolvendo estes pontos o idoso adquire autonomia corporal, exercita sua cidadania melhorando consequentemente sua qualidade de vida. Isto se consegue através de aulas que valorizam o resgate de manifestações culturais do corpo, nas quais os participantes constroem, a partir de um processo educativo, composições coreográficas, tomando como referência a bagagem corporal do participante. As estratégias utilizadas são: formações espaciais, ritmo, elementos gímnicos etc.

A sociabilidade é altamente trabalhada nas aulas e por isso tem um papel fundamental no trabalho corporal. O idoso tem necessidade de se unir a grupos, para não se isolar do mundo. A cooperação, a participação, a discussão das manifestações corporais e a interação social promovida pela Ginástica Geral conduz o idoso a maior interação com o mundo em que vive, dando subsídios para ele interagir de forma saudável com seu cotidiano, ampliando a sua cultura de conhecimentos, valorizando as potencialidades individuais, promovendo uma reeducação corporal e consequentemente prevenindo doenças decorrentes do envelhecimento.

No que diz respeito às estratégias empregadas na realização das aulas, desenvolvo atividades que exploram a noção espacial, temporal, rítmica, óculo manual, lateralidade e expressão corporal. Utilizo nas aulas ou em composições coreográficas, materiais

tradicionais e não tradicionais da Educação Física (ex: pneus, panos, bexigas etc.), com isso levo as alunas à uma experiência única através da manipulação destes materiais. Essas estratégias fazem com que as alunas adquiram um maior conhecimento de seu corpo em relação ao mundo.

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizando os conceitos e as estratégias utilizadas nas aulas de Dança para 3ª idade, fundamentadas no processo pedagógico da GG, encontrei conteúdos que enriquecem o trabalho corporal para grupos da 3ª idade. Acredito que esta proposta valoriza o idoso como um indivíduo ainda atuante na sociedade e não marginalizado. Na escassez de metodologias adequadas para se trabalhar Dança ou atividades físicas com a 3ª idade, tenho certeza que consegui encontrar na GG meios para se realizar uma atividade (não adaptada) onde o idoso percebe que ele ainda é capaz de auto gerir movimentos, entendendo a importância da prática de uma atividade física para a manutenção da saúde e da qualidade de vida.

V – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES JUNIOR, E. de DRUMOND. "Objetivando construir uma metodologia mais adequada para a prática das atividades físicas dos idosos". In Revista arquivos de Geriatria e Gerontologia. Vol. III. n.º 2. P57 - 61. RJ. Ed. Científica Nacional. 1999.
- ENCONTRO DE GINÁSTICA GERAL. Coletânea: textos e sínteses do I e II Encontro de G.G, 2ª ed. Campinas, Gráfica Central da Unicamp, 1998 pg. 80.
- FREIRE, JOÃO B. “ De corpo e Alma. O Discurso da Motricidade “. São Paulo . Ed. Summus. 1991.
- MARQUEZ F.º, ERNESTO. "Atividade Física no Processo de Envelhecimento: um uma proposta de trabalho. Dissertação (Mestrado), Campinas - Unicamp 1998.
- OKUMA, S. S. "O idoso e a atividade física ". Ed. Papirus. Campinas. SP. 1998.
- SOUZA, E. P. M. de, PÉREZ GALLARDO. J. S. “ Ginástica Geral: duas visões de um fenômeno. In: Ayoub, E. (Org.). Coletânea: textos e sínteses do I e II Encontros de Ginástica Geral. Campinas: Gráfica da Unicamp, 1997
- SOUZA, E. P. M. de. “ A Busca do auto-conhecimento através da consciência corporal: uma nova tendência. Campinas, 1992. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, 1992
- _____. “Ginástica Geral: uma área de conhecimento da Educação Física.” Campinas, Tese (Doutorado) – Unicamp, 1997

Rejana Gomes Nogueira Torquato
Av: Padre Gaspar Bertoni, 567 Bloco S Apto.123
Jd. Pacaembu – Campinas – SP
13033-480 tel: 19- 3284-3217
rejana@campinas.sescsp.com.br

ATIVIDADES DE GINÁSTICA GERAL NA ESCOLA EDUCAÇÃO INFANTIL – 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Profa. Suzana Bastos Ribas Koren
Mestranda em Educação
Física

Profa. Dra. Vilma L. Nista-Piccolo.
Faculdade de Educação Física -
Unicamp

Resumo: Este texto versa sobre as possibilidades de se aplicar atividades de Ginástica Geral na escola com uma visão educacional, objetivando a formação e a exploração das habilidades motoras básicas da criança e a expressão corporal. Neste sentido a G.G. pode ser considerada como Educação Física de Base ou Ginástica Formativa, já que atua diretamente no enriquecimento do seu repertório motor durante a 1ª. Fase escolar de 5-10 anos de idade.

PALAVRAS-CHAVES: Ginástica Geral; Desenvolvimento Motor; Formação Humana.

A criança é puro movimento, é o seu próprio ritmo com sons e cores.

Sendo naturalmente ativa apresenta necessidades de movimento que está intimamente ligada às exigências de seu desenvolvimento físico e psíquico. Ela se comunica, se entusiasma e realiza inumeráveis movimentos, organizando suas experiências no espaço e no tempo por serem ações indispensáveis ao seu processo de crescimento e desenvolvimento. A criança realiza estas tarefas de movimento com muita alegria por estar motivada pelas próprias exigências de sua natureza.

O seu aprendizado é facilitado pelo seu interesse em executar os movimentos de forma prazerosa, tanto no momento em que está manipulando ou explorando um material ao ritmo de uma música, como vivenciando a satisfação de sentir o seu corpo girar no ar no instante em que realiza uma acrobacia.

Um elemento facilitador do aprendizado motor é a Ginástica Geral (G.G.) pois possibilita qualquer manifestação da cultura corporal por meio de sua participação.

A Ginástica Geral, quando trabalhada com o objetivo de formação humana antecedendo à capacitação, transforma-se em um conteúdo indispensável da disciplina Educação Física escolar, pois respeita a individualidade da criança em relação aos seus valores pessoais e à sua bagagem motriz e cultural. A partir dos conteúdos culturais que compõem esta modalidade gímnica, somados às expectativas dos alunos na escola, é possível construir a base de um processo educativo. Quando a criança é aceita como ela é, e encontra diferentes possibilidades de interagir com suas respectivas capacidades, poderá facilmente superar suas dificuldades, aprimorando-se. Com propostas de G.G. todos os alunos serão capazes de se expressar, independente do seu potencial.

As atividades poderão ser aplicadas de acordo com a fase de desenvolvimento motor em que a criança se encontre:

- na *Educação Infantil e Pré-escola*, por volta de 4-5 anos de idade, as crianças estão no estágio elementar de execução dos movimentos fundamentais. Com a orientação do professor, e por meio de atividades naturais bem diversificadas, poderá ocorrer a descoberta de novas formas de utilização das habilidades motoras. O ritmo (musical, de percussão,...) é um recurso de grande valia quando utilizado nesta fase. Como experiência,

por exemplo, temos utilizado vários tipos de músicas e ritmos diferentes durante as atividades de ginástica que trabalhamos na escola, e as crianças respondem executando elementos gímnicos sincronizando-os com o ritmo que estão ouvindo. Nesta fase das crianças, as situações imaginárias estão muito presentes, nas quais elas são capazes de executar os elementos gímnicos de uma forma extremamente lúdica e criativa.

- na 1^a. e 2^a. *Séries*, entre 6-8 anos de idade, a aprendizagem caracteriza-se pela combinação dos movimentos fundamentais ou das habilidades motoras específicas. Atividades como a G.G. podem estar diretamente relacionadas ao conhecimento, ao domínio do corpo e à expressão corporal. Por meio de propostas que apresentem um ou vários tipos de materiais, colocados à disposição dos alunos no momento da aula, faz com que possam manipular e criar, respondendo ao ritmo da música ou percussão com expressões corporais. Assim, podem ser elaboradas pequenas coreografias compostas por movimentos em que as crianças encontrem facilidade, naturalidade e prazer na sua execução. Desta forma, as atividades devem auxiliar as crianças a alcançarem um estágio maduro de suas habilidades motoras e estimular a reflexão de aspectos sociais. As situações de grupo nesta fase declaram as dificuldades que as crianças têm para se organizarem no desenvolvimento de um trabalho, portanto as atividades podem direcioná-las à sociabilização enfatizando o respeito, a compreensão, o espírito de equipe.

- na 3^a.e 4^a. *séries* , entre 9- 10 anos de idade , a aprendizagem caracteriza-se em aperfeiçoar as habilidades motoras vivenciadas nas séries anteriores, ampliando o desafio da execução de movimentos mais complexos. Isto se dá por meio de atividades que já estejam dominadas. A coreografia pode ser uma parte ou o final do processo de ensino dessas novas habilidades, e as seqüências de movimento não precisam necessariamente fazer parte de todas as aulas. Nesta fase, as atividades aplicadas com a G.G. podem ser uma experiência ampla envolvendo meninos e meninas na participação de coreografias, já que nesta fase alguns sentem dificuldades em dar as mãos entre si, pois sentem vergonha ou inibição. Estas atitudes ocorrem naturalmente por estarem acontecendo as primeiras reações de interesse e sentimentos pelo sexo oposto. O papel do professor é valorizar os sentimentos do seu aluno e ensiná-lo a vivenciar os valores humanos, direcionando-o em atividades nas quais ele se sinta valorizado pelo grupo e motivado a cooperar, a ser responsável e solidário, desenvolvendo amizade e espírito de grupo.

A criança possui, por natureza, uma facilidade enorme em se agrupar. E é nesse momento que o professor pode se tornar um facilitador da aprendizagem ao propor atividades que possam beneficiar os valores humanos a serem respeitados dentro do limite que cada um possui. Segundo Maturana e De Rezepka, citados por Souza (1997:84), a **formação humana** “*tem a ver com o desenvolvimento do menino ou menina como pessoa capaz de ser co-criadora com outros de um espaço humano e de convivência social desejável.*” Para que isto seja alcançado é necessário criar condições que orientem e apoiem a criança durante o seu crescimento, considerando-a capaz de respeitar a si mesma e ao outro e de fazer suas próprias escolhas.

Quando focalizamos a criança durante o seu desenvolvimento motor não podemos fazer comparações de desempenho, pois do ponto de vista da *capacitação*, segundo Souza (1997) o objetivo não é ser melhor do que o outro, mas ser melhor que si mesmo. Dessa forma, a oportunidade de vencer é igual para todos.

No ritmo de uma música e na resposta a esse som musical podemos observar que a criança expressa naturalmente, por meio de movimentos corporais, o que ela está sentindo, não se importando, algumas vezes, com sua dificuldade na execução dos movimentos, mas sim uma satisfação centralizada no prazer em participar.

Em nossas vivências com a Ginástica Geral na escola, temos sempre considerado tanto a naturalidade da criança em expressar seus movimentos como também a sua criatividade ao executá-los durante as aulas de Educação Física. Por isso, é possível ressaltar a importância desta modalidade como parte do Programa Escolar face à sua amplitude de possibilidades, englobando além dos jogos, a dança escolar e as expressões folclóricas, fazendo com que a criança vivencie, reflita e valorize as mais diversas culturas que formaram o nosso país como também a nossa própria história, além de proporcionar uma infinidade de experiências motrizes.

Como uma experiência inesquecível com a Ginástica Geral na escola, relatamos que em comemoração aos 500 anos da Descoberta do Brasil no Ano 2000, foi elaborado um programa em que as crianças pudessem vivenciar a história, de forma coreografada. E assim, por meio de um envolvimento cultural abrangente, desde os momentos da descoberta com a chegada dos tripulantes em suas caravelas, a visão da nova terra, a curiosidade dos habitantes nativos com os “brancos”, a chegada dos negros escravos, os primeiros colonizadores: portugueses, holandeses, japoneses, alemães, italianos, trazendo sua cultura, alimentos e seus costumes que hoje fazem parte do Brasil, os alunos puderam refletir sobre as mais diversas culturas que permeiam hoje nossa história em nosso dia a dia. Foi gratificante sentir o resultado deste trabalho, com o qual houve um aprendizado também marcante na vida de cada criança que pode vivenciar aqueles momentos, tanto durante os ensaios como na apresentação com os trajes típicos de cada país.

“As características básicas da G.G., organizadas a partir de fontes diversificadas, indicam um longo caminho a ser percorrido para que esse fenômeno sócio-cultural possa ser compreendido em profundidade naquilo que o distingue e singulariza-o dentro do mundo vasto e complexo da Ginástica.”(Ayoub, 1996; pg...)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Coletânea: textos e sínteses do I E II Encontro de Ginástica Geral. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1997.
- Gallardo, J.S.P., Oliveira, A.A. B.de, Aravana, C.J. O., *Didática de Educação Física: a criança em movimento: jogo, prazer e transformação* São Paulo: FTD, 1998.
- Nista-Piccolo, V.L.(org.) *Educação Física Escolar: ser...ou não ter*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1995.
- Souza, E.P.M. de *Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física*. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas São Paulo, 1997.

Suzana Bastos Ribas Koren
Rua Prof. Luiz Waldvogel, 245 Pq. Ortolândia
Hortolândia / SP CEP 13184-030

GINÁSTICA DE GRANDE ÁREA: UMA REALIDADE POSSÍVEL NO CONTEXTO ESCOLAR.

Profa. Thais Franco Bueno – Colégio Coração de Jesus de Campinas
Mestranda da Faculdade de Educação Física da Unicamp
Profs. Rosa E. Di Sevo Nesso, Tereza E. Barcellos, Valéria A. dos Santos,
Marcio M. A. de Oliveira, Maurício de Campos Ferraz
Colégio Coração de Jesus de Campinas
Profa. Raquel B. Gobbo – Clube Campineiro de Regatas e Natação
Prof. Dr. Jorge Pérez Gallardo – Faculdade de Educação Física da Unicamp.

Resumo: *Este vídeo pôster visa mostrar a experiência de um trabalho de Ginástica de Grande Área no contexto escolar, realizado na ocasião da abertura da Olimpíada do ano 2000 do Colégio Coração de Jesus de Campinas. Essa ginástica de demonstração privilegia a participação de um grande número de pessoas em áreas extensas, utilizando materiais de pequeno e grande porte, fomentando a interação social e a valorização humana. Com o tema “Sydney é aqui” foi desenvolvida uma composição coreográfica no campo de futebol da escola com a criação da equipe dos professores de Educação Física e a colaboração dos próprios alunos que vivenciam a Ginástica Geral no conteúdo curricular da Educação Física. Foram convidados a participar do evento 900 alunos entre 03 e 17 anos além de pais e professores. A eficácia do trabalho e o envolvimento de todos vieram comprovar o valor da Ginástica de Grande Área e levar adiante um princípio imutável, de que a Educação só é verdadeira se trazer consigo a realização humana.*

A Ginástica Geral é uma modalidade orientada para o lazer. Ela pode ser praticada por qualquer pessoa, não importando suas características individuais, cada participante é um sujeito ativo do grupo que contribui na produção de expressões do movimento. Segundo Tibeau (1996,p.61):

“A Ginástica Geral, envolve aspectos subjetivos de movimento num processo de criação, harmoniosa e estética gestual, que se transforma em um produto que pode ser apresentado como resultado final de um trabalho. Desta maneira, em termos pedagógicos, processo e produto levam o indivíduo à aquisição de uma autonomia e emancipação individual”.

Seu valor educacional nos permite que seus conteúdos sejam trabalhados na Educação Física escolar e comunitária.

“Aprender Ginástica Geral na escola significa, portanto, estudar, vivenciar conhecer, compreender, perceber,confrontar, interpretar, problematizar, compartilhar, apreender as inúmeras interpretações da Ginástica para, com base nesse aprendizado buscar novos sentidos e significados e criar novas possibilidades de expressão gímnica. Sob essa ótica, podemos considerar que a Ginástica Geral como conhecimento a ser estudado na Educação Física Escolar representa a Ginástica.”(Ayoub, 1999, p.40.).

Possibilita diversas formas de trabalho dentre elas esta a Ginástica de Grande Área que é uma ginástica de demonstração, realizada em grandes superfícies, utilizando

materiais de pequeno e grande porte, privilegiando a participação de um grande número de pessoas. Esta manifestação da cultura corporal é de grande relevância, pois é usada em eventos esportivos, escolares, festas regionais entre outros. Fomenta a interação social e a valorização humana. Atualmente é pouco utilizada no Brasil, no âmbito escolar e comunitário, devido a falta de conhecimento sobre sua elaboração e organização que os profissionais tem em especial os professores de Educação Física, sendo que neste momento na maioria das escolas e prefeituras, estes eventos passaram a ser terceirizados. O objetivo deste trabalho é resgatar esta manifestação da cultura corporal relatando a vivência da equipe de Educação Física do Colégio Coração de Jesus em Campinas na ocasião da abertura de suas Olimpíadas no ano 2000. Salientamos que esta foi nossa segunda experiência com a Ginástica de Grande Área pois já a havíamos utilizado na comemoração dos 90 anos da escola no ano anterior tendo grande aceitação. Neste novo trabalho foram convidados 900 alunos entre 03 e 17 anos de idade além da participação de professores e pais na coreografia. Divididos em grupos executavam diferentes expressões gímnicas exploradas em diversas formações, com e sem deslocamento que aconteciam simultaneamente no campo de futebol da escola. A composição coreográfica com tema “Sidney é aqui...” contou com a criação da equipe de Educação Física formada por 6 professores além da contribuição dos próprios alunos que vivenciam a Ginástica Geral no conteúdo curricular da Educação Física. O trabalho envolvia o manejo de aparelhos portáteis de pequeno e grande porte (arcos encapados com panos, espaguete de natação, guarda-chuvas de papel, bandeiras, bandeiras “gigantes”, grandes leques) tendo em suas cores a representação dos continentes. Além da utilização de grandes bases imóveis, como quatro tablados em forma de círculos, uma pirâmide de 06 metros de altura representando a chama Olímpica e dois mastros de 5 metros de altura com tecidos representando a união dos continentes, todos confeccionados nas oficinas da escola pelos seus funcionários. Os alunos foram preparados para o evento utilizando uma das três aulas semanais de Educação Física além de uma aula semanal de Artes, durante um período de 40 dias mais dois ensaios gerais. Inicialmente foram preparados em subgrupos procurando explorar os movimentos possíveis de cada aparelho, lembrando também que sua movimentação deveria ser vista de grandes distâncias. O trabalho final com o grande grupo exigiu a organização e colaboração de todos quanto ao deslocamento simultâneo no campo de futebol. A apresentação da Abertura das Olimpíadas ocorreu em uma manhã de sábado com grande público presente. A eficácia do trabalho e o envolvimento de alunos, professores, pais, funcionários e direção vieram comprovar o valor da Ginástica de Grande Área no contexto escolar, e levar adiante um princípio imutável, de que a Educação só é verdadeira se trazer consigo a realização humana.

Referências Bibliográficas

- AYOUB, E. *A Ginástica Geral no âmbito da Educação Física Escolar*. Anais do Fórum Brasileiro de Ginástica Geral, 1.,1999, Campinas,SP.
- TIBEAU,C. M. Características da Ginástica Geral – Uma Visão Pessoal . *In Coletânea: textos e sínteses do I e II ENCONTRO DE GINÁSTICA GERAL*. Campinas: Gráfica Central da Unicamp,1996.

Thais Franco Bueno

R: Roberto Simonsem,122 Campinas-SP
13090-160 Tel: 19- 32511937

MOSTRAS PEDAGÓGICAS

PROCESSO DE COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA EM GINÁSTICA GERAL

Andresa Ugaya

Luciano Truzzi

Grupo de pesquisa em Ginástica Geral
da FEF – Unicamp

Resumo: A GG é uma atividade democrática, na qual cada praticante pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento e o crescimento do grupo, é flexível podendo ser praticada por todos indivíduos. Enquanto processo educativo tem como produto final a criação e demonstração de composições coreográficas. Partindo desse princípio, iniciamos o processo de criação com 24 crianças de 11 a 13 anos de idade, participantes da oficina de Ginástica Geral do programa “Ame a Vida sem Drogas”, na instituição União Cristã Feminina, localizada no Jardim Santa Mônica em Campinas. Os materiais utilizados para esta coreografia foram pneus de automóvel e bicicleta.

A Ginástica Geral é uma atividade praticada mundialmente, com maior tradição nos países europeus, com destaque para Alemanha, Suécia e Dinamarca, entre outros.

A FIG (Federação Internacional de Ginástica) é a principal organização responsável pelos assuntos ligados à Ginástica, tanto competitiva como recreativa (onde se enquadra a Ginástica Geral). Em sua concepção “a Ginástica Geral é a parte da Ginástica que está orientada para o lazer, onde pessoas de todas as idades participam principalmente pelo prazer que sua prática proporciona” (Souza, p. 34, 1997).

A Ginástica Geral permite a participação de todos os indivíduos. Não existem restrições quanto ao gênero, faixa etária, etnia, condição física etc. Podemos dizer que a Ginástica Geral é uma atividade flexível, pois se modifica de acordo com o público participante respeitando limites e a individualidade de seus praticantes.

O Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral – Grupo Ginástico Unicamp - vinculado ao departamento de Educação Motora da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas desde 1989, propõe e difunde sua própria concepção de Ginástica Geral. É a partir desta concepção que nosso trabalho vem sendo realizado.

Para o Grupo Ginástico Unicamp a Ginástica Geral “é uma manifestação da Cultura Corporal que reúne as diferentes interpretações da Ginástica (Natural, Construída, Artística, Rítmica Desportiva, Aeróbica etc.) integrando-as com outras formas de expressão corporal (Dança, Folclore, Jogos, Teatro, Mímica etc.) de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes” (Gallardo & Souza, 1994).

Essa concepção está baseada nos princípios de formação humana e capacitação, segundo Maturana e De Rezepka, aspectos intimamente ligados a toda ação educativa e tem como paradigma os fenômenos Socialização e Sociabilização.

Na visão do Grupo Ginástico Unicamp “a capacitação é um caminho para a realização da tarefa educacional, quando esta se dá numa situação de respeito mútuo entre professor e aluno” (Souza, 1997:84). Ela está ligada ao desenvolvimento das capacidades biológicas e das habilidades motoras.

Quanto à formação humana, “a principal atitude do professor deve ser a de ensinar a vivenciar os valores humanos, criando atividades onde o aluno tenha a oportunidade de experienciar a cooperação, a responsabilidade, a amizade, a solidariedade, o respeito a si próprio e aos demais etc” (Souza, 1997:85).

Dentro dessa filosofia algumas metas devem ser atingidas ao se realizar um trabalho de Ginástica Geral. Uma delas, abordada neste trabalho, é a demonstração de composições coreográficas como produto final de um processo educativo.

Para atingir essa meta é necessário um trabalho de base, onde se deve passar por várias etapas de aprendizagem (como de elementos específicos da Ginástica, ritmo, exploração das diversas ações motoras etc) para se chegar à criação de uma composição coreográfica.

Ao iniciar uma composição coreográfica em Ginástica Geral tudo o que se referir a esse processo é levantado e discutido com todos integrantes/participantes da atividade. Desde o tipo de música que será utilizado até a cor da roupa. Todos têm liberdade para expor suas idéias e opiniões e elas são aceitas ou não, conforme a decisão do grupo como um todo.

Acredita-se que o processo de criação pode promover aumento da interação social, ampliação das vivências motoras, estímulo a criatividade, aumento da auto-estima e da auto-superação, além de uma possível melhora na coordenação motora, ritmo e concentração entre outros.

A elaboração deste trabalho tem como objeto principal de estudo as experiências com a oficina de Ginástica Geral do Programa “Ame a Vida sem Drogas”, atualmente em seu terceiro ano de atividades.

Iniciamos uma composição coreográfica com crianças na faixa etária de 11 a 13 anos. O grupo formado possui ao todo 24 integrantes, na sua maioria participantes pelo segundo ano consecutivo deste programa.

No ano passado (2000) foram criadas duas coreografias, as quais tinham como tema principal o circo. Uma delas foi composta usando elementos da Ginástica Acrobática e a outra usando material alternativo, no caso, bambus gigantes. Essas coreografias foram apresentadas no espetáculo de encerramento do Programa “Ame a Vida sem Drogas”, na Escola Estadual “31 de Março” e na FEF - Unicamp, na cidade de Campinas – SP.

Para esse ano o objetivo é recuperar as coreografias já produzidas e criar duas outras novas.

Metodologia de Trabalho

A metodologia de trabalho utilizada com este grupo, a mesma que orienta a proposta do Grupo Ginástico Unicamp, tem como principal objetivo proporcionar o aumento da interação social, através do trabalho grupal, no qual cada participante contribui com as experiências e habilidades que melhor domina e que podem ser úteis para o trabalho do grupo. O trabalho pode ser dividido em dois blocos, um destinado ao aumento da interação social e outro para a exploração e utilização de todos os recursos que o material proporciona:

Aumento da interação social

1. Desenvolvimento e aperfeiçoamento das habilidades individuais, a fim de aumentar os recursos a serem socializados, selecionando os movimentos que são comuns à maioria e que permitem a criação de um repertório comum de movimentos. A isto chamamos de "criação de uma linguagem comum de movimentos".

Uma das formas que utilizamos, são os deslocamentos grupais com gestos esportivos e imitativos da vida cotidiana, onde o professor coloca inicialmente alguns modelos de movimentos que são conhecidos por todos. Alcançada a compreensão desta idéia, formam-se pequenos grupos onde os monitores são os próprios alunos.

2. Intercâmbio de experiências entre os alunos, no qual são utilizadas diferentes formas de organização grupal. Inicia-se aos pares, passando a seguir para trios, quartetos, grupos de oito, até um grande grupo, que de acordo com a idade e experiência dos alunos podem chegar a 10, 12, 15 ou mais integrantes.

3. Alcançada a estrutura grupal, exploramos diversas formas coreográficas, tais como: formações em linhas retas, curvas e combinadas; formações em círculos, triângulos, quadrados etc.

4. Utilização das experiências motoras individuais e coletivas dentro das formas coreográficas descobertas.

Exploração dos recursos dos materiais adaptados

1. Exploração dos recursos próprios do material, no caso os pneus de automóvel e bicicleta em seu uso específico (por exemplo, formas de rolar).

2. Exploração do material em outras situações, por exemplo, uma transposição a diferentes jogos, danças etc;

3. Exploração do material nas artes cênicas, por exemplo, no teatro, na mímica.

4. Exploração do material nas artes plásticas, por exemplo, na construção de esquetes, aparelhos ginásticos ou de malabarismo etc.

Após a exploração do material, utilizamos formas de trabalho que estimulem as descobertas individuais e grupais, tais como:

1. Variações de utilização do pulso (o ritmo) da música;

2. Utilização das possibilidades de amplitude do movimento;

3. Utilização de deslocamentos em diferentes direções;

4. Utilização de diferentes posições do corpo;

5. Utilizando as variações do centro de gravidade do corpo

6. Utilização de variáveis de expressão corporal ou expressões afetivas;

7. Utilização de imitações (teatralização) de personagens, animais, atividades esportivas, atividades profissionais etc.

8. Utilização de diferentes expressões culturais, como por exemplo: dança (clássica, popular, folclórica), teatro, mímica, jogos, lutas etc.

9. Utilização das expressões da Ginástica (Artística, Rítmica, Aeróbica, Acrobática).

Fase de elaboração de coreografia

Para a criação grupal da coreografia, os alunos são orientados para que façam um trabalho de síntese, utilizando todos os elementos descobertos por eles. O professor supervisiona o trabalho, podendo sugerir mudanças que venham enriquecer e ou facilitar a execução da coreografia. A música é proposta e escolhida pelos alunos com uma duração que não ultrapasse 5 minutos.

Fase de demonstração

O resultado de todo processo de construção das coreografias é levado a público em festivais, festividades escolares, abertura de eventos esportivos, etc. Segundo Souza (1997:94), “a demonstração é uma das características fundamentais da Ginástica Geral, pois consolida o trabalho grupal refletindo o esforço coletivo e reforçando a sensação de pertencer a um grupo que, ao mostrar-se, busca o reconhecimento de seus pares. Este trabalho conjunto expressa as expectativas, a percepção de mundo e os valores de seus integrantes e ao ser apresentado transforma-se numa ótima oportunidade de avaliação, transformação e superação”.

Essa coreografia foi apresentada no Festival de Ginástica Geral do Clube Bonfim, no Festival de Ginástica Geral da FEF Unicamp e na festa junina da Instituição União Cristã Feminina no Jardim Santa Mônica.

Referências Bibliográficas

- GALLARDO, J. P. & SOUZA, E. P. M. de. La experiencia del Grupo Gimnástico Unicamp en Dinamarca. IN: 3º Congresso Latino Americano - ICHPER - SD. Foz do Iguaçu, 1995. P. 292-298.
- MATURANA, H & REZEPKA, S. N de. Formación humana y capacitación. Santiago, Dolmen, 1995.
- SOUZA, E. P. M., PEREZ GALLARDO, J. S. Ginástica Geral: duas visões de um fenômeno. In: coletânea: textos e sínteses do I e II encontros de Ginástica Geral Campinas: Gráfica da Unicamp, 1997.
- SOUZA, E. P. M. de. Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física. Campinas, 1977. 162p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- UGAYA, Andresa S. A Ginástica Geral no Projeto “Ame a Vida sem Drogas”. Monografia. Faculdade de Educação Física (UNICAMP), Campinas, 1999.

Andresa de Souza Ugaya - E-mail: asugaya@hotmail.com

Luciano Truzzi - E-mail: ltruzzi@hotmail.com

ANIMALE

Henrique Sanioto
Licenciatura Plena em Educação Física
pela Fundação Educacional de São Carlos – FESC
Escola de Educação Física de São Carlos

Resumo: A equipe de ginástica geral orientada pelo professor Henrique Sanioto responsável pelo projeto ANIMALE desenvolve uma coreografia que expõe linguagens artísticas diversas, que formam um conjunto harmonioso, com movimentos dos animais, acrobacias e técnicas da ginástica olímpica. ANIMALE narra a lenda de uma tribo ancestral que habitava a selva e vivia em harmonia com a natureza, a linguagem expressiva do corpo relata em cada gesto e em cada olhar a invasão do homem. A coreografia, o teatro e a música nos revelam ser a tríade perfeita para o enriquecimento das potencialidades dos alunos para seu desenvolvimento físico, psíquico e cultural.

“Fui em busca do selvagem e encontrei o homem”
(Levi Strauss)

01 - INTRODUÇÃO

A equipe de ginástica geral faz parte de um programa esportivo, cultural e social do município de Araraquara, este trabalho que tem mais de uma década, objetiva o desenvolvimento físico e psíquico dos alunos, oferecendo-lhes oportunidades de ampliação do seu universo cultural.

O trabalho aliado à dança, utiliza-se de uma linguagem teatral, que necessita da expressão corporal e da música, unindo-se aos movimentos como instrumento de sensibilização do ser humano.

A versatilidade da equipe, trouxe contribuições significativas ao aprimoramento das coreografias, algumas delas, já apresentadas na World Gymnaestrada na Alemanha, em 1995 e na Suécia, em 1999. Sem dúvida, estas participações em eventos esportivos e culturais a nível internacional, far-se-ão divulgar a cultura de nosso país.

Portanto, o trabalho realizado com o grupo, valoriza não somente os aspectos esportivos e pedagógicos, como o ramo da arte, tal qual é considerado de extrema importância para o desenvolvimento do ser humano, pois o presente trabalho, atende alunos que poderiam estar ociosos, num mundo que a ociosidade dos jovens é condenada, e a globalização tende a moldar o indivíduo. Neste prisma, a arte vem como instrumento regulador dos valores dos jovens, e de suas ansiedades.

02 - JUSTIFICATIVA

No contexto histórico de ANIMALE, sua linguagem corporal, transforma-se num exercício de reflexão, para conhecermos o nosso passado, entendermos o nosso presente e modificarmos o nosso futuro.

A coreografia ANIMALE narra a lenda de uma tribo ancestral, que habitava a selva, e convivia em plena harmonia com a natureza, até que os membros da tribo foram contaminados, após a chegada de homens brancos. Esse contato inesperado trouxe consigo problemas de comportamento para os membros da tribo, que passaram a desrespeitar as

leis da natureza, e a maltratá-la. Em resposta, a natureza mostrou que é implacável com aqueles que não sabem tratá-la com respeito.

Após a chegada dos homens brancos, com sua cultura de dominação e violenta exploração das riquezas naturais, os membros da tribo viram-se ameaçados da sua sobrevivência. A linguagem expressiva do corpo dos alunos denuncia em cada olhar e em cada gesto, a invasão do homem branco, europeu, numa sociedade que vivia em equilíbrio com os elementos da natureza, ou seja, em total serenidade com seu meio, isto é, o homem sendo cosmos, a mesma serenidade dada ao cosmo era a receita para o equilíbrio deste povo.

Ao mesmo tempo em que, a coreografia tece críticas, obedece aos seus objetivos pedagógicos e propõe soluções. Subjacentes aos movimentos, permeiam em ANIMALE o discurso que a cultura, o esporte e a educação são as únicas formas possíveis para que uma nação não perca de vista, a sua identidade pois o homem só irá preservar e defender suas tradições quando tiver plena consciência delas e de si mesmo.

Utilizando recursos coreográficos ANIMALE alia a técnica da ginástica olímpica com o teatro, a dança, a música e o canto formando uma junção inovadora que trás contribuições significativas ao trabalho do grupo, orientado pelo professor e coreógrafo Henrique Sanioto.

03 - OBJETIVOS

Os objetivos propostos são:

- Oferecer aos alunos elementos de discussão e reflexão sobre a ginástica geral.
- Proporcionar condições pra que os alunos a partir da pesquisa conheçam as danças de origem indígena.
- Proporcionar aos alunos condições para que tenham equilíbrio físico, lateralidade e noções de espaço por meio de técnicas da ginástica geral.
- Proporcionar elementos para que os alunos apliquem as técnicas aprendidas na linguagem corporal.
- Socializar o grupo com aplicação de dinâmicas.
- Pesquisar sobre os vários estilos de dança (erudita, popular e contemporânea).
- Fornecer material de pesquisa para que os alunos transcendam os movimentos dos animais para os seus devidos personagens.
- Criar nos alunos atitudes com relação à linguagem corporal.
- Valorizar as diversas culturas como integrantes de uma nação, reconhecendo sua contribuição no processo de constituição da identidade nacional.
- Repudiar o mito social da não diferença entre as várias raças que formam um povo.
- Agir (pôr em prática), no aspecto físico, conforme os padrões de saúde para um cidadão saudável, isto é, conscientizá-lo a ter hábitos sadios.
- Pesquisar sobre o comportamento dos animais e sobrevivência.

04 - CONSTRUÇÃO DA COREOGRAFIA

O professor e os alunos fizeram, por meio de pesquisa, um levantamento sobre técnicas de dança, de ginástica olímpica de teatro e movimentos corporais. As linguagens

artísticas como música, expressão facial, mímica, se uniram num conjunto harmonioso, as acrobacias e técnicas da ginástica.

Forma feitas dinâmicas de grupo para que os alunos estivessem totalmente preparados e concentrados para interpretar a coreografia com sensibilidade em cada movimento. ANIMALE mostra uma tribo, que não tinha a convivência com os homens de outras origens a não ser a deles mesmos.

Os alunos tiveram que sentir parte integrante de uma tribo ancestral, para que pudessem compor a coreografia e retratar através da linguagem da expressão corporal, a vida de uma tribo que vivia em completa harmonia, que sofre com a aculturação desestruturando toda a tribo.

05 - CANTO

Interpretação de cantos tribais, impostação de voz, classificação e divisão das vozes. Ensaios com o grupo todo, experiências de um coral. Técnicas de canto, de aquecimento de voz, altura, tonalidade, timbre e exercícios.

06 - BIBLIOGRAFIA

- CUNHA, M. C. – História dos índios do Brasil. Fapesp/SMC-SP, Companhia das Letras, 1992.
- NÓBREGA, M. das Cartas do Brasil. 1549-1560. Belo Horizonte: Itatibaia; São Paulo: EDUSP, 1988.
- ORLANDI, E. P. Terra à vista discurso do conforto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- ORTIZ, R. Cultura brasileira e identidade nacional. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PUBLIO, N. S. Evolução Histórica da Ginástica Olímpica. Ed. Phorte. São Paulo, 1993.
- SANTOS, J. C. E. dos SANTOS, N. G. M. DA História da Ginástica Geral no Brasil. Ed. Rio de Janeiro, 1995.
- SALVADOR Frei Vicente da História do Brasil: 1500-1627. 4ªed. Revista. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

Henrique Sanioto
R. São Pedro, 160, Vila Xavier
CEP: 14810-052
Fone: (16) 232-3598 / 9781-4734/ 236-7434

CRESCENDO COM A GINÁSTICA NA ESCOLA

Profa. Laurita Marconi Schiavon,
Mestranda da Faculdade de Educação Física da UNICAMP

Resumo: Este trabalho de Ginástica nas escolas, se baseia na proposta do projeto “Crescendo com a Ginástica” (PCG), desenvolvido pela FEF-UNICAMP, com uma metodologia permeada pela ludicidade e fundamentada na teoria de Vigotsky, possibilitando uma facilitação da aprendizagem, privilegiando o “Aprender Brincando” e objetivando o desenvolvimento multilateral da criança e a iniciação ao esporte. Pensando em torna este projeto viável para escolas, foram desenvolvidos materiais desmontáveis e adaptados ao ambiente escolar. Os conteúdos desenvolvidos são baseados em LEGUET (1987), que utiliza-se de ações motoras para sistematizar a modalidade, que ele denomina “Ações Gímnicas”. É um trabalho desenvolvido atualmente como atividade extracurricular em escolas particulares nas cidades de Campinas e Rio de Janeiro, pelo Grupo Imaginação.

CRESCENDO COM A GINÁSTICA NA ESCOLA

Partindo de uma visão de Ginástica Artística e Ginástica Rítmica, fundamentada no autoritarismo e rigidez dos treinamentos e imposta durante anos pelos países que mais se destacaram nesta modalidade, acredito ser importante estarmos falando de novas visões de ensino desta modalidade.

Essa cultura, esportiva, refletiu-se, e reflete-se no comportamento de treinadores que hoje são “exportados” para o mundo, para levarem seu sistema de treinamento que fez e faz campeões.

A influência deste sistema nos trabalhos de base, faz com que questionemos formas de iniciação esportiva que seguiram a mesma linha de trabalho do alto nível de rendimento e assim propormos possibilidades diferentes de desenvolvimento de propostas de base.

BENTO (xerox) ainda sugere algumas medidas para que o desporto não continue a seguir apenas o caminho do rendimento de alto nível, como: facilitar o acesso das crianças e jovens ao desporto, aumentar a possibilidade de praticar diferentes modalidades esportivas, *o prazer de jogar e a aprendizagem devem estar em primeiro plano, ou seja, os valores intrínsecos ao desporto devem ter prioridade.*

Pensando então nesta pequena reflexão anterior e nos fatores que BENTO coloca em seu texto *Pedagogia do Desporto: perspectivas e problemáticas*, venho destacar um experiência com uma proposta educacional de Ginástica, envolvendo as modalidades Ginástica Artística e Ginástica Rítmica na escola.

UMA PROPOSTA COM IMAGYNAÇÃO

Há que recriar o desporto, fabricando novas idéias e palavras e encorajando os homens a servir-se delas.
Jorge Olímpio Bento

Surge, a partir disto, uma proposta de Ginástica que proporcione à criança descobrir prazeres diferentes de ganhar uma medalha no esporte, os prazeres de se fazer o esporte, de

virar uma cambalhota, de pendurar na barra, de equilibra-se na Trave, de lançar a Corda, de apresentar-se, de rolar o Arco, ou seja, os prazeres das ações e do ambiente proporcionado pelas modalidades esportivas, com uma metodologia que propicie isto.

O nosso objetivo neste trabalho não é formar ginastas, mas não que não prepare para isso. A idéia desta proposta nasceu do projeto “Crescendo com a Ginástica, projeto este, de ensino, extensão e pesquisa da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, do qual participei inicialmente como monitora e mais tarde como vice-coordenadora juntamente com a idealizadora do mesmo, a Prof.a. Dra. Vilma Lení Nista-Piccolo. Fundamentado em propostas de Ginástica Rítmica e Ginástica Artística, tinha como idéia:

“...desmistificar a ginástica enquanto um esporte elitista, suas propostas vivenciadas numa perspectiva lúdica, têm como objetivo o desenvolvimento integral da criança, ampliando seu vocabulário motor. Através de atividades previamente estudadas mas que permitem valorizar as experiências anteriores dos alunos, as aulas proporcionam o amadurecimento de sua autonomia num processo educativo de reflexão e conscientização de cada ação” (NISTA-PICCOLO, 1998).

Após a graduação pensei em continuar este trabalho, em busca de proporcionar esta vivência para mais crianças, e o local ideal para isso era a escola. Pensando então na viabilidade deste projeto ser implantado em instituições escolares, esbarrei no problema do material. Atualmente, grande parte das escolas não têm grandes espaços disponíveis para instalação de aparelhos grandes e fixos ao chão, então desenvolvi um linha de materiais que fosse possível para espaços não específicos, materiais desmontáveis e que tinham a ver com as crianças, materiais mais parecidos com elas, ou seja, materiais adaptados, coloridos, e que fossem viáveis para o ambiente escolar.

Foi então que se iniciou o Grupo Imaginação, um grupo de professores de Educação Física, especializados em Ginástica, que levam este conteúdo para escolas, como atividade extracurricular. O grupo, o qual atualmente coordeno, se baseia nas propostas do projeto “Crescendo com a Ginástica”, tendo dentro da mesma aula atividades de Ginástica Rítmica e Artística para turmas mistas de 3 a 12 anos de idade.

Os conteúdos da Ginástica Artística são desenvolvidos baseados em LEGUET (1987), autor que utiliza-se de ações motoras para sistematizar a modalidade, que ele denomina “Ações Gímnicas”. Estas são ações básicas que compõem os exercícios mais complexos da Ginástica Artística. A Ginástica Rítmica também é trabalhada com ações motoras de cada aparelho, sistematizadas pela Prof.a. Eliana de Toledo. Estas duas modalidades são trabalhadas dentro da mesma aula e com a mesma metodologia, desenvolvida pela EUNEGI (equipe universitária de estudos da Ginástica) e aplicada no PCG. Esta metodologia é fundamentada na teoria de Vigotsky, e possibilita uma facilitação da aprendizagem, privilegiando o “Aprender Brincando”, o desenvolvimento multilateral da criança e a iniciação ao esporte, contemplando assim três momentos na aula:

1. EXPLORAÇÃO: período onde as crianças exploram o material proposto, de formas mais variadas e diferentes possíveis.
2. PISTAS: este segundo momento é quando o professor, de acordo com o tema da aula, vai dando pistas sobre onde ele quer que as crianças cheguem.
3. DIRECIONAMENTO: este terceiro e último momento, é quando o professor vai direcionar para as ações que não foram contempladas nos momentos anteriores e ensinar como fazer melhor cada uma destas ações.

REFLEXÕES FINAIS

Sendo o saber sublime, aprender será suave..

Victor Hugo

Pensando que o esporte é aquilo que se fizer dele, que podemos, como PARLEBÁS comenta, tanto formar patifes como homens, vemos que existem muitas possibilidades concretas de se formar grandes homens e grandes mulheres.

Utilizando-me das palavras, muito enfatizadas, pelo professor ROBERTO PAES: os professores precisam “descobrir” que o mais importante não é o jogo, e sim quem joga, ou seja, os professores não podem esquecer de incluírem a pedagogia, nos seus planejamentos.

Além disso, proporcionar práticas que despertem o interesse da criança pelo esporte, pela atividade de cada aula. Sobre este assunto, FRISCHKNECHT, fala que “*estamos a assistir ao crescimento da geração do prazer, em que os jovens procuram atividades de prazer...*”.

“Na atividade esportiva infantil, o que está em jogo são os sentimentos que a criança experimenta em relação à seus próprios desejos, vontades, construindo assim uma auto-estima favorável a continuidade da prática esportiva” (GALDINO, 2000).

Temos que construir práticas desportivas para as crianças talentosas e as não talentosas, para todas as crianças, atividades que adentrem no universo infantil e consigam descobrir e alcançar o objetivo das crianças: aprender ginástica, aprender esporte de uma forma alegre e divertida, onde a criança tenha prazer não só em vencer mas também em cada aula, em cada ação.

Gostaria ainda de enfatizar a possibilidade de estarmos propondo outros modelos, de estarmos iniciando o processo de mudança, ou pelo menos tentando diferentes possibilidades, ao mostrarmos trabalhos concretos e possíveis de perspectivas educacionais na iniciação esportiva.

BIBLIOGRAFIA

- BENTO, J.; GARCIA,R.; GRAÇA, A. Pedagogia do Desporto: perspectivas e problemáticas. (xerox)
- FRISCHKNECHT, P. Jovens no desporto: um pódium para todos (mesa redonda). Revista Treino Desportivo.
- GALDINO, M. L. Pontos e contrapontos acerca da especialização precoce nos esportes, in: MACHADO, A A . Delineamentos em Psicologia do Esporte. Campinas, Tecnograf, 2000.
- NISTA-PICCOLO, V. L. Pedagogia dos Esportes. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- _____. Crescendo com a Ginástica, in: Anais do I Congresso Latino Americano de Educação Motora. Foz do Iguaçu, 1998.
- SCHIAVON, L. M. a Ginástica Artística como conteúdo da educação física infantil. Monografia de graduação. Faculdade de Educação Física , UNICAMP, 1996.

SNYDERS, G. Alunos Felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. 2ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

VELARDI, M. Metodologia de ensino em Educação Física: contribuições de Vigotsky para as reflexões sobre um modelo pedagógico. Dissertação de Mestrado, FEF-UNICAMP, Campinas, SP, 1997.

Laurita Marconi Schiavon - E-mail: lauritaschi@hotmail.com / laurita@fef.unicamp.br

LA CREATIVIDAD EN LA DANZA ESCOLAR

Luis Alberto Linzmayer Gutiérrez
Profesor de Educación Física
Liceo Galvarino Riveros Cárdenas. Castro – Chiloé – Chile.

Resumen: El taller de Danza Escolar "DALYEXCOR", compuesto por adolescentes de Educación Secundaria, se dedica en tiempo extraescolar a crear coreografías rítmicas, con o sin música, desarrollando la creatividad libre y espontánea de las integrantes hasta llegar a organizar un todo que satisfaga las pretensiones de expresión respecto de la idea que se quiere representar. Esta creación es orientada por el profesor, mas él no participa directamente en la construcción de las ideas psico y sociomotrices. Las alumnas experimentan con todo tipo de estímulos eligiendo lo que representa en mejor forma sus intereses y necesidades de expresión. Las coreografías tienen un carácter lúdico y no buscan desarrollar ninguna técnica en especial, la finalidad es participar, divertirse, jugar con y en el espacio, sensibilizarse en relación al arte de la música, la poesía, creando en sociedad una identificación propia que les permita evolucionar positivamente como personas.

FUNDAMENTOS FILOSOFICOS:

Toda existencia humana busca un sentido propio, de identidad y pertenencia. La Danza ofrece al individuo una posibilidad de búsqueda y expresión de estas necesidades de movimiento e identificación, ya sea por razones sociales, afectivas, espirituales, culturales o simplemente por placer. Desde tiempos muy remotos el hombre ha utilizado la Danza para expresar sus emociones, temores o rendir culto a sus creencias.

En el Taller de Danza "DALYEXCOR", aparece como una posibilidad de integración y desarrollo de las cualidades personales a través del contacto con otros en un dinámico proceso de creación libre y espontáneo, en donde no existen reglas definidas y donde la libertad es la principal característica, ya que, al ser la Danza espíritu en movimiento, comunicación mística, no existen palabras precisas que puedan definirla, y por lo tanto se remite a cada momento y realidad específica, respondiendo a las necesidades de cada individuo o grupo sociocultural.

Se intenta romper con los poderes hegemónicos y académicos que establecen normas y directrices técnicas, sociales y psicomotrices, incluso políticas y religiosas, que reducen al hombre a una mínima expresión de todas sus potencialidades creadoras, por lo

tanto modificadoras, necesarias para establecer una identificación con lo propio y lo universal.

Esta identificación nace a la luz de las propias manifestaciones de cada cultura y la Danza es el vehículo en el cual se transporta dicha manifestación.

En el caso de la Danza Escolar que DALYEXCOR explora, pretende abarcar las expresiones propias de la juventud actual o la manera como ellos lo interpretan, pero al mismo tiempo esta juventud se compromete a establecer una comunicación con sus raíces culturales, de tal manera que se produzca el óptimo equilibrio entre la necesidad de movimiento por placer y la identidad existencial, necesaria ambas para el desarrollo de una personalidad íntegra, sana y multiplicadora de valores, de justicia social y respeto por la libertad.

FUNDAMENTOS PEDAGOGICOS:

Uno de los aspectos más importantes a considerar es el desarrollo de la creatividad en un clima de completa libertad para la sensibilización, interpretación y expresión de las ideas, sentimientos y situaciones que pudieran aparecer producto de la exploración de algún elemento motivador como la música o la poesía.

La libre exploración, la aceptación de las ideas de todos, la tolerancia, el “desorden” ordenado, con una sutil orientación del profesor, es lo que determinará un proceso de enseñanza aprendizaje dirigido a fortalecer variables psicomotoras y sociomotrices.

Como todo proceso educativo, la Danza Escolar que practica DALYEXCOR, obedece a métodos y pautas técnico-pedagógicas que no es el objeto analizar aquí, pero si establecer algunos criterios que nosotros utilizamos para producir nuestras creaciones:

- 1.- El profesor sugiere y orienta.
- 2.- Los alumnos son los actores principales.
- 3.- Todos deben participar.
- 4.- Método libre.
- 5.- Elementos no secuenciales.
- 6.- Construcción en sociedad.
- 7.- Respeto por todas las ideas.
- 8.- Utilización del espacio.
- 9.- Sensibilidad sociocultural.
- 10.- Sentir más que pensar.

OBJETIVOS QUE PERSIGUE EL TALLER DE DANZA “DALYEXCOR”:

- 1.- Desarrollar la Creatividad.
- 2.- Permitir la libertad de expresión.
- 3.- Permitir la representatividad de la diversidad intelectual, física y social.
- 4.- Desarrollar la autonomía.
- 5.- Representar parte de nuestra cultura.
- 6.- Lograr unidad y esencia mística.
- 7.- Estimular la lealtad, amistad, respeto y compromiso.
- 8.- Desarrollar aspectos psicomotores y sociomotrices.
- 9.- Desarrollar la autoestima.

10.- Desarrollar objetivos transversales de la Educación Física respecto de la Reforma Educacional.

AFFECTIVIDAD PARA LA EFECTIVIDAD:

Todo proceso educativo que pretenda lograr un desarrollo de todas las dimensiones del ser humano, no puede olvidarse de la AFFECTIVIDAD como un elemento motivador y productor de ideas, con las cuales representar en el espacio sentimientos y sensaciones, con movimientos propios y auténticos, dirigidos a cultivar una personalidad plena y realizada como ser humano.

Algunas actividades Afectivas que realiza DALYEXCOR:

- 1- Celebrar los cumpleaños.
- 2 - Escuchar los problemas de todos.
- 3 - Acariciar.
- 4 - Organizar pequeños rituales.
- 5 - Saludar y despedirse de todos en cada práctica.
- 6 - Todos son necesarios.
- 7 - Abrazar sin preguntar.
- 8 - Sentir la importancia de la amistad.
- 9 - Valorar a todos con sus particulares características.
- 10 - Ayudar a que todos puedan participar.
- 11 - Destacar los avances de todos.
- 12 - Olvidarse de lo que no se puede hacer.
- 13 - Siempre animar a todos.
- 14 - Recordar nuestra esencia.

Todo proceso de creación está marcado por un énfasis en el valor de cada individuo respecto de su grupo, considerando siempre que lo más importante no está en la ejecución motora ni en el producto final, más bien es todo lo que sucede mientras se participa del acto creativo. La amistad, la libertad, la autonomía, la alegría, la satisfacción de compartir, la necesidad y alegría de sentirse apoyado, el saber que eres escuchado y respetado, la igualdad de condiciones, el abrigo de un abrazo, la perseverancia, la responsabilidad, la alegría de ver terminada una creación, en definitiva, todos aquellos valores que nos identifican como seres sensibles a la realidad humana y que nos permiten expresar nuestros sentimientos con toda franqueza y sin temor a ser criticados, eliminando las fronteras del egoísmo. Valores y principios que debemos educar para construir una sociedad más justa y libre.

Luis Alberto Linzmayer Gutierrez
Profesor de Educación Física Chiloé – Chile -

A GINÁSTICA GERAL E OS FALSOS MODELOS

Odilon José Roble

Graduado em Educação Física e Mestre em Educação pela Unicamp
Professor de graduação da Unicid, Creupi, Esefm e diretor do Grupo Gesto

Resumo: Considerando que a Ginástica Geral (G.G.) freqüentemente está baseada em modelos esportivos, esse texto levanta reflexões sobre linguagens na sociedade contemporânea, especialmente nas artes corporais, expondo possíveis prejuízos desta esportivização na G.G. Compreendendo o termo espetáculo, podemos acreditar que a G.G. está inserida nesse fenômeno, pelo menos quando seu objetivo for o de compor coreografias para serem apresentadas. Assim, os conhecimentos das artes cênicas podem oferecer novos horizontes para o processo de criação em G.G. Na mostra pedagógica, realizaremos uma composição explorando alguns fatores desse campo, como o jogo cênico, o figurino e o elemento cênico, abrindo uma discussão sobre a aplicabilidade desses conhecimentos para a G.G.

Um dos terrenos mais infrutíferos, mas não pouco visitado é o da delimitação de linguagens. Tão logo um fenômeno começa a apresentar visibilidade entre as pessoas, um sentimento afoito de nomeação se apresenta e, com ele, a determinação tenaz daquilo que pode ou não ser compreendido pelo termo. Ainda que seja bastante verdadeiro o argumento central em favor dessa prática - que profusões conceituais podem gerar desvios, dissuadindo a consolidação do fenômeno - é preciso que se esteja atento ao contrapeso desse raciocínio. À medida que um fenômeno passa a ser compreendido dentro de limites herméticos, podemos estar, com isso, determinando sua morte. Só a revitalização constante é que mantém um fenômeno vivo e esse processo advém, também, do intercâmbio com outras linguagens e da diluição entre as fronteiras.

A sociedade experimenta essa diluição no cotidiano e na arte. O pós-modernismo, como lemos em SANTOS (2000, p.18), possui um princípio esvaziador, diluidor: “O pós-modernismo, desenche, desfaz princípios, regras, valores, práticas, realidades”. Para o autor, sofremos de uma des-referencialização do real e des-substancialização do sujeito. Em outros termos, basta observarmos que nossas referências multiplicam-se e pulverizam-se. A avassaladora quantidade de informações pelos meios de comunicação e interatividade, lançaram o homem no terreno arenoso da multiplicação extrema dos referenciais. Nesse contexto, tudo que é por demais demarcado e não se inter-relaciona, parece dogmático, obsoleto. A flexibilização dos conceitos é uma prática corrente na estética de tudo que vivemos. Nossos sentidos acostumam-se com essa profusão e colocam em questão os perigos e os benefícios dessa nova realidade perceptiva.

O corpo, nessa amálgama contemporânea, recebe o conjunto inerente dessas forças e dessa estética. A virtualidade, por exemplo, projeta o corpo em dimensões imateriais, colocando em questão a natureza das experiências corporais. Por outro lado, nunca o corpo foi tão híbrido, tão impuro. Nas grandes cidades, circulam corpos exóticos, tatuados, furados por *piercings*, andróginos, multicoloridos e, também, todo o conjunto das variáveis possíveis entre os conhecidos como “comuns”. Menos relevante que a lista de possibilidades, nesse momento, o que interessa é a observação de que essa variedade coabita sem excessivo estranhamento. O diferente não é mais causa de tanto espanto e, mesmo que restrito à aparência, o olhar precisou acostumar-se ao mutável.

Quando o corpo se espetaculariza, leva consigo a potência coletiva que remete a essa multiplicidade e mutabilidade. Entendamos aqui que o termo espetáculo também costuma sofrer de uma delimitação de linguagem, ficando restrito apenas a algumas áreas do conhecimento e sendo evitado por outras que muito bem poderiam (e deveriam) contemplá-lo. Vejamos a definição de PAVIS (p. 141, 1999), que contribui na ampliação desse entendimento:

É espetáculo tudo o que se oferece ao olhar. “O espetáculo é a categoria universal sob as espécies pela qual o mundo é visto”¹. Este termo genérico aplica-se à parte visível da peça (representação), a todas as formas de artes da representação (dança, ópera, cinema, mímica, circo etc.) e a outras atividades que implicam uma participação do público (esportes, ritos, cultos, interações sociais).

Entender esse olhar coletivo, participante nos muitos espetáculos que o corpo proporciona por meio do movimento, deve estar na atenção da Educação Física. É nesse exato sentido que a Ginástica Geral (G.G.) não pode ser vista pelo seu potencial expressivo, pela sua característica inerente de espetáculo. A maior parte dos trabalhos em G.G. são feitos para o olhar do outro, eles só se completam quando são apresentados, quando participam de demonstrações públicas daquilo que foi construído. É justamente nesse sentido que o trabalho apresentado, inevitavelmente, dialoga com o corpo coletivo, com a estética social, com o sentir em comum. Não há como fruir² com um espetáculo, se ele não expressar, em algum nível, as angústias e alegrias do homem atual. Que não se entenda aqui tal afirmação como um convite para a teatralização mais banal de jargões que costumam transformar as coreografias de G.G. em uma desagradável pantomima. É a situação mais ampla que envolve o espetáculo, a coreografia ou a proposta gímnica, que pode conter elementos para uma visão ampliada daquilo que se apresenta. Lembremos também que tal fruição opera muito mais no plano simbólico, ou seja, no tocante às sensações, do que nos planos narrativos mais explícitos.

Tomando-se, portanto, a G.G. pela sua qualidade de espetáculo, podemos evidenciar nela alguns pontos problemáticos, que parecem não estar no centro das discussões atuais. O que se vê na G.G. com frequência, parece ser um equívoco de referencial. Podemos notar que os trabalhos comumente apresentados não fogem muito das seguintes características: formações fixas no espaço (que, nos piores casos, são apenas uma em toda a coreografia), uso do mesmo figurino para todos (com predominância dos *collants* e uniformes), uniformização dos movimentos e valorização do coletivo. Deixemos claro o quanto antes: nenhum dos fatores anteriormente citados é, em si, um revés expressivo. A combinação imutável e extremamente freqüente de todos que o é. Em uma análise simples de conjuntura, observamos que a G.G. está centrada em um modelo esportivo e, mais que isso, costuma enclausurar-se nesse limite, replicando as mesmas formas inesgotavelmente, como na reprodução padronizada e fixa da ginástica esportiva. Pensemos pois em cada um dos exemplos destes vícios mais freqüentes nas composições em G.G.:

¹ Cf. Barthes apud PAVIS, *Dicionário de teatro*, p.143.

² Fruir, que significa desfrutar, gozar de algo, é correntemente usado no âmbito do espetáculo como a capacidade que o trabalho apresentado tem de fazer com que o espectador mergulhe em sua estética e se sinta participante daquele tema.

Em primeiro lugar, as formações fixas. O discurso do espaço, a forma com que os participantes se movem e com isso constróem a coreografia é um elemento flexível, precisa ser explorado por muitas possibilidades. As mudanças extremamente marcadas no espaço e a construção geométrica de figuras espaciais remetem à marcha militar, ou seja, à impessoalidade e ao esvaziamento do humano em detrimento da massificação.

O figurino, por sua vez, costuma ser sinônimo de uniforme na G.G. A roupa representa, nas sociedades de hoje, um fator que está muito além do simples vestir-se. Quando optamos por um uniforme, fazemos assim uma escolha estética que coloca todos os integrantes na condição de um mesmo personagem. Essa condição é, de fato, a situação estética mais corrente, mas vale lembrar que ela não precisa ser a única. Há uma preocupação muito grande que o figurino não comprometa a “limpeza” dos movimentos, expressão que por si só já revela um desejo estéril de despersonalização, de massificação dos gestos. Ainda sobre o figurino vale lembrar que a roupa pode levar o praticante a descobrir novas possibilidades expressivas, o que justificaria a experimentação. Vejamos pois a dimensão que MAFFESOLI (1999, p.173), nos ajuda a vislumbrar nas roupas:

Aquele que usa uma roupa curva-se a um modo de viver especial. Quando o senso comum declara que “o hábito não faz o monge”, ele lembra, ao contrário, que tradicionalmente o hábito e o monge são um só. O fato de ter essa ou aquela pele induz a esse ou aquele modo de viver. O vestuário e os costumes estão ligados. É nesse sentido que a forma faz corpo social.

Por fim, a uniformização dos movimentos e valorização do coletivo. A G.G. ainda está carregada de muitos dos ideais de coletividade que deram sustância à movimentos eugenistas e higiênicos que valorizavam a massificação dos gestos como elemento de formação cívica. Podemos perceber essa influência quando observamos que os gestos buscam ser indiscerníveis entre os integrantes da coreografia. Também evidencia-se essa tendência quando os grupos equalizam seus potenciais expressivos ao estabelecerem um conjunto de gestos possíveis de serem realizados por todos. Muitas vezes, inclusive, no desejo de se exibir alguma proeza possível apenas por uma minoria dos integrantes, essa se dá sem conexão nenhuma com o restante da coreografia, como pode ser percebido freqüentemente com as acrobacias.

Responder à pergunta sobre qual é o fator que liga todos os exemplos anteriores não é uma tarefa difícil. A uniformização e o hermetismo da proposta atual em G.G. são seus elementos preponderantes e justamente seus fatores de desconexão com a realidade social. Este texto começou dissertando sobre a pluralidade da estética contemporânea e, nesse momento, não pode deixar de observar a incongruência dessa estética com a da G.G. Ainda que a ginástica seja uma das formas de expressão corporal mais antigas, as discussões em torno da G.G. são bastante recentes. Trata-se de uma problemática nova, no que se refere à construção de uma estética peculiar a esse fenômeno.

Pensemos então por vias que estão abertas, sem contudo estarem sendo trilhadas. Algumas manifestações teóricas e mesmo práticas, vêm se realizando em G.G., as quais revelam essa possibilidade maior de sua interação com o contexto atual. Por exemplo, vários trabalhos em G.G. hoje tentam partir das propostas dos próprios alunos para a composição coreográfica. Ainda que esse pressuposto possa indicar um pensamento construtivista e, com isso abra um flanco de discussão bastante amplo sobre sua pertinência pedagógica, é fato que um princípio como este tende a propiciar um maior diálogo entre o

signo vivido e o representado. Outros exemplos de tendências desse tipo são cada vez mais fáceis de encontrar e, evidentemente, redirecionam os objetivos do que se faz em G.G. no país atualmente. Entretanto, algumas questões, embora primordiais, parecem ainda não contempladas. A G.G. deve continuar atrelando-se ao modelo esportivo ou deve entender-se como uma manifestação artística? O lazer aparece como o eixo central da G.G., quando esta é definida pela Federação Internacional de Ginástica (F.I.G.)³. Se assim a assumirmos, qual seria o conjunto de estratégias pertinentes a esse objetivo? O lazer é mais do que a redução de um fenômeno à sua prática descomprometida. Em outros termos, a G.G. não pode ser a ginástica esportiva sem as regras.

Penso que o esforço necessário a esse momento na G.G. é de natureza didática. Isso por ser o eixo fundamental da didática uma relação entre objetivos, conteúdos e métodos (LIBÂNEO, p.153-154, 1997). A G.G. precisa definir com maior clareza seus objetivos, se esportivos, de lazer ou artísticos. Com base nessa opção é que ela poderá eleger seus conteúdos e métodos. Nesse texto, inclino-me à opção artística e, por ela optar, é que vislumbro conteúdos e métodos diferentes dos atuais. A multiplicidade de símbolos que observei como característica da pós-modernidade pode ser um elemento relevante a essa opção. A G.G. precisa abandonar sua homogeneidade asfixiante, relacionar-se com o mundo vivido, ser uma matéria expressiva para o ginasta-intérprete e não uma estereotipação pueril das formas e dos gestos.

A matéria-prima ginástica é, em si, rica o bastante para isso. Sua essência abriga o desafio, o risco e a descoberta. Não seriam esses fatores antônimos da esterilidade que observamos nas composições em G.G.? Em outro momento (ROBLE, p.58, 1999), já busquei observar a G.G. pelo seu foco expressivo e lá, pude constatar que essa opção leva consigo mobilidade suficiente para valer-se da linguagem de origem, sem escravizar-se a ela, ou pior e mais corrente: fetichizá-la. À medida que o desejo criador se estabelece com força e liberdade suficientes para despertar a imaginação, nenhum limite hermético pode resistir. Projetar a ginástica, seus princípios e desafios no caldo profuso da sociedade contemporânea pode ser um desafio extremamente tentador e de uma beleza ainda não conhecida no universo das artes corporais. É preciso coragem para abandonar os apelos fáceis e a puerilidade característica das coreografias atuais que se sustentam pelos efeitos visuais mais imediatos e pelo simulacro do que acontece na sua vertente esportiva.

Alguns grupos de G.G. começam a trilhar um caminho diferente, sobretudo aqueles ligados às universidades. As possibilidades de pesquisa que cativam tais grupos, iniciam propostas que podem conter o germe de uma transformação nesse modelo que descrevi. A razão maior deste artigo é, ao supor que a G.G. está sufocada pelo modelo esportivo, entender que uma possível saída para essa estagnação está justamente na pesquisa de novos referenciais que não descaracterizem a ginástica, mas que ampliem seu entendimento. Mais especificamente, ao entender a G.G. como um espetáculo no sentido já descrito, suponho que novas possibilidades de trabalho técnico-expressivo devem fazer parte de um processo com fins coreográficos. Essas possibilidades partem da idéia de que a G.G. compõe cenas e, desta forma, pode tirar proveito das teorias da cena como, por exemplo, a do jogo cênico, do espaço cênico, da coreografia, do elemento cênico e assim por diante. Desta forma, estarei propondo uma mostra pedagógica, na qual será

³ “A G.G., segundo a F.I.G., é a parte da Ginástica que está orientada para o lazer, na qual pessoas de todas as idades participam, principalmente pelo prazer que sua prática proporciona.” (SOUZA & GALLARDO, p.33, 1996). Lembremos que a F.I.G. é uma estrutura de administração esportiva. O termo lazer é aplicado de modo empobrecido, caracterizando na verdade, uma vertente não-esportiva dentro do espectro que a F.I.G. gerencia. Não há, portanto, a mudança do paradigma esportivo nessa definição e o termo lazer é apenas oportuno.

demonstrada uma construção coreográfica baseada no gestual da ginástica e levando em consideração alguns fatores cênicos elementares, a saber:

1. O jogo cênico: O jogo é um fenômeno humano carregado de uma profusão de significados culturais e envolto em uma magia sugestiva ao interior da prática lúdica. A ilusão, como observa HUIZINGA (1980, p.14) é uma palavra cheia de sentido que significa, literalmente, “em jogo” (de *inlusio*, *illudere* ou *inludere*). Tanto na prática cênica como na teatralidade cotidiana⁴, o ser humano joga com a realidade e esse jogo pode constituir um fator a ser explorado. Seguindo uma terminologia que abrange satisfatoriamente o que compreendemos por jogo, CAILLOIS (1958), dividiu-o em quatro tipos: *Mimicry* ou jogos de imitação, nos quais a mímese é concebida como uma reprodução não fotográfica do real e, sim, como uma transposição (abstração e reconstituição) de acontecimentos humanos⁵. *Agon* são os jogos de competição, rivalidade. *Aléa* é o nome dado aos jogos de sorte, o que no caso da cena, trata-se do uso do acaso, do improviso e da conclusão aberta. Por fim, tem-se o *Illinx* ou jogos de vertigem, nos quais o que se tenta produzir em cena é a fantasia sugestiva para que o espectador sintasse envolvido pela representação.
2. O elemento cênico: Os objetos que são manipulados durante a coreografia e que devem servir não de simples acessórios, mas de suporte visual carregado de significados sobre a temática explorada.
3. Figurino: Mais que simplesmente vestir, as roupas podem sugerir ações para a expressão corporal, bem como carregar em si um amplo conjunto de significados.

Acredito que estes três fatores básicos, tomados como exemplo, aplicados a uma composição em G.G., devem contribuir para uma nova forma que, possivelmente, reduza os vícios que citei nesse texto, abrindo possibilidades para um novo horizonte de trabalho. A proposta coreográfica que apresentaremos nesse fórum é, assim, não uma demonstração de um produto artístico com fim em si mesmo, mas nesse caso, um exercício de criação e experimentação que deseja por à vista referenciais diferentes de trabalho, combinando propostas, aprofundando entendimentos e, sobretudo, contribuindo para dois fatores: a desmistificação de que os conhecimentos das artes cênicas não são pertinentes à G.G. e reflexão sobre os possíveis prejuízos que a reprodução do modelo esportivo oferece à composição coreográfica dessa modalidade de expressão corporal.

Referências Bibliográficas

- CAILLOIS, R. *Les jeux et les hommes*. Paris, Gallimard, 1958.
HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1980.
LIBÂNEO, J.C. *Didática*. São Paulo, Cortez, 1997.
MAFFESOLI, M. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro, Rocco, 1984.
_____. *No fundo das aparências*. Petrópolis, Vozes, 1999.

⁴ Michel MAFFESOLI em *A Conquista do Presente*, p.138, aponta a teatralidade presente na política, na imprensa, nas ruas, na família, na escola e em todos os espaços de convívio social considerados cenários desse espetáculo cotidiano. Ao teatralizar, as pessoas e as coisas jogam com a realidade, invertendo papéis e personagens de acordo com as situações, como o mesmo autor observa em *No Fundo das Aparências*, p.172: “Na teatralidade geral, cada um, em graus diferentes e em função das situações particulares, desempenha um papel (ou papéis) que o integra(m) ao conjunto societal. É isso que funda a dialética corpo/corpo societal (...)”

⁵ Patrice PAVIS, *Dicionário do teatro*, p. 221.

- PAVIS, P. *Dicionário de teatro*. São Paulo, Perspectiva, 1999.
- ROBLE, O.J. *A Ginástica Geral como foco expressivo*. Campinas, UNICAMP/SESC – Anais do I Fórum Brasileiro de Ginástica Geral, 2000.
- SANTOS, J.F. *O que é pós-moderno*. São Paulo, Brasiliense, 2000.
- SOUZA, E.P. & GALLARDO, J.S.P. *Ginástica Geral: duas visões de um fenômeno*. Campinas, Unicamp, 1996.

Odilon José Roble
R. Padre Vieira, 600, Apto.71. Campinas/S.P.
roble@uol.com.br

GRUPO GINÁSTICO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP - UMA EXPERIÊNCIA DE COMPOSIÇÃO COREOGRÁFICA

Rodrigo Mallet Duprat
Ana Paula Barbosa Sato
Elizabeth Paoliello de Souza
Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da FEF/ Unicamp

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar uma experiência de composição coreográfica de um grupo de alunos das mais diversas áreas, integrantes do Grupo de extensão de Ginástica Geral da Faculdade de Educação Física da Unicamp, de acordo com a concepção do Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da FEF/ Unicamp.

Introdução

A Ginástica Geral (GG) é uma atividade proposta, orientada e difundida pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) e tem como característica ser voltada para o lazer, oferecendo uma gama variada de possibilidades com características especiais. É uma atividade gímica, compreendendo especialmente exercícios no campo da ginástica com e sem aparelhos.

Pelo seu alto valor educacional, por seus aspectos sociais, recreativos e de saúde, esta atividade permite que, através de sua prática, se possa abrir um espaço para a criatividade, estimulando a participação de qualquer ser humano, independente de raça, nível social, idade, sexo, condição física ou técnica.

Compreende, fundamentalmente, uma atividade com exercícios e jogos regularmente praticados e realiza-se principalmente pelo prazer de sua prática, a inexistência de normas rígidas vem colaborar com a participação mais efetiva, agregando atletas, ex-atletas e não atletas, onde as ações motrizes, padronizadas ou não, favorecem a liberdade de movimentos em qualquer nível de complexidade (Souza, 1997).

Todas as características são permanentemente influenciadas pelas tradições, símbolos e valores culturais de cada povo.

A GG vem contextualizar o âmbito universitário, em 1989, através da criação do Grupo Ginástico da Unicamp (GGU) pela parceria da Profa. Dra. Elizabeth Paliollelo Machado de Souza com a Profa. Dra. Vilma Leni Nista Piccolo, como um projeto de extensão, cujo objetivo era integrar a Ginástica Artística, a Ginástica Rítmica Desportiva e

a Dança, dentro de uma proposta de Ginástica Geral, foi formado inicialmente por 18 moças, ex-ginastas e bailarinas, convidadas pelas coordenadoras para integrarem este projeto que visava a participação na VI Gimnasiada Americana em Buenos Aires - Argentina no mês de Outubro deste ano. Após esta gratificante experiência, o GGU incorporou novos integrantes, abrindo espaço para a participação de rapazes e moças na prática da Ginástica, principalmente universitários de várias áreas.

No ano de 1992, a participação do Prof. Dr. Jorge Sérgio Pérez Gallardo, docente da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, o GGU torna-se um veículo de experimentação e difusão das pesquisas desenvolvidas na GG na FEF/UNICAMP, constituindo um grupo de pesquisa reconhecido pelo CNPq (CNPq. 5.UNICAMP.005 Grupo Ginástico Unicamp, 1994). Além dos aparelhos tradicionais da Ginástica, passou a utilizar materiais alternativos como bambus, câmaras de pneu, caixas de refrigerantes, bandas elásticas, panos, chocalhos, e todo o tipo de implemento adaptado, proveniente da natureza ou da fábrica humana.

O GGU, por estar vinculado ao Grupo de Pesquisa em GG da FEF/Unicamp, investiga novas possibilidades de prática do movimento humano integrando fortemente a Educação Física, conhecida como a disciplina que trata de um tipo de conhecimento denominado de cultura corporal que tem como temas, as Ginásticas, os Jogos, os Esportes,



as Danças e as Lutas com elementos das Artes Musicais, Cênicas e Plásticas, criando sua própria proposta metodológica.

Concepção atual de Ginástica Geral do GGU (SOUZA,1997)

O Grupo de Pesquisa em GG da FEF/Unicamp entende a Ginástica Geral como uma manifestação da cultura corporal, que reúne as diferentes interpretações da ginástica, integradas às demais formas de expressão do ser humano de forma livre e criativa. Sua proposta tem como princípios básicos a formação humana e sua capacitação. Segundo Maturana e De Rezepka (1995:11) a formação humana "tem a ver com o

desenvolvimento do menino ou menina como pessoa capaz de ser co-criadora com outros de um espaço humano de convivência social desejável". Esse objetivo pode ser alcançado a partir do momento que o profissional desta área der subsídios e condições necessárias para que seu aluno desenvolva uma consciência crítica, tendo noção de sua individualidade, identidade, sabendo respeitar a si mesmo e aos outros, podendo ser influenciado pela sociedade e influenciando-a, mostrando seu espaço no grupo social. Para que isso se torne possível, cria-se atividades que proporcionem relações de cooperação, responsabilidade, amizade, sociedade.

A capacitação "tem a ver com a aquisição de habilidades e capacidades de ação no mundo em que se vive, como recursos operacionais que a pessoa tem para realizar o que queira vivenciar " (op. cit.: 11). Portanto é a aquisição e melhoria das capacidades biológicas e habilidades específicas do ser humano, onde o professor deve criar espaços de ação, desenvolvendo estas características, ampliando as capacidades de se fazer, refletindo sobre este fazer, como parte da experiência que se vive e que se deseja viver. Criando assim, pessoas capazes de refletir sobre o quê, o porquê e como fazem determinadas ações.

Nesta visão o professor tem papel relevante na vivência de valores significativos para o ser humano, tais como: criatividade, o respeito às normas e leis do grupo e da sociedade como um todo, o espírito crítico, a honradez, a afetividade, a liberdade, a disponibilidade, entre outros.

De acordo com os princípios acima expostos, é possível destacar alguns pontos importantes que norteiam nossa concepção de Ginástica Geral como o incentivo e valorização do indivíduo em benefício do grupo, a liberdade na utilização dos conteúdos da cultura corporal, o prazer na atividade (ludicidade), a promoção da cooperação, do companheirismo e da participação, a experimentação de diferentes formas de organização social, o estímulo à auto-superação e à criatividade, a possibilidade de participação de todas as pessoas de diferentes idades, o aumento da interação social, a demonstração das composições coreográficas como produto final do processo educativo.

O Grupo Ginástico da Faculdade de Educação Física - GGFEF

Os mesmos idealizadores do GGU ministrando suas disciplinas perceberam que alguns graduandos se identificavam com a filosofia e trabalho proposto pelo grupo, desenvolveram um projeto denominado Grupo Ginástico da Faculdade de Educação Física (GGFEF), composto por alunos da Faculdade de Educação Física e de outras unidades da UNICAMP. Esse grupo além de ser um espaço de estudo da metodologia aplicada e desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa em GG, também é responsável pela preparação de futuros integrantes do GGU, podendo haver uma rotatividade dos integrantes do mesmo.

O GGFEF está aberto a qualquer pessoa que queira praticar uma atividade lúdica de caráter esportivo, ou esteja pensando em melhorar aptidões físicas com a prática regular dos exercícios propostos na GG. Hoje, este grupo é composto por trinta pessoas de diferentes cursos da Unicamp, entre eles, Educação Física, Dança, Engenharias de Alimento, da Computação, Civil, Química, Elétrica, Agrícola, Economia, Biologia, Ciências Sociais, Pedagogia, Física, Geociências, além de alunos do ensino regular médio e moradores da comunidade de Barão Geraldo, que se encontram duas vezes por semana, em média 90 minutos por sessão. Tem como proposta a criação de composições coreográficas, estimulando o companheirismo, a criatividade, visando a aprendizagem e a interação e não a competição, ocupando-se com a pessoa comum, preocupando-se com o

desenvolvimento do potencial dos participantes, com as trocas de experiências de vida, estando mais atento ao processo de vivência de valores humanos de convívio social, que com o resultado ou produto e seu objetivo é mostrar à comunidade o resultado de um esforço grupal e a satisfação de um trabalho organizado coletivamente.

Objetivo do Trabalho

Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência do grupo, vivida durante o primeiro semestre deste ano, na criação e apresentação de uma composição coreográfica para o Festival Interno de Ginástica e Dança da Faculdade de Educação Física da Unicamp.

Procedimentos metodológicos

- Na primeira etapa do trabalho deu-se ênfase a aquisição e aprimoramento de elementos técnicos de diversas áreas tais como Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Ginástica Acrobática, Dança, Artes Cênicas, Jogos Cooperativos, Técnicas Circenses, entre outras.
- Num segundo momento, de acordo com o processo pedagógico, aumentando o nível de complexidade, desenvolveu-se trabalhos individuais, duplas, trios, quartetos, aumentando o numero de pessoas por grupo, até abranger o grupo todo.
- Dentro deste processo de atividade grupal, optamos por trabalhar a Ginástica Acrobática, pois tem como características marcantes o companheirismo, a confiança no outro, as trocas de experiências e a coesão do grupo.
- Neste processo de trabalho, foi introduzida uma fita elástica de aproximadamente 20 metros, que começou a ser explorada sem intervenção externa. Surgiram idéias muito criativas, porém havendo grande divergência de opiniões entre os integrantes. Mesmo assim deixamos que ocorressem, para que eles percebessem como é e o porquê de estar trabalhando em grupo.
- Através de nossa intervenção, as idéias propostas foram direcionadas sendo mais exploradas com uma melhor utilização do material. Fomos orientando o trabalho sempre receptivo a novas idéias, integrando-as ou até mesmo substituindo as antigas, e propondo novas formações coreográficas e movimentos, atentos aos porquês das modificações, para melhor explorar, ou pelo menos, entender as relações existentes entre as formações, os materiais, os focos e a visão dos espectadores.
- Um dos pontos mais importantes para a composição coreográfica em GG é a música. Fundamental, para finalizar o processo de criação, desenvolvemos um trabalho com ritmo, intensidade e expressão, interagindo movimentos corporais que obedeciam a métrica e a subjetividade da música. Dessa forma, foi possível ordenar os movimentos e formações que mais se adequavam à música, criando uma sequência harmônica.
- Conforme um dos pontos norteadores da Ginástica Geral, demonstrar o produto final do processo educativo através de composições coreográficas, nosso trabalho foi apresentado, no dia 18 de Junho de 2001, no Festival Interno de Ginástica e Dança da FEF- Unicamp.

Considerações Finais

Avaliando o processo educativo vivido durante o primeiro semestre deste ano, com o GGFEF, destacamos alguns pontos, a seguir:

- Tivemos uma certa dificuldade em algumas atividades propostas, devido ao grande número de participantes e uma quantidade restrita de materiais.
- Devido às características do Grupo, os integrantes apresentavam diferentes níveis de performance e uma grande diversidade de experiências motoras vividas.
- Houve uma boa aquisição de habilidades específicas e melhora das capacidades físicas.
- Uma das características encontradas no grupo foi de estar sempre receptivo à novas vivências de diferentes manifestações corporais.
- O grupo estava aberto às críticas e sugestões dos coordenadores, como também deles mesmos.
- Por trabalharmos bastante a questão do convívio social, criou-se um forte vínculo de amizade entre os participantes.
- Pelo fato da coreografia, desde o início, ter sido criada em conjunto, os integrantes incorporaram os gestos ao longo deste processo, tornando mais fluente o caminhar do grupo. Por esse motivo, quando nos foi solicitado apresentar no Festival Interno da FEF, tivemos apenas que ajustar os últimos detalhes.

Referências Bibliográficas

GALLARDO, J.S.P.. Diferentes olhares sobre a Ginástica Geral: a visão pedagógica. In: Fórum Brasileiro de Ginástica Geral, Campinas, 1999. p. 29-34.
SANTOS, J.C.E. dos. Uma visão objetiva da Ginástica Geral na atual realidade brasileira. In: Fórum Brasileiro de Ginástica Geral, Campinas, 1999. p. 24-28.
SOUZA, E.P.M. de. Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física. Campinas, 1997. 163p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, 1997.
_____. Ginástica Geral: A concepção do Grupo Ginástico Unicamp (mimeo). Campinas, 1999.

Rodrigo Mallet Duprat

Ana Paula Barbosa Sato - e-mail: anasato@hotmail.com

Profa. Dra. Elizabeth Paoliello - e-mail: paoliello@fef.unicamp.br

CURSOS INTERNACIONAIS

ROPE SKIPPING PARA INICIANTES

Texto extraído de:
BVLO – Rope Skipping, septembre 1997 – Vienna
Anne Van Cauwenberghe
Tradução de Cristiane Montozo Fiorin

Curso de Rope Skipping ministrado no Fórum Internacional de Ginástica Geral pelos professores Nadine de Rider e Geert Hoost.

No Rope Skipping existem três modalidades básicas:

Single rope: uma corda e um saltador;

Double dutch: duas cordas longas (por volta de 6 metros), com duas pessoas batendo a corda e um ou mais saltadores;

Chinese Wheel: duas cordas (2,90 m) e dois saltadores sendo que cada saltador segura uma ponta da corda.

Além dessas três modalidades, é possível executar diversas manobras com cordas grandes (cordas de diferentes tamanhos com diferentes formas de bater e saltar).

1. Com apenas uma corda (single rope)

Tamanho da corda: quando você ficar com os pés unidos em cima da corda, as pontas da corda devem estar embaixo das axilas. Quando a corda é grande demais, faça alguns nós na própria corda (não enrole-a em torno da mão). Quando você quiser fazer saltos rápidos, com maior velocidade e usando as cordas individuais, esta deve ser menor. As pontas da corda devem atingir a linha do quadril.

Variações: se você não conseguir executar uma determinada manobra de um lado, tente do outro. Se não conseguir fazer um salto para frente, tente fazê-lo para trás. Você ainda pode fazer algumas manobras usando saltos duplos (girando duas vezes, saltando uma) ou em combinação com outras manobras.

Obs: alguns nomes de saltos foram mantidos em inglês, uma vez que eles são melhor entendidos com as denominações nesta língua.

- Dois Pés: salte com os pés juntos.
- Correndo: salte de um pé a outro, gire a corda embaixo de cada pé.
- Esquiador: salte da direita para esquerda com os pés unidos.
- Sino: salte para frente e para trás com os pés unidos.
- Side Straddle: saltar de pés unidos para pés afastados (abrindo) e voltar.
- Forward Straddle:
 - primeiro salto: um para frente e outro para trás;
 - segundo salto: pés unidos;
 - terceiro salto: o mesmo que o primeiro salto, só que agora invertido, o pé que foi primeiro para frente vai para trás e vice-versa;
 - quarto salto: pés unidos.

- Wounded Duck:
 - primeiro salto: gire os pés para dentro;
 - segundo salto: gire os pés para fora.
 - Salto em X:
 - primeiro salto: pés afastados;
 - segundo salto: pés cruzados.
 - Peek a Boo (esconde-esconde):
 - primeiro salto: um dos pés na lateral e outro no meio;
 - segundo salto: muda a direção.
 - Calcanhar para calcanhar:
 - primeiro salto: traga um calcanhar para frente e o outro pé fica no meio;
 - segundo salto: pés unidos no meio;
 - terceiro salto: traga o outro calcanhar para frente.
 - Dedo para dedo: igual ao de cima, mas trazendo os dedos para frente.
 - Twister: saltando com os pés unidos e virando o corpo para a esquerda e para a direita.
 - Can-Can (um “can-can” é contado quatro saltos):
 - primeiro salto: levantando o joelho;
 - segundo salto: pés unidos;
 - terceiro salto: levante a perna o mais alto possível;
 - quarto salto: pés unidos.
 - Balanceio lateral: gire a corda na lateral do corpo (um giro inteiro da corda), então abra os braços e salte.
- Variações: salte no momento do balanceio lateral; salte quando a corda bater no chão.
- Criss-Cross (Cruzado): traga a corda para frente, cruze os braços e salte a corda com os braços cruzados.
 - Balanceio lateral + Criss Cross: esta é uma combinação dos dois exercícios apresentados acima. Após um balanceio lateral pela esquerda, a mão esquerda cruza, a direita fica no quadril esquerdo. Tenha certeza de que o braço esquerdo cruza o braço direito.
 - Giro completo: inicie com o balanceio lateral (esquerdo) e gire ao mesmo tempo na direção da corda (esquerdo). (Quando você estiver olhando de costas – meio giro – a corda estará no alto). Após o giro completo, a corda estará baixa, então é possível saltá-la.
 - 360 °: o início desta manobra é o mesmo citado acima para o giro completo (balanceio lateral e inicie o giro), na metade do giro (quando você estiver de costas) você deverá fazer um giro de costas. Traga a corda depois do giro de costas e inicie o 180°. restante enquanto traz a corda para baixo.
 - Mad Dog: ao invés de dois giros de 180 graus na mesma direção, mude a posição depois do primeiro giro (180°. para a direita, 180°. para a esquerda).
 - Salto duplo (Double under): salte uma vez enquanto a corda dá duas voltas.

Manobras mais avançadas:

- E.B.: balanceie a corda na lateral do seu corpo (lado direito) e traga no momento do balanceio, um braço (esquerdo, por exemplo) para trás das costas enquanto o outro braço está na altura do estômago. Quando a corda estiver sob a sua cabeça, abra os braços.
- E.B. Cruzado: o início é igual ao da manobra acima, mas salte uma vez antes de abrir os braços.

- Toad:

- primeiro salto: gire a corda sob a cabeça e traga a mão direita embaixo do joelho esquerdo, a outra mão irá cruzar o corpo (mão esquerda está em cima da mão direita);
- segundo salto: abra os braços.

- Crougar: gire a corda sob a cabeça e então traga a mão direita embaixo do joelho direito (de dentro para fora). O joelho deverá estar encostado no cotovelo. A outra mão fica próxima ao corpo (como em um salto normal).

- Caboose: gire a corda sob a cabeça e traga ambos os braços entre as pernas de forma cruzada (criss-cross) – mão direita atrás do joelho esquerdo e vice versa. Faça o giro da corda, passando pela cabeça, salte a corda e comece a saltar de costas.

- Throwing handles – “lançando as pontas da corda”: salte para trás e largue a ponta da corda (esquerda) no momento em que saltar – a ponta da corda deve tocar o chão. Puxe um pouco a outra ponta da corda (direita) e tente pegar a ponta que foi largada usando a mão esquerda.

2. Dois saltadores – uma corda e “Traveler”

Cada saltador pode segurar uma ponta da corda, ou um pode segurar as duas pontas. Deixe-os experimentar algumas combinações, pois com certeza eles descobrirão algumas manobras interessantes.

Cada saltador com uma ponta da corda:

- Dentro e Fora: uma pessoa salta dentro e fora, para frente e para trás (trocando ou não quem segura a ponta da corda).

- Mudando de direção: de trás para frente e de frente para trás.

- Mudando os lados com ou sem troca de pegada.

- Cruzado – criss cross: uma pessoa salta na corda, a outra fica próxima a ele (a). Após uma contagem para a entrada, a pessoa que está na corda cruza os braços (segurando as pontas), a pessoa que está próxima vai então levar uma das pontas da corda para o outro lado de quem está saltando (seu braço está abaixo do braço da pessoa que iniciou com a corda). Um salto com braços cruzados e então abra os braços.

Um saltador segurando as duas pontas da corda:

- Abaixo do braço: o saltador 1 gira a corda, o saltador 2 entra na corda (de frente para o saltador 1). Ambos estão saltando. O saltador 2 tenta saltar por debaixo do braço do saltador 1. Este por sua vez, coloca ambos os braços um pouco para o lado, desta forma é possível saltar por debaixo dos braços.

- Trocando quem segura as pontas da corda: saltador 1 gira a corda e permanece saltando segurando ambas as pontas, saltador 2 entra na corda por trás do saltador 1. Enquanto salta, saltador 2 segura primeiro o punho e depois a ponta da corda que antes saltador 1 segurava. Agora é este quem vai girar a corda.

- Trazendo o parceiro para dentro da corda: saltador 1 fica perto do saltador 2. Saltador 1 salta na corda, enquanto saltador 2 salta no mesmo ritmo só que fora da corda. O que estiver pulando corda (nesse caso saltador 1) começa a saltar de lado até envolver quem estava de fora para pular um ou mais saltos juntos. Quando ele volta para o lugar inicial o outro saltador também sai da corda, ficando como era no começo (um pulando corda e o outro acompanhando o mesmo ritmo dos saltos só que fora da corda).

Traveller: pegar diferentes parceiros com a corda enquanto salta na lateral.

Obs: Antes de começar o Traveller, tenha certeza que há uma distância suficiente entre os saltadores. Desta forma a pessoa que está fazendo o “travelling”, pode fazer um salto entre os dois parceiros.

Para medir a distância: traga os cotovelos para próximo do seu corpo e coloque as mãos na lateral. A ponta dos dedos deve somente tocar as pontas dos dedos de quem estiver na lateral.

Importante para fazer o traveller: TODOS OS SALTADORES DEVEM SALTAR NO MESMO RITMO!!!

Música pode ajudar a unificar o ritmo de todos os participantes.

3. Double Dutch

Duas pessoas giram a corda, sendo que cada pessoa segura uma ponta da corda. A corda deve girar no sentido de fora para dentro.

Como girar as duas cordas: traga o cotovelo para próximo da cintura e toque com a mão direita e esquerda, de forma alternada, a ponta do nariz. Tente bater a corda em um ritmo regular. Os dois braços devem ficar ao lado do corpo. Imagine que há uma linha no meio do seu corpo e tenha certeza que a mão direita fica próxima ao lado direito do corpo, e a esquerda do lado esquerdo do corpo.

Entrando na corda: entre na corda quando a corda mais próxima estiver na fase alta.

Existem diferentes formas de aprender como entrar na corda.

- Método Global – entre na corda quando a corda mais próxima estiver alta;
- Método Analítico: Gire a corda (a corda que esta do lado do saltador gira mais afastado) e entre no momento em que esta corda estiver alta;
- Ajuda Verbal: Conte “1”, quando a corda que esta mais afastada do saltador tocar o solo; conte “2” quando a corda mais próxima tocar o chão. No “2” deve-se entrar na corda e já entrar saltando;
- Ajuda Visual: Use duas cordas de cores diferentes.

Saindo da corda: a maneira mais fácil de aprender a sair da corda é uma combinação com a própria maneira de entrar. Você sempre tem que dar três, cinco ou sete saltos antes de sair da corda. A entrada e a saída devem ser feitas pela diagonal da corda.

Saltar: salte sempre alto (nunca dê um salto pequeno entre dois saltos altos) por que há sempre uma corda passando por debaixo dos seus pés.

Diferentes formas de saltar:

- Pode-se fazer as mesmas manobras básicas feitas com uma única corda;

- Saltar na double dutch com uma corda individual;
- Saltar com duas pessoas: trocando lugares, alternando;
- Passar correndo;
- Salto duplo;
- Saltar e tocar o chão.

Jogos:

- O saltador vai aonde ele quiser e a pessoa que está batendo a corda deverá segui-lo. Este é um exercício para aqueles que giram a corda;
- Saltar dentro e fora sem contar 1-2-3, todo mundo deve estar dentro no “1” e fora no “3”. Tente fazer isso com o seu grupo sem que ninguém saia da atividade.

4. Chinese Wheel (Roda chinesa)

Dois saltadores, duas cordas: saltador 1 segura duas pontas direita, saltador 2 segura as outras duas do lado esquerdo. As cordas deverão girar alternadamente.

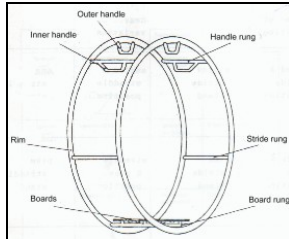
- Método Global: tente girar a corda alternadamente, então comece a saltar cada vez que uma corda tocar o chão;
- Método analítico:
 - 1) Três pessoas, duas cordas: a pessoa do meio primeiro gira a corda alternadamente, então ele deverá saltar cada vez que a corda tocar o chão.
Dificuldade: muitas pessoas começam a girar com ambos os braços (ao invés de alternado) no momento em que eles tentam combinar a batida da corda com os saltos.
 - 2) Uma pessoa, duas cordas: uma pessoa tem em cada mão uma corda (duas pontas). Ele deverá girar alternadamente cada corda e ele deve saltar no momento em que a corda tocar o chão.
 - 3) Duas pessoas, duas cordas: a mesma sequência descrita acima, mas quem está segurando uma ponta é quem salta na corda.

RODAS GINÁSTICAS

Profa. Sigrun Leisner
Internationaler Rhoenradturn Verband - Alemanha

Introduction to wheelgymastics

1. The wheel



...is a German invention called "Rhönrad". It consists of two equal-sized synthetic-covered tubular steel rims, connected by six tubular steel rungs. Two of the rungs have wooden boards attached to them, two have handles on them, and two are plain bars. There is also a handle on each of the rims.

2. The competitive disciplines

In the straight-line discipline the wheel is set in motion on both rims. A move is performed within one rotation of the wheel. Normally there are two rotations in one direction followed by two rotations in the other direction and so on. The gymnast can either stay fully within the wheel, or can leave the centre of the wheel during several phases of the rotation. The senior men and women perform their voluntary straight-line routines to music of their own choice. (competition area 3 x 21 meter)

In the spiral discipline the wheel is set in motion on one rim. An approximately circular path is traced by the rim in contact with the floor. In the big spiral a move is performed within two rotations of the wheel. In the small spiral a move has a duration of 3 to 5 seconds. (competition area 12 x 12 meter)

The vault is performed, with a run-up, over the rolling wheel. The wheel is set in motion (on both rims) by the gymnast. Possible vaults include straddle sitting, tuck through, or somersaults.

3. Conceptual definition and categorisation of elements in straight line and spiral

1. Basic categories

In view of similarities between elements (such as positioning relative to the apparatus, body shape, or movement technique), the following categories are appropriate:

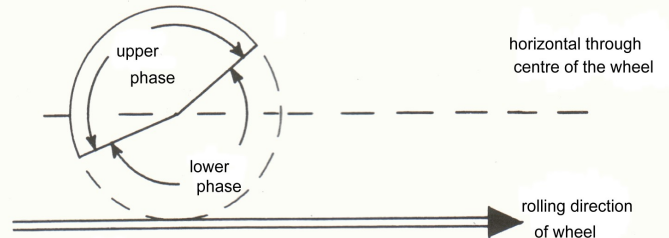
a) Centralised elements

The centre of body mass remains chiefly in the centre of the wheel throughout the execution of the element, and/or, the points of contact between the gymnast and the wheel are at a significant distance from each other.

b) Decentralised elements

Throughout the element, the gymnast is mainly at the edge of the wheel, and/or, the points of contact between the gymnast and the wheel are close together. Decentralised elements are performed in an upper and lower phase. In the upper phase the major part of the body

mass is above the imagined horizontal through the centre of the wheel, while in the lower phase the major part of the body mass is beneath this horizontal. More precisely defined, the limits between the upper and lower phases are as shown in the diagram :



2. Moves

a) Moves in the straight-line discipline

In the case of *centralised elements*, a move is performed within one rotation of the wheel. A distinction is made between individual elements that are executed during the course of a complete rotation, and element combinations which involve the consecutive execution of several elements (also within one rotation) with a change of position when inverted. Both are examples of moves.

In the case of *decentralised elements*, a move consists of an upper and a lower phase which follow on immediately from one another. The wheel must complete at least 3/4 of a full rotation.

b) Moves in the spiral discipline

In the *big spiral* a move is performed within two rotations of the wheel. A distinction is made between individual elements that take two rotations to be executed, and element combinations which involve the consecutive execution of several elements (also during two rotations) with a change of position either when upright or when inverted. Both are examples of moves. In the *small spiral* a move has a duration of 3 to 5 seconds.

3. Mounting the apparatus (straight-line and spiral)

Mounting the apparatus consists of the approach to the wheel, the lifting into it and the securing of the bindings.

4. Transitions

Transitions represent the links between elements. They include:

- a) start of a move (gathering momentum)
- b) upright change of position connecting two moves together
- c) change of position within an element combination
- d) change of direction (straight-line)

In addition, the following transitions are applicable to spiral:

- e) tipping the wheel (at start of routine)
- f) tipping the wheel (during routine)
- g) transition from the big to the small spiral
- h) transition from the small to the big spiral
- i) transition from spiral to stand
- i) transition from spiral to lying (on the floor)
- k) change of direction

5. Dismounts

A dismount is a method of leaving the apparatus, by way of a flight phase, into a standing position outside the wheel.

6. Routines

A routine is a sequence of moves linked by transitions and ended by a dismount.

4. Catalogue of straight-line elements

1. General principles of body positioning

1. The head is kept in position as a linear extension of the back. The gymnast's gaze is perpendicular to the shoulder axis.

2. In a *straight position*, free arms are held elevated and to the side. They should form a plane with the gymnast's body. The elbows should be between shoulder height and eye-level. The hands are closed and form a linear extension of the arms. Fingers are stretched with thumbs alongside the fingers. In an upright position the palms of the hands face the floor.

In a *side position*, free arms are bent at 90°, and placed on the hips in front of the body. The hands form a linear extension of the lower arms. The elbows are in line with the front of the body, hands are closed, fingers are stretched, and the thumb is supported separately from fingers on the hip-bone at the side.

3. In a *side position*, a foot in bindings is turned out so that the toes are over the outer edge of the board. The foot is then pointed against the board so that the binding becomes tight. In a *straight position*, a foot in bindings faces forwards. The toes of the front foot are pointed over the outer edge, while the back foot toes are pointed over the inside edge.

4. If elements in one binding are performed in a *straight position*, the free foot is placed next to the foot in bindings, in a closed position. In a *side position*, the inside edge of the free foot is placed at a right angle to the foot in bindings.

5. When one or both feet are out of the bindings, the following applies: any part of the foot can be used to stand on, eg. the balls, the sole or the toes.

6. In general, arms, legs and hips are extended. Any variations will be indicated.

2. Mounting the apparatus (also spiral)

Before the start of a routine the wheel will be brought into the competition area by the gymnast and/or coach and will be placed in the appropriate starting position. A quick check of the bindings is permitted. The gymnast approaches the wheel, stands in a *side position* behind it (arms to the side) and holds the wheel still by placing toes on the back rim. After the start signal has been given by the judges, the gymnast reaches either side of the outer handle on the back rim and (with overarm grip) lifts into a *side position* on the boards. This lifting is achieved by bending the arms and any sign of jumping should be avoided. The gymnast crouches down in order to put the feet in the bindings. The knees may be bent and the feet are permitted to be turned a number of times in the bindings until they are in the right position. Afterwards, the gymnast stands up in a *side* or *straight* stand, arms to the side. The arm position is taken up only when momentum is being gathered.

3. Centralised elements (basics)

1. Basic elements

a) Side rotation

Body position: *Side position*, underarm grip on both inner handles, upper arms and shoulders form a straight line.

Technique: The support arm (in the rolling direction) is straightened, and at the same time the hang arm (against rolling direction) is bent. Once inverted, a weight transfer occurs, as the previously straight arm is bent (now becoming hang arm), and the previously bent arm is straightened (now support arm). In the case of all side rotations performed without bindings, there will be a point in the inverted position when both arms are straight.

b) Front support

Body position: Straight stand, overarm grip on the front inner handle (a different grip may be indicated)

Technique: The movement has two phases:

Front support backward: 1. hang phase; 2. support phase

Front support forwards: 1. support phase; 2. hang phase

Before reaching an inverted position, pressure is exerted by the foot on the board in the rolling direction. After passing through the inverted position, pressure is exerted by the foot on the board against the rolling direction. A weight transfer is achieved by a forwards hip movement at the same time as the shoulders are pulled backwards in the hang phase.

- Back support on one board (underarm grip on the back inner handle)
- Back support on one board with radial grip on the rims under the back inner handle

e) Spindle rotation

Body position: Feet in straight stand, shoulders in side position, underarm grip on the inner handles, if the left foot is in front then the right hand holds the front handle (and vice versa), upper arms and shoulders form a straight line.

Technique: (as for above: side rotation), support arm straight and hang arm bent.

2. Bridges

All bridges in straight-line are performed in a straight position. The body is arched. Hips, arms and the back leg (if not both legs) are extended. The head is between the arms; next to the holding arm in a one-armed bridge; or next to the back arm in a spindle bridge.

Unless otherwise indicated, the extended, low and rim bridges are performed in both bindings. If the bridge is to be executed on one board only, the appropriate board will be indicated.

For bridges with a standing position on the boards, a distinction will be made between extended, low and giant bridges.

For bridges with a different standing position, a distinction is only made between bridges and giant bridges. The difference between extended and low bridges is not applicable in such cases.

a) Extended bridge

Body position: in both bindings, radial grip on the outer handles, the front leg is bent.

Technique: the move consists of three phases:

Extended bridge forwards: 1. hang phase; 2. pull phase; 3. support phase

Extended bridge backwards: 1. pull phase; 2. support phase; 3. hang phase

In the case of bridges performed without bindings, the hang and pull phases are no longer applicable. Instead, there is an additional front support phase.

b) Low bridge / Low rim bridge

Body position: in both bindings, both legs straight, overarm grip on the back inner handle (for low bridge), or radial grip on the rims behind the back handle rung, both hands level (for low rim bridge)

Technique: the move consists of two phases:

Low bridge forwards: 1. hang phase; 2. support phase

Low bridge backwards: 1. support phase; 2. hang phase

The above applies also to the low rim bridge. The weight transfer is achieved by movement of the hips, eg.

For forwards moves: forwards in the hang phase, backwards in the transitional phase, forwards in the support phase;

For backwards moves: forwards in the support phase, forwards at the start and backwards at the end of the hang phase.

c) Spindle bridge (on one board)

Body Position: underarm grip on the front inner handle and overarm grip on the back inner handle.

In a spindle bridge on the front board with the right foot in the binding, the left hand is in front. In a spindle bridge on the back board with the right foot in the binding, the right hand is in front (adapt appropriately if the left foot is in the binding)

Technique: the move consists of two phases:

Spindle bridge forwards: 1. hang phase; 2. support phase

Spindle bridge backwards: 1. support phase; 2. hang phase (relative to the body and back arm)

For the weight transfer, see as for the low bridge.

d) Giant bridge / Giant rim bridge

Body position: on the back board; for the giant bridge: overarm grip on the front inner handle; for the giant rim bridge: radial grip on the rims next to the front inner handle

Technique: the move consists of three phases:

Giant bridge forwards: 1. hang phase; 2. pull phase; 3. support phase

Giant bridge backwards: 1. pull phase; 2. support phase; 3. hang phase

The weight transfer is achieved through a powerful pull by the arms in the pull phase and pressure exerted by the feet in the support phase.

For giant bridges performed without bindings, the hang and pull phases are no longer applicable for forward variations, while for backward variations the hang phase ceases to exist. Instead, there is an additional front support phase. All giant bridges may be performed either with an overarm grip on a handle or rung, or with a radial grip on the rims next to the relevant rung (both hands should be level). When holding the rims, the move is known as a giant rim bridge.

e) Splits

Body position: straight stand on the stride rungs, radial grip on the outer handles

Technique: the move consists of two phases:

Forwards splits: 1. hang phase; 2. support phase

Backwards splits: 1. support phase; 2. hang phase

The weight transfer is achieved through movement of the feet and shoulders, eg. in forwards splits: forwards in the hang phase, backwards in transition between the two

phases, forwards in the support phase; in backwards splits: forwards in the support phase, forwards at the start of the hang phase, backwards at the end of the hang phase.

f) Other bridges without bindings

Examples:

- rim bridge in the outer handles with radial grip next to the back board rung
- rim bridge on the lower stride rung with one leg in front on/in the back inner handle, holding the rims behind the upper stride rung
- rim bridge on/in the front inner handle with one leg in front on the lower stride rung, holding the rims behind the upper stride rung

3. Free-fly elements

Technique: After gathering momentum, a stretched body position is maintained while weight is transferred onto the foot in rolling direction. This foot exerts pressure on the board in rolling direction, while the second foot employs a strong pulling effect on the other board. As soon as the first handle rung has been in contact with the floor, the body weight is transferred onto the other foot and the pulling effect is achieved by the opposite foot. During the weight transfer, there should only be a small pendulum movement of the body (which should only take place at the time when the outer handles are in contact with the floor).

a) Side free-fly

Body position: side position, arms on hips (bent)

b) Free-fly

Body position- straight position, arms elevated to the side

4. Element combination

a) Examples without rotation about the longitudinal axis

change of grip or arm position:

- from free-fly forwards into one-armed front support forwards

change of foot or leg position:

- stride free-fly forwards (ie. from free-fly forwards on the back board with one leg in front on the stride rung, into free-fly forwards with one leg behind on the other stride rung)

change of body position:

- from free-fly backwards, via pike, into free-fly backwards falling hang forwards (ie. from extended bridge forwards on a board, into front support forwards holding the outer handles)
- supported bridge (ie. from low bridge forwards on the back board (bent arms), via front support forwards on the upper inner handle (bent arms), into a low bridge forwards again)

b) Examples with a quarter turn

without turning the feets

- from front support forwards on the front board, into side rotation with one leg crossed in front of the other and the free foot on the stride rung against the rolling direction

- from side free-fly on the board against rolling direction with one leg on the stride rung (free), into extended bridge backwards

with foot rotation:

- from side rotation on the board in rolling direction, the free leg crosses in front of the other and is placed on the stride rung, turn via side rotation with one foot on that rung, into free-fly backwards with one leg in front on that rung
- from side rotation (change of grip) into front support backwards with underarm grip

c) Examples with a half turn

with change of grip:

- from spindle rotation forwards (change of grip via front support forwards, side rotation, and front support backwards (all with underarm grip)) into spindle rotation backwards
- from extended bridge forwards on the back board (change of grip via the back outer handle) into extended bridge backwards

with a free turn:

- from spindle bridge forwards on the front board (free), into extended bridge backwards
- from free-fly forwards into free-fly backwards

with a downward twist:

- from one-armed low bridge forwards with underarm grip (left foot in front implies that the left hand holds and vice versa) (twist down), via one-armed front support backwards (change of grip), into spindle rotation backwards
- from stride scale forwards on the front board (twist down), into spindle bridge backwards with the arm behind in an underarm grip

with an outward or inward twist:

- from low bridge forwards on the front board with alternate grip (underarm/overarm) (twist in), via front support backwards with one leg in front on the stride rung and arms crossed, into free-fly backwards with one leg in front on the stride rung
- from front support forwards holding the outer handles (twist in), into front support backwards with crossed radial grip
- from front support forwards with crossed radial grip on the outer handles (twist out), into free-fly backwards
- from front support forwards on the front board with crossed alternate grip (underarm/overarm) (twist out), into low bridge backwards with alternate grip

d) Examples with multiple turns

with two turns: - from low bridge backwards (free), via one-armed front support forwards (opposite hand to front foot holds) (twist down), into one-armed low bridge backwards with underarm grip

- from front support backwards with crossed radial grip on the outer handles (twist out and change grip via one-armed front support forwards, radial grip with opposite hand to front foot), (twist down), into spindle rotation backwards

- from stride scale backwards on the front board with radial grip (twist down), via one-armed low bridge forwards with one leg extended to the side (change of grip via radial grip on the front inner handle), (twist down), into spindle rotation backwards

with three turns: - from one-armed front support backwards (twist down), via spindle rotation forwards with the back hand in radial grip, (twist down under the front arm) and via spindle rotation backwards with front hand in radial grip (twist down under front arm), into one-armed low bridge forwards

- from low bridge forwards with alternate grip (underarm/overarm) (twist in), via front support backwards with crossed alternate grip (free), via one-armed low bridge backwards (underarm grip with opposite arm to front foot) (twist down), via one-armed front support forwards, via pike forwards (change of grip to radial grip on front inner handle) (twist down), into spindle rotation backwards

IV. Decentralised elements

1. General principles of body positioning and movement technique

- As far as possible the same principles of body positioning apply to decentralised elements as to centralised elements.
- Due to the large variety of decentralised elements, the starting and finishing positions must be described if they are not obvious from the previous or subsequent elements.
- In the upper phase of decentralised elements, the standard version is performed with straight legs. If an element is to be executed in a tuck position, then this should be indicated.

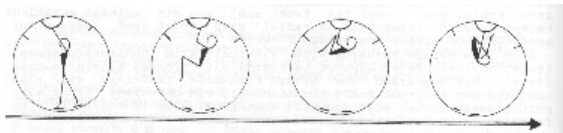
In the lower phase the leg positioning will always be given.

2. Decentralised elements in the upper phase

a) Rolling movements

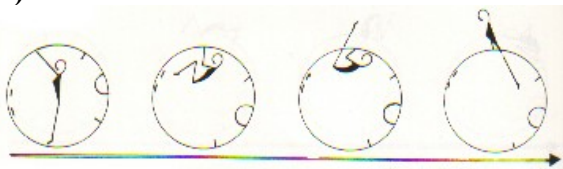
Rolling movements are characterised by a rotation of the body around its transverse axis.

- Roll: The rotation occurs between the arms, below the holding points on the wheel. Hands hold in overarm grip on a rung, or in radial grip on the rims and outer handles. Arms may be bent during the rotation. Legs are together (at least from when they have reached the horizontal until the hips have passed through the arms). During this phase, feet may not touch the rims, rung, handle, or boards. The rotation must not be initiated by a jump out of the stand position, but must come from using the arms to lift the body and so raise the centre of mass.



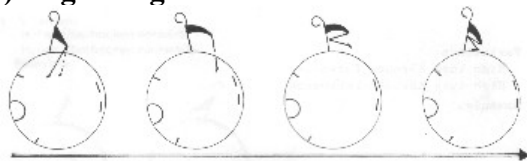
Example: Tuck roll backwards

b) circles



Example: upward back hip circle

c) leg-swing movements



Example: High straddle on forward

d) static elements



Example: hip hang backwards

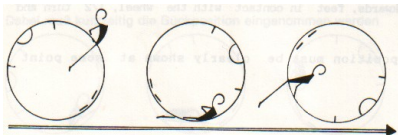
3. Decentralised elements in the lower phase



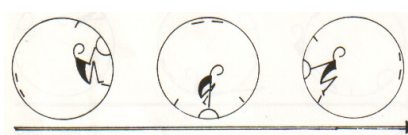
a) Variations in standing position:
Example: tuck stand forwards



b) Variations in a sitting position
Example: Angled sitting forwards



c) Variations in a lying position
Example: front lying



d) Variations in a support position
Example: tuck support

5. Spiral elements

I. General

The introductory remarks to the catalogue of straight-line elements also apply spiral - with the following additions:

to 3.: Foot positioning

When spiralling in bindings the gymnast may place the toes on rim. The feet are not turned out over the board edge to as great an extent as in straight-line.

In addition to the foot technique described for straight-line, the gymnast may use a flexed foot technique when spiralling behind. This is achieved by pulling the toes up as high as possible so that only the heels are in contact with the boards.

to continue after point 6. ...

7. Technique and body positioning in the big spiral

The different move phases (support, hang or pull phases) are the same as those in straight-line. However, they occur twice in each move, in a big spiral consisting of two wheel rotations. For one armed elements in a straight position, the arm nearest the floor retains its grip. When spiralling in front in bindings the body is positioned between middle of the wheel and plane of rolling rim. When spiralling in front without bindings, the body remains mid-way between the rim planes. In an inverted position both arms are straight for a moment, such that the shoulder axis is in line with the rim plane furthest from the floor. When spiralling behind in bindings the upper body is in the middle of the wheel in a slightly slanted position. The hips should be as extended as possible.

8. Technique and body positioning in the small spiral (see the descriptions of individual elements in D.IV)

II. Mounting the apparatus (see straight line)

III. Centralised elements in the big spiral

Most of the straight-line centralised elements described above also be performed in the big spiral in front or behind.

IV. Centralised elements in the small spiral

All elements in the small spiral are performed in a side position. Unless otherwise indicated the grip will be a radial grip on the inner handles. There are no element combinations in the small spiral, ie. every position must be demonstrated for 3 to 5 seconds in order to be counted as a move.

In view of the low angle of wheel inclination in the small spiral (30°), the transition from one move to the next may take place within a complete wheel rotation.

1. Element in the small spiral in front (basic)

a) Side front support

Body Position upper body is held up and slightly back from the line of lower body, in a support position (i.e. shoulders are above holding position)

Technique The support arm (leading arm in rolling direction) is extended, thus pushing the wheel in a downward direction. At the same time the pulling arm (against rolling direction) is bent, thus pulling the wheel in an upward direction. When the gymnast is in an inverted position both arms are straight for a moment. Then the previously extended (support) arm (now pull arm) is bent and the previously bent (pull) arm (now support arm) extended. In this way a weight transfer is achieved.

Example of variation:

- One-armed side front support with one foot on stride rung (with or without bindings): the free arm is held in an elevated position above the head (as opposed to being placed on the hips)
- Side front support with one leg in front on the lower outer handle (eg. in a splits position)
- Side front support on the upper rim (legs together) holding the upper rim

V. Decentralised elements in the big spiral

At present only a few of the decentralised elements from straightline are possible in spiral. In these cases the description is similar to that in straight-line.

Example: Angled side straddle hang: (above: angled side straddle hang on... holding...; below: angled side straddle stand)

Technique: The weight transfer is achieved with straight arms, through the shoulders. In addition there is a slight up and down movement of the upper body.

VI. Decentralised elements in the small spiral

Example: Low angled side straddle stand

Body position: Stand on the rolling rim by the handle rungs; holding the upper rim; arms stay straight.

Technique: When the grip position is at a maximum distance from the floor, the centre of mass is lifted upwards (with straight arms, through the shoulders). When the grip position is near the floor, the centre of mass is lowered. This up and down movement of the centre of mass is superimposed by alternate pressure on the two halves of the wheel.

6. Vaults and Dismounts

I. **Basic categories**

There are three different types of vault:

1. straddle and tuck vaults
2. jumped dismounts
3. powerswings

II. **The units / phases of a vault**

A vault is divided into 5 units:

- | | |
|-------------------------------|---|
| Unit 1 consists of the phases | 1. Setting the wheel in motion |
| | 2. Pause, legs together |
| | 3. Run-up |
| Unit 2 consists of the phases | 4. Take-off from the floor |
| | 5. Mounting phase |
| Unit 3 consists of the phases | 6. Placement of the thighs, hips or feet on the wheel |
| | 7. Support, standing, sitting or lying on the wheel |
| Unit 4 consists of the phases | 8. Thrust with the hands or feet from the wheel |
| | 9. Flight phase |
| Unit 5 consists of the phase | 10. Landing |

7. Code of point

I. **DIFFICULTY AND COMPOSITION IN STRAIGHT-LINE**

(for voluntary routines both with and without music) AND SPIRAL

1. **Difficulty in straight-line**

In straight-line a maximum of 8 elements of difficulty (A, B, C) are incorporated into the difficulty score.

In order to achieve maximum difficulty (4.0) a routine in straight-line must contain at least the following elements of difficulty:

Element	Value	Number	Total value
C	0.60	3	1.80
B	0.40	5	2.00
			<u>3.80</u>
Bonus for B or C dismount*	0.20		0.20

			4.00

The B or C dismount may be one of the B or C elements already incorporated into the difficulty score.

Without a B or C dismount the maximum difficulty score for a routine is 3.80. A elements are only incorporated into the difficulty score if the routine has an insufficient

number of B and C elements. The level of difficulty of the individual elements will be determined by the difficulty catalogue of the **1997 German Code of Points**. The D elements listed in this Code of Points will be valued as C elements. For the total number of moves required in a straight-line routine, see 5.4.1.1. in WB 97 (at least 8 moves + dismount).

Example of a complete routine:

(3 x C elements = 1.8 points)
+ (5 x B elements [including B dismount] = 2.0 points)
+ an additional move (difficulty irrelevant) in order to have the correct total number of moves
+ (bonus for B or C dismount = 0.2 points)
= total 4.0 points as maximum difficulty

1.2 Composition in straight-line

See WB 97 for composition requirements. The requirements listed in paragraph 5.3.3 in WB 97 are valid for routines both with and without music. These requirements have been reproduced below:

- 1 move in both bindings
- 1 move in one binding
- 2 centralised moves without bindings
- 1 complete free-fly with a pike
- 1 bridge without bindings (no ½ turn in inverted position)
- 1 decentralised move, whereby the upper phase comes from one of the following groups: High rolls (see RTS Ch. IV 2, page 26) or Upward, downward and forward/backward circles (see RTS Ch. IV 2, page 27).

The deduction for a composition error in straight-line is **0.2 points** per missing move or element from the above list of requirements. (In the case of routines to music 0.1 points are deducted per missing move or element, see 4.4.2)

3. Difficulty in spiral

In spiral a maximum of 9 elements of difficulty are incorporated into the difficulty score. In order to achieve maximum difficulty (4.0) a routine in spiral must contain at least the following elements of difficulty:

Element	Value	Number	Total value
C	0.60	3	1.80
B	0.40	5	2.00
A	0.20	1	<u>0.20</u>
			4.00

For the level of difficulty of the individual elements see chapter 2 in this IWB 2000.

For the total number of moves required in a spiral routine, see 5.4.1.2. in WB 97 (at least 8 and maximum 12 moves + dismount).

4. Composition in spiral

The requirements listed in paragraph 5.3.4 in WB 97 apply:

- 1 element combination with ½ turn
- 1 move in free-fly (2 rotations of the wheel, also as element combination)

- 1 rotation of the wheel in a bridge (no ½ turn)
- 1 move performed behind
- 1 move with a change of direction (as a transition before the move or between the two rotations)
- 2 moves in small spiral

The deduction for a composition error in spiral is **0.2 points** per missing move or element from the above list, with the exception of small spiral, where **0.5 points** are deducted per missing move in small spiral.

8. FAQ - How to start

What wheel-size do I need ?

There are wheel sizes ranging from about 1.35 meters in diameter to about 2.40 meters. There is no reliable rule to find the correct size - it all depends on your personal body stature. People who are about 1.75 m tall should come along with a wheel of about 2.20 m in diameter. A rule of thumb is : When you stand straight on the boards, there should be place for two and a half fists between your head and the upper handle. The gymnast should be able to straighten one arm while bending the other. normally you take a wheel 0,05 meter less than straight-line for spiral an 0,10 meter less for vault.

At what age do I have to start practicing ?

The nice thing about wheel gymnastics is, that there is no special age when you have to start practicing. People at all ages start with wheel gymnastics. Elder people practice, because wheel gymnastics is good for the development of the whole muscular system. People with back-problems can build up muscles, that stabilize their back. Practicing wheel-gymnastics can help young children to develop orientation skills and body control. If you want to compete seriously in the world-class you should start practicing at early ages.

How much is a wheel ?

There are two main-factors that make up the price of a wheel : 1) the size of the wheel ; 2) how many parts the wheel consists of (if it is disassemblable). Large wheels are (of course) more expensive than small wheels. You can get wheels in one part - that's the easiest way to manufacture them ... so this is the cheapest. Further you can get wheels that are divided into 2 or 4 parts. The more parts, the more expensive is the wheel. A normal wheel costs about 620 Euro; a 2-part wheel about 800 Euro and a 4-part wheel 920 DM.

What about the transportation problem ?

The formerly well known transportation problem was more or less solved by the development of divideable wheels. One-part-wheels are of course hard to handle. A medium-sized wheel weighs about 40 kg. You can transport them with a pickup, truck or a trailer. Sending them by ship or airplane can become a major problem (very expensive problem). Four-part-wheels are more or less very comfortable to move from one place to the other. You can pack up to three medium-sized wheels in a Volkswagen Golf. Friendly airlines let them pass as normal luggage.

links

www.wheelgymnastics.com - International Rhoenradturn-Verband (IRV)

www.gym-wheel.de - Informations and links of wheelgymnastics

www.gymmedia.com - News about wheelgymnastics

<http://members.tripod.co.uk/rhonrad/index.html> - Exercices

RELATÓRIO DE ATIVIDADES

O Fórum Internacional de Ginástica Geral foi realizado nas dependências do SESC – Campinas nos dias 24 a 31 de Agosto de 2001 contando com 185 inscritos.

ABERTURA - dia 24

A **Cerimônia de Abertura** contou com a presença do Sr Joel Naimayer Padula, Superintendente Técnico-Social do SESC – SP, Sr Pedro José Winterstein, Diretor da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Sr Francisco Feron, Gerente do SESC – Campinas e Sr Anders Bulow, Presidente da ISCA – International Sport and Culture Association.

A seguir foi proferida a **Conferência: Participação Voluntária** – Ação Inclusiva, pelo Sr. Anders Bulow – ISCA – International Sport and Culture Association e a **Apresentação Artística** a cargo do Grupo Gesto de Campinas.

CONFERÊNCIAS E MESAS TEMÁTICAS - dia 25

9.00 – 10.30h – **Conferência: Ginástica Geral: da Formação Profissional ao Mercado de Trabalho** - Prof. Dr. Jorge Pérez Gallardo – FEF- Unicamp

11.00 – 12.30h – **Mesa Temática: Formação e Mercado**

- A Ginástica Geral e a Formação Universitária

Profa. Dra. Elizabeth Paoliello – FEF - Unicamp

- A Ginástica Geral no Contexto Escolar

Profa. Dra. Eliana Ayoub - FE - Unicamp

- A Ginástica Geral na Perspectiva de Clubes, Associações e Espaços Públicos

Prof. Gunardo Pedersen - Universidade de Buenos Aires – Argentina.

Obs: O Sr. Gunardo Pedersen foi impossibilitado de comparecer, tendo enviado sua palestra que foi lida pelo Prof. Dr. Jorge Pérez Gallardo.

14.00 – 15.30h – **Mesa Temática: A Ginástica Geral na Dinâmica da Comunidade**

- SESC – Serviço Social do Comércio – Maria Luiza Souza Dias

- ISCA – International Sport and Culture Association – Anders Bulow

Obs: A mesa acima foi antecipada pela ausência do Sr Lars Graef, do Ministério dos Esportes responsável pela conferência: Políticas de Desenvolvimento da Ginástica Geral. O Sr. Thomas Dahl representante da DGI – Danish Gymnastics and Sports Associations – não pode comparecer.

16.00 – 17.30h – **Relato de Experiências de Aplicação da Ginástica Geral**

Escola: Claudia Mara Bertolini – Colégio Parthenon – Campinas

Prefeitura: Henrique Sanioto – Araraquara

Universidade: Maria Tereza Bragagnolo Martins – FEFISA – Santo André

Clube: Odilon José Roble – Clube Semanal de Cultura Artística – Campinas

FESTIVAL DE GINÁSTICA GERAL – dia 25

Às 19.00 hora foi realizado no ginásio, o Festival de Ginástica Geral com a participação de 12 grupos que apresentaram 20 coreografias:

- Grupo da 3ª Idade – SESC Campinas
- Grupo Ginástico Unicamp
- Copenhagen Gymnastik Representative Team – Dinamarca
- FEFISA
- Taller de Ritmo y Movimiento Del Instituto Dickens – Argentina
- Regatas/Coração de Jesus GR
- Colégio Nossa Senhora de Lourdes
- Dalyexor – Chile
- Clube Semanal de Cultura Artística
- International Wheelgymnastic Group of IRV – Alemanha
- Grupo Tempo
- Regatas GA

MOSTRAS PEDAGÓGICAS / SESSÃO DE PÔSTERES / SESSÃO DE VÍDEO PÔSTERES - dia 26

No período da manhã foram apresentadas 07 Mostras Pedagógicas, 07 Vídeo Pôsteres e 22 Pôsteres

OFICINAS INTERNACIONAIS - dia 26

No período da tarde foram ministradas 04 Oficinas Internacionais com participação de 254 pessoas.

- **Rodas Ginásticas** – Alemanha – 52 alunos
- **Dança Escolar** – Chile - 51 alunos
- **Rope Skipping** – Bélgica - 75 alunos
- **Ginástica Dinamarquesa** – Dinamarca – 76 alunos

ENCONTRO DE MEMBROS DA ISCA AMÉRICA DO SUL e ENCONTRO DE JOVENS DA ISCA AMÉRICA DO SUL – dia 26

Durante todo o dia foram realizados encontros, com a presença de representantes dos seguintes países: Brasil, Argentina, Colômbia e Paraguai, Espanha e Dinamarca, resultando na constituição do Comitê Sul Americano da ISCA e do Comitê Sul Americano de Jovens da ISCA e na definição de um plano de ação para ambos.

CURSOS – de 27 a 30

Durante 04 dias foram realizados 08 cursos com duração de 06 horas cada um, nos quais participaram um total de 348 pessoas.

- **Ginástica Rítmica Dinamarquesa** - Turma A - 50 alunos - Turma B - 39 alunos
- Professores: Thomas Dahl e Beth Nohr - Dinamarca

- **Ginástica Dinamarquesa** – Acrobacias - Turma A - 67 alunos – Turma B - 29 alunos
Professores: Lars Joergensen e Stefan Walther - Dinamarca
- **Rope Skipping** - Turma A - 43 alunos - Turma B - 28 alunos
Professores: Nadine de Ridder e Geert Hoste – RSC Rivierenhof - Bélgica
- **Rodas Ginásticas** - Turma A - 53 alunos - Turma B - 39 alunos
Professora: Sigrun Leisner - Internationaler Rhoenradturn Verband - Alemanha

MOSTRAS INTERATIVAS DE GINÁSTICA GERAL – de 27 a 30

Foram realizadas 04 demonstrações práticas de 45 minutos cada uma, com grupos de Ginástica internacionais, seguidas de explanação e interação com o público: Dinamarca, Chile, Alemanha e Grupo Ginástico Unicamp - Brasil

VIVÊNCIAS PARA ESCOLARES – de 28 a 31

Foram realizadas Vivências de Ginástica Geral para escolares em 08 períodos de 03 horas cada um, com 03 oficinas: Ginástica, Circo e Música e Movimento, atendendo um total de 21 escolas e 1935 crianças de 1ª a 8ª séries. Esta atividade foi realizada sob a coordenação do Grupo Ginástico Unicamp, envolvendo 32 monitores, alunos da Faculdade de Educação Física da Unicamp.

INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS – de 25 a 31

Todos os dias, às 13:00h, na praça de alimentação, foram realizadas intervenções artísticas, com duração de 15 minutos, com os Grupos: BMTF, Echasse, Ó uauê aí oh! e Dupla Ícone Acrobática.

FESTIVAL INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL – dia 31

Como atividade de encerramento foi realizado o Festival Internacional de Ginástica Geral no campo de futebol, com a participação dos seguintes grupos:

- Grupo da 3ª Idade – SESC Campinas
- Grupo Ginástico Unicamp
- Copenhagen Gymnastik Representative Team – Dinamarca
- Taller de Ritmo y Movimiento Del Instituto Dickens – Argentina
- Dalyexor – Chile
- International Wheelgymnastic Group of IRV – Alemanha

Além da equipe do SESC, a Comissão Organizadora contou com a participação do Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da FEF – UNICAMP, do Grupo Ginástico Unicamp e de alunos da Faculdade de Educação Física da Unicamp, num total de 40 pessoas.

Os trabalhos apresentados nas Mostras Pedagógicas, Vídeo Pôsteres e Pôsteres assim como nas Conferências e Mesas Temáticas, serão publicados na íntegra nos Anais do Fórum Internacional de Ginástica Geral.

Pode-se considerar que o evento atingiu os objetivos propostos, tendo grande repercussão na área tanto em nível nacional como internacional. Esse sucesso deveu-se, em grande parte, à preocupação em destacar os diferentes âmbitos da Ginástica Geral neste Fórum:

- Na área acadêmica abrindo um espaço de discussões sobre as questões teóricas desta atividade esportiva, além da possibilidade de apresentações de pesquisas nas sessões de Pôster, Vídeo-poster, Conferências, Mesas Temáticas e Relatos de Experiências. Deu oportunidade para que professores que atuam nessa área pudessem mostrar aspectos metodológicos de seu trabalho nas Mostras Pedagógicas e trocar experiências com seus pares. O mesmo se deu nas Mostras Interativas, nas quais diferentes grupos mostraram suas composições coreográficas oferecendo-se, logo após, um espaço para interação com o público.
- Na área da formação profissional, as Oficinas e Cursos possibilitaram a ampliação dos conhecimentos da Ginástica a alunos de Educação Física, Ginastas e Professores, trazendo modalidades pouco conhecidas e praticadas no Brasil, como as Rodas Ginásticas e o Rope Skipping, o que deu um caráter original e inovador aos cursos. A avaliação dos mesmos, feita pelos participantes, encontra-se em anexo.
- Na área da aplicação e difusão da Ginástica Geral, as Vivências para escolares atingiu um grande número de escolas e de crianças, incentivando a prática neste ambiente, além de oferecer a oportunidade para mais de 30 estudantes de Educação Física, de viverem a situação de aplicação concreta da Ginástica Geral.
- O intercâmbio entre culturas e diferentes estilos de se praticar a Ginástica Geral, também foi estimulado com a presença de aproximadamente 100 ginastas e professores estrangeiros.
- Finalmente a apresentação do produto resultante de todo esse processo pedagógico pode ser apreciado nos dois Festivais, que integraram grupos nacionais e internacionais num espetáculo de grande beleza, que atraiu um público de aproximadamente 2000 pessoas.

Elizabeth Paoliello
FEF - Unicamp

***RELATÓRIO DO ENCONTRO DE MEMBROS
DA ISCA AMÉRICA LATINA***

No dia 26 de Agosto de 2001, durante a realização do Fórum Internacional de Ginástica Geral em Campinas - São Paulo - Brasil, promovido pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e Serviço Social do Comércio – SESC, teve lugar o Encontro de Membros da ISCA América Latina, que contou com a presença do Presidente da ISCA – Sr. Anders Bulow e representantes das seguintes organizações:

- Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – Brasil (membro)
- Centro de Artes e Esportes Acrobáticos Juliu's – Brasil (membro)
- Fundación Libre – Paraguay (membro)
- Fundación Pro Deporte y Recreación Para Todos – Colombia (membro)
- Serviço Social do Comércio – SESC – Brasil
- Associação Municipal de Assistência Social – AMAS - Brasil
- Faculdade de Educação Física de Santo André – FEFISA – Brasil
- Instituto de Educación F. W. Dickens – Argentina

Este encontro teve como objetivo estabelecer um plano de ação e estratégias para o Comitê Continental da ISCA América Latina, alcançando os seguintes resultados:

1. Difusão da ISCA no Continente Latino Americano – Estratégias:

- Cada membro deverá colocar em sua home page um link de acesso à home page da ISCA.
- Criar um News Group (espaço para discussão do Comitê Latino Americano) no site da ISCA.
- Acrescentar na revista da ISCA uma agenda de eventos passados e futuros organizados pelos seus membros.
- Colocar o logo da ISCA nos eventos realizados pelas organizações membros, que tenham relação com a filosofia da ISCA.
- Encontrar novos membros em nossos próprios países e nos demais países da América Latina. Utilizar a mala direta do Challenge Day oferecida pelo SESC.
- Cada representante deverá encaminhar o Boletim da ISCA (News Letter) para todo o seu address book.

2. Eventos:

- Dia 14 de Abril de 2002 – **“Esporte e Cultura em Ação”** (nome provisório). Neste dia será promovida uma atividade esportiva e/ou cultural por todas as organizações membros, como uma realização da ISCA.
- Dias 22 a 24 de fevereiro de 2002 – **Encontro dos Membros da ISCA América Latina** em Bogotá – Colômbia.

3. Comitê Latino Americano:

- Elizabeth Paoliello – Unicamp – Brasil – Presidente
- Ricieri Patori - Centro de Artes e Esportes Acrobáticos Juliu's – Brasil
- Liliana Ortiz de la Cruz - Fundación Pro Deporte y Recreación Para Todos – Colombia
- Juan Carlos Velásquez - Fundación Libre – Paraguay
- Gunardo Pedersen – Universidad de Buenos Aires – Argentina
- Maria Luiza Souza Dias - Serviço Social do Comércio – SESC – Brasil
- Carlos Roberto Alcântara de Rezende – Associação Municipal de Assistência Social – AMAS - Belo Horizonte – Brasil

Paralelamente a esse encontro, foi realizado o **Encontro de Jovens da ISCA América Latina** com a participação de 8 jovens brasileiros e da representante do Comitê Internacional de Jovens da ISCA – Cillas Morlán Ortiz – Espanha. Foi estabelecido o Comitê de Jovens da ISCA América Latina e definido um plano de ação.

Elizabeth Paoliello
Presidente do Comitê Continental da ISCA América Latina.